



Jenna Black

glimmerglass
O encontro de dois mundos

UNIVERSO DOS LIVROS



glimmerglass

O encontro de dois mundos

Jenna Black

Sinopse

Dana Hathaway não sabe ainda, mas está em grandes problemas.

Quando sua mãe, uma alcoólatra, aparece em seu recital do coro bêbada, Dana decide que já teve o suficiente de sua função como guardiã de sua mãe, assim que arruma suas malas viaja para ver seu misterioso pai em Avalon: o único lugar sobre a terra onde o mundo comum de todos os dias e o mundo mágico das Fadas se interpõe.

Dana é uma Faeriewalker, um estranho indivíduo que pode viajar entre ambos os mundos. Ela sempre soube que seu pai era realmente importante entre as fadas, mas o que não percebe é que poderia ser a chave para sua ascensão ao poder. Quando ela chega em Avalon, Dana encontra a si mesma como um peão em um jogo de política mágica. Avalon é um lugar onde ambos, o trabalho tecnológico, a magia, humanos e fadas, coexistem em algo que se assemelha à paz.

Como ela poderia mudar o destino, arranjar um namorado e fazer novos amigos quando não está segura de quem, se é que alguém, pode ser de confiança?

Prólogo

A gota que encheu o copo foi quando minha mãe apareceu no meu recital, bêbada. Não me refiro à que estivesse calibrada - refiro-me a tremendo-se, arrastando-se e que todos se deram conta que estava bêbada. E como se não fosse suficiente, também chegou tarde, de modo que quando empurrou as portas e praticamente caiu em uma cadeira dobrável de metal na parte de trás, todo mundo se virou para olhá-la por interromper a atuação.

Parada no palco queria que a terra da vergonha me tragasse. A Sra. Morris, minha mestra de canto, era a única na sala que percebeu que a pessoa que causava a interrupção era minha mãe. Havia evitado cuidadosamente qualquer contato entre minha mãe e os alunos desta minha nova escola, na qual eu esperava me graduar - se é que ficássemos dois anos na mesma cidade, só por uma vez.

Quando foi minha vez de cantar, a Sra. Morris me lançou um olhar simpático antes de por as mãos no piano. Meu rosto estava quente de vergonha e minha garganta estava tão ressecada que me preocupava que minha voz se quebrasse no momento em que eu abrisse a boca.

Minha voz é naturalmente bonita - consequência de meu ultrassecreto patrimônio Fae. A verdade é que eu não precisava de aulas de técnica vocal, mas as férias de verão começavam em poucas semanas e eu queria uma desculpa que me tirasse de casa de vez em quando, mas que não requeresse um grande compromisso de tempo. Lições de técnica vocal tinham encaixado perfeitamente. E eu gostava.

Meu coração batia forte contra meu peito e minhas palmas suavam enquanto a Sra. Morris tocava a introdução. Tratei de concentrar-me na música. Se eu pudesse somente cantar a música e agir normalmente, ninguém na platéia tinha que saber que a idiota bêbada na parte de trás tinha algo a ver comigo.

Finalmente, a introdução terminou e era meu momento de começar. Apesar de meu tampouco ótimo estado mental, a música se encarregou por um tempo e eu deixei que a beleza de “Voi Che Sapete”, uma de minhas composições favoritas de Mozart, fluísse através de mim. Tradicionalmente cantada por uma mulher fazendo-se passar por um garoto jovem, era perfeita para meu claro soprano, com um toque de vibração que acrescentava um toque humano a minha voz, de outra forma, Fae.

Cantei perfeitamente cada uma das notas e não esqueci a letra. A Sra. Morris assentiu em

aprovação algumas vezes quando fraseei justo como ela queria. Mas sabia que poderia ter feito melhor, colocado mais sentimento, se não tivesse sido tão morbidamente consciente da presença da minha mãe.

Suspirei de alívio quando terminei. Até que os aplausos começaram, quero dizer. A maioria dos pais e outros estudantes deram uma cortês, e de coração, ronda de aplausos. Minha mãe, no entanto, me deu uma ovação de pé, uma vez mais atraindo todos os olhares para ela. E, é claro, revelando que ela estava comigo.

Se um raio houvesse caído disparado do céu e houvesse me matado neste momento, teria recebido com satisfação.

Não deveria ter-lhe dito sobre o recital, mas apesar do fato de saber, havia uma parte de mim que desejava que viesse ver-me cantar, que desejava que me aplaudisse e se sentisse orgulhosa como uma mãe normal. Sou uma imbecil!

Perguntava-me quanto tempo levaria para a história rondar *esta* escola. Na minha escola anterior, quando uma piranha animadora de torcida encontrou-se com minha mãe e eu quando estávamos fazendo compras - uma atividade em que ela estava apenas sóbria - havia levado quase um dia para que toda a escola soubesse que minha mãe é uma bêbada. Não havia sido exatamente parte dos populares, mas depois disso...

Bom, digamos que pela primeira vez me alegrei que nos mudássemos.

Eu tinha dezesseis anos, e havíamos vivido em dez cidades diferentes, pelo que podia me lembrar. Mudávamo-nos muito por que minha mãe não queria que meu pai me encontrasse. Tinha medo que ele tentasse me afastar dela e tendo em conta que não é exatamente uma perfeição maternal, ele poderia ser capaz de fazer isso.

Nunca havia conhecido meu pai, mas minha mãe tinha me contado tudo sobre ele. A história variava, dependendo quão bêbado e/ou depressiva se sentisse no momento. Do que estava totalmente certa era que minha mãe tinha nascido em Avalon, onde viveu quase toda a sua vida e que meu pai é uma espécie de Fae dali. Só que minha mãe não tinha se dado conta do que ele era até que começou a sair com ele.

Descobriu a verdade quando ficou grávida de mim e fugiu de casa antes que alguém soubesse.

Algumas vezes, minha mãe dizia que ela fugiu de Avalon por que meu pai era um homem terrivelmente malvado que certamente abusaria de mim de forma horrível se vivesse com ele.

Essa era a história que me contava quando estava sóbria, a história que havia construído para assegurar-se de que nunca me interessaria em conhecê-lo.

— Ele é um monstro, Dana. — dizia, explicando-me porque tínhamos que nos mudar novamente.

— Não posso deixar que te encontre.

Mas quando ela estava bêbada, não muito bem da cabeça e balbuciava sobre qualquer coisa que entrasse em sua mente nesse momento, dizia que havia deixado Avalon por que se eu estivesse lá, haveria estado presa em algum tipo de desagradável intriga política, sendo a filha de um arrogante e importante Fae e tudo mais. Quando estava em um de seus estados de ânimo, dizia uma e outra vez o bom cara que era meu pai, de como o havia amado mais do que sua própria vida, mas de como seu dever como mãe tinha prioridade. Gag!

Queria fugir do recital antes que acabasse, mas não me atrevi. Era possível que minha mãe fosse o suficientemente tonta para haver dirigido até aqui, e não havia nem a mais remota possibilidade de que eu a deixasse conduzir sozinha para casa no estado em que se encontrava. Tive o culpável pensamento - não pela primeira vez - de que minha vida poderia melhorar se morresse em um acidente de carro. Envergonhei-me de mim mesma por deixar este pensamento entrar em minha cabeça. É claro que não queria que minha mãe morresse. Só queria que não fosse alcoólatra.

A Sra. Morris conversava comigo a sós, uma vez que todos haviam terminado e a simpatia em seus olhos era quase impossível de suportar.

— Precisa de ajuda Dana? — pergunta-me em voz baixa.

Nego com a cabeça e me abstenho de encontrar seu olhar.

— Não. Obrigado. Vou..., cuidar dela.

Meu rosto estava quente novamente assim que me retirei o mais rápido possível, evitando o resto dos estudantes que queria felicitar-me ou por meu brilhante desempenho (sim, claro) ou tentando descobrir as primícias de minha mãe para poder contar para seus amigos.

Mamãe estava tentando misturar-se com os outros pais quando me aproximei dela. Estava muito fora de si para detectar as sutis vibrações de você-é-uma-bêbada-me-deixe-em-paz que eles lhe davam. Ainda sentindo como se todos me olhassem, a peguei por um de seus braços.

— Vamos, vou te levar para casa. — digo entredentes.

— Dana! — ela praticamente grita. — Você esteve maravilhosa! — ela lança seus braços ao meu redor como se não tivesse me visto em três anos e me dá um abraço asfíxiante.

— Alegro-me que você tenha gostado. — obrigo-me a dizer enquanto deslizava de seu abraço e começava a me dirigir para a porta com ela. Ela parecia não se importar em ser arrastada pelo cômodo, ao menos isso era uma vantagem. *Isto poderia ser pior*, tratei de dizer a mim mesma.

Não tive que perguntar a mamãe se tinha dirigido, por que assim que sai, pude ver nosso carro, estacionado tão virado que ocupava cerca de três vagas. Digo uma silenciosa oração por ela não ter matado ninguém.

Estendo minha mão para ela.

— Chaves.

Ela bufa e tenta parecer digna. Isso era difícil quando tinha que se agarrar à grade para não cair de cabeça pelas escadas que conduziam ao estacionamento.

— Sou perfeitamente capaz de dirigir. — informa-me.

A ira arde em meu peito, mas sabia exatamente *quão bem* me faria explodir, sem importar o muito que queria fazer. Se somente continuasse fingindo essa calma e razoabilidade, poderia metê-la no assento de passageiros e sair do olho público muito mais rápido. A última coisa que queria era ter uma grande cena de insultos justamente na frente deles. Mamãe já tinha lhes dado o suficiente de que falar por hoje.

— Eu também, deixe-me conduzir. — digo. — Preciso treinar. — se estivesse minimamente sóbria, teria escutado a fúria ameaçadora em minha voz, mas como estava, estava inconsciente. Mas me entregou as chaves, o que foi um alívio.

Dirijo até em casa, minhas mãos agarrando o volante com um apertão de nós brancos enquanto lutava para manter a compostura. Mamãe estava em meio às maravilhas da minha apresentação quando a bebida finalmente tomou o melhor dela e dormiu no assento. Estava agradecida pelo silêncio, embora soubesse por experiência que ia ser uma odisséia tirá-la do carro e levá-la para casa em sua condição.

Quando entrei em nosso caminho e contemplei a tarefa que tinha que fazer, percebi que não poderia viver assim por mais tempo. Nada podia ser pior do que viver com mamãe, mentindo constantemente por ela, tentando ocultar que estava bêbada ou desmaiada quando

deveria se reunir com meus professores ou me levar para um evento fora do campus. Desde que podia lembrar, havia vivido com medo mortal de meus amigos da escola - os quais me esforçava por ter já que nos mudávamos tanto -

descobrissem sobre ela e decidissem que eu era uma espécie de monstro - por - associação. Um temor que, por desgraça, havia descoberto de uma forma muito dura, e não precisava de fundamentos.

Eu havia sido a adulta desta família desde que tinha cinco anos, e agora era meu momento de tomar minha vida em minhas próprias mãos. Ia contatar meu pai e, a menos que recebesse uma vibração de que ele na realidade era um perverso abusivo, eu iria viver com ele. Em Avalon. Na Selvagem Cidade que era a intersecção entre nosso mundo e o das Fadas, a cidade onde a magia e a tecnologia coexistiam em algo parecido com a paz. Inclusive em Avalon, pensei, teria uma vida melhor e mais normal do que a que tenho agora com a minha mãe.

Nunca havia estado tão errada em minha vida.

Minhas palmas suavam e meu coração estava em minha garganta enquanto meu avião descia até Londres. Apenas podia acreditar que estava fazendo isso, e apenas podia acreditar que tinha encontrado a coragem para fugir de casa. Limpei minhas palmas nas minhas calças jeans e me perguntei se minha mãe já teria descoberto que eu tinha ido. Ela estava dormindo em seu infernal porre quando saí de casa, e às vezes podia dormir por vinte e quatro horas seguidas em situações como essa. Eu gostaria de ser uma mosca na parede quando ela encontrasse a nota que eu deixei. Talvez ao perder-me finalmente se acendesse uma lâmpada em sua cabeça e deixasse de beber.

Mas não continha a respiração.

Não tinha tido nenhum problema em encontrar e me por em contato com meu pai. Mamãe nunca havia nem sonhado em me dizer seu nome quando estava sóbria, e seu nome não aparecia em minha certidão de nascimento, mas não me tomou mais do que algumas perguntas quando estava em um dos seus estados de embriaguez comunicativa para descobrir que seu nome era Seamus Stuart. Os Fae, havia me confessado, não usavam sobrenomes no mundo das Fadas, mas aqueles que viviam em Avalon haviam adotado a prática por conveniência da população humana.

No grande esquema das coisas, Avalon é muito pequena, sua população é inferior a 10.000 habitantes, assim, quando entrei na rede e comprei uma agenda telefônica de Avalon, não tive nenhum problema em encontrar meu pai - era o único Seamus Stuart na lista. E quando lhe liguei e lhe perguntei se conhecia alguém com o nome de minha mãe, não duvidou em admitir que teve uma namorada com esse nome, assim achei que tinha encontrado a pessoa certa.

Antes que essa primeira conversa terminasse, ele já tinha me pedido que fosse para Avalon de visita. Inclusive tinha me oferecido uma passagem de primeira classe para Londres. E nem sequer havia pedido para falar com minha mãe, nem sequer tinha

perguntado se tinha sua permissão para visitá-lo. Havia ficado surpresa no início, mas logo imaginei que ela tinha razão ao dizer que se ele tivesse me encontrado teria me arrastado para Avalon sem pensar duas vezes. *Cavalo dado não se olha os dentes*; pensei.

O avião bateu na pista com um golpe tremendo. Respirei profundamente para me acalmar. Passariam horas antes que eu pudesse realmente conhecer meu pai. Sendo um nativo do mundo das Fadas, ele não podia por um pé no mundo mortal. (Se houvesse decidido seqüestrar-me, teria que ter usado cúmplices humanos para isso). A magia especial de Avalon é que a cidade existe em ambos, o mundo das Fadas e o mundo mortal – o único lugar em que os dois planos existenciais se entrelaçam.

Quando meu pai parava na fronteira da cidade e tentava ver, tudo o que conseguia ver era o mundo das Fadas, e se cruzasse a fronteira, quem estava no mundo mortal não seria capaz de vê-lo nunca mais.

Havíamos decidido que um dos seus amigos humanos me encontraria no aeroporto de Londres e me levaria para Avalon. Só quando atravessasse a imigração de Avalon poderia me encontrar com ele.

Passei pela imigração e a alfândega em Londres em uma espécie de atordoamento. Tinha estado muito animada e nervosa para dormir no avião, e estava definitivamente pagando por isso agora. Segui a multidão de gente para a zona de transportes e comecei a procurar no mar de cartazes meu próprio nome.

Não vi.

Olho novamente, examinando cada um cuidadosamente, no caso de que meu nome estivesse mal escrito e por isso não o tivesse visto. Mas a multidão de motoristas foi diminuindo, e não via em nenhuma parte alguém segurando meu nome. Mordi o lábio e examinei meu relógio, o qual havia ajustado a hora de Londres. Eram 8:23 da manhã, e a última vez que falei com meu pai, ele tinha estimado que se o avião chegasse a tempo, atravessaria a alfândega ao redor das 8:15. Seu amigo deveria estar aqui.

Novamente, respirei profundamente, recordando a mim mesma que deveria me acalmar. O amigo de papai estava apenas oito minutos atrasado. Não valia a pena entrar em pânico por causa disso.

Encontrei uma cadeira confortável perto das portas, meu olhar se movia de um lado para o outro enquanto procurava alguém correndo até o terminal como se chegasse tarde. Vi um montão desses, mas ninguém levava um cartaz com meu nome.

Quando foi 08h45min virei ao redor e embora não houvesse nenhum rastro do meu transporte, decidi que estava bem sentir um pouco de pânico agora. Liguei meu telefone

celular, pensando em ligar para papai, só para descobrir que não tinha sinal.

Tardiamente, perguntei-me se os celulares americanos funcionavam em Londres. Traguei uma nova onda de nervosismo. Papai tinha me enviado um adorável presente de ~~é-ótimo-te-~~conhecer, um camafeu branco em forma de rosa e encontrei a mim mesma tocando-o, ansiosamente.

Havia entrado e saído de uma grande quantidade de aeroportos em minha vida, e se o vôo fosse o suficientemente longo, mamãe já estaria chapinhando no momento em que aterrissasse. Inclusive quando tinha oito anos de idade, tinha sido capaz de dirigir minha mãe através do aeroporto, procurando nossa bagagem e parado um táxi para que nos levasse para onde fosse que tínhamos que ir. É claro, o país mais exótico ao qual havia ido tinha sido o Canadá, mas, caramba, isto era a Inglaterra e não a Índia.

Decidindo não surtar, encontrei uma cabine de telefones públicos. Como minha mãe não era confiável para manter um registro de faturas nem nada, havíamos decidido que eu teria meu próprio cartão de crédito, a qual rapidamente tinha utilizado para fazer minha ligação de longa distância para Avalon.

Deixei que o telefone da casa do meu pai tocasse cerca de dez vezes, mas ninguém respondeu. Desliguei e mordi o lábio.

Tinha estado o suficientemente nervosa com esta aventura. Agora estava parada no aeroporto de Heathrow e meu pai não respondia seu telefone. Acrescente a isso um caso esmagador de mudança de horário, e tudo o que queria fazer neste momento era deitar em uma cômoda e confortável cama e ir dormir. Traguei um bocejo - se deixasse que comesçassem, nunca parariam.

As 09h15min, eu tive que admitir que as possibilidades de que o amigo de papai aparecesse eram praticamente nulas. Papai provavelmente não respondia seu telefone por que estava esperando-me na fronteira de Avalon, como havia prometido.

Assim está bem, tudo que tinha que fazer era pegar um táxi e me dirigir para a fronteira. Estava a somente vinte e cinco milhas de distância de Londres. Não era grande coisa, verdade?

Troquei algum dinheiro, logo fui até um desses enormes táxis negros que há na Inglaterra. Sentia-me realmente estranha ao ver o motorista no lado errado do carro, e inclusive mais estranha ao vê-lo dirigir pelo lado errado do caminho.

Meu chofer dirigia como um louco e falava sem parar todo o caminho até a Porta Sul de Avalon. Não sei de onde era seu sotaque, talvez londrinense, mas só entendia a terceira parte do que dizia. Felizmente, nunca pareceu precisar de uma

resposta além dos sorrisos ocasionais e o assentimento de cabeça. Esperava que não me visse encolhendo-me e fazendo caretas cada vez que parecia estar a ponto de esmagar alguém na estrada.

Como todos no universo; eu havia visto fotografias de Avalon. Podia encontrar cerca de mil livros dedicados à cidade – tinha dois em minha bagagem – e quase todos os filmes de fantasia que tinham sido feitos tinham, ao menos uma, das cenas filmadas em Avalon, por ser o único lugar no mundo mortal em que a magia realmente funciona. Mas ver Avalon me recordava a ver o Grande Cânion pela primeira vez: nenhuma fotografia na terra poderia lhe fazer justiça.

Avalon está localizado em uma montanha. Sim, uma verdadeira, honestamente, pelo amor de Deus, montanha. A coisa se projetava até o céu desde a planície, verde, cheia de ovelhas, e parecia como se alguém tivesse tomado um dos Alpes e o tivesse deixado cair ao azar onde, definitivamente, não pertencia.

Casas e lojas e edifícios de oficinas haviam sido construídos em cada centímetro quadrado da ladeira, e só um caminho pavimentado serpenteava da base até a estrutura em forma de castelo que dominava acima. Havia muitas estradas empedradas que se uniam com a principal, mas o caminho principal era o único suficientemente grande para carros.

A base da montanha estava completamente rodeada por um espesso e turvo fosso rodeado por uma alta cerca elétrica. Havia somente quatro entradas na cidade, uma em cada ponto da bússola. Papai tinha que se reunir comigo na porta do Sul. O

taxista me deixou na portaria – um edifício de três andares e de meia quadra de largura – e senti outra pontada de medo enquanto o via se afastar. Era possível que os carros passassem através das portas de Avalon, mas os motoristas teriam que ter um visto para Avalon para que lhes permitissem passar, assim o melhor que ele poderia fazer era deixar-me. Com a mochila sobre um ombro, arrastei minha mala através de uma série de labirintos, seguindo as indicações para visitantes. Naturalmente a fila para residentes era muito mais curta.

No momento em que cheguei à frente da fila, estava praticamente dormindo em pé, apesar da ansiedade. Havia um pequeno estacionamento logo ao passar pelo centro de

controle, e como nos aeroportos, pude ver gente parada ao redor com cartazes. Mas enquanto esperava que o funcionário da alfândega carimbasse meu passaporte, continuava sem ver meu nome em nenhum deles.

— Um momento, senhorita. — disse o funcionário da alfândega, depois de ter examinado meu passaporte pelo que pareceram dez anos. Pisquei em confusão enquanto ele se afastava de seu posto, levando meu passaporte.

Minha garganta se secou enquanto olhava ele falar com uma alta e imponente mulher que usava um uniforme azul marinho com algemas em seu cinturão. Ficou ainda mais seca quando o funcionário fez um gesto para mim e a mulher olhou em minha direção. Efetivamente, ela começou a se dirigir até mim. Vi que o funcionário tinha entregado meu passaporte. Isto não parecia nada bem.

— Por favor, venha comigo, senhorita... — ela abriu o passaporte para verificar. — Hathaway. — Tinha um sotaque estranho, com algo de britânico, mas não tudo.

Enquanto o funcionário da alfândega gesticulava para a próxima pessoa na fila.

Tive que ficar perto da mulher para evitar se pisoteada pela família de cinco que se aproximava do escritório atrás de mim.

— Há algum problema? — perguntei, e embora tentasse soar indiferente, acho que minha voz tremia.

Ela sorriu, embora a expressão não alcançasse seus olhos. Ela também se aproximou e colocou sua mão em meu braço, guiando-me até uma porta de segurança ao lado do edifício.

Tentei alcançar a alça da minha bagagem, mas um garoto alcançou antes que eu. Ele deslizou uma etiqueta cor laranja fosforescente nela, logo a empurrou por trás da mesa do funcionário.

Perguntei-me se deveria fazer uma cena. Mas decidi que se fizesse isso só cavaria um buraco muito mais profundo que no que eu já me encontrava.

— Não tenha medo. — disse a mulher, ainda arrastando-me até a porta. Bom, suponho que não estava realmente *arrastando-me*. Seu toque no meu braço era suave, e era mais como se estivesse guiando-me. Mas tive a sensação de que se eu parasse, já não sentiria como se fosse um guia. — Este é um procedimento padrão aqui, realizamos entrevistas com certa porcentagem de nossos visitantes. — seu sorriso se alargou enquanto deslizava seu

cartão de segurança. — É teu dia de sorte.

Estava sendo golpeada pelo estresse e a sobrecarga de privação de sono e meus olhos picavam com lágrimas. Mordi o interior de minhas bochechas em uma tentativa de contê-las. Se isto era só uma espécie de seleção ao azar, então, por que o funcionário olhou meu passaporte tanto tempo? E por que meu pai não me disse que isso era possível? E também, não tinha lido nada a respeito nos livros de guia.

Levaram-me até um escritório esterilizado cinza com móveis que pareciam rejeitados de uma residência universitária e com um odor estranho como lama molhada. A imponente mulher gesticulou para uma cadeira dobrável de metal, logo empurrou uma cadeira com rodas muito mais cômoda por trás da mesa. Ela sorriu novamente.

— Meu nome é Grace. — disse. Não estava certa se era seu nome ou sobrenome. —Sou a capitã da patrulha fronteira, e só preciso te fazer algumas poucas perguntas sobre sua visita a Avalon; logo você poderá ir.

Engulo em seco. — Está bem. — digo. Como se tivesse escolha.

Grace se inclinou e tirou um pequeno caderno argolado de uma das gavetas da mesa, então preparou uma pluma talhada de prata sobre o papel. Suponho que os Fae não são grandes usuários de BIC.

— Qual é o propósito de sua visita a Avalon? — pergunta-me.

Bom, dã. Tenho dezesseis anos – não estou aqui em uma viagem de negócios.

— Estou aqui para visitar minha família.

Ela escreveu; logo me olhou por cima do caderno.

—Você não é um pouco jovem para viajar sem um acompanhante?

Ajeito-me na cadeira. Sim, está bem, só tenho dezesseis anos, mas isso não era *tão* jovem. Tinha idade suficiente para compensar o cheque, pagar as contas e dirigir por minha mãe quando estava muito bêbada para isso. Os olhos de Grace brilharam com diversão enquanto eu divagava e me recuperei para apaziguar minha reação antes de falar.

— Alguém deveria ter me encontrado no aeroporto. — digo, embora na realidade não fosse uma resposta para sua pergunta. — Ninguém apareceu, assim peguei um táxi. Meu pai deveria estar me esperando quando eu atravessasse a alfândega.

Grace assente pensativa, e escreve. — Qual é o nome do seu pai?

— Seamus Stuart.

— Endereço?

— É, 25, Ashley Lane. — alegre-me por ter incomodado-o perguntando seu endereço antes de vir. Não sabia que realmente precisaria.

— Ele estava na área do estacionamento? Poderia dizer-lhe que venha, se você quiser.

— Hm, na verdade, nunca o vi, então não sei se estava lá ou não. — eu esperava não enrubescer. Não sei por que achava o fato de nunca ter conhecido meu pai vergonhoso, mas eu achava.

Ela escreveu um pouco mais. Perguntava-me como poderia estar escrevendo tanto. Não era como se estivesse contando a história da minha vida. E porque a patrulha fronteira necessita saber toda esta porcaria? Tive que responder todas estas perguntas quando consegui meu visto.

— Vou conseguir minha bagagem de volta? — perguntei; muito nervosa para me sentar lá e continuar calada.

— É claro, querida. — disse com outro de seus sorrisos sinceros.

Nesse momento, a porta do escritório se abriu. O garoto que tinha pegado minha bagagem colocou a cabeça para dentro e esperou pela atenção de Grace. Ele lhe olhou com uma sobrancelha arqueada.

— Está confirmado. — ele disse.

Pela primeira vez, o sorriso de Grace pareceu completamente verdadeiro.

— O que está confirmado? — pergunto; o sorriso verdadeiro por alguma razão me assustava muito mais do que o falso.

— Sua identidade, querida. Parece que você é realmente filha de Seamus Stuart.

Minha boca se abre. — Como confirmaram isso?

— Permita-me me apresentar adequadamente. — disse em vez de responder-me. — Meu nome completo é Grace Stuart. — seu sorriso ficando positivamente astuto. — Mas você pode me chamar de tia Grace.

Estou certa de que estava sentada ali com a boca aberta como uma idiota. Grace riu da expressão do meu rosto enquanto eu tentava me recuperar e pensar.

Pela primeira vez desde que coloquei meus olhos nela, olhei além de seu uniforme e de sua maneira imposta e realmente a vi. Ela era alta e de complexão magra, seu corpo era quase infantil por sua falta de curvas. Algo assim como o meu.

Minha esperança de algum dia tê-las foi diminuindo. Seu cabelo loiro claro era espesso e lustroso, afastado de seu rosto angular por uma trança que pendurava quase até a parte baixa de suas costas. Olhos azuis como os meus, exceto que os seus estavam um pouco mais inclinados para cima. Uma inclinação Fae.

— Você é a irmã do meu pai. — digo; as palavras entre uma pergunta e uma afirmação.

Grace aplaude como se eu tivesse acabado de dar um mortal para trás. Sinto meu rosto esquentar.

— Muito bem, querida. — diz em um tom de voz que sugeria que eu era só um pouco lenta. — Seamus está, digamos; indisposto no momento. Mas ele me encarregou de cuidar de você até que seja capaz de fazer isso ele mesmo.

Entrecerro meus olhos para ela. — Se esta é a sua ideia de cuidar de mim, provavelmente, eu ficarei melhor cuidando-me sozinha. — não costumo ser tão grosseira e certamente não com figuras de autoridade, mas a mudança de horário, o estresse e a confusão haviam se combinado para fazer meu temperamento frágil. — Você poderia ter se apresentado desde o início em vez de me assustar até a morte com sua rotina de Gestapo¹.

Grace pisca algumas vezes. Eu duvidava que estivesse acostumada a que alguém lhe reprovasse em algo, muito menos adolescentes humanas. O sorriso desaparece de seus lábios, e um frio ártico se instala em seus olhos. — Uma garota que ninguém ouviu falar vem para Avalon afirmando ser a filha mestiça de um dos grandes Senhores Seelie, e se supõe que devemos aceitá-la sem sequer uma pergunta? — disse; sua voz tão gelada quanto seus olhos. — Seamus não tinha idéia de que tinha engendrado uma criança em sua mãe, e enquanto ele

pode rapidamente aceitá-la em seu lar como um dos seus, eu certamente achei que era uma impostora.

Um dos grandes Senhores Seelie? Minha mãe tinha dito que meu pai era um grande Fae, mas isto soava como algo mais importante do que eu havia imaginado.

— Enquanto você e eu conversamos, meu pessoal procurou em sua mala sua escova para cabelo. Foram capazes de examinar que você realmente é quem diz ser.

A violação da minha intimidade me irritou, mas também me surpreendeu. — São capazes de fazer um teste de DNA em, quanto, quinze minutos? — perguntei incrédula.

Grace me dá outra dessas olhadas que dizia que eu era, obviamente, um pouco ingênua. — Não é um teste de DNA, querida.

Oh. Magia. Eu havia esquecido isso. Minha cara enrubesceu novamente. Grace era realmente boa fazendo-me sentir-me como uma idiota, e estava bastante certa que não era por acidente. Não sabia o que tinha contra mim, mas obviamente tinha algo.

Meu cérebro se sentia nublado ao redor das bordas, e uma vez mais desejei uma cômoda cama para deitar e dormir. Apesar de meu estresse - e a irritação - um bocejo abriu caminho pela minha boca.

A expressão de Grace se suavizou em um gesto um pouco preocupado e quase doce. Não acreditei.

— Pobrezinha. — disse. — Deve estar esgotada depois desta longa viagem. — Ela se levantou; um movimento inexplicavelmente gracioso. — Vem. — perguntei-me se ela percebeu que havia dito como se falasse com seu mascote favorito. — Devemos te acomodar para que possa descansar um pouco.

Fiquei sentada, sem saber ao que se referia. — Então, sou livre para ir agora?

— Vou arrumar um oficial para que me substitua por algumas horas. — disse em outra de suas não respostas. — Levarei-te para casa. Se quiser que paremos para comer algo primeiro, só me avise. Há uma série de encantadores cafés perto da minha casa. —

Meu estômago rugiu, mas não estava certa de que era por fome. Uma coisa que eu estava segura era que não queria ir para a casa de Grace.

— Poderia apenas levar-me para a casa do meu pai? — perguntei-lhe, já sabendo que a

resposta seria não.

Grace faz uma cara triste. — Temo que não, querida. Ele não está em casa neste momento e não tenho a chave. Mas não tema, você só tem que ficar comigo um dia ou dois. Então, seu pai estará pronto para lhe pegar.

Soava como se eu não tivesse outra opção, assim que tentei resignar-me com a ideia. — Está bem. — digo, levantando-me e esperando não haver soado muito superficial.

— Esplêndido! — diz ela com falsa alegria.

Esplêndido? Quem dizia “esplêndido” nestes tempos? É claro, como a tia Grace era uma Fae, ela poderia ter um trilhão de anos, apesar de que parecia ter vinte e cinco.

Segui Grace através de uma série vertiginosa de corredores labirínticos. Não pude deixar de notar as câmeras de segurança que espiavam todos os nossos movimentos. Deteve-se no que parecia uma sala de segurança, de acordo com o microondas e as máquinas de vendas. Um pequeno grupo de oficiais uniformizados sentava-se ao redor de uma mesa. Grace lhes deu algumas ordens – ordenando que alguém a cobrisse durante sua ausência – e depois nos deslizamos para os corredores novamente.

Finalmente, chegamos a uma porta de segurança. Tia Grace deslizou seu cartão, e a porta se abriu para o estacionamento que havia visto quando estava na fila. Ela me levou até um elegante Mercedes preto. O carro era tão brilhante que parecia ter saído da concessionária há apenas cinco minutos. Tinha um encantador aroma de carro novo, um pouco estragado pelo ambientador de mau gosto em forma de rosa que estava pendurado no espelho retrovisor. Pelo menos, não era um desses em forma de pinheiros especiais para táxis.

— Sua mala está no porta-malas. — disse tia Grace antes que eu tivesse a oportunidade de perguntar. Então, ligou o carro e estávamos no caminho.

A ponte sobre o fosso era estreita de pista dupla e a grade do lado parecia um pouco fraca para mim. Talvez fosse por que a mofada; turva e desagradável água me dava calafrios.

Tentando ignorar a água, olhei por cima do meu ombro – com um pouco de nostalgia – para a porta que marcava a fronteira entre Avalon e o mundo mortal. Uma parte de mim já estava desejando nunca haver tirado um pé da casa da minha mãe.

Sim, realmente era uma droga viver com ela, cuidar dela, mentir para meus amigos sobre

ela. Mas, pelo menos, ela era o diabo que eu conhecia².

Uma onda de náuseas me envolveu, e minha visão ficou momentaneamente borrada. Dei a volta para olhar para frente.

— Algo está mal? — pergunta Grace.

Sacudi a cabeça e engoli para passar a náusea. *É só a mudança de horário e o estresse e inclusive um pouco doente por causa do movimento.* Pergunto-me se ela se importaria que eu vomitasse em seu brilhante e reluzente carro novo. Apostava que a resposta era sim.

— O que você quis dizer com que meu pai estava “indisposto”? — lhe perguntei enquanto meu estômago – felizmente – se acalmava.

— Ele teve uns poucos... Problemas legais como suponho que o chamaria. — o Mercedes começava uma suave e sem esforço subida pela empinada estrada de pista dupla que envolvia a montanha. — Mas não se preocupe. Tudo deverá ser esclarecido em um ou dois dias. E eu cuidarei de você até que ele esteja em casa. —

— Onde está?

A comissura de seus lábios se apertou e hesitou antes de responder. — Está bem, se você quer saber. — disse, fazendo soar como se estivesse procurando pela resposta durante horas. — Ele está na prisão.

Fico boquiaberta. Diretamente e com uma mão negligente, se esticou e acariciou meu joelho. Tive que resistir a vontade de tirá-la de cima.

— Foi simplesmente um mal-entendido. — disse em que se supunha ser um tom tranquilizador. — Será visto pelo Conselho amanhã, ou no dia seguinte no máximo, e ele está seguro de que o liberarão imediatamente.

Meu pai estava na prisão. De todos os problemas que me imaginei enfrentando em Avalon, este não era um deles. Minha mão se deslizou novamente para o camafeu que eu usava, meus dedos acariciam nervosamente a textura da superfície. Os olhos de Grace seguiram meu gesto. Seus lábios se afinaram quando viram o camafeu, mas não disse nada. Deixei cair a mão, de qualquer forma.

Estava transbordando com mais perguntas, mas neste momento, Grace entrou em um pequeno estacionamento, embora o suficientemente grande como para suportar meia dúzia de carros aproximadamente. Ela estava fora do carro e abrindo o porta-malas inclusive antes que

eu tivesse feito alguma pergunta. Uma vez mais, não me pareceu que foi por acidente.

Estava muito cansada para enfrentar isto agora. Depois de ter uma sesta e não me sentir tanto como uma morta no caminho, me sentaria com a velha e querida tia Grace para termos uma conversa de coração para coração no qual me explicaria o que estava acontecendo com meu pai. Por que estava na prisão? E qual era este Conselho que iria vê-lo? Desejei com atraso ter lido sobre o sistema governamental de Avalon.

Tudo o que eu podia me lembrar das aulas de civismo era que não se parecia com nenhum governo do mundo e que os deveres eram compartilhados por igual entre humanos e Faes.

Grace abriu o porta-malas para mim, mas me deixou fazer o trabalho pesado. Claro que eu me alegrava que minha mala tivesse rodas. Sem uma palavra, me conduziu por uma das ruas empedradas ao lado. As pedras não foram precisamente amáveis com as rodas e eu lutava para manter a mala em posição vertical. E para mantê-la afastada das poças que se formavam nos pontos baixos, e da merda de cavalo que dava à rua um odor distinto como um celeiro.

Devo ter feito alguma expressão, por que Grace me deu informação voluntária pela primeira vez que lembro.

— Motor de combustão interna não funciona no mundo das Fadas. — explicou.

— Os que viajam entre Avalon e o mundo das Fadas são forçados a fazê-lo a cavalo, por isso verá uma grande quantidade de cavalos aqui, mais do que poderia ver na maioria das cidades.

Esta era provavelmente uma informação fascinante e sem dúvida deveria estar surpresa pelo exótico ao redor. Mas a mudança de horário era muito cansativa e eu estava lutando duro com minha estúpida bagagem para me surpreender.

Sentime incrivelmente aliviada quando finalmente parou na frente de uma pitoresca casa de pedra. Era de três andares e muito estreita, mas as janelas de vidro fora de moda, e os vasos nelas cheios de rosas brancas lhe davam um aspecto agradável e caseiro.

Tia Grace murmurou algo em voz baixa e a porta fez uma série de estalos antes de abrir. Ninguém a havia tocado.

Magia; murmurou minha mente. Mas estava muito cansada e de mau humor para ficar devidamente impressionada.

Não dei uma boa olhada no interior, por que imediatamente Grace me levou para cima pelas escadas até o terceiro andar.

E não, não se ofereceu para me ajudar a levar minha mala pelas estreitas escadas de madeira.

— Aqui estamos. — disse, abrindo a primeira porta na parte superior das escadas.

Arrastei minha mala pela soleira, logo a deixei cair com gratidão. O quarto parecia muito bom, mas tudo que eu realmente tinha olhos era para a enorme e suave cama de dossel. Uma cama nunca havia me parecido tão acolhedora.

Grace sorri ante meu evidente desejo. — Deixarei-te para descansar um pouco.

— disse. — Há um banheiro ali. — apontou para uma porta fechada no outro extremo do cômodo.

— Obrigado. — digo com minha tendência à cortesia. Dou alguns passos para a cama. Provavelmente deveria ter pegado meus artigos de higiene pessoal da minha mala e escovar pelo menos os dentes antes de desabar, mas a tentação era irresistível.

— Que durma bem, querida. — disse Grace, a porta se fechando atrás dela enquanto ia embora.

Havia alcançado a cama e colocado uma mão sobre ela para tirar o grosso edredom quando ouvi um estalo característico. Pisquei. Certamente não tinha escutado o que pensei que tinha escutado.

O alarme superou minha fadiga do momento, e fui até a porta. Podia ouvir os passos de Grace desvanecer pelas escadas de madeira. Coloquei minha mão sobre a maçaneta da porta, esperando estar errada. Mas quando tentei dar a volta na maçaneta, esta se manteve obstinadamente em seu lugar.

Minha querida tia Grace acabava de me trancar.

Claro, eu tentei bater na porta e gritar, mas não posso dizer que me surpreendeu muito quando não funcionou. A única forma de sair do quarto era pela janela. Tive que subir em uma cadeira para poder ver o exterior, e o que vi foi desalentador. Estava no terceiro andar, assim usar a janela não parecia a melhor ideia do mundo, mesmo que eu tivesse conseguido abri-la, coisa que não consegui. Não havia nada que bloqueasse minha visão, e não parecia como uma pintura, mas os golpes repetidos e o bisbilhotar não conseguiram mais do que algumas unhas quebradas.

Por que, oh, por que decidi fugir de casa? Tinha lidado com minha mãe por toda minha vida, o que importaria mais alguns anos? Maldição, nem sequer eram dois anos, mas só esse verão, meu último ano de escola (eu tinha saltado um ano na escola média, por que no geral eu era mais jovem do que meus companheiros) e logo o seguinte verão. Depois disso estaria longe, na universidade, e tinha a intenção de ir para a universidade mais longe de casa (onde quer que me leve o tempo) como fosse possível.

Tinha meus olhos arenosos, e minha cabeça doía, mas não me imaginava deitada e tomando uma pequena e agradável sesta nestas circunstâncias.

Encontrei-me mexendo em meu camafeu, uma vez mais. Estava meu pai realmente na prisão? Se assim era, por quê? Minha mãe tinha me contado histórias terríveis sobre ele, mas eu estava convencida que ao menos metade eram mentiras.

Mas e se não fossem? E se estava na prisão por que pertencia ali?

Sacudi esse pensamento para longe. Tia Grace havia me interceptado na fronteira, intimidando-me e logo me bloqueando. Sentei-me na borda da cama e examinei minhas opções. Pena que pelo que parecia, eu ainda não tinha nenhuma. Uns quinze minutos depois, escutei o som de passos que se aproximavam, e vozes.

Uma delas era minha tia Grace, o outro era um homem, que eu esperava que fosse meu pai. Não podia ouvir o que diziam, e quando se aproximaram o suficiente as palavras mudaram, até que se calaram.

O cabelo da minha nuca eriçava sem razão, e me afastei da porta. Ouvi o suave murmúrio da voz de Grace e a porta se abriu sozinha.

Havia dito que minha tia Grace era alta e imponente. Tinha que medir pelo menos 1.80 metros. Mas o homem que parou atrás dela era enorme. Mais de seis pés de altura, provavelmente sete. Tinha que agachar-se para passar pela porta, e me perguntei se era mais largo já que tinham feito uma escadaria estreita. Parecia como um cruzamento de uma estrela da NBA e uma versão não verde do incrível Hulk.

Grace entrou no quarto e, felizmente, seu enorme amigo ficou para trás.

Bloqueando a porta, suponho, para se por acaso eu comece a correr. Repassei depressa minha lista de opções para fugir.

Tive que reprimir um calafrio, inclusive tentei soar valente.

— Aonde você foi enquanto eu estava trancada no meu quarto? — perguntei.

Ao menos tentei perguntar. Temo que “choramingar” poderia ser uma boa descrição.

Então, tive uma melhor visão dela, e do grande hematoma que aparecia no lado do seu rosto. Fiquei sem fôlego.

— O que aconteceu? — perguntei-lhe, esquecendo momentaneamente que ela era o inimigo.

Ela me olhou, sombria.

— Meu irmão foi... Um imprudente ao te trazer aqui.

— É?

— Está em perigo. Nossa família é uma com grande poder e importância.

Agora que Seamus te declarou como sua filha e te trouxe até aqui, há grupos que poderiam te ver como um instrumento para controlá-lo. Alguém deve ter me visto te trazendo para cá. Atacaram-me enquanto eu abria a porta principal. Tive a sorte de ter chamado Lachlan e pedir-lhe que me encontrasse. Os afugentou antes que pudessem fazer muito dano. Mas isso demonstra que eu tinha razão: você não está a salvo aqui.

— Te direi algo. — disse. — Por que você não me deixa ir para Londres? Posso conseguir um quarto de hotel lá até que meu pai deixe de... Er, até que esteja disponível. Dessa maneira

não te colocarei em nenhum problema e...

Ela nega com a cabeça.

— Os homens que me atacaram eram humanos. Não sei para quem trabalham, mas poderia ser fácil encontrar-lhe em Londres. Não temos nenhum lugar mais seguro até que Seamus esteja disponível.

Minha cabeça estava toda confusa, como se meu cérebro tivesse decidido que não podia mais e tivesse tirado uma folga. Tia Grace parecia realmente preocupada, e o hematoma em sua bochecha era feio. Ainda assim, só por que alguém a atacou não significava que estivessem atrás de mim. Falando sério, sou uma mestiça americana adolescente. Como pode tudo isso acontecer comigo?

— Lachlan te levará para um lugar seguro. — disse Grace apontando para o gigante. — Eu poderia ser um alvo tentador para um ataque, mas ele não.

Olhei para Lachlan ainda parado na porta. Imaginei os garotos maus dando-lhe uma olhada e começando a correr para outro lado. Seus enormes braços cruzados na porta, mostrando sua incrível altura. Dedicou-me um sorriso que parecia uma tentativa de conforto, mas continuava sendo, brincadeiras à parte, um cara assustador. Queria correr para o outro lado, mas de algum modo, não acreditava que tia Grace me deixaria sair.

— Muito bem. — digo, tentando agir como se tivesse outra escolha. — Irei com Lachlan para um lugar seguro.

— Uma decisão sábia. — disse Grace, fazendo um grande trabalho para ocultar seu sarcasmo.

Ela se aproxima de uma cômoda, que eu não tinha me dado o trabalho de examinar, procura até encontrar uma capa longa e preta com capuz. Muito sinistra.

Ofereceu-me.

— Coloque isto. — ordenou-me. — E coloque o capuz.

A capa era obviamente sua, e muito longa para mim. Franzi o cenho, ao vê-la arrastando-se pelo chão.

— Não pode evitar. — ouvi-a murmurar em voz baixa.

— Agora vá, então. — disse em voz alta. — Vai estar segura esta noite, e esperemos que

Seamus consiga se encarregar de você amanhã.

Peguei minhas malas, mas Grace negou com a cabeça.

— Eu as enviarei. — disse.

Envolta na capa, tentando não tropeçar na barra, me dirigi até a porta, onde Lachlan me esperava. Não disse nada, só assentiu bruscamente com a cabeça e começou a descer a escadaria. Teve que se agachar para descer, e caminhava de lado para que seus ombros não roçassem as paredes.

Quando chegamos à parte de baixo, me conduziu até a porta traseira. Sentime ridícula caminhando com um capuz preto, (como uma espécie de Grim Reape em miniatura), mas ao menos abrigava. Tropecei ao lado de Lachlan, tentando não pisar ao longo da barra da capa demasiadamente longa. O capuz praticamente me cegava.

Era verão, mas aqui em Avalon, uma névoa fria e cinza flutuava pelas ruas. Inclusive sobre a capa de lã pesada, senti um calafrio por causa do frio.

— Não se preocupe. — disse uma voz profunda que, aparentemente, era de Lachlan. — Logo você estará quente e cômoda. — Seu sotaque era como o de Grace, só que mais agradável e suave no final. Sob outras circunstâncias, poderia haver dito que soava bem. Perguntei-me se era um Fae. Não parecia, ao menos não parecia com minha idéia pré-concebida de como deveria parecer um Fae. Obviamente, eu não sabia muito.

O “quente e acolhedor” lugar de Lachlan resultou ser um sótão que cheirava a padaria. Tentei dar uma olhada, mas Lachlan me fez entrar antes que eu pudesse. O

sótão estava dividido em duas salas, uma que parecia suspeitamente com uma guarida e outra que parecia suspeitamente com uma cela, com uma porta que tinha cerca de seis polegadas de espessura e de uma madeira pesada.

Hesitei.

— Oh, não. — digo, afastando-me. — Não entrarei aí.

Lachlan fechou a porta atrás dele. Afasto meu capuz para poder olhá-lo. Não estava intimidado (chocado, na verdade).

— É para sua própria proteção. — disse com um encolhimento de ombros que parecia quase envergonhado.

— Você tem que estar brincando!

— Temo que sua tia considere seu risco de fuga. Não estará segura sem proteção em Avalon, assim que ela decidiu assegurar-se de que você ficará em seu lugar.

Neguei com a cabeça, obstinadamente, calculando as probabilidades que eu tinha de passar por Lachlan e chegar até a porta. Não eram boas.

Suspiro.

— Por favor, Dana. Não tenho intenção de ser um valentão, mas você tem que entrar. — moveu o peso de um pé para o outro, parecendo muito incômodo. — Isto não era o que eu teria escolhido para lidar com a situação, mas Grace é sua parente de sangue, não eu. Tenho que respeitar sua decisão.

Inspiro.

— Isso fará um de nós.

Lachlan pareceu... Angustiado. Para minha surpresa, encontrei-me sentindo pena dele. Suponho que afetava estar presa no meio.

A realidade era que não tinha muitas opções. Inclusive se de alguma forma eu superasse Lachlan, o que eu ia fazer?

Correr pelas ruas de Avalon por minha conta quando existia a possibilidade de que tia Grace tivesse razão e eu estivesse em perigo?

Com um profundo suspiro e uma última olhada de desejo para a porta principal atravessei o quarto. Lachlan fechou a porta atrás de mim e ouvi um pesado som que poderia ser o barrote de madeira deslocando-se.

A cela resultou não ser tão deprimente quanto eu pensava. Se não fosse pela porta trancada e o fato de que era um sótão sem janelas, eu quase poderia ter me convencido que estava em um pequeno e pitoresco B&B³. A cama era pequena, mas macia e convidativa. O banheiro tinha uma banheira e um aquecedor a gás que acrescentava calor instantâneo. O melhor de tudo, minha mala e minha mochila jaziam em um canto. Suponho que alguém as havia levado para lá, mas eu teria apostado meu dinheiro que era algum tipo de magia. Não podia imaginar Grace trazendo minhas coisas, inclusive se ela tivesse que lançá-los aqui.

Apesar do quão agradável era o quarto, não podia esquecer o barulho do bar dentro do lugar. Isto era realmente uma cela, inclusive se o carcereiro era um pouco agradável; a guardiã, tia Grace, era outro assunto.

Passeei pela cela por cerca de meia hora, tentando conseguir um plano de fuga.

Claro que eu não sabia para onde eu poderia ir, inclusive se milagrosamente saísse desse quarto. Uma busca em minha mala e minha mochila mostrou que meu passaporte, meu cartão de crédito e todo meu dinheiro tinham desaparecido. Se eu quisesse sair, teria que recuperá-los. Ou encontrar um cúmplice.

Meus planos – se eu pudesse chamá-los assim – foram interrompidos pelos sons abafados do bar. Dois segundos mais tarde, Lachlan entrou na habitação. Em uma mão maciça sujeitava uma bandeja, no qual continha uma chaleira e xícaras. Quando fechou a porta e baixou sua mão, vi um prato adornado com uma seleção de bolos.

Meu estômago fez um barulho ruidoso, o qual Lachlan foi bastante bom em ignorar.

Colocou a bandeja em uma pequena mesa com duas cadeiras. Lachlan afastou

uma das cadeiras para mim como um cavalheiro. Estava tão faminta que deixei passar a oportunidade, assim, comi os deliciosos e quentes bolos em tempo recorde. Lachlan rondava enquanto eu comia, e cada vez que eu lhe dava uma olhada furtiva, estava sorrindo com o que parecia ser orgulho.

— Você que fez? — perguntei.

Assentiu com a cabeça e levanta seu dedo polegar. — Esta é a minha melhor confeitaria.

— Estavam deliciosos. — lhe disse, embora estivesse certa que ele já tinha recebido a mensagem.

A comida havia me feito sentir temporariamente melhor, mas meu estado de ânimo voltou quando Lachlan levantou a bandeja para sair. Pronto, estaria só em minha cela outra vez.

Lachlan me deu um sorriso compassivo. — Sua tia Grace tem boas intenções.

— disse. — Sei que ela está sendo pouco diplomática.

Não pude evitar um resfôlego de risada. Sim, essa era um forma de descrever.

Lachlan parecia ferido por causa de minha risada. Acho que ele realmente gostava de tia Grace, considerando que fez o possível para defendê-la.

— Ela estava sob uma grande quantidade de estresse ultimamente. — explicou.

— E sua chegada para... — Franziu cenho e não terminou a frase.

— Minha chegada para o quê?

— Digamos que é uma complicação a mais para uma vida já complicada.

— Por quê? — perguntei elevando minhas mãos com frustração. — Só por que vim visitar meu pai? Por que todo mundo está fazendo um grande assunto sobre isso?

Está bem, eu tinha a ilusão de viver aqui com meu pai, mas depois de menos de um dia, havia renunciado a essa idéia. Lachlan olhou para seus pés, com os cantos da boca apertados em desgosto. — Não é meu dever explicar para você.

Mas percebi que ele queria fazer isso. — Por favor, Lachlan — digo, tentando soar desesperada e patética. Está bem, isso não seria difícil de conseguir, mas não estava tentando ocultar. — Por favor, me diga o que está acontecendo.

Por meio segundo, pensei que ele ia cair. Mas então a linha de sua boca ficou firme e ele agitou sua cabeça. — Desculpe, não é meu dever.

Por favor, deixe que meu pai venha até mim, amanhã, rezei.

— Deveria dormir um pouco. — Lachlan disse, levantando-se e recolhendo a bandeja.

Nesse mesmo momento, um grande bocejo brotou de cima do meu peito. Ele sorriu. — Estarei no outro lado da porta. — ele disse. — Se precisar de algo, é só gritar.

Talvez eu só estivesse sendo teimosa, mas o fato de que Lachlan houvesse sugerido de que eu fosse dormir me fez querer permanecer acordada. Não é a coisa mais fácil de fazer quando você luta com a mudança de horário, um estômago cheio e uma chaminé acolhedora. Se não me mantivesse ocupada, ia perder minha batalha contra o sono, sendo assim tirei meu laptop de minha mochila. Pensei que talvez eu pudesse enviar um rápido e-mail para mamãe, deixando-lhe saber em que problema eu estava. Talvez ela estivesse o bastante sóbria para viajar ao meu resgate. Mas – surpresa, surpresa – minha cela de prisão não vinha equipada com Wi-Fi. Tinha alguns livros indecentes que eu tinha baixado da internet – já que eu pago as contas da família, minha mãe nunca se dava conta dos gastos, mas ler livros indecentes enquanto eu estava trancada em minha cela parecia... Incorreto.

Pela primeira vez desde que eu tinha escapado de casa para pegar o meu vôo, senti uma pontada de culpa. Poderia mamãe se manter o suficientemente sóbria para pagar suas próprias contas sem mim? Imaginava-a sentada, sozinha e bêbada, em nossa casa sem água, nem eletricidade. Então neguei com a cabeça para mim mesma.

Ela esteve se apoiando em mim cada vez mais, à medida que passavam os anos, mas mesmo se comportando como uma ou não, ela era uma adulta, e maldição, poderia cuidar de si mesma.

Ao redor das sete, Lachlan trouxe outra bandeja. Meu estômago rugia. Os bolos tinham desaparecido há, pelo menos, uma hora. Desta vez, a bandeja continha um sanduíche Panini enorme, escorrendo queijo derretido e maionese, junto com uma salada pequena. Supus que isso também vinha de sua padaria.

Quando levou a bandeja, mais uma vez me sugeriu que eu deveria dormir um pouco. Nesse momento, estava praticamente dormindo em pé, mas eu ainda era muito teimosa para fazer o que ele me pediu. Só para demonstrar que não estava tomando seu conselho, comecei a esquentar minha voz com uma série de vocalizações. Logo treinei as canções que estive praticando com meu maestro de canto antes que eu fugisse para o que pensava ser a grama mais verde. Suspeitei que Lachlan estivesse escutando, inclusive através da porta com seis

polegadas de espessura, então mentalmente me instiguei a interpretar para ele. Talvez seu coração derretesse ante a beleza de minha voz e ele me colocasse em liberdade.

Sim, e me pareceu ver um cervo voando na semana passada.

Perdi-me na música por um momento, nas canções que fluíam de mim, uma atrás da outra. Enquanto cantava, quase esqueci que meu pai estava preso e que minha tia Grace me mantinha presa “para meu próprio bem”. Fechei meus olhos e deixei que a música me transportasse para outro mundo.

Eventualmente, me dei conta de uma sensação ardente em meu peito. Por razões que não podia explicar, o camafeu havia ficado muito quente, quase como se eu o estivesse segurando encima do fogo. Tirei e o examino, tentando descobrir por que estava quente, mas se esfriou tão rápido que me perguntei se eu estaria imaginando coisas.

Uma vez que deixei de cantar, percebi uma vez mais quão dolorosamente cansada eu estava. Minhas pálpebras pesavam dez toneladas cada uma. Calculando que eu tinha mostrado com acréscimo meu ponto para Lachlan, decidi que era hora de deixar que o esgotamento tomasse o controle.

Não podia imaginar colocando meu pijama nestas circunstâncias, sendo assim, me conformei em tirar os sapatos e as meias e mudar minhas calças jeans por um par de calças frouxas e velhas de treinamento. Então me meti na pequena, mas relativamente cômoda cama. Estava escuro lá fora e apaguei a luz do teto, mas não havia muito ar frio para apagar a chaminé. Adormeci enquanto olhava as silenciosas chamas.

Ainda estava escuro quando despertei, completamente desorientada. Nos primeiros momentos, não pude decifrar onde eu estava, mas não passou muito tempo para que a memória retornasse. Minha cabeça se sentia nevoada e pesada, e tudo ao

meu redor se sentia irreal. Olhei meu relógio e vi que eram duas da manhã. Deixei-me cair sobre meu outro travesseiro, certa de que estaria dormindo novamente em questões de segundos, mas então escutei o ruído de passos do outro lado da porta.

Tardiamente, me dei conta que tinha escutado algum tipo de ruído, e isso era o que havia me despertado. Havia pensado que era o remanescente de um sonho, mas quando escutei o chiado da tranca sendo levantada, decidi que não havia sido um sonho depois de tudo.

Rapidamente me levantei, lutando para me desenrolar dos lençóis. Talvez eu tivesse ouvido mais do que me lembrava, ou talvez fosse só uma premonição, mas estava certa de

que a pessoa que abria minha porta não era Lachlan. Segundos mais tarde, comprovei que tinha razão quando um homem abriu a porta e entrou em minha cela.

Deixei de lutar com os lençóis, sem poder deixar de olhar fixamente. De pé na porta da minha cela, estava provavelmente o garoto mais bonito que eu jamais tinha visto. Era alto – embora provavelmente parecesse um anão ao lado de Lachlan – e magro, com um cabelo muito longo que caía sobre seus ombros como uma capa.

Estava muito escuro na luz do fogo flamejante para dizer de que cor eram seus olhos, exceto que eram muito claros – e tinha a distinta inclinação ascendente dos Fae.

Ele provavelmente seria muito perfeito para ser verdadeiramente bonito se não fosse pela leve irregularidade de seu nariz, que parecia como se já tivesse sido quebrado pelo menos uma vez.

Parecia mais jovem do que a maioria dos Fae que eu havia visto, embora fosse mais velho do que eu. Pergunto-me se ele tinha cara de criança, ou se na realidade era um adolescente Fae. Supus que haveria tal coisa, apesar de os adultos Fae chegarem a ser realmente eternos.

Ele mostrou um sorriso torto, e me dei conta de que o olhava como se eu tivesse doze anos e me encontrasse com os Jonas Brothers. Mentalmente me sacudi pela nuca e consegui tirar os lençóis do caminho. Meus pés descalços não gostavam muito do chão de pedra fria, mas não ia tirar meus olhos do Fae tempo suficiente para colocar meus sapatos e meias.

— Quem é você? — perguntei-lhe enquanto ele continuava ali sorrindo.

— Meu nome é Ethan e estou aqui para te resgatar.

Muito bem. Talvez estivesse sonhando, afinal. A névoa em minha cabeça se espessava enquanto tentava averiguar qual das milhares de perguntas eu deveria fazer primeiro.

Ethan continua sorrindo. Suponho que estava desfrutando muito do meu inteligente diálogo. — A menos, que seu alojamento atual seja de seu agrado e queira ficar.

— Só agarre-a e vamos. — disse a voz aguda de uma garota do outro cômodo.

Não conseguia vê-la com Ethan bloqueando a porta. Perguntava-me onde estava Lachlan.

Ethan lançou um olhar irritado por cima de seu ombro. — Estou tentando mostrar um pouco de cortesia. — disse. — Você já ouviu falar em cortesia, né?

A garota disse um par de palavrões que não vou repetir, e senti uma onda de decepção. Apesar do intercâmbio menos-que-amigável, havia uma familiaridade em seu diálogo que sugeria que eram bastante íntimos. Logo revirei os olhos para mim mesma. Por que diabos isso me importava?

Ethan voltou sua atenção para mim. — Na verdade, deveríamos ir. Não temos muito tempo.

Consegui tirar meus olhos dele para por minhas meias, pensando furiosamente todo o tempo. Existe alguma razão para que eu devesse ir com esse garoto? (Além de que seja lindo, quero dizer.) Não tinha idéia de quem era e por que queria me resgatar – se realmente estava tentando me resgatar – e tia Grace tinha me advertido que eu estava em grande perigo. É claro, confiava em tia Grace até onde eu pudesse lançar o Lachlan.

Mordi o lábio, parando de amarrar os cadarços de meus sapatos. Tinha dito a mim mesma antes que se quisesse escapar, ia precisar de um cúmplice. Se o destino tivesse finalmente se apiedado de mim e mandado exatamente o que eu precisava? Ou eram Ethan e sua amiguinha os verdadeiros caras maus? Só por que era bonito não significava que não estava podre até a medula. Por outra parte, se fossem os caras maus, eu não ia ter muitas opções no assunto. Havia dois deles, e só uma de mim.

Talvez devesse tentar gritar?

Ethan deu um passo mais perto. — Você irá querer vir conosco silenciosamente. — disse, e havia um toque de advertência em sua voz. — Se tivesse mais tempo, poderia te persuadir gentilmente a que confiasse em nós, mas isso terá que esperar até que saíamos daqui.

Fulminei-o com o olhar. De alguma maneira, já não parecia tão ardente. Saltei quando a garota entrou no quarto e empurrou Ethan para um lado. Também era Fae, e parecia inclusive mais jovem que Ethan, talvez com minha idade. Se tivesse essa protuberância distinta no nariz, ela seria a versão feminina de Ethan, com o mesmo cabelo loiro e longo, complexão delgada, e olhos claros.

— Ei! — Ethan protestou quando tropeçou, mas a garota não se importou, murmurando algo em voz baixa à medida que se aproximava de mim.

Decidi que depois de tudo agora seria um bom momento para gritar, mas quando abri minha boca, não saiu nada. Ou eu acabava de cair no caso mais repentino de laringite do mundo, ou a garota acabara de lançar um feitiço sobre mim. Decidi colocar ela e Ethan firmemente na coluna de “garotos maus”. Tentei esquivá-la para passar por ela, mas agarrou

meu braço. Ela era esbelta como uma supermodelo, mas certamente não era fraca. Minha força fez com que o camafeu se deslizasse para baixo da minha camisa. Estava quente novamente, e eu teria afastado da minha pele se não tivesse coisas mais importantes para fazer, como desfazer-me do agarre da garota Fae.

Seus dedos se cravaram no meu braço segurando com força, e me levou até a porta.

Ethan se manteve fora de seu caminho, mas ele continuava me dando um sorriso arrogante como se achasse tudo isso muito divertido. Ele fez uma elaborada e brincalhona reverência.

— Dana Stuart — disse formalmente. — Eu gostaria de apresentar-lhe minha irmã, Kimber. Também conhecida como Cadela do Inferno. — Ele riu enquanto dizia, de modo que soou meio carinhoso, mas Kimber lhe mostrou o dedo com a mão que estava livre.

O gesto me parecia incorreto. Muito pouco característico dos Fae. Onde estava a reserva gelada que minha mãe tinha me falado?

Tentei cravar meus calcanhares, mas Kimber era mais forte do que parecia, e não pude lutar melhor contra ela do que poderia ter lutado contra Lachlan. Era tudo que podia fazer para manter meus pés debaixo de mim enquanto ela me arrastava pelo umbral do quarto de guarda, com Ethan perto de meus calcanhares.

Ainda não tinha voz, mas um silencioso grito de assombro me escapou quando vi Lachlan. Estava estendido no chão. Uma mancha brilhante de sangue salpicando o chão perto de sua cabeça. Kimber ignorou minha comoção, arrastando-me para a saída.

— Ele vai ficar bem. — assegurou-me Ethan. — Precisaria de um exército inteiro para lhe fazer algum dano duradouro.

Como para provar o ponto de Ethan, Lachlan se queixou suavemente. Os olhos de Ethan se arregalam, e empurrou minhas costas enquanto Kimber continuava me arrastando pelo meu braço.

— Será melhor que nos coloquemos em movimento. — disse. — Duvido que Lachlan esteja feliz comigo quando desperte.

Eu era meio empurrada e meio arrastada pelas escadas e na rua. Minha voz ainda não estava funcionando, e embora me esforçasse tanto quanto podia, não havia forma de

escapar, e a rua estava deserta. Uma carroça de cavalos fechada esperava na calçada.

Kimber levantou a lona com uma mão, revelando a carroceria coberta com palha.

Logo mudou seu agarre para minha cintura, e ignorando meus braços se agitando, me levantou e me jogou na palha.

Ela começava a subir depois de mim, mas Ethan a parou com uma mão em seu braço. — Você dirige. — disse. — Vou fazer companhia para nossa passageira. — Ele moveu suas sobrancelhas, e Kimber revirou seus olhos. No entanto, não discutiu.

Meu coração galopava e estava tão assustada que estava tremendo. Eu não queria estar só e desamparada na parte de trás de uma carroceria com um homem que era o suficientemente forte para deixar Lachlan inconsciente.

Especialmente não quando ele tinha feito esse pequeno movimento de sobrancelhas. Temia saber exatamente o que ele pensava em fazer comigo enquanto sua irmã dirigia a carroça.

Ethan subiu na carroça e deixou a lona cair novamente sobre a parte traseira, bloqueando toda a luz. Oh, Deus, agora estava só com ele na escuridão. Arrastei-me tão longe dele como podia, até que minhas costas se chocaram contra algo sólido.

Então comecei a procurar através da palha com minha mão, esperando contra toda a possibilidade encontrar uma arma.

— Não tem por que ter medo. — disse Ethan, e para meu grande alívio sua voz chegava da parte de trás da carroça. — Somos relativamente inofensivos, Kimber e eu.

— Diga isso a Lachlan. — encontrei-me dizendo, surpresa por quão calma eu estava. Então, percebi que isso significava que minha voz tinha voltado, e antes que Ethan pudesse me silenciar novamente, gritei tão forte e prolongadamente quanto é possível.

No fim, tive que parar ou ia desmaiar.

— Isso é um impressionante conjunto de pulmões. — disse Ethan, sem soar nenhum pouco irritado com minha tentativa de pedir ajuda. — Meus ouvidos não se recuperarão jamais. — Pude ouvir a risada em sua voz, e isso tirou um pouco do meu medo. Isso soava mais como brincadeiras do que como um seqüestrador sendo ameaçador. Ainda não estava convencida que fosse “inofensivo”, e não estava exatamente me sentindo alegre, mas não soava como se estivesse a ponto de me atacar.

— A carroça está enfeitada para ser à prova de som. — continuou. — Peguei

emprestada de um amigo meu que jura que é muito mais cômoda do que o assento traseiro de um carro, se sabe o que quero dizer.

Eca. Sim, eu sabia o que ele queria dizer. E esperava que a palha tivesse sido mudada desde a última vez que o amigo de Ethan teve sorte.

Meus ombros caíram com derrota, e de repente me senti absurdamente cansada novamente. As lágrimas encheram meus olhos. Não confiava em tia Grace, mas pelo menos, tinha esperado que estivesse me dizendo à verdade e que trouxesse meu pai quando ele saísse da prisão. Não tinha nem idéia do que Ethan e Kimber queriam comigo. Tentei respirar lenta e profundamente para me acalmar.

— Como ia dizendo, não tem por que ter medo. — disse Ethan, como se minha pequena festa de gritos nunca tivesse acontecido. — Eu nunca teria ganhado de Lachlan em uma luta justa. Cheguei nele por trás e o golpeei antes inclusive que soubesse que eu estava lá. Pelo que estou certo que algum dia me recompensará.

— Quem são vocês, e para onde estão me levando?

— Vamos te levar para algum lugar onde você estará a salvo de Grace Stuart.

Soltei um bufo. — Sim, e ela estava me mantendo presa para me manter a salvo das hordas de inimigos que estão querendo meu sangue. Não acreditei nela, e tampouco acredito em você. — cruzei meus braços sobre meu peito, embora Ethan não fosse capaz de ver o gesto desafiador nesta escuridão. Ou talvez pudesse - pelo que eu sabia, os Fae podiam ver na escuridão.

— Não posso te culpar por isso. Peço desculpas por nossos métodos, mas se tivéssemos levado tempo para explicar tudo, Lachlan haveria acordado muito antes que escapássemos.

Percebi que ele tinha ignorado completamente a parte do “quem são vocês” de minha pergunta. Decidi tentar um caminho diferente. — Façamos de conta que acredito em você. Por que está, me “ajudando”? Como sabe quem sou? Como soube onde me encontrar?

— Uma pergunta de cada vez! — disse Ethan, e outra vez soava como se estivesse zombando de mim.

Apertei os dentes, desejando que não estivesse tão escuro para poder ver se meu olhar estava tendo algum efeito sobre ele. Toda esta coisa de seqüestro poderia parecer uma grande brincadeira para ele, mas depois de tudo que tinha me acontecido desde que meu

avião aterrisou, não tinha muito humor para piadas. Esfreguei meus olhos cansados. Não podia concentrar-me em meus pensamentos tempo suficiente como para escolher que pergunta fazer. Por sorte, Ethan teve pena e escolheu uma ele mesmo.

— Seu pai e sua tia, ambos esperam ser nomeados como Cônsul quando o período do Cônsul atual tiver terminado. Qualquer um que a tenha sobre seu poder tem muito mais chances de ser nomeado.

— O que? — exclamei. — Por quê?

— Isso, eu vou ter que explicar um pouco mais tarde. Mas vou explicar, prometo. De qualquer forma, em resposta a sua pergunta de por que Kimber e eu estamos te ajudando, preferimos não ver Grace Stuart como Cônsul. Ela é uma das principais concorrentes, e tê-la sob seu controle poderia consolidar sua vitória. Já passou muito tempo para que Avalon entre no século vinte e um, e ela é tão tradicionalista como os que estão terminando. Seu pai também não é progressista, mas é melhor que Grace. Não sei o que te disse para explicar por que te prendeu, mas há uma boa possibilidade de que você nunca a tivesse escutado novamente se não tivéssemos tirado você de lá.

— Está dizendo que ela tinha a intenção de me matar? — gritei.

Poderia não ter gostado nem confiado em tia Grace, mas a ideia de que pudesse me matar nunca tinha entrado em minha mente. Pareceu-me tão despropositada como ridícula. Mas então, também aconteceu com um monte de coisas que haviam ocorrido comigo até agora.

— Provavelmente não lhe mataria, — admitiu. — A menos, que fosse a única maneira de te manter longe de seu pai.

A carroça parou, e Ethan usou isso como uma desculpa para não dar mais detalhes.

— Vou responder tantas perguntas quanto deseja, assim que lhe coloquemos a salvo — disse. — Mas até então, preciso que fique tranqüila.

Ele murmurou algo entre dentes. Soube sem necessidade de provar que minha voz tinha acabado de pegar outras férias.

Claro que eu estava agradecida que não tivesse espelhos ao redor quando saí da carroça. Além disso, o fato de que minha roupa estivesse toda enrugada por causa da sesta e que meu cabelo precisava urgentemente de uma escova, também estava coberta de pequenos troços e pedaços de palha. Embora Ethan estivesse sentado na mesma carroceria que eu, deve ter usado algum tipo de repelente contra palha, já que parecia tão perfeito como quando subiu. Ele decidiu se esticar e tirar um pedaço de palha do meu cabelo. Quando o fulminei com o olhar, ele só piscou um olho e se esticou para tirar outro. Eu golpeio sua mão para afastá-la, mas então não pude evitar passar minha mão pelo meu cabelo, tentando alisá-lo e eliminar o resto da palha.

Olhei ao meu redor e descobri que me encontrava em um pátio de cerâmica, rodeado por casas decoradas com ladrilho. As casas pareciam muito menos exóticas do que a maioria dos edifícios que eu tinha visto em Avalon até agora, embora o pátio de pedra acrescentasse algo à atmosfera.

Uma figura vestida de preto se despreendeu de um grupo de sombras e se aproximou. Não podia vê-lo claramente, já que não estava olhando em minha direção, mas qualquer breve esperança de que ele pudesse me ajudar morreu quando Kimber lhe entregou as rédeas do cavalo em silêncio. Supus que este era o dono da carroça, o amigo quente de Ethan e estava realmente agradecida quando só deu um pequeno assentimento para Ethan, e logo levou o cavalo e a carroça.

— Um alojamento para estudantes — Explicou-me Ethan, indicando os edifícios ao nosso redor, com um gesto de sua mão. — A universidade se encontra no final do caminho. Esse é meu andar. — Ele disse, apontando para uma janela no segundo andar. — E esse é o de Kimber — disse, apontando para uma janela justo na frente da dele. Olhei novamente para Kimber, mas ela ainda não parecia o suficientemente velha para ter seu próprio “andar”. Embora, é claro, por tudo que sabia dela, ela bem que poderia ser algum tipo de estranho Fae que detinha seu envelhecimento

aos dezesseis anos e era, na realidade, mais velha do que minha mãe. Então, Ethan sorriu novamente. Se os Fae tem rugas de riso, ele ficaria cheio de rugas antes que completasse

trinta. — Mas ali não é para onde vamos.

Kimber tinha se aproximado por trás de mim enquanto ele falava. Ela não me tocou, mas sabia que estava pronta para me agarrar se lhe desse uma desculpa para fazer isso. Ethan dobrou as largas mangas de sua camisa e ajustou sua postura como se estivesse a ponto de levantar algo pesado. Só que ali não havia nada para levantar.

Por trás de mim, Kimber solta uma bufada. — Deixa de alardear e faz de uma vez.

Fazer o quê? Perguntei-me.

Ethan respirou fundo e logo levantou suas mãos na frente dele na altura de seu peito, com as palmas para baixo. Algo produziu um som rouco, como uma rocha deslizando-se sobre outra. Ethan respirou fundo novamente, continuamente, e lentamente, levantando suas mãos uns poucos centímetros.

Minha mandíbula caiu aberta quando um conjunto de cerâmica se elevou do chão do pátio. Ethan moveu suas mãos para um lado, e as cerâmicas se moveram com ele, revelando uma escadaria que desaparecia em um poço escuro. Ele baixou a cerâmica e logo deixou sair seu fôlego com um longo zumbido. Estava suando e sem fôlego, mas sorriu.

— Estou melhorando nisto. — disse ele, falando com Kimber.

— Estou tão impressionada que quase não posso suportar. — ela respondeu.

Ethan ficou desinflado pelo seu tom, mas ainda assim, disparou de volta. — Eu gostaria de ver você fazendo isso.

Pelo silêncio de Kimber, deduzi que não poderia. Ethan sorriu, e então se deixou cair na escadaria e começou a descer na escuridão. Estremeci e tentei me afastar do poço, mas é claro, Kimber estava ali, me empurrando para a escadaria.

Minha voz ainda estava inútil, então nem sequer pude protestar.

— Você decide entre utilizar ou não a escadaria para descer. — disse Kimber e outro tremor me sacudiu. Não tinha dúvidas de que ela me empurraria à força pela escadaria.

Minhas mãos tremeram enquanto deslizava minhas pernas pelas margens e firmava meus pés nos degraus. Normalmente, não temia a escuridão e nunca tinha sofrido de claustrofobia, mas a idéia de descer até uma escuridão desconhecida me deixava perto do pânico. A única coisa que queria menos que descer a escada, era

descer pela escada com a ajuda de Kimber, assim me concentrei em um passo de cada vez, esperando que minhas mãos agora suadas não perdessem seu agarre no corrimão de metal.

Debaixo de mim, escutei o eco do murmúrio da voz de Ethan e uma tocha voltou à vida. Olhei para baixo para encontrar-lhe de pé na boca de um túnel a uns três metros mais abaixo. Fez sinais para que eu continuasse me movendo, e eu com dificuldade, consegui me descongelar para dar outro passo.

— Não se preocupe — disse. — Pegarei você, se cair.

Por alguma razão, isso não era tão reconfortante quanto ele queria dar a entender. Segui descendo, de qualquer forma, ansiosa de sentir o sólido piso debaixo dos meus pés. Não havia chegado até o fundo quando Ethan se esticou para me alcançar e pôs suas mãos na minha cintura, segurando-me. Surpresa, eu gritei e caí nos últimos degraus, aterrissando mais próxima dele do que esperava. Percebi que o grito significava que minha voz tinha voltado, e me ocorreu que agora seria um bom momento para tentar dar outro grito. Ethan sorriu para mim. Suas mãos ainda estavam em minha cintura e, por um momento, fiquei surpresa e sem fala por seu toque.

Quando me recuperei, as cerâmicas já haviam se transladado para seu lugar e bloqueavam a abertura de cima.

Kimber saltou quando estava a menos da metade do chão, caindo em silêncio e com graciosidade ao meu lado. Ethan se afastou, agarrando a tocha da parede.

— Por aqui. — ele disse, se dirigindo para o túnel.

Estava frio aqui sob a terra e tive que apertar os dentes para evitar que tilintassem. A boca do túnel estava revestida com cimento, mas depois de alguns metros, os muros, o chão, e o teto eram sólidos como rochas. Percebi que, na realidade, estávamos dentro de uma montanha.

Outros túneis se ramificavam do principal, desaparecendo na escuridão, mas Ethan seguiu em linha reta. Definitivamente poderia ter um grande ataque de claustrofobia se pensasse na quantidade de peso que fazia pressão no teto deste túnel.

Obriguei-me a não pensar nisso, mas não era fácil.

Com um tempo, Ethan nos conduziu por um dos túneis laterais, e estávamos a uns poucos

metros quando ouvi um eco de vozes distantes. Nem Ethan, nem Kimber pareceram se alarmar pelo som e embora fosse difícil dizer no túnel de onde vinha, estava quase certa que estávamos nos movendo na direção das vozes. Quando vi o resplendor dourado-alaranjado da luz do fogo à distância, percebi que tinha razão.

Finalmente, chegamos a um arco, reforçado com enormes vigas de madeira.

Segui Ethan através deste arco e parei, boquiaberta com a visão que chegava até meus olhos.

Os túneis pelos quais estivemos viajando foram claramente feitos por homens, mas agora estávamos no que tinha que ser uma caverna natural. As estalactites⁴ sobressaíam do teto como se fossem dentes de dragões, e as cadeiras e os sofás nas cavernas, que estavam espalhadas ao redor do chão eram rodeados por estalagmites⁵.

Ao longo da parede da caverna, um lago subterrâneo, claro e surpreendentemente profundo fluía.

A única luz vinha das luzes das tochas nas paredes e ao lado das maiores estalagmites, mas isso era suficiente iluminação para toda a caverna. Havia cerca de uma dúzia de pessoas na caverna, sentadas em um pequeno grupo de cadeiras e sofás.

Todos eles pararam de falar quando Ethan, Kimber e eu entramos e senti cada par de olhos fitando-me fixamente. Nunca havia gostado muito de ser o centro das atenções e eu gostava muito menos agora, quando estava toda bagunçada, enrugada e parada ao lado de alguém tão atraente quanto Ethan. Disse-me que não estava intimidante e devolvi o olhar.

Diria que quase a metade das pessoas nessa habitação eram Fae e a outra metade certamente pareciam humanos. Alguns deles seguravam alguns desses copos baratos de plástico que eu associava com as festas de barris de cerveja. (Não estou dizendo que alguma vez eu estive em uma. Eu não me relacionava com as pessoas que iam para essas festas. Na realidade, não me relacionava com nenhum tipo de pessoas, mas esse não era o ponto.)

Tardamente, vi o grande barril de metal que estava no centro da caverna. Ethan tinha dito que os apartamentos que tínhamos visto antes de descermos eram habitados por estudantes. Olhando com curiosidade, estimei que houvesse talvez um ou dois que estivessem na idade legal para beber. Pelo menos, nos Estados Unidos. Não tinha nem idéia de qual era a idade permitida para beber em Avalon.

Dei a Ethan o que esperava que fosse um olhar imperioso. — Passou por todo este

problema só para me trazer a uma festa do barril?

Seu lábio se mexeu levemente até se converter em um sorriso. — Não exatamente. Bem vinda ao mais literal Centro Subterrâneo de Estudantes do planeta.

— As pessoas perto de nós riam de seu estúpido jogo de palavras. — Te apresentarei logo, mas primeiro te devo algumas explicações.

Logo, nossa grandiosa entrada aparentemente perdeu seu valor de entretenimento e todos voltaram a falar entre eles ou a beber estupidamente. Kimber passou quase me roçando e se uniu a um par de garotos, obviamente Faes, em um dos

sofás. Ela parecia quase que completamente diferente uma vez que se deixava cair entre eles, sua cara de rainha gelada se descongelou em um amigável sorriso, a rígida postura se relaxou em uma que quase parecia humana. Um dos garotos lançou um braço ao redor de seus ombros e ela não parecia ter objeções.

— Na realidade, não é tão má. — Ethan se inclinou e sussurrou. — Eu só acabo de tirar o pior dela.

Imagino que um diplomático silêncio fosse a melhor opção. Os olhos de Ethan brilharam como se soubesse que não esteve perto de me convencer. Havia suficiente luz agora para ver esses olhos que eram de uma impactante cor azul, quase verde azulado. Não eram olhos de um ser humano, apesar do fato de que ele não agisse como o estereótipo Fae. (Kimber, por outro lado...)

Os outros humanos na caverna tinham se vestido para a fria temperatura aqui embaixo, mas minha camiseta de manga curta me deixava tremendo. O frio parecia não incomodar os Fae. Ethan me guiou até um assento desocupado de dois lugares.

Havia um tecido drapeado diáfano sobre o espaldar. Ethan me entregou e eu agradecida envolvi-o ao redor dos meus ombros. Então, fez um gesto para que eu me sentasse ao seu lado. Era o suficientemente perto para que me sentisse cômoda, mas me senti de qualquer forma aferrando-me à quentura do tecido diáfano.

Ethan apoiou o cotovelo no respaldo do sofá, virando-se para me olhar. Pela primeira vez, ele não estava sorrindo ou parecendo divertido.

— Quanto sabe sobre a política de Avalon? — perguntou.

— Umm... Nada. — Fiz uma careta, odiando mostrar minha ignorância. Havia estado

pensando em viver aqui. Seguramente deveria ter lido mais do que a localização dos melhores restaurantes e das lojas de roupas.

O sorriso estava de volta. “Não se sinta mal por isso. Poucas pessoas que não vivem em Avalon ou ao menos passam muito tempo aqui conhecem sobre nossa cultura. E o que eles acham que conhecem, normalmente, está errado. Já sabe que no passado, os humanos e os Fae lutaram cruelmente por Avalon?”

Assenti. Avalon era o mais lutado e cobiçado pedaço de terra do mundo, superando inclusive Jerusalém. Mas houve paz em Avalon por mais de cem anos, desde que foi declarada sua independência tanto da Grã Bretanha como de Farie. Era agora um Estado Soberano, embora fosse rodeado pela Inglaterra. Algo parecido como a cidade do Vaticano.

— Avalon é governado pelo que chamamos de Consulado — Ethan continuou — Há uma dúzia de membros do Consulado: seis humanos e seis Fae. Os humanos são escolhidos democraticamente, mas os Fae não são. — Ele continuou antes que eu tivesse a oportunidade de perguntar-lhe o que isso significava. — Há um décimo terceiro

membro no Consulado, que é quem tem o poder de quebrar qualquer empate quando o conselho vota. Esse membro é o Cônsul e ele ou ela é nomeado pelo Consulado.

— A cada dez anos, o Consulado tem que mudar de mãos entre os Fae e os humanos, de forma que nenhuma raça possa ter maioria de pessoas por muito tempo.

O Consul humano deve ser substituído por um Fae em pouco mais de um ano. — Sua expressão se torna sarcástica. — Escolheu talvez o pior momento para fazer uma visita ao seu pai, enquanto os candidatos estão agora saindo de seu período de inatividade para fazer coisas desagradáveis.

— De acordo, é totalmente fascinante esta aula de educação cívica Mas o que quero saber é o que tenho a ver com tudo isso? — digo.

— Talvez nada. — ele disse e acho que o olhei como uma imbecil, com a boca aberta novamente. — Teremos que esperar até que o sol nasça para saber a verdade.

Não posso explicar essa parte ainda. Há uma, er, prova que te daremos quando houver luz do dia. Isso nos dirá se você cumprirá um papel importante, na verdade, ou só nos sonhos mais ambiciosos de sua família.

Gaguejei, tentando fazer algum tipo de pergunta inteligente enquanto minha mente tremia

pela confusão.

— Sei que estou sendo pouco conciso — Ethan disse. — Mas não quero te influenciar e invalidar a prova de amanhã.

— Que tipo de prova? — Finalmente consegui perguntar, minha voz soava como se estivesse sendo estrangulada.

Ele tocou meu braço para me tranquilizar. — Não é nada para se assustar, te asseguro.

Eu decido isso! — E depois que eu fizer a prova, ficarei livre para ir?

Ele franziu o cenho, a expressão era quase como uma careta. — Você é livre para ir agora, se é isso o que verdadeiramente quer. Tem algum lugar seguro para onde ir?

Pela forma em que ele perguntou, supus que ele já sabia que eu não tinha nenhum lugar para ir. — Sabe se meu pai realmente está na prisão? — Perguntei ao invés de responder sua pergunta anterior.

Ethan assentiu. — Quando alguém de sua categoria é preso, é uma grande notícia. Pelo que ouvi, no entanto, isso é um pouco mais que uma formalidade, seus inimigos estão fazendo o maior esforço para frear as rodas da justiça.

Traguei saliva com dificuldade. Se meu pai não saísse da prisão o mais rápido possível, eu estaria seriamente fodida. Quero dizer, mais fodida do que eu já estava.

Ethan se aproximou e pegou minha mão, acariciando a parte de trás com seu polegar. O contato enviou uma pequena eletricidade por mim. — Não se preocupe — ele disse. — Ficaré segura comigo e com Kimber.

Arqueei uma sobrancelha com ceticismo, no entanto, meu coração estava batendo rapidamente ao sentir sua mão na minha. Não, isso não era grande coisa, mas era novo para mim. Os encontros eram parte da vida cotidiana para a maioria das garotas da minha idade, mas entre meus deveres escolares e o trabalho doméstico quando minha mãe estava muito ébria para se incomodar, eu não tinha exatamente muito tempo livre. O primeiro e último encontro que aceitei ir tinha terminado quando minha mãe se embebedou e caiu pelas escadas. Tive que levá-la para a emergência quando deveria estar em meu encontro e fui muito covarde para remarcá-lo.

— Você parece esgotada — Ethan disse, suavemente. — Você gostaria de se deitar e descansar um pouco? Kimber e eu somos co-líderes do Subterrâneo, então devemos

permanecer até que a festa termine. Ou eu poderia te trazer uma cerveja e você poderia se unir à nós, se quiser.

A “festa” parecia consistir em pessoas bebendo sentadas e conversando. Não eram exatamente toneladas de emoção quando meu corpo seguia querendo se arrastar para um sono profundo. — Acho que talvez feche meus olhos por um minuto. — disse, lutando contra um bocejo.

Ethan soltou minha mão e se deslizou do assento até o chão, deixando espaço para mim, quando me deitei, notei que o lugar onde ele esteve sentado estava deliciosamente quente. Acomodei-me nessa quentura, dolorosamente consciente de que Ethan estava sentado o suficientemente perto para tocá-lo. Seu cabelo era tão radiante que parecia resplandecer na luz das tochas. Encontrei-me totalmente fascinada, hipnotizada pelos jogos de luzes enquanto o sono avançava lentamente e se apoderava de mim.

Até o momento, cada vez que eu havia despertado em Avalon, algo seriamente saía errado. Desta vez, não era uma exceção.

Um grito assustador me trouxe acordada como um defunto para um estado de pânico completamente desperto em apenas um segundo. Outro par de vozes se uniu a mim, os gritos batendo e resvalando contra a pedra do teto e da parede. Algumas das tochas tinham se apagado, deixando partes da caverna oculta pela escuridão.

Ethan saltou, ficando de pé na minha frente e, para minha comoção, uma longa e afiada navalha apareceu em sua mão. — Para mim! — gritou o suficiente forte para ser escutado sob os sons de terror, e em pouco tempo um punhado de estudantes apareceram vindos do espaço entre as estalagmites até ele.

Dois garotos humanos estavam segurando um terceiro, cuja camiseta estava despedaçada, seu peito sangrando pelo que parecia serem marcas de garras. Por trás deles, Kimber e o garoto Fae com quem ela tinha estado tão amistosa, estavam retrocedendo até nós ao invés de começarem a correr, cada um deles ameaçando a circundante escuridão com navalhas que pareciam como a de Ethan.

Agarrei com força a manta sob meu queixo, totalmente desconcertada por não saber o que era que estava acontecendo, só sabendo que era algo ruim. Realmente ruim, julgando pelos grandes olhos aterrorizados nos rostos dos garotos humanos.

— Não se mova! — ordenou-me Ethan sem se virar para me olhar, e deu um passo a frente para colocar-se entre nós, os humanos e... O que fosse que estivesse ali.

Notando que o garoto ferido estava a ponto de ter um colapso, saltei fora do sofá do amor. Seus amigos me deram uns assentimentos de agradecimento enquanto o recostavam. As feridas em seu peito pareciam mal, e havia suficiente sangue para fazer-me sentir enjoada. Tinha a sensação de que eu tinha dado um passo para o interior de um

pesadelo. Isto não podia estar acontecendo. Minha vida estava em condições extremas, mas não estava em perigo. Tinha que existir uma explicação razoável para os gritos, o sangue

e as armas.

A sensação de irrealidade me impedia de me sentir tão assustada como deveria estar. Um dos garotos arrancou sua camisa, passando por cima de sua cabeça e a amarrou sobre a ferida, fazendo pressão. O garoto ferido gemeu em agonia.

Para minha consternação, o garoto sacou uma arma, embora a apontou para o chão enquanto seus olhos se moviam rapidamente, buscando um objetivo.

Que tipos de estudantes eram esses?

Deixei de me preocupar pela arma quando um horrível som chiou, como de unhas sobre um quadro, só que dez vezes pior, rompeu no ar. Com todo o eco que havia, não podia dizer de que direção vinha, mas os três Fae pareciam ter uma idéia a respeito. Pararam lado a lado, navalhas preparadas quando enfrentaram uma particular escura piscina de sombra.

Então, a sombra se moveu, dando um passo para o resplendor de uma das tochas. Tapei a boca com uma mão para não me permitir gritar, por que fosse o que fosse, não era humano. Nem sequer se aproximava de ser.

Parecia como se fosse feito de paus e palhas, com uma forma vagamente humana e imensos olhos negros. Os paus que formavam seus dedos eram afiados nas pontas, e vários deles brilhavam com sangue. Meu estômago quase se revolveu quando notou outra fibrosa extremidade, esta sobressaía da entre perna da criatura.

Também havia sangue nela.

Abriu sua boca, e outro desses horríveis sons fez com que eu cobrisse meus ouvidos. Outras duas criaturas exatamente como esta, emergiram por trás das estalagmites.

Os Fae colocaram algum espaço entre eles, cada um enfrentando uma das criaturas. O garoto humano tentava alinhar um tiro, mas os Fae estavam no meio.

— As balas podem feri-los? — perguntei de repente.

Ethan, avançando de forma lenta e cuidadosa até a criatura que tinha como objetivo, gritou um rápido *não* sobre o seu ombro.

— Merda! — disse o garoto humano, e eu não podia estar mais de acordo com ele. Afastou a arma, e logo, cavalheirescamente, me empurrou para trás dele.

As criaturas voltaram a chiar, então todas as três começaram em uníssono.

Traguei meu próprio grito.

— Jason! — uma voz por trás de mim gritou aterrorizada.

O garoto da arma – Jason, aparentemente – se virou, e eu fiz o mesmo. Outras das criaturas tinham se aproximado sigilosamente por trás e estavam pousadas sobre o

respaldar do sofá. Esses olhos eram tão inexpressivos como manchas de tinta, e, no entanto, senti seu olhar quase como um contato físico quando ficou olhando para mim.

O garoto que estava recostado no sofá se congelou aterrorizado, e se a criatura tivesse desejado, ele teria passado a ser história. Mas ela só tinha olhos para mim. Voltou a chiar, então saltou do respaldar do sofá em minha direção.

De forma instintiva, me esquivei e me atirei para um lado, passando por debaixo do salto da criatura. Infelizmente, Jason estava justamente atrás de mim, assim que quando a esquivei, a criatura golpeou contra seu peito. Ele caiu duro contra o chão.

Então, gritei. Não consegui evitar.

O amigo de Jason se lançou para frente e agarrou a criatura, afastando-a dele. Já havia um conjunto de garras marcadas no rosto de Jason. A criatura girou para o amigo de Jason, o braço de pau se destacando em um confuso golpe que o enviou longe dele. A criatura ficou triunfante e parecia maior enquanto eu a observava.

Fixando sua atenção em Jason, começou a caminhar. Fiquei em pé, procurando freneticamente algo com que pudesse ajudar.

O que fiz depois foi por puro instinto. Estava desarmada, inclusive se tivesse uma dessas navalhas que os Fae tinham, seria mais provável que terminasse me ferindo do que a essas criaturas. Mas não podia ficar só aqui parada sem fazer nada útil, esperando que um cara forte viesse e salvasse o dia, não quando a criatura estava avançando para um Jason ferido e inconsciente.

Estava mais assustada do que havia estado alguma vez em minha vida. Agarrei a manta que continuava amarrada sobre meus ombros e a joguei como se fosse um lençol que estivesse tentando estender sobre uma cama na minha frente. Caiu justo encima da cabeça da criatura, o soltei.

Minha esperança era que ao bloquear a visão da criatura, esta ficasse só um pouco mais lenta, mas meu plano funcionou melhor do que eu esperava. A criatura tentou tirar a manta,

mas os fios ficavam enredados entre os pequenos ramos que sobressaíam de seu corpo. Gritando com indignação, a criatura começou a destruir a manta com suas garras.

A distração deu a Ethan o tempo necessário para vir correndo. Sua navalha faiscando uma e outra vez enquanto se enterrava na manta e dentro da criatura debaixo dela. Uma coisa repugnante jorrava na lâmina, e os gritos da criatura se converteram em sons de dor. Mas Ethan não parou de apunhalá-la até que cessaram os gritos e a criatura caiu no chão deixando de se mover. Pestanejei e de repente, a criatura tinha perdido sua forma, convertendo-se em nada mais do que uma pilha de paus, palhas e uma asquerosa lama escura.

A repentina ausência de gritos e chiados me fez sentir como se tivesse perdido a capacidade de escutar — exceto que podia ouvir frenéticos suspiros enquanto minha mente absorvia tudo que acabava de acontecer.

Ignorando-me no momento, Ethan se agachou para revisar Jason enquanto Kimber e seu amigo se ocupavam dos outros dois humanos. Os olhos de Jason estavam fechados, tremendo pela dor, e apertava o que parecia ser um pano contra seu rosto sangrento. Ethan havia rasgado sua camiseta e estava agora investigando com cuidado suas costas.

— Quebrada. — escutei-o murmurar em voz baixa quando Jason se estremeceu sob seu suave toque. — Vai ficar pior antes de melhorar. — advertiu-o, logo pôs ambas as mãos sobre o peito de Jason.

Vi o flash de temor nos olhos de Jason. Não o conhecia, não sabia sequer seu nome se o outro garoto não tivesse chamado, mas acho que por ter me ocupado com minha mãe por todos esses anos, me deu um instinto de enfermeira. Ajoelhei-me do outro lado de Jason e segurei sua mão. Ele a apertou em agradecimento.

Ethan estava murmurando outra vez, e senti os pequenos pêlos de meus braços arrepiarem-se em atenção. Obviamente Ethan estava fazendo algum tipo de magia, e embora isso não fosse anormal em Avalon, continuava sendo surrealista para mim.

Então Jason gritou, suas costas arqueavam-se enquanto sua mão quase quebrava a minha.

Só durou alguns segundos e então o corpo inteiro de Jason relaxou e ele soltou um imenso suspiro de alívio.

— O que eram essas coisas? — perguntei a Ethan enquanto ele começava a tremer em uma retardada reação.

Pude ver os músculos de sua mandíbula tencionando-se, quando bateu seus dentes. — Sprigganos. — ele disse, logo cuspiu como se a palavra tivesse um sabor ruim.

Isso não esclarecia muito as coisas para mim. — O que é um Spriggano?

Sentou-se sobre seus calcanhares e afastou o cabelo de seu rosto. — Criaturas do reino dos Fae. Criaturas que não têm permissão de pôr um pé em Avalon.

— Criaturas Unseelie. — disse Jason, e vi que depois de tudo não tinha desmaiado. Também estava olhando Ethan de uma maneira estranha.

Já havíamos estabelecido que eu era, provavelmente, ignorante de como funcionavam as coisas de Avalon e o mundo dos Fae, mas eu sabia pelo menos um pouco sobre a Corte dos Seelie e dos Unseelie. Todo o mundo Fae estava dividido entre duas Cortes, as quais, às vezes, entravam em guerra, e outras vezes em uma inquietante paz. Os Fae Seelie eram os Fae “bons”, embora ao falar sobre Fae, o termo

“bom” era relativo. A Corte Unseelie era o lar de todos os caras maus – duendes e monstros, e coisas que te assustavam a noite. E, aparentemente, Sprigganos.

Ethan franziu o cenho na direção de Jason. — Eles não estavam relacionados comigo, então deixa de me olhar dessa maneira. — ajudei a Jason se sentar.

— Lamento — diz Jason, afastando o olhar de Ethan.

Ethan bate em seu ombro. — Nenhum dano foi feito, e não pode se culpar depois do que acabou de acontecer. São criaturas como os Sprigganos que dão à Corte Unseelie uma péssima reputação.

Tomei um momento para dar sentido a este intercâmbio de palavras, mas quando o fiz, meus olhos se arregalaram, no que estava certa que pareciam proporções cômicas.

— Você é um Unseelie? — era de alguma maneira algo entre uma pergunta e um grito de terror.

— Sou. — Ethan confirma. — Tal como são aproximadamente a metade dos Fae que vivem em Avalon. E não, não somos todos maus, assim como os humanos não são todos bons.

Jason só parecia meio convencido. Mas então, ele seguia em evidente agonia.

Franzi o cenho para Ethan, não tão certa de como pegar esse pequeno pedaço de

informação. Havia parecido como em casa nessa mesma noite, brandindo sua navalha, apunhalando e tirando a vida dessas desagradáveis criaturas, e era difícil não se perguntar – outra vez – se era um dos caras bons ou um dos caras maus.

— Pensava que como Avalon tinha se separado do mundo Fae, os Fae daqui não estavam afiliados a nenhuma Corte. — disse. — Se supõe que só deveriam interferir no mundo Fae.

Ethan riu amargamente. — Isso é certo em teoria. A realidade é algo diferente.

Haverá notado que muitas das casas e os negócios em Avalon expõem rosas brancas ou vermelhas. As rosas brancas significam que a casa ou negócio é Seelie; as vermelhas que é Unseelie. — seus olhos se fixaram em meu peito. Olhei para baixo e percebi que o camafeu estava pendurado fora da minha camisa. O camafeu com a rosa branca nele.

Tinha o atencioso presente de meu pai alguma invisível atadura? Ele nunca mencionou que o fato de usar uma rosa branca declarava que eu era uma garota Seelie.

Parecia para mim que ele deveria ter me dito, e não podia evitar me perguntar por que razão não teria dito.

Ethan encontrou meus olhos, e suspeitei que ele soubesse o que eu estava pensando. — Nem Kimber, nem eu, usamos uma rosa vermelha. — ele diz. — Pelo que nos concerne, é algo passado de moda que desesperadamente precisa ser abandonado.

Jamais pus sequer um pé no mundo Fae, assim por que eu deveria declarar lealdade à Corte Unseelie?

Eu já não estava segura de como deveria me sentir a respeito de meu camafeu.

Não podia suportar tirá-lo – neste momento, era a única coisa que me vinculava ao meu pai. Mas o coloquei abaixo de minha camisa onde não se dava para ver.

Estremeci uma vez mais pelo frio da caverna. Não havia maneira de que eu usasse a manta novamente, assim somente meti as mãos debaixo de meus braços e mordi meus lábios. Preocupava-me que mais estudantes tivessem acabado feridos, mas pelo que parece eu tinha dormido algumas horas e a maioria deles tinham ido para casa antes do ataque. Kimber e o garoto humano, chamado Brent, estavam ilesos, assim pegaram um dos sofás e o arrastaram perto de onde o resto de nós estava junto, por nossa segurança, em um numeroso grupo. Jason deitou nele com gratidão, embora o movimento provocou-lhe uma careta de dor.

— Pensei que você estivesse curado. — disse, dando a Ethan um olhar confuso.

Sua expressão era sombria, e percebi os círculos escuros sob seus olhos.

Pareciam ter aparecido há muito pouco tempo, já que não acreditava que estavam ali antes do ataque.

— Eu curei as costelas. O tecido fraco ao redor delas ainda está, provavelmente, machucado como o inferno.

Deu uma palmada no ombro de seu amigo. — Sinto muito, amigo. Eu não sou muito bom, neste momento.

Jason me lança um olhar sardônico. — Ele é muito modesto.

— Isso é uma novidade. — murmurou Kim, mas ninguém esboçou um sorriso.

— Ethan é um prodígio mágico. — continuou Jason. — A maioria dos curandeiros tem que treinar durante anos para poder reparar ossos, e eles têm que treinar tão duro que mal conseguem manejar qualquer outra magia.

Kimber funga com desdém. — E se Ethan não tivesse perdido sua energia mostrando-a primeiro, poderia ter sido capaz de curar suas feridas na pele, também.

— Basta, Kimber! — Ethan espeta, levantando-se. — Como eu ia saber...

— Uh, garotos? — perguntei, tentativamente, em parte para atalhar o argumento, e em

parte por que estava muito preocupada. — Aham que há mais deles? Quero dizer, e se voltarem? — estremeci novamente, e desta vez não era pelo frio. Olhei os montões de porcaria que uma vez haviam sido monstros, e me perguntei se algo disto poderia ser real.

— Duvido. — disse Ethan, mas ele não parecia muito seguro. — Se tivessem mais deles, teriam vindo todos atacar juntos. — Deliberadamente dando as costas para Kimber, Ethan se virou para o último dos garotos humanos, o primeiro que havia se ferido.

A ferida parecia muito ruim quando a vi pela primeira vez, mas quando Ethan cuidadosamente levantou o suéter, parecia que havia deixado de sangrar. Três furiosas linhas vermelhas corriam através do peito do garoto, mas os cortes não eram tão profundos quanto eu havia pensando, originalmente. Ethan fez outro feitiço de cura, mas ao que parece foi realmente superficial. As feridas fecharam, mas só um pouco.

Faltava muito pouco para que voltassem a abrir. Quando Ethan terminou o feitiço, balançava sobre seus pés, e por um momento, pensei que ia desmaiar. No entanto, se sentou no chão da caverna com a cabeça apoiada na borda do sofá e fechou os olhos.

Olhei para Kimber, que continuava fulminado seu irmão com um olhar azedo.

— Pode terminar a cura? — perguntei, e percebi imediatamente que não tinha sido uma boa pergunta.

Sua expressão se tornou ainda mais azeda. — Não. — ela cruzou os braços sobre o peito e olhou para outro lado. Bem. Suponho que era uma espécie de tema delicado. Olhei os outros Fae, ao que poderia ou não ser o namorado de Kimber. Dei de ombros.

— Não posso fazer o suficiente para ser uma verdadeira diferença. — disse. — Mesmo se fizesse um pouco do trabalho, ainda teríamos que levá-lo para o hospital.

— Então vamos ter que falar com a polícia sobre isso? — perguntei. Talvez a polícia me ajudasse, poderia tirar-me deste problema. Ninguém olhou para mim, e tive a sensação de que minha pergunta tinha deixado tudo ainda mais incômodo. Então, outra vez, eu havia visto um alarmante número de armas fazendo uma aparição quando os Spriggans atacaram. Talvez alguns estudantes tivessem muito que esconder para correr o risco de falar com a polícia.

— Isso não será necessário. — disse Ethan. — Spriggans não estão sob a jurisdição da polícia. Teríamos que falar com a patrulha da fronteira, e estou certo que você está de acordo que não é uma boa idéia, neste momento.

Eu não estava tão certa disso como Ethan havia assumido, mas ele já tinha mudado de tema.

— Então, podemos sair daqui? Por favor?

Ninguém tinha a menor objeção à essa idéia. Ethan ajudou Jason a levantar, e Kimber ajudou os outros garotos. Todo mundo parecia capaz de caminhar, embora fosse impossível não ver a tensão nos rostos dos garotos humanos.

Quando saímos da caverna, estava bastante certa que não nos dirigiríamos de novo ao caminho por onde tínhamos vindo, mas meu sentido de orientação é uma droga. Sou o tipo de pessoa que pode se perder em um armário. No entanto, resultou que eu por uma única vez tive razão. Ethan achava que não teria forças para levantar as pedras novamente, assim nos levou para uma entrada diferente nos túneis subterrâneos. Bem, esta terminava no sótão da casa do garoto Fae. Ainda não sabia seu nome, nem o nome da humana ferida do outro lado, mas este, na verdade, não parecia um bom momento para apresentações.

Separamo-nos a partir dali, os seres humanos e o amigo de Kimber se dirigiram para a sala de emergência, deixando-me com Ethan e Kimber. Os três regressaram ao complexo de apartamentos. Não havia quase ninguém na rua esta noite. Perguntava-me se os ataques de monstros eram comuns em Avalon. Certamente em todos os seus esforços para que eu não quisesse por o pé neste lugar, minha mãe havia mencionado os ataques de criaturas saídas de um pesadelo Fae nas ruas de Avalon. Mas tinha que ter uma razão para que o garoto humano tivesse uma arma e a Fae tinha estado armada com facas. Tentei recordar por que eu tinha pensando que estar aqui seria uma boa idéia. Quando voltamos ao pátio, Ethan se apoderou de meu braço, como se estivesse tentando me sustentar, embora eu estivesse caminhando muito bem.

— Você parece esgotada. — disse.

— Você também.

Ele me deu um sorriso torto, mas sua expressão era tensa. — Para alguns não nos faz bem dormir tanto.

Começou a me levar para um dos edifícios, mas Kimber pigarreou com força.

Ethan se virou para olhá-la.

— Quem você acha que eu sou? — ele grunhiu.

Depois de tudo que tinha acontecido, estava um pouco lenta para absorver, assim que no início não entendi o que estavam dizendo. Kimber pôs os punhos nos quadris e olhou em volta. Senti que não era capaz de dar um significado por trás desses olhares, mas se falavam de mim, eu não podia entender o que diziam.

Com um grunhido de desgosto, Ethan soltou meu braço e me deu um empurrão para Kimber.

— Muito bem! — respondeu ele, e sem dizer uma palavra ou me dar um olhar, se virou e caminhou para seu edifício.

E foi então quando finalmente entendi. Tinha estado planejando levar-me para seu apartamento. Só ele e eu. Meu rosto se esquentou com um rubor. Mantive a cabeça baixa para não ter que olhar para Kimber.

— Vamos. — ela disse com um gesto de mão, e eu a segui tentando chegar a um acordo com minha própria ingenuidade.

Se Kimber não tivesse se oposto, teria seguido Ethan para seu apartamento sem pensar nas consequências. Quero dizer, sim, era realmente muito quente, um garoto Fae muito velho para mim, apesar de que senti como se estivesse flertando comigo durante toda a noite, a idéia de que poderia ter interesse em uma não muito atraente adolescente mestiça era um pouco boba. Mas ainda assim, ele era um garoto, e eu não era mais que uma menina.

O apartamento de Kimber não se parecia com o que eu imaginava como a moradia de estudantes. Não é que o apartamento fosse tão especial, mas o interior era outra coisa. Escondiam-se algumas das reveladoras comodidades modernas, como telefone e televisão. Juro que cada cômodo poderia ter sido tirado diretamente de uma casa solarenga do século XIX. Era como um conjunto de um filme de Jane Austen. E

eu percebi que tudo o que tinha, era verdadeiro, os móveis pareciam ser todos antigos, e não reproduções.

O lugar era bonito, mas frio e estranho. Algo como Kimber. Tudo estava nas sombras de azuis e verdes pálidos e não havia nada que parecesse fora do lugar. As revistas em sua mesa de café se pilhavam ordenadamente. Os controles remotos distantes de sua televisão e do reproduutor de DVD e aparelho de som acomodado ao lado do que parecia ser exatamente a mesma quantidade de espaço entre eles.

Perguntei-me se havia uma regra necessária para fazer isso, ou se simplesmente resolveu

fazer assim.

— Só tenho um quarto. — disse, enquanto me encontrava no centro do cômodo perguntando-me o que eu deveria fazer agora. — O sofá não é grande para dormir, mas é muito mais cômodo do que o chão. — ela sorri, de repente olhando-me muito mais do que Ethan. — Eu gostaria de te oferecer minha cama, mas eu não sou altruísta.

Parecia ter se descongelado desde que entramos no apartamento. Seus ombros estavam mais relaxados, e seu sorriso parecia aberto e fácil. Qualquer um pensaria que ela sofria de transtorno de personalidade múltipla, ou Ethan a fazia ficar tensa. Eu estava apostando na segunda opção.

— Como você está? — perguntou-me, com repentina simpatia. — Não posso imaginar o que deve estar passando.

— Estou muito assustada. — admito. — Mas fora isso, estou basicamente bem.

— Ela assente com a cabeça com o que parecia ser aprovação, e logo desaparece em seu quarto, voltando logo depois com uma almofada e uma manta. Olho o sofá com dúvida. Parece quase tão cômodo quanto um banco de parque, como se estivesse destinado a ser observado, não para sentar-se nele.

— Sinto muito, não tenho nada mais cômodo. — diz Kimber, seguindo a direção do meu olhar.

— Está bem. — digo, não querendo parecer mal-agradecida. — É melhor do que estar trancada em uma cela, inclusive se a cama fosse mais confortável. — Poderia ter passado sem o ataque dos Spriggans, e eu teria estado bem se Kimber e Ethan não fizessem com que meu resgate parecesse como um seqüestro, mas eu não estava contente em ter que passar a noite sob o domínio de tia Grace.

— Obrigada por me tirar de lá.

Ela franze o cenho e olha para outro lado. — Tudo isso quem fez foi Ethan. Eu estava só de passeio.

Chame-me de louca, mas eu tive a sensação de que havia um toque amargo nesse assunto. — Você ajudou também. — digo.

Ela rechaça minha gratidão com um grunhido de autodesprezo.

— Você ajudou. — insisto. — Os Spriggans poderiam ter nos matado se você não estivesse lá.

Seu rosto se iluminou. — Eu matei um dos Spriggans. — disse em um tom excitado pela ideia.

— E nem sequer precisou da magia para fazer. — Seu sorriso era positivamente brilhante, e estava ali um feliz brilho em seus olhos. — Se você começar a saltar para cima e para baixo e bater palmas de alegria, eu vou embora daqui. — murmuro, e consigo um sorriso. Kimber a rainha do gelo tinha saído do edifício.

— Sinto-me como a princesa guerreira. — diz. — E estava pensando que você também fez sua parte, enredando o Spriggan em sua manta.

O elogio me fez corar. — Uh, foi realmente sorte.

— Besteira! Nós duas fomos muito bem sob o fogo. Podemos ser princesas guerreiras juntas.

Sorri com a imagem. — Enquanto eu não tenha que usar um biquíni curto de malha, estou bem com isso.

— É um acordo. — diz, estendendo-me uma mão tremente. — Agora, eu não sei você, mas é hora que esta princesa vá dormir um pouco. Há algo mais que precise antes que eu te deixe?

A lista de coisas que precisava levaria uma hora, mas coloquei o mais valente sorriso. — Não, eu estou bem.

— Está bem. Vemo-nos amanhã.

Dou ao sofá um olhar turvo, deixo meus sapatos e ajeito a almofada e a manta o melhor que posso. Então, meto-me em minha cama improvisada e tento não pensar.

Adormeço antes que possa decidir se o sofá era qualificado como tortuosamente incômodo, ou simplesmente miserável. A próxima vez que acordei, não havia crise, o que se tornou uma boa mudança. Meu pescoço e costas estavam rígidos e doloridos, e minha cabeça não parecia muito mais clara do que estava na primeira vez que toquei a terra em Londres, mas ao menos ninguém me seqüestrou e os monstros não estavam me atacando.

Estiquei-me tentando trabalhar algumas das minhas juntas, fiquei de pé e me dirigi para a

cozinha, onde diversos ruídos indicavam que Kimber havia acordado.

Dobrei um canto, a tempo de vê-la colocar um pouco de Cheerios em uma tigela, e tive que tragar uma risada. Quem saberia que uma princesa de gelo Fae comeria algo tão mundano como Cheerios no café da manhã? Devo ter feito algum ruído apesar do meu esforço para ser silenciosa. Kimber se virou e me deu um olhar de mau humor da manhã.

— Quer um pouco? — pergunta, sacudindo a caixa de cereal.

Meu estômago grunhe em aprovação, e eu assinto. Não podia deixar de olhá-la de soslaio derramando meu cereal e colocando leite e açúcar. Se movia com a graça sobrenatural de um Fae, mas parecia muito mais humana esta manhã do que à noite.

Seguia tendo uma beleza natural suficiente para me fazer sentir como Betty, a Feia, em comparação, como seu cabelo amarrado em um nó complicado na parte superior de sua cabeça, e usava um pijama de flanela que parecia ser para um garoto. Eu, cuidadosamente, comprovei seus pés com pantufas de coelho, mas ela não parecia completamente como os seres humanos.

Foi quando olhei para o relógio sobre o aquecedor e quase me afoguei com minha boca cheia de cereal. Era quase meio-dia. Eu não podia acreditar que tinha dormido tanto tempo.

— Ethan estará aqui ao redor da uma. — disse Kimber. — Então iremos fazer o... Teste.

Traguei saliva. Ethan disse que não havia nada a temer. Mas então, outra vez, ele havia dito que eu estaria a salvo ontem à noite na caverna, assim ele não era o que eu

chamaria de uma fonte confiável. Despertei e vi ao meu redor os Cheerios no meu prato, meu apetite tinha ido. Kimber tirou uma esponja do gabinete sobre a pia e a usou para lavar seu copo. Não me surpreendi ao ver que ela não era o tipo que deixava os pratos sujos por aí. Ela me lançou um olhar:

— Realmente não é grande coisa, você sabe. O teste.

Assenti com a cabeça e tentei sorrir. Mas se eu não ia confiar na palavra de Ethan sobre isso, não vi nenhuma razão pela qual eu deveria confiar em sua irmã.

Kimber franze os lábios. — Só vai olhar algo e nos dizer o que vê. Realmente simples. Está bem?

Não posso dizer que tenha me convencido, mas abandonei o tema, de qualquer forma. —

Posso te fazer uma pergunta?

Seus lábios tremem em um quase sorriso. — Aparentemente sim.

Seja forte, forte. — As pessoas de Avalon sempre andam com facas e armas de fogo?

Lembro-me da impressão ao ver Jason sacando a arma e me pergunto pela enésima vez em que eu havia me metido. Kimber pensa por um momento antes de responder. Perguntava-me o que ela tinha decidido deixar de fora.

— Não é o que eu chamaria de uma prática comum. — diz. — Mas somos os Estudantes Clandestinos, e a política de Avalon pode ser selvagem. Literalmente. Se não tivéssemos Ethan, não poderíamos assustar ninguém o suficiente para nos preocupar. Mas Jason não estava mentindo quando disse que Ethan era um prodígio.

Ele pode fazer coisas assombrosas agora, e dá medo pensar no que vai ser quando for mais velho e tiver mais experiência. — Coloca uma cara de limão azedo – quem tem complexo de inferioridade? – antes de continuar.

— Ele vai ser uma força para se ter em conta algum dia, e algumas pessoas podem preferir contar com ele agora, enquanto ainda podem. Assim que por si mesmo converte nosso movimento clandestino em uma ameaça, e o resto de nós está em risco por associação. E é por isso que transformamos em um hábito estarmos sempre armados.

— Não há algo como, leis de armas ou algo assim?

Ela começa a rir.

— Nós, os radicais, gostamos de pensar nas leis mais como “diretrizes”. Além disso, eu prefiro me arriscar de que alguém vá todo técnico para cima de mim por levar uma arma escondida do que estar desarmada quando sejamos atacados por Spriggans.

Ela estava realmente sendo eloqüente esta manhã, apesar de suas respostas obviamente dirigidas. Pensei que enquanto ela seguisse respondendo minhas perguntas, eu continuaria perguntando.

— Então, há uma grande quantidade de ataques de Spriggans em Avalon?

Havia deixado de comer meus cereais, apesar de que havia um pouco de leite banhando meus cereais à esquerda no fundo da tigela. Kimber tomou a tigela da minha mão e o lavou enquanto falava.

— Não é o normal. Só os Humanos-Fadas são permitidos em Avalon, embora seja muito mais difícil deixar as Criaturas-Fadas passar do que proibir os seres humanos de entrar. A fronteira do lado Fada não tem o tipo de sistema de imigração que tem os humanos. — Franziu o cenho. — Mas os Spriggans só recebem ordens das Fadas Sombrias. Não posso imaginar por que algum dos agentes de controle Sombrio queira atacar nossos Estudantes Clandestinos. Somos conhecidos por favorecer um candidato Sombrio.

— Talvez estivessem atrás de mim. — sugeri. Afinal, todo mundo dizia que eu estava em um perigo mortal. — Tia Grace foi atacada ontem, e disse que parecia que seus atacantes tinham vindo atrás de mim.

Kimber eleva uma sobrancelha para mim. — Ela foi atacada? — Não houve falta de ceticismo em sua voz.

— Isso é o que disse. E ela tinha um grande machucado no rosto.

Kimber solta um bufo. — Aposto que ela estava fingindo. Inclusive eu tenho suficiente magia para curar uma ferida. Minha conjectura é que estava tentando te assustar para que você fizesse o que ela queria.

— Não estranharia que fizesse isso. — murmurei. — Mas inclusive se isso tudo fosse uma grande e gorda mentira, os Spriggans poderiam estar atrás de mim, de verdade?

Kimber nega com a cabeça. — Não podia saber onde estava ou que estava conosco. Não, estavam atrás de Ethan, e o resto de nós estava justamente no caminho.

Me faz uma má pessoa que eu me alegre de que estivessem atrás de Ethan e não de mim?

Poderia facilmente ter continuado fazendo perguntas até que o sol se desse, mas ao que parece Kimber tinha tido o suficiente.

— Eu posso te emprestar algo para vestir se você quiser jogar a roupa na lavadora. — disse, caminhando para fora da cozinha, que agora parecia tão limpa e prístina como se ninguém houvesse comido ali em uma semana.

— Teria sido agradável se você e Ethan tivessem pegado minha bagagem quando me seqüestraram. — Queixo-me. Com 1,70m, não era exatamente uma anã, mas Kimber era muito mais alta. Não esperava que suas roupas ficassem bem em mim.

Ela me olhou de cima a baixo, como se estivesse me avaliando. — Tenho alguns capris

que devem ficar adequados em você.

Kimber estava errada. Os capris não ficaram bem em mim, pareciam capris muito longos. Mas, pelo menos, não eram a mesma roupa com que eu tinha dormido.

Com as calças, Kimber me emprestou uma camiseta de manga longa. O bom é que tinha elástico nos punhos, do contrário, as mangas teriam tragado minhas mãos inteiras.

Era um dia cinza e sombrio quando eu e Kimber nos dirigimos para o pátio para nos encontrar com Ethan. Símbolos ocasionais de chuva gotejavam das nuvens, mas nenhuma das Fadas parecia pensar que uma capa de chuva ou um guarda-chuva fosse necessário. Estremeci com o frio úmido e puxei as mangas sobre minhas mãos, afinal.

Ethan devia ter notado que eu estava tremendo, por que ele entrou ao meu lado e jogou um braço ao redor de meus ombros, puxando-me para perto dele.

Fiquei paralisada. Sei que realmente não é grande coisa ter um cara pondo seu braço ao seu redor, mas ainda... Ethan não era qualquer cara. Ele era um cara que faria que o homem mais belo da história parecesse normal.

Além disso, era Fada. Além disso, ele era mais velho que eu.

Kimber parecia irritada com o gesto, seus ombros rígidos enquanto olhava para Ethan. Era como se ela fosse uma pessoa completamente diferente quando Ethan estava ao redor. Inclusive sua linguagem corporal era diferente, mais tensa e cautelosa.

Eu gostava mais da Kimber livre de Ethan.

Ethan me deu uma cotovelada pela minha imitação de coelho paralisado, então começou a caminhar. Com seu braço firmemente ao meu redor, não tive mais remédio que me mover com ele. Traguei saliva, fortemente, e olhei fixamente para os pedregulhos resvalando pela chuva aos meus pés.

O corpo de Ethan era quente contra o meu, e eu, na realidade, deixei de tremer.

Bem, talvez ter seu braço ao redor de mim me fez sentir bastante bem, embora meu coração estivesse martelando e meus nervos me fizessem tão graciosa quanto um elefante de três patas.

— Melhor? — perguntou Ethan, esfregando suas mãos para cima e para baixo por meu braço, e criando ainda mais calor. Especialmente em meu rosto, que devia estar vermelho

como uma capa de toureiro.

Gosto de pensar em mim como alguém madura para minha idade, e em muitas maneiras, estou certa de que é verdade. Quantos com dezesseis anos são responsáveis de pagar as contas e equilibrar o talão de cheques, afinal? Mas eu tinha tanta experiência com garotos como um pré-adolescente, e isso meio que estava se mostrando. Minha língua parecia pregada no céu da minha boca, e eu estava consciente de como estava me tocando. Não me atrevi a olhá-lo e estava contente de que meu cabelo estava, ao menos, parcialmente protegendo meu rosto.

— Deixe-a agora, Ethan — disse Kimber, mas havia uma nota de resignação na sua voz.

— Deixar o quê? — perguntou. — Tudo que estou fazendo é mantendo-a quente, já que você não se incomodou em dar-lhe algo mais grosso do que uma camiseta.

Kimber grunhe algo que não entendi bem, mas não sou cortês. Perguntei-me se, inclusive ela, tinha algo mais grosso que uma camiseta, já que parecia seguro que as Fadas não se importavam com o frio em absoluto. E o calor que irradiava do corpo de Ethan era considerável, fazendo-me perguntar qual seria sua temperatura corporal normal.

Talvez só estivesse tentando manter-me quente. Mas seguia sem conseguir relaxar, e foi um pequeno milagre que nós dois não caíssemos na terra em um montão de ramos enredados quando nossos lados se chocaram com um ritmo irregular.

Caminhar foi mais fácil quando chegamos à estrada principal. Eu não era uma grande fã de ruas empedradas. Claro, eram bonitas de se olhar, mas era um tornozelo torcido a ponto de acontecer. Aposto que os saltos altos não eram uma opção realmente popular na moda de Avalon.

Não havia muito do outro lado da estrada, só havia uma faixa de grama bem cortada e uma varanda de proteção direita super forte na margem do escarpado. Só a ideia de estar em um acidente de trânsito nesta rua era suficiente para que meu estômago se enrugasse. Montar a cavalo pela cidade não era tão estranho como eu havia pensado no princípio.

Não havia muito trânsito, assim nós três não tivemos nenhum problema para cruzar a rua, inclusive com minha marcha não coordenada. Não pude averiguar para onde estávamos indo, no entanto. Olhei para cima e abaixo da faixa de grama, e não havia nada de interessante tão longe como o olho poderia alcançar.

Bem, a menos, que eu olhasse por cima da margem à distância, mas não tinha muita

vontade de fazer isso. Parecia que tinha mais medo de altura do que eu esperava.

— Aonde vamos? — perguntei encantada de descobrir que, na verdade, eu ainda era capaz de falar.

— Aqui mesmo. — disse Ethan, e chegamos a uma parada.

“Aqui” não parecia ser diferente de qualquer outra coisa ao longo da faixa de grama. Franzi o cenho, mas eu não tinha vontade de fazer mais perguntas. Se Ethan queria que eu levasse isso como prova de sua estupidez, então deveria ser ele quem deveria explicar o que eu deveria fazer.

Houve um pouco de um apreciável silêncio antes que voltasse a falar, e acho que lhe incomodou que tivéssemos que esperar pacientemente por ele. Um ponto para mim!

— Olhe ao longe, e nos diga o que vê.

Pelo menos, não estava me pedindo que olhasse para baixo. Pouco a pouco, levantei a cabeça, sem ter ideia do que esperar. Preparei-me para algo assustador.

Mas tudo que vi foi uma pesada manta de névoa que fazia impossível ver além da vala.

— Eu deveria ver algo incomum? — pergunto, mas estava começando a sentir um pouco de alívio. Se eu não visse nada incomum, significava que eu não era o que pensava que era. O que significava que eu não era importante para as ambições políticas de ninguém, o que significava que eu ainda tinha a esperança de ir viver com meu pai e ter uma vida cercada de normalidade. Talvez o pesadelo terminasse logo.

Balancei-me, de repente enjoada, e me alegrei de que Ethan ainda tivesse seu braço ao meu redor. Meu estômago se sacodiu, e arrotei o sabor dos Cheerios. Eca.

— Não acho que me dou muito bem com a altura — digo, mudando rapidamente o olhar, novamente, para a grama em meus pés.

— Dê-lhe um minuto a mais. — disse Ethan.

— Não, obrigada. Não, a menos que queira que vomite em seus sapatos.

Movia-se por trás de mim, e logo sua mão estava em meu queixo, forçando minha cabeça. Sinto o calor do seu hálito na minha pele enquanto me falava no ouvido.

— Um minuto mais. — insistiu.

Minha primeira reação foi fechar os olhos em sinal de protesto. Mas não me soltou, e quando tentei puxar, o outro braço se envolveu ao redor de mim e me abraçou.

— Só olha. — disse. — Por favor.

Foi o “por favor” que mudou minha opinião. Parecia quase desesperado, e me dei conta de que tudo o que vi – ou não vi – significava muito para ele. Eu poderia tratar um minuto ou dois com as náuseas.

Além disso, Ethan provavelmente conhecia algum tipo de feitiço que me obrigaria a abrir os olhos e olhar. Eu não queria passar por isso.

Com um suspiro de resignação, pouco a pouco abri meus olhos, preparando-me para o enjoo e as náuseas. Estavam ali esperando, e contive a respiração, com a esperança de não ficar doente. O calor dos braços de Ethan ao meu redor me permitiu estabilizar-me, e olhei ao longe.

Ainda não podia ver nada, somente a bruma. Exceto... Havia algo estranho na névoa. Fiquei olhando fixamente, tentando descobrir o que era. Através da bruma, pude ver manchas da campina inglesa mais além da vala... Só, havia um vislumbre de algo... Mais. Uma imagem tênue que cobria o campo, como uma foto que havia sido duplamente exposta.

Tentei me concentrar nesta esquiva imagem e, de repente, ficou clara.

Um pouco além da vala se estendia um profundo bosque verde. Sem uma pastaria ou edifícios à vista, exceto como uma imagem residual leve.

— Uau! — digo com um ofego, meu coração saltava em meu peito enquanto minha garganta apertada quase em pânico. Tentei retroceder, mas Ethan ainda estava me agarrando.

— O que você vê? — pergunta.

Sacudo minha cabeça, sem deixar de olhar para a névoa, tentando não acreditar no que estava diante de meus olhos. Pisco, e o bosque ainda estava ali. Oh, merda.

Mudo minha concentração para a imagem residual da campina inglesa, e quando a olho fixamente, se solidifica uma vez mais, o bosque desvanecendo-se no fundo, mas não desaparecendo.

— Que diabos...? — murmuro. Eu estava enjoando, e estava certa que ia cair lá embaixo, na névoa que se deslocava continuamente diante de meus olhos.

— Deixe-a! — disse Kimber, e sinto sua mão em meu braço. — Já sabemos o que vê.

— Quero ouvi-la dizer! — insiste Ethan. Ele ainda estava segurando meu queixo levantado, seu rosto junto ao meu. Teria estado assustada por ele estar tão perto se não me sentisse tão mal.

— Olha seu rosto, imbecil! — disse Kimber, sua voz aguda como agulhas. — Ela está prestes a desmaiar.

Surpreendentemente, desmaiar soava como uma boa idéia. Se desmaiasse, gostaria de ficar inconsciente, pelo que não teria que ver o impossível, nem teria que me sentir enjoada e doente. Então, talvez quando despertasse tudo isto teria ido e eu descobriria que tudo não passou de um sonho. A névoa começava a escurecer-se ao redor das bordas.

Para registro: desmaiar é nojento. Sempre pensei que desmaiar era somente a perda de consciência durante alguns segundos. Não havia dado conta que implicava náuseas, calafrios e pele úmida e fria.

Fui me sentar na calçada coberta de grama, com minhas costas contra algo duro e quente enquanto Kimber batia rapidamente em minhas bochechas. Pisquei, mas ela não parou imediatamente. Minhas bochechas ardiam e meus olhos lacrimejavam pelos golpes, e eu já descrevi como maravilhosamente não me sentia.

— Para! — espetei. Abaixei a cabeça e tentei bloquear seu braço com o meu, mas seus reflexos são mais rápidos e logo me dá um tapinha mais gentil.

— Você está de volta à terra dos vivos? — pergunta.

Fico olhando-a. A parede de minhas costas se agita, e com um sobressalto, percebo que estava apoiada contra Ethan, e ele estava rindo. Com um grunhido, me afasto dele e salto pondo-me de pé.

Muito rápido. Pode dizer hipotensão ortostática⁶? Balanço e agito os braços para manter o equilíbrio. Mal levantei, Ethan já estava ali, com suas mãos em meus ombros, estabilizando-me.

— Com calma. — diz. — A menos que você goste tanto de desmaiar que queira fazer novamente.

— Não, obrigada. — murmuro, e deixo-lhe suportar meu peso enquanto o mundo deixava de girar.

Os pequenos sinais de chuva tinham ficado mais agressivos e quase se qualificava como uma garoa constante. E a parte de trás das minhas calças estava empapada. Deus, por favor, deixe ser porque o solo estava molhado. Havia tido

suficiente humilhação por um dia, obrigada. — Vamos te levar para dentro, para fora da chuva. — diz Ethan. — E aposto que você gostaria de tomar uma xícara quente de chá.

Tento não brincar com a idéia.

— Na verdade, eu gostaria de tomar uma xícara de café agora mesmo. — digo, mas nem Ethan nem Kimber pareciam muito interessados no que eu queria.

Novamente, Ethan pôs seus braços ao redor de meus ombros, só que desta vez Kimber não se incomodou em discutir. Estava tentando não pensar no que havia visto e o que podia significar, e inclusive mais firmemente no fato de que na verdade eu tinha desmaiado, mas não estava concentrada no calor do corpo de Ethan junto ao meu. Quando saí do meu atordoamento temporal, foi para me dar conta de que meu braço de alguma forma tinha encontrado seu caminho ao redor de sua cintura, e que agora estava igualando seu passo. Não mais golpes torpes de quadris.

Quando voltamos ao pátio, nós três fomos ao apartamento de Kimber. Kimber me deu roupas secas, e eu me meti no banheiro para me trocar. Ocorreu-me que minha vida poderia ser muito mais fácil se eu tivesse mentido e houvesse dito que não vi nada incomum quando olhei ao longe. Era uma boa mentirosa, mamãe tinha me dado milhares de ocasiões para treinar... Mas duvido que possa ser capaz de fingir que nada ia mal com a cara enjoada e nauseada.

Olhei meu rosto no espelho do banheiro quando terminei de me trocar, e dificilmente reconheceria a mim mesma. Meus olhos estavam muito abertos, meu rosto muito pálido. Inclinei-me para frente e inspecionei as raízes do meu cabelo, meio esperando que elas tivessem se tornado branco, mas ainda pareciam normais.

Joguei água quente no rosto, e isso devolveu um pouco de cor para minhas bochechas. Logo, respirei fundo e fui me juntar a Kimber e Ethan na sala. Neste ponto, eu estava começando a suspeitar que não queria uma explicação para o que eu tinha visto, mas soube que eu ia ouvir, de qualquer forma.

Ethan e Kimber estavam sentados no sofá que eu havia usado como cama ontem à noite, suas cabeças inclinadas juntas, suas vozes não mais altas que um sussurro. Ethan estava olhando seriamente e Kimber estava franzindo o cenho.

Perguntei-me se ela alguma vez sorria quando Ethan estava por perto.

Ambos me notaram ao mesmo tempo, Kimber interrompendo-se na metade da frase enquanto Ethan se levantava e me dedicava um de seus deslumbrantes sorrisos.

O sorriso me esquentou como se eu estivesse debaixo de um raio de sol, e me encontrei

devolvendo o sorriso, apesar de tudo.

Havia um bonito aparelho de chá na mesa de café, e Kimber armou um escândalo agitando a chaleira e logo enchendo três xícaras. Sabia que ela não era nem remotamente

torpe, então o ruído era provavelmente para irritar Ethan. Parecia funcionar. Deixou de sorrir para mim, e voltou seus olhos para ela.

Tomei uma respiração profunda, sem perceber que eu tinha deixado de respirar por completo enquanto seus olhos estavam em mim. Meu coração fez algum volteio estranho em meu peito. Poderia me acostumar que Ethan me olhasse assim, sorrindo e banhando-me em calor.

Neguei com a cabeça para mim mesma. *Fora de seu alcance*, Dana, disse minha voz interior. Era agradável ter um garoto bonito como ele me tratando como uma mulher ao invés de como uma garota, mas não me atrevia a deixar-me pensar nisso como algo mais que uma habitual paquera de sua parte. Não sou feia, como poderia ser com sangue Fae correndo em minhas veias? Mas também não sou nada especial. Sem dúvida, não o suficientemente bonita para atrair a atenção de alguém como Ethan. Era bonito, inclusive para um Fae, e poderia escolher entre mulheres mais bonitas, mais mundanas, e mais sofisticadas do que eu. Sou uma grande crente em não continuar com minhas esperanças.

Sentime tímida e vagamente tonta quando sentei em uma antiga cadeira de respaldo alto perpendicular ao sofá. Peguei a xícara de chá que Kimber havia posto na frente da cadeira, ao seu lado, não no de Ethan, é claro, mesmo eu não me sentindo de humor para chá. Especialmente não quando vi as pequenas manchas salpicando a parte inferior da xícara. Aparentemente, não usavam saquinhos de chá em Avalon. Suspirei.

Levei a xícara até meus lábios e dei um gole. Logo baixei a xícara ao pires e encontrei a mim mesma olhando para as folhas de chá, perguntando-me o que leria uma cigana nelas. Tive o pressentimento que não seria nada bom.

— Então agora vocês vão me dizer o que está acontecendo? — pergunto, ainda olhando para o chá. Quase como se não olhasse para os Fae, não falariam e me diriam o que minha estranha visão havia significado para eles.

— Você é uma garota muito especial, Dana Stuart. — diz Ethan.

Contra minha vontade, encontro-me olhando-o, prendendo-me em seu olhar.

Posso ser ingênua, mas já vi suficientes filmes e televisão para reconhecer esse olhar Rated⁷ nesses olhos azuis esverdeados dele. Minha garganta se tenciona e eu não estava certa se sentia calor ou frio. Tomei tudo o que tinha para não me sentir incômoda.

— Meu sobrenome é Hathaway. — digo, fracamente. Meus pais nunca tinham se casado, e eu usei o sobrenome de minha mãe durante toda minha vida. Não me sentia inclinada a mudar agora.

Seus lábios se arquearam, mas seus olhos ainda tinham esse escuro e faminto brilho neles.

— Stuart ou Hathaway, você é especial.

Kimber clareia a garganta em voz alta. Ethan lhe faz uma careta.

— Você é tão desmancha-prazeres. — resmunga. Ela começa a dizer algo, mas ele a corta, com sua atenção de volta a mim. — Você sabe que seu pai é da elite, um dos Fae mais poderosos de Avalon.

Agora eu me revolvo. Gostaria que minha mãe tivesse me contado a verdade todos estes anos para que assim eu soubesse no que estava me metendo quando vim para Avalon. Mas havia me contado tantas histórias contraditórias que havia sido impossível determinar o que era verdade e o que era ficção. Infelizmente, não podia negar que o status elevado de meu pai entre os Fae era uma das verdades.

— Os Fae não são um povo espetacularmente fértil. — diz Ethan. — Não temos crianças entre nós com muita frequência, e temos crianças com humanos mais raramente ainda. — sorri. — Kimber é como um monstro da natureza, por que nasceu em menos de dois anos depois que eu.

Kimber bate em seu braço. Forte.

— A maioria das pessoas me considerava um bebê milagroso, não um “monstro”— diz.

Mas o olhar em seus olhos sugere que não era a primeira vez que ouvia a palavra monstro para descrevê-la. Instantaneamente, passei a gostar mais dela, entendendo que sua irritabilidade era um comportamento defensivo.

— Normalmente — continua Ethan — uma criança de sangue misturado herdará em primeiro lugar... As características de sua mãe, na falta de uma palavra melhor.

— Talvez patrimônio seja uma descrição melhor. — sugere Kimber, que ao que parece fez caso omissso de sua dor.

Ethan passeia essa palavra ao redor de sua mente por um momento, e logo assente. — Sim, suponho que seja. Assim, se uma criança que nasce de uma mãe Fae é muito mais Fae que humano, e uma criança nascida de uma mãe humana é muito mais humano que Fae.

— É por isso que uma criança nascida de uma mãe Fae não pode passar de Avalon para o mundo mortal, e vice-versa. — diz Kimber.

Ethan assente.

— Exatamente. Mas o Fae mais poderoso também tem o gene mais dominante.

Assim quando alguém como Seamus Stuart tem um filho com uma mulher humana, essa criança será mais Fae que a metade mestiça. Quando as circunstâncias são corretas, essa

criança pode ser um mestiço literal, verdadeiramente meio humano e meio Fae. E no lugar de estar afiliada com o domínio de sua mãe, essa criança está afiliada com os dois.

— Chamam-se Fariewalkers — diz Kimber — por que podem passar livremente entre Avalon, Faerie ou o mundo mortal, no momento que quiserem.

— O que os faz o suficientemente poderosos. — continua Ethan, e era quase como se os dois tivessem ensaiado esta conversa, cada um memorizando suas linhas para que pudessem provocar o máximo efeito. — Mas o que faz os Fariewalkers mais poderosos é que podem usar tecnologia no mundo Faerie.

— E magia no mundo mortal. — acrescenta Kimber.

Fiquei aqui boquiaberta como uma idiota, e me senti quase tão enjoada como quando... Evito recordar a lembrança de olhar da grade de proteção para a distância brumosa.

Trago saliva fortemente e finalmente encontro minha voz.

—Merda! — digo. Normalmente, não sou mal-educada, mas se havia uma ocasião para começar a xingar, seria esta. Isto era muito, muito pior do que eu teria pensado em meus sonhos mais selvagens. E eu vim para Avalon com a esperança de ter uma vida mais normal.

— Assim, quando olhei na distância... — comecei, com minha voz soando estranha e áspera.

Ethan assentiu.

— Estava vendo o que os Fariewalkers chamam de Glimmerglass, a janela que dá para o mundo mortal e Faerie ao mesmo tempo. Eu ouvi falar que é...

Desconcertante.

Comecei a dar uma risada nervosa enquanto limpava as palmas úmidas nas pernas das calças.

— Essa é uma forma de descrever. — recordo a sensação de enjoo e náuseas, a recordação que era tão forte que meu estômago se sacudia até agora. — Quantos de nós há? — pergunto, por que não tinha sentido discutir que eu não era um Fariewalker. Gostaria que pudesse me convencer que eu estive alucinando antes, mas sabia o que eu havia visto.

Senti, mais do que vi, o olhar que Ethan e Kimber intercambiaram. Por algum acordo silencioso, foi Ethan quem respondeu.

— O último antes de você morreu faz uns setenta e cinco anos.

Assenti, sabiamente. E logo me levantei com um salto, batendo na cadeira, e mal cheguei a tempo no banheiro para vomitar meus Cheerios.

Tranquei-me no banheiro e fiquei durante quase uma hora. Kimber e Ethan fizeram cada um uma tentativa para me tirar dali, mas se deram por vencidos quando não lhes respondi. Estou certa que poderiam ter aberto a porta à força se quisessem, mas para minha sorte, me deixaram em paz.

Havia desprezado sempre minha mãe por causa da bebida, mas juro que, se tivesse álcool por perto, teria tentado, com a esperança de que tudo desaparecesse.

Sentei-me sobre o vaso sanitário do banheiro fechado, com os joelhos contra meu peito, meus braços ao redor das minhas pernas, perguntando-me se havia alguma forma de sair deste problema. Tia Grace tinha dito que embora escapasse de Avalon, seria um alvo agora que as pessoas sabiam de mim. E já que Grace tinha meu passaporte, não era como se pudesse sair de Avalon, de qualquer forma.

As lágrimas me picavam os olhos. Por que minha mãe não podia ser uma mãe normal? Por que não podia ir simplesmente a um desses programas de “doze passos” e largar a bebida? Nem sequer tinha tentando. Gostaria que tivesse tentado deixar de beber, talvez eu não tivesse me cansado e fugido, e nada disto estaria acontecendo.

Não precisava que ela fosse perfeita, só precisava que ela estivesse sóbria. Era pedir muito?

Solucei, depois limpei as lágrimas de meus olhos. Se havia algo que eu tinha aprendido na minha vida, é que as lágrimas não levam a lugar nenhum. Eu era a que sempre tinha que se manter lúcida enquanto mamãe ficava histérica em suas crises diárias. Havia sido muito boa deixando meus sentimentos de lado para lidar com eles mais tarde, assim que foi isso que fiz. Era mais difícil do que o normal, mas no final me recompus para ser eu de novo.

Ethan já tinha ido quando finalmente me aventurei em sair da minha caverna. Kimber estava fazendo ruído ao redor da cozinha novamente, e me encaminhei em direção ao som. Senti o cheiro de algo que cozinhava. No início, pensei que cheirava a arroz, mas me dei conta que não era. Meu estômago, depois de ter esvaziado seu escasso conteúdo, pensava que

fosse o que fosse cheirava muito bem.

Quando entrei na cozinha, Kimber amassava algo que parecia com massa e a consistência de vômito através de um coador. De repente, já não cheirava tão bem.

Um líquido espesso e de cor esbranquiçado gotejava através do coador em uma panela pequena sobre um prato. Quando terminou de forçar cada pedacinho do líquido a passar pelo coador, descarregou o conteúdo restante no lixo.

— Está quase pronto. — disse, sem me olhar, toda a sua concentração fixa em sua tarefa. O vapor fluía até seu rosto, e vi que uma suave cobertura de suor cobria sua pele. O que quer que esteja fazendo estava muito quente.

— Tenho medo de perguntar. — digo. — Mas o que está quase pronto?

Ela coloca uma colherada de bom tamanho de mel na panela e mexe. Logo se vira para o fogão, e baixa as chamas azuis que acariciavam o fundo da panela.

— Seu *posset* quente. — diz ela, alcançando o armário sobre a pia e tirando uma garrafa que continha um líquido cor âmbar, característico do álcool.

— O que é um *posset*? — pergunto-lhe enquanto a vejo verter uma generosa dose (*reviro os olhos com a etiqueta*) de uísque na panela.

— É algo que se dá a alguém que está com resfriado. Ou se tem dor de cabeça.

Ou se teve um mal dia. Ou se não consegue dormir. Ou se...

— Está bem, entendi. Um remédio cura-tudo. Mas sou muito jovem para beber.

Ela começa a rir, secando o suor de sua testa com seu antebraço.

— Legalmente, eu também sou, mas isso nunca me deteve. Tive meu primeiro *posset* quando tinha cinco anos. Tem mais que cinco anos, não?

Aspiro o ar. Tentando identificar o cheiro, mas tudo que consigo reconhecer é o uísque.

— Mas o que é? O que há nisso, fora álcool suficiente para embotar a cabeça?

Dá de ombros e mexe o *posset*, o qual soltava vapor.

— Leite. Aveia. Mel. Um pouco de noz moscada. E o sempre bom uísque Irlandês, claro.

Que nojo! Aveia? Quem colocaria aveia em uma bebida? Pergunto-me como negar beber

sem ser totalmente grosseira.

Kimber fecha o fogão e tira duas xícaras, enchendo cada uma até a borda com um líquido espesso e leitoso. Estou certa que eu estava fazendo uma cara feia, mas isso não parecia desestimular Kimber. Empurra uma das xícaras para mim e a pego quase que

por reflexo. Então fico ali, olhando-a, perguntando-me se eu teria que fugir novamente para o banheiro.

— Prometo que não é venenoso. — diz Kimber quando sopra seu *posset*, então toma um delicado sorvo. — E não há quase nenhuma situação, que um *posset* quente não possa melhorar.

Duvido um pouco mais. Então penso nos ataques dos Springgans na noite passada, em olhar através do brilhante cristal esta tarde, em descobrir que sou a única Fariewalker existente na atualidade, e decido que beber o *posset* não poderia ser tão ruim, afinal.

Tomo o sorvo provisório, e é claro, instantaneamente queimo minha língua. E o sorvo continua ardendo, enquanto deslizava pela minha garganta e se estendia pelo meu peito e estômago, golpeei meu peito.

— Desliza. — digo, exagerando na voz rouca.

Kimber sorri, a expressão a faz parecer com Ethan mais que nunca.

— Toma um pouco mais. Crescerá em você.

— O que? Como um mofo? — pergunto-lhe, mas tomo outro gole, de qualquer forma. O sabor do uísque e do mel era forte, assim na metade do caminho fui capaz de esquecer que também estava tomando leite e aveia. E embora nunca dissesse em voz alta, a bebida era definitivamente quente e tranquilizante, com uma decente e cremosa textura que me dizia que eu nem sequer pensei na quantidade de calorias que continha.

Bebemos em silêncio durante alguns momentos, Kimber limpou a cozinha para que uma vez mais ficasse brilhante, tão perfeita como se ninguém a houvesse tocado, eu me apoiei nos armários. O *posset* queimava cada vez menos com cada gole e tentei convencer a mim mesma que o álcool tinha evaporado. Nunca tinha bebido mais do que um gole ou dois de álcool antes, mas duvidava que fosse o leite quente que fazia com que meus membros sentissem soltos e moles.

— Realmente você bebeu isso quando tinha cinco anos? — pergunto. Eu tinha balbuciado

um pouco ou era minha imaginação?

— Estou certa que os que minha mãe fazia eram consideravelmente mais fracos. E acho que usava vinho ao invés de uísque. Mas sim. — sorri de novo.

Caramba! O *posset* parecia estar tendo um efeito agradável nela também. — Pode ver por que é um cura-tudo, hein?

Sinto minha cabeça mareada quando aceno, mas não foi tão ruim. O *posset* tinha acalmado minhas últimas náuseas induzidas pelos meus nervos e agora estava morta de fome de uma forma positiva. Por sorte, Kimber tinha previsto a volta de meu apetite e antes que tivesse a oportunidade de pedir-lhe algo, fez-me um prato com rodela de frutas e sanduíches da geladeira.

Ainda paradas na cozinha, nos sentamos para pegar os aperitivos do prato. Particularmente, gostei do pequeno sanduíche de pepino e morangos frescos, e eu provavelmente poderia ter comido todo o prato, sozinha. Por outro lado, eu tinha enchido com o *posset*.

— Posso te perguntar algo? — perguntei enquanto Kimber colocava um par de framboesas na boca. Lançou-me um olhar cômico e lembrei-me da sua brincadeira tonta da última vez que eu havia lhe perguntado. Desta vez, não esperei sua resposta.

Examinava o morango em minha mão com bastante concentração.

— Ethan estava realmente flertando comigo, ou é assim com todas as mulheres? — As reações de Kimber sugeriam que realmente estava flertando, mas eu não podia compreender por que ele se incomodava.

Kimber não respondeu de imediato, assim, olhei cautelosamente para seu rosto.

Seus lábios estavam apertados, e havia um olhar triste em seus olhos que eu não entendia. Muito para os efeitos positivos do *posset*.

— Não tem problema se for assim. — asseguro-lhe. — Posso lidar com isso. — digo com a confiança de alguém que tem que se defender de garotos quentes à esquerda e à direita, mas é claro, estava mentindo. Havia esquecido de respirar quando ele me olhou com aqueles olhos famintos e minha pele ainda sentia o calor fantasmagórico de suas costas contra a minha.

Kimber negou com a cabeça e me olhou diretamente nos olhos.

— Não, você não pode lidar. — diz para mim sem nenhum rodeio. — Muitas garotas mais experientes do que você gostariam de tirar suas calças.

Dou-lhe uma resfolegada semiofendida.

— Por tudo que você sabe, posso ser a puta da escola.

Ela ri.

— Sim, é por isso que você ruboriza cada vez que ele te olha.

Pegou-me. Decidi tentar algo diferente.

— Está bem, então está realmente flertando comigo. Por que faz isso? Não sabia que os garotos de sua idade estavam interessados em garotas da preparatória. — Especialmente, não em garotas da preparatória semi-humana e que não era tão bonita assim.

Kimber volta a ter esse aspecto tenso em volta dos olhos, e pensa durante um longo tempo antes de responder.

— Ethan gosta de pensar em si mesmo como um homem muito viril, mas só tem dezoito anos. Sei que você é mais jovem que isso, mas ainda assim ele a considera

como um jogo limpo. Além disso, você não é uma típica garota da preparatória. Você é uma Fariewalker. Tem o potencial para ser... Muito poderosa. E Ethan é bastante aficionado em poder.

Afasto rapidamente o olhar de seu rosto, não queria que visse minha expressão, qualquer que fosse. Não sabia o que era que estava esperando que me dissesse. Talvez eu esperasse que subisse um pouco meu ego, me dissesse que eu era tão esperta e inteligente que Ethan não poderia evitar cair rendido aos meus pés. É claro, eu sabia que estava mentindo. Normalmente eu não era nem esperta nem inteligente, e ao redor de Ethan agia como se eu tivesse um coeficiente intelectual mais ou menos 70⁸.

Mas pensar que ele estava flertando comigo por que eu era poderosa, ou podia ser no futuro...

A opinião que eu tinha sobre ele baixou consideravelmente, embora eu suspeitasse que quando voltasse a vê-lo meu sentido comum poderia sair pela janela.

Quero dizer, só por que lhe atrai o poder em geral, não significa que essa seja a razão pelo que se sente atraído por mim, certo? O fato que eu poderia ser poderosa podia ser só

uma coincidência. Além disso, ele não podia estar certo disso até mais tarde.

Nego com a cabeça para mim mesma. Em qualquer caso, nada disto importava.

Enquanto eu estivesse com Kimber, Ethan não faria mais do que me dar uma provocativa olhada, de vez em quando. E talvez depois de ter lidado com Ethan por um tempo, estaria mais preparada para quando um garoto que estivesse realmente ao meu alcance, estivesse interessado. Melhor agir como uma idiota balbuciante com um garoto que é inalcançável que com um que realmente tivesse a oportunidade.

— Estou certa que Ethan realmente gosta de você. — diz Kimber com delicadeza. Suponho que tinha se dado conta que dizer que Ethan estava atraído por meu poder não me dava sensações prazerosas. — Não estaria flertando com você se não fosse assim. É só... — sacode a cabeça. — É só que com ele sempre há mais do que apenas lançar olhadinhas.

— Não se dão muito bem, não é verdade? — pergunto, timidamente. Não é que isso fosse da minha conta, mas até um tarado poderia se dar conta que eles tinham problemas.

O rosto de Kimber se contraiu e ela afastou o olhar.

— Não vamos falar mais de Ethan, está bem?

O celular de Kimber tocou, e eu estava tão tensa que pulei e soltei um gritinho.

Kimber parou com sua expressão abatida, ocultando um sorriso.

Kimber pegou o telefone na mesa e leu uma mensagem de texto. Seus olhos se abriram, e diz algo em um idioma o qual eu não estava familiarizada. Embora eu estivesse certa que era um palavrão.

Kimber joga o telefone sobre a mesa, logo agarra meu braço e começa a me arrastar para a cozinha.

— Ei! — protesto, tropeçando atrás dela.

— Shh! — diz entredentes. — Era Ethan. Sua tia acaba de irromper em seu apartamento, e pode apostar que depois virá para cá.

Engulo meu seguinte protesto e permito que Kimber me arraste para dentro de seu quarto. Protestei quando abriu a porta do armário e tentou me empurrar para o interior. O resto de seu apartamento poderia obsessivamente organizado, mas o armário era um pesadelo de roupas, sapatos, caixas, e outras variedades de trecos velhos todos jogados de qualquer maneira.

Parecia que ia precisar de uma alavanca para me meter ali.

— Você tem que se esconder! — Insiste Kimber. — Rápido. Ou prefere passar mais tempo de qualidade com Grace e Lachlan?

Não estava certa se engolia a teoria que tia Grace queria me fazer desaparecer, permanentemente. Mas não desejava que voltassem a me trancar, e embora não fosse tão longe a ponto de dizer que odiava tia Grace, era consciente de que não gostava dela.

Empurro abrindo caminho pelo bagunçado armário, com Kimber pressionando e tirando coisas para me fazer passar vários obstáculos. Terminei agachada em um canto entre uma pilha de caixas de sapatos que ia do chão até o teto e um grande e volumoso vestido de babados com plumas que faziam cócegas em minhas bochechas.

A campainha da porta soa. Kimber devolve com pressa tudo que tinha tirado do armário. Eu estava enterrada o suficientemente fundo mas ainda conseguia ver a porta do armário, mas parecia que para aproximar-me seria uma espécie de luta.

E então a porta do armário se fecha, e eu estava só na escuridão. Suspirei e fechei meus olhos, tentando esquecer que estava escondida no escuro e claustrofóbico armário enquanto minha malvada tia Grace estava muito perto para ser confortável.

Cada vez que respirava, as plumas do ridículo vestido de Kimber se agitavam contra minha pele, fazendo-me incomodas cócegas com cada respiração. Tentei parar colocando minhas mãos entre elas e minhas bochechas, mas resultou que minha mão era igualmente sensível.

Não conseguia escutar nada. Esperava que isso significasse que tia Grace não estava realmente remexendo no apartamento à minha procura. Se não estava remexendo, talvez eu pudesse sair do armário antes que perdesse a cabeça. Assumindo que já não tinha perdido. Se não estava remexendo para me encontrar, ocorreu-me que

talvez pudesse ser capaz de usar magia para me encontrar. Nota para mim mesma: pedir mais detalhes a Kimber sobre como funciona a magia, sempre e quando tenha a oportunidade de fazer.

É difícil deixar o tempo passando quando não se pode ver ou escutar, mas me sentia como se estivesse neste armário para sempre. O ar ficou pesado quase que imediatamente, e o suor correu pela parte baixa das minhas costas e entre o que lamentavelmente se fazia passar por meus seios. Estava realmente tentada a rasgar as plumas do vestido de Kimber,

mas temia que alguém pudesse me escutar e então eu terminaria delatando a mim mesma.

Justo quando eu estava começando a me perguntar se Kimber havia me deixado um pouco mais depois que Grace tinha ido embora para me fazer uma brincadeira, escutei vozes se aproximando. O ar ficou preso na minha garganta e meu coração começou a martelar quando reconheci uma das vozes como a de tia Grace.

Deixei o ar sair lento e silenciosamente. Meu coração martelava contra meu peito, o suor gotejava de minha testa.

— Gostaria de olhar debaixo da cama? — escutei Kimber perguntar, e soava um pouco divertida. — Ou que tal no armário. Embora se eu fosse você tomaria cuidado quando abrisse essa porta. As coisas tendem a cair. Não acredito que ela possa caber em uma das gavetas de minha cômoda, mas seja bem vinda a revistar lá, se quiser.

Kimber estava louca? Por que sugeria a tia Grace que revistasse o armário?

Coloquei a mão na minha boca para evitar dar um grito quando escutei a porta do armário se abrindo. Sem importar quantas vezes eu tinha dito que não acreditava que tia Grace quisesse me matar, não havia como negar que eu estava aterrorizada.

Pressionei-me com mais força contra o canto, mas assim como tivemos que mover um montão de coisas para me meter aqui, tia Grace teria que mover um montão de trechos para poder me ver. Contive o fôlego enquanto escutava cabides golpeando entre si e sapatos batendo contra o chão. Kimber ria como se não se importasse com nada no mundo, e desejei poder alcançá-la para dar-lhe uma bofetada.

A porta do armário fechou-se com um golpe, e eu pude escutar a fúria na voz de tia Grace.

— Bem! — grunhe. — Você e seu irmão a esconderam em outro lugar. Não pense que não vou encontrá-la! E então você, e quem quer que seja que esteja envolvido nesse rapto passarão os próximos vinte anos entre as grades.

Kimber disse algo em resposta. Não pude entendê-la, mas suponho que tia Grace entendeu, pois a seguinte coisa que escuto é uma forte palmada, seguida por um resfôlego de Kimber. Apertei meus punhos e mordi minha língua para evitar gritar em

protesto. Desagradava-me (e temia) tia Grace desde o momento que a conheci, e parece que meu instinto tinha se ativado. Comecei a procurar, tateando, por uma arma.

Se Grace voltasse a bater em Kimber, estava completamente pronta para pular fora do armário e sair em sua defesa. (*Sim, sabia que isso seria idiota, mas me sentiria como uma covarde se ficasse escondida no armário enquanto Kimber era ferida.*) Felizmente, não houve mais sons de violência antes que as furiosas passadas de Grace me dissessem que ela estava indo embora.

Não estava com o mais alegre dos ânimos quando Kimber voltou para que pudesse sair do armário. Meus nervos foram fuzilados, estava suando como um porco, e estava tão irritada que queria perfurar seu rosto bonito e delicado. (*Não importava que eu estivesse pronta há alguns momentos para sair em seu resgate.*)— Que diabos estava pensando? — pergunto, enquanto quase caía do armário, ao tropeçar em uma raquete de tênis quando saía. Quem sabia que as fadas jogavam tênis? Era terrivelmente... Comum.

Kimber me agarrou pelos ombros antes que eu caísse de cara no chão, mas me afastei dela. Infelizmente, tropecei em meu sapato. Meu tornozelo cede, e eu aterrisso sobre o meu traseiro. E pensar que eu estava de mau humor antes de sair do armário!

Sento-me no chão, lutando com as mechas de meu cabelo para fora do meu rosto suado e pegajoso. Olho pela primeira vez minhas sandálias de tiras de cor vermelha com o salto ridiculamente alto que tinha me derrubado, e logo para Kimber, que parecia que estava prestes a arrebentar um vaso sanguíneo tentando não rir. Eu não achava de forma alguma engraçado.

Levantei-me com toda a dignidade que fui capaz — que era ao redor de zero — e desejei que eu fosse alguns centímetros mais alta, assim não teria que olhar para Kimber.

— *Por que não olha no armário?* — digo, fazendo uma terrível imitação do sotaque de Kimber. — Estava tentando me prender?

Ela revira seus olhos, parecia fazer isso muito, e lhe dou um sorriso condescendente. — Se eu tivesse agido como se tivesse algo a esconder, Grace teria remexido em todo o lugar até encontrar você. Desta maneira, não esperava encontrar nada, por que não parecia muito dura.

Odiava admitir que a lógica de Kimber tinha sentido. Assim que não fiz. — Eu praticamente tive uma insuficiência cardíaca, quando abriu a porta. Pelo menos poderia ter me advertido do que estava planejando fazer.

— Sinto muito. — ela diz, mas não parecia terrivelmente arrependida.

Fazendo caso omissso de mim, ela começou a empurrar coisas de volta para o armário. Eu

poderia ter ajudado, suponho, mas não me sentia muito útil.

— Está bem? — eu pergunto a contragosto.

Kimber esfrega sua bochecha avermelhada. — Estou bem, — diz com um sorriso triste. — Devia saber que não deveria ter tentado calar alguém como ela.

— Acho que vamos ter que encontrar outro lugar para que você fique — ela continua, colocando as coisas em qualquer espaço disponível. — Grace poderia vir, em outra inspeção surpresa, e não quero assumir que teremos sorte duas vezes.

— Tenho um lugar para ficar. — digo. — Com meu pai.

Kimber franze o cenho para mim. — Quer dizer que terá um lugar para ficar, quando ele sair da prisão? Comprovei seu estado enquanto você estava escondida no banheiro. Está previsto para se reunir com o Conselho amanhã. Pelo menos por hoje, segue atrás das grades.

Sufoco uma maldição. Meu coração se funde quando percebo o quão profundamente minha vida aspirava ao fundo, neste momento. Eu estava por minha conta, sem nem um centavo em meu nome ou até mesmo uma troca de roupa, em um país tão estranho que deve haver uma nova palavra para isso, e sem nenhum lugar para onde ir. Eu queria ir para casa. Quem teria pensando que no prazo de dois dias eu colocaria meus pés em Avalon?

— Tenho que sair de Avalon. — digo, falando mais para mim do que para Kimber. Grace havia dito que eu não estaria segura, inclusive fora de Avalon, mas não estava tão certa. Minha mãe e eu tínhamos conseguido muito bem nos realocar nos últimos anos, e por que ela estava sempre tentando se assegurar de que meu pai não pudesse nos encontrar, havia aprendido a mover-me sem deixar rastros. Claro, eu queria conhecer meu pai e tudo, mas não se isso significava ficar aqui e fugir de tia Grace, Spriggans e quem sabe que outros pesadelos que pudessem vir do nada.

— Soa bom na teoria. — diz Kimber, fechando a porta do armário e virando-se para mim com um olhar simpático em seu rosto. — Mas sua tia Grace é a capitão da patrulha fronteira, e sabe que terá as portas em alerta máximo para te procurar.

— Mas eu sou uma cidadã americana. — queixo-me. — Eles não podem me reter aqui contra a minha vontade. — Talvez eu pudesse fazer uma ligação para a Embaixada dos EUA em Londres e poderiam me tirar daqui.

Kimber coloca suas mãos em meus ombros, dando-me um apertão firme. — Você é uma Fariewalker. Para o governo de Avalon não importa que se retendo você aqui vá causar algum tipo de incidente internacional. Consideram você digna das consequências.

Grandioso. Simplesmente ótimo. Estava presa em Avalon, minha tia estava me caçando, meu pai estava preso, e as únicas pessoas que pareciam estar do meu lado eram dois adolescentes Fae que eu mal conhecia.

Kimber me dá outro apertão no ombro antes de me deixar ir. — Vai ficar bem.

Entre Ethan e eu, estou certa que podemos te manter a salvo até que seu pai esteja livre.

— Obrigada. — digo, minha garganta se apertando. Ela e Ethan eram em grande medida, o melhor que tinha me acontecido desde que havia posto meus pés em Avalon. Se não fosse por eles, eu ainda estaria com tia Grace trancada em uma cela ou algo pior. — Estou muito contente que vocês vieram por mim naquela noite.

Kimber sorri, mas havia algo estranhamente triste em sua expressão.

— Vamos ter que ficar aqui durante o dia, mas esta noite, quando escurecer, vamos te tirar daqui, para um lugar mais seguro.

— Seguro como a caverna de ontem à noite? — Murmuro, mas embora eu estivesse certa de que Kimber tinha me escutado, ela não respondeu.

— Grace tem provavelmente alguém vigiando meu apartamento e o de Ethan, assim terá que ficar em casa e afastar-se das janelas.

Soava como um dia de diversão. — Se vou me esconder nas sombras esperando que anoiteça, — digo — então quero passar algum tempo fazendo um curso intensivo de magia. O que posso fazer, como funcionam, coisas assim. Estou desorientada.

Ela não parecia muito contente com a idéia. — Ethan é o expert em magia da família. — diz.

Dou de ombros. — Não estou pedindo que me demonstre sua magia. Eu estou pedindo que me conte sobre ela. Pode fazer isso, não?

Ela suspira. — Muito bem. Mas poderia tomar outro *posset* quente primeiro.

Pensando em me acostumar aos *possets* quentes, decido tomar um gole da minha xícara fumegante. Minha mãe tinha feito leite quente algumas vezes quando eu era criança e não

conseguia dormir, mas havia sido totalmente um truque digno. Este...

Era muito melhor.

Em minha insistência, Kimber tinha usado menos uísque dessa vez, embora ela houvesse vertido algo extra em sua própria xícara.

— Seus pais sabem que você coloca uísque em seu *posset*? — pergunto.

Kimber suspira com o que pareceu desdém. — Não importaria se soubessem.

Ela se assegura em estar entre a janela e eu enquanto nos retiramos para o quarto, onde as pesadas cortinas garantiam que ninguém me visse. Ela se sentou na borda da sua cama, enquanto me sentei em uma cadeira cômoda metida em um canto, sob uma lâmpada de teto. Sobre a mesa estava um livro de texto que parecia pesar cerca de oito toneladas, e um livro rústico amarelado. Seria bastante intrometida se eu desse uma olhada nos títulos? O livro de texto eram cálculos de uma só variável: Desde os princípios das funções transcendentais, e o livro rústico era... O Jardim Secreto de Frances Hodgson Burnett, que eu lembrava ter lido quando tinha uns oito anos. Pisquei e olhei para trás e adiante entre os dois livros e Kimber. Suas bochechas ficam de um delicado tom rosa.

— Às vezes, preciso de um descanso da leitura acadêmica pesada. — diz, dando de ombros.

— Então você é uma das principais matemáticas? — pergunto, por que não podia imaginar que alguém tivesse um livro de texto assim, como se eles estivessem realmente, realmente lendo sobre matemática. Ela não parecia com nenhum matemático que eu já tivesse conhecido. Maldição, Ethan havia dito que ela era dois anos mais nova do que ele, e Kimber disse que Ethan tinha dezoito anos, o que significava que Kimber era muito jovem para a universidade, a menos que ela fosse uma espécie de prodígio.

— Não declarei ainda. — diz. — Mas estou me inclinando para a engenharia.

Uma engenheira Fae. Simplesmente soava... Mal. E quantos postos de trabalho havia aqui em Avalon para engenheiros?

Não era como se a engenharia fosse uma habilidade muito útil para as Fadas, assim se queria fazer uso de seu título, teria que fazê-lo aqui. É claro, tendo em conta a qualidade de suas roupas e móveis, poderia ser uma dessas pessoas que não tem que trabalhar para ganhar a vida.

— E no caso de que esteja se perguntando. — Kimber continua. — Ethan será um estudante do primeiro ano no outono, e eu serei uma estudante do segundo ano.

Ele pode ter conseguido a magia pela família, mas eu tenho o cérebro.

A expressão de seu rosto me dizia que não estava contente com isso, o que me surpreendeu.

Tendo em conta sua rivalidade evidente com seu irmão, alguém pensaria que ela ficaria encantada por estar na frente dele na escola.

— Isso deve deixar Ethan ciumento. — digo, e sim, eu estive observando.

Kimber toma um gole de seu *posset* antes de responder. — Na realidade, ele não se importa nem um pouco. Ele tem a magia, e isso é o que conta.

Sinto uma onda de indignação por causa de Kimber. — Não acha que ser incrivelmente inteligente conta para algo?

Ela sorri com ironia. — Para os humanos, talvez. Para as Fadas, nem tanto. — Ela inclina sua cabeça para um lado. — Em termos humanos, seria como se Ethan fosse uma estrela do futebol, e eu seria a inteligente irmã mais jovem. Quem sempre fica com toda a glória nessa situação?

Vejo seu ponto, mas ainda assim... — Isso é uma merda.

Ela ri, mas não era um som alegre. — Conte-me sobre ele. — Ela rapidamente se tranqüiliza.

— Na verdade, Ethan tem muito em comum com uma estrela esportista humana. Ele tem um ego do tamanho do Monte Everest, e está acostumado que as garotas caiam aos seus pés com admiração.

O olhar em seu rosto era uma advertência, mas fingi não perceber. Eu chegaria a minhas próprias conclusões sobre Ethan, muito obrigada. Não é que eu não acreditasse no que ela me dizia — é só que eu não poderia deixar a esperança ao que se referia a Ethan em um encaixe em sua posição de superestrela.

Eu não pensava que falar sobre Ethan fosse uma boa maneira de continuar, o que estava começando a pensar, uma amizade, assim que mudei de tema.

Clareio minha garganta. — Portanto, sobre a magia... — Não era muito sutil, mas não

estava certa se eu era capaz de trabalhar na sutileza. Kimber me olhava fixamente se preparando para permitir que nosso tema anterior acabe. Ela nega com a cabeça para mim em um último sinal de desaprovação, e depois pergunta: — O que você gostaria de saber sobre isso?

Tomo outro gole de meu posset enquanto tentava descobrir o que perguntar primeiro. — O que pode fazer? — pergunto, então decido que era a mais estúpida e vaga pergunta.

Mas Kimber não a achou tão estúpida quanto eu.

— Na teoria, a magia pode fazer quase qualquer coisa, se o lançador for bastante esperto. — Tinha os olhos vidrados enquanto buscava o que queria dizer. — A magia é uma força elementar, nativa das fadas. Não é tão sensível, mas é perto.

Estremeço, por que a idéia da magia sensível era justamente, boa, maravilhosa.

— Quando lança um feitiço, desenha a magia em seu corpo. — algo assim quando como se desenha uma respiração profunda antes de pular na piscina. Logo libera a magia que desenhou nele, e se é bom nisso a magia faz o que você quer que ela faça.

— A magia que podemos tirar de nós mesmos varia. — a magia que podemos tirar, o mais dramático feitiço que podemos lançar. Ao menos em teoria. Na realidade, o

desenho da magia é a parte fácil. Conseguir que faça o que você quer... — ela dá de ombros. — Isso é o mais difícil.

— Então, o que faz de Ethan um prodígio mágico? — pergunto. Eu sabia que era a combinação de dois dos temas que não agradavam Kimber sobre Ethan, e suas superiores habilidades mágicas, mas eu queria entender magia, e isso parecia um passo necessário.

Nesse momento, as comissuras da boca de Kimber formaram um traço baixo.

— Primeiro, ele pode desenhar um monte de magia. Em segundo lugar, ele tem uma resistência incrível. O desenho e a direção da magia são esgotantes. E em terceiro lugar, o que dá medo, ele consegue que a magia faça o que ele quiser muito bem.

— Há alguns feitiços que quase todos nós podemos fazer. Coisas como fechar portas, ou acender velas. São tão comuns, são fáceis. É como ensinar o seu cachorro a sentar, quase qualquer um pode fazer isso, mas teria que passar a alguém com mais habilidade para ensinar ao cachorro um truque. Se você tem mais habilidade com a magia, pode fazer coisas que as pessoas comuns não podem fazer.

— Assim como fizeram que eu perdesse minha voz? — pergunto.

Kimber sorri. — Na realidade é um feitiço muito comum, normalmente usado contra crianças bagunceiras. Não, algo mais difícil seria os feitiços de cura ou ilusão.

Muitos dos nossos poderia fazê-los com muito trabalho e treino. Assim como muitos humanos poderiam teoricamente fazer uma cirurgia cerebral, mas poucos estão dispostos em pôr o esforço que se necessita para aprender a fazer.

— O que faz Ethan terrivelmente bom é que ele pode fazer magia com coisas que não estão relacionadas. A maioria das pessoas tem que se especializar. Sinto muito usar outra analogia, mas isto é realmente difícil de explicar para um humano.

Digamos que certo tipo de magia — como a magia curativa — entende uma linguagem específica, como francês. Se você aprende a falar francês, logo pode conseguir que a magia faça o que você quiser. Mas quanto mais complicado seja o feitiço, mais francês tem que saber para que seja capaz de fazê-lo. E talvez a magia de ilusão fale mandarim, e a magia de ataque fale swahili⁹. Teria que saber três idiomas completamente diferentes para se comunicar com todos. Assim essa é a razão pelo qual a maioria das pessoas tem que se especializar. Ethan, pelo contrário, pode aprender um novo “idioma” a qualquer instante.

E isso deu a Kimber um sério complexo de inferioridade por cima da normal rivalidade entre irmãos. Não poderia culpá-la, especialmente quando Ethan parecia desfrutar mostrando suas habilidades para ela.

— Então vocês falam um idioma especial de magia quando lançam feitiços? — pergunto.

Ela nega com a cabeça. — As palavras não importam. O negócio do idioma era só uma analogia. As pessoas que são realmente boas com a magia podem inclusive utilizar gestos ao invés de palavras. Você só tem que ensinar à magia que quando você diz “abracadabra”, significa que quer bloquear a porta.

Assenti sabiamente, ainda insegura se realmente entendi, mas calculei que outra explicação só faria com que minha cabeça doesse. Decidi que era hora de fazer a pergunta que estava me incomodando mais e mais enquanto Kimber me explicava as coisas. — Tia Grace pode usar magia para me encontrar?

— Se pudesse, já teria feito. Os feitiços de localização são difíceis, encontrar alguém ou algo que não está aí em um conceito abstrato é difícil de comunicar, assim é uma das categorias onde realmente tem que se especializar para ser bom nisso.

Bom isso era um alívio, pelo menos. — A tia Grace tem uma especialidade?

Kimber pareceu um pouco sombria. — Sim.

— Bom. Qual é? — pergunto.

Kimber suspira. — Magia de ataque.

E isso apaga meu temporário alívio.



No momento em que Kimber tinha terminado seu *posset* extra-forte, ela estava claramente bêbada. Eu não iria tão longe a ponto de dizer que eu estava bêbada, mas estava muito mais relaxada desde que coloquei meus pés em Avalon. Nunca tinha tido uma verdadeira amiga. Claro, havia garotas na escola com quem eu me sentava para almoçar ou conversava um pouco depois da escola. Mas quando começava a se aproximar um pouco de alguém, mamãe insistia que era o momento de nos mudar e eu era forçada a começar de novo a me adaptar a uma nova escola. Depois de um tempo, se aproximar demais só trazia mais problemas do que valia a pena.

Estava o suficientemente relaxada pra decidir fazer uma pergunta que estava me incomodando desde que vi o apartamento de Kimber pela primeira vez. Foi só ontem à noite? Sentia como se estivesse estado aqui por anos.

— Como é que seus pais deixam você ter seu próprio apartamento? — minha mãe não era a mãe mais atenciosa do planeta, mas tinha a sensação de que inclusive ela se mostraria receosa em deixar uma garota de dezesseis anos viver por conta própria.

Kimber olha para baixo desviando o olhar, e assim soube que tinha feito uma pergunta delicada.

— Sinto muito. — digo, desejando poder aspirar minhas palavras. — Deixarei de ser tão intrometida.

Kimber levanta o olhar e força um sorriso.

Peço desculpa outra vez, mas ela me interrompe com um gesto. — Não, quero dizer, está tudo bem. — ela deixa escapar um profundo suspiro e parece tomar forças antes de começar.

— Minha mãe esteve fora de Faerie até que eu fiz dez anos. — diz, brincando com as

pontas de seu cabelo enquanto falava. — Então ela decidiu que queria voltar para Faerie, mas meu pai nasceu em Avalon e não deixariam. Concordaram que Ethan e eu ficaríamos com papai e temos sido nós três, desde então.

— Estou certa que meu pai gosta de mim da sua maneira, mas na verdade não tenta ocultar que Ethan é seu favorito. Bom, Ethan quis mudar-se para uma comunidade estudantil assim que se formou no secundário e tudo o que Ethan quer, ele consegue, papai deixou. Logo tivemos uma grande briga um pouco mais tarde, eu disse que queria me mudar. Disse que já que eu estava na universidade com Ethan, deveria ter meu próprio apartamento como Ethan. — seus olhos brilharam com lágrimas e sua voz se suavizou até que foi um pouco mais do que um sussurro. — Ele disse que estava tudo bem.

Faço uma careta de compaixão. — Seu pai devia ser muito estúpido por não conseguir dizer não quando deveria fazer isso.

Ela sorri e pisca retirando as lágrimas. — Meu pai é muitas coisas, mas estúpido não é uma delas. Ele sabia o que eu queria, simplesmente não se importou. — ela tomou uma profunda respiração e continuou. — De todos os modos, não é tão grande a diferença. Ele é totalmente viciado em trabalho, assim nunca está em casa.

Realmente não o vejo nem mais nem menos de quando vivia em casa.

Talvez minha mãe não fosse tão ruim, afinal. Todo seu vergonhoso, negligente e francamente estúpido comportamento era causado pelo álcool. Eu sabia que em alguma parte, enterrado debaixo da bebida em seu cérebro, estava uma mãe carinhosa.

Kimber nem sequer havia tido isso.

— Acho que seu pai é realmente estúpido. — digo para Kimber. — Ele tem que ser se não percebeu o quão sortudo é por ter você.

Suas bochechas se enrubescem. — Obrigada. Mas não tem que tentar me fazer sentir melhor. Eu... Aceitei isso.

Sim, claro, pensei, mas não disse.

— Se importa se eu te perguntar algo? — pergunta Kimber.

— Depois de todas as perguntas que eu lancei em sua direção, é sua vez. — Por que fugiu de casa?

Faço uma careta. Por que tinha que ser essa pergunta? — Caramba, todo mundo sabe que fugi? — pergunto, tentando desviar da pergunta. Nunca tinha dito para ninguém que minha mãe era uma bêbada — de fato, fiz muitas coisas para evitar que alguém percebesse — e isso não era algo que ia mudar agora.

Um dos cantos da boca de Kimber se levanta. — O fato de que você nunca tentou ligar para casa em busca de ajuda foi algo delator, mas não estava certa até agora.

—Oh. — afasto o olhar de seu olhar muito sabichão. — Não quero falar sobre isso, certo?

— Claro. — combina Kimber, mas posso dizer que fechar as portas da conversa em seu rosto, magoou seus sentimentos. Ela força um sorriso. — Sinto que um ataque de sanduíches se aproxima.

Ela pula e sem pensar nisso, eu a alcanço e agarro seu braço para impedir-lhe de escapar do quarto. Depois da maneira que ela tinha aberto seu coração para mim, seria completamente malévolo da minha parte me calar. Ia fazer algo correto e falar sobre o meu tema mais desagradável no mundo.

— Sente-se — digo, dando um pequeno puxão em seu braço. — Sinto muito. É só que...

Solto seu braço e Kimber senta novamente na cama. — Não tem que falar sobre isso se não quiser. — diz, suavemente. — Conhece-me a pouco menos de vinte e quatro horas. Não deveria esperar que me tratasse como sua melhor amiga.

— Está bem, foram umas vinte e quatro horas muito intensas.

Ela ri, levemente. — Realmente foram.

Deixo escapar um suspiro profundo. Meu coração estava batendo quase tão rápido como quando eu estive escondida no armário e meus músculos dos ombros estavam tão apertados que doíam. Mas sabia que estava exagerando. Kimber podia parecer como a malévola animadora de torcida popular que poderia zombar de mim se descobrisse sobre minha mãe, mas ela não agiria assim. Além disso, não é como se houvesse uma escola cheia de outros garotos aos quais ela pudesse contar a história.

Preparando-me para a comoção, a pena ou a repugnância, forço meu vergonhoso segredo a sair entre meus dentes apertados.

— Minha mãe é uma alcoólatra. — pronto. Eu disse. Em voz alta.

Kimber só fica ali sentada, esperando que eu continuasse. — E? — ela pergunta, quando eu não digo mais nada.

Olho-a fixamente. — Tem que haver mais?

Ela pisca. — Bom, não. Eu suponho que não. É só que você deu tanta transcendência a isso que pensei que ia ser algo horrível, um segredo sombrio, como que ela teve um namorado que abusava de você ou algo assim.

De todas as reações que tinha esperado esta não era uma delas. — Assim, não acha que o fato de que minha seja um alcoólatra seja um grande problema?

Ela dá de ombros. — Claro, é um grande problema para você, você teve que viver com ela. É só que... Não sei. Não é o tipo de coisa como uma ameaça iminente, um alerta vermelho, ou Perigo Will Robinson!

— Perigo Will Robinson?

— Você sabe, Perdidos no Espaço.

Minha cabeça dá um zumbido.

Kimber faz uma careta de horror. — É um clássico! Mas em qualquer caso, o ponto é que no grande esquema das notícias impactantes, uma mãe alcoólatra não está no topo.

É engraçado, mas eu estive me preocupando de que ela me considerasse pouca coisa quando soubesse, e estava alegre que ela não tivesse feito. Mas era como um anticlímax comparado ao que eu havia esperado tanto assim que juro que eu estava quase decepcionada. Quero dizer, eu tinha contado este terrível segredo, o segredo que eu nunca contei a ninguém em minha vida... E ela estava toda... Bocejando.

— As garotas na minha escola anterior achavam que isso era muito impactante.

— protesto. — Elas fizeram de minha vida um inferno quando descobriram.

Ela faz um gesto com a mão. — Sim, mas elas eram garotas.

— Uh, notícia de última hora: Nós somos garotas.

— Mas não somos garotas normais. — diz, e as palavras me golpeiam como um chute no estômago. — Eu sou uma garota de dezesseis anos, estudante do segundo ano que vive por

conta própria, e você é uma Fariewalker. O normal não se aplica a nós.

A verdade de suas palavras era difícil de negar, no entanto, eu estive negando por muito tempo. Sempre tentei ser o mais normal possível sob todas as circunstâncias e sempre soube que não estava à altura. Só que não queria admitir.

— Ei, ao menos podemos não ser normais juntas. — Kimber diz e eu não posso evitar sorrir.

— Quem precisa ser normal? — respondo. — O normal é chato.

E, ao menos por este momento, realmente queria dizer isso.

Kimber e eu saltamos sobre nossos pés quando escutamos o distinto som da porta de entrada abrindo-se e fechando-se, logo os passos se aproximando da cozinha.

— Sou só eu. — Ethan diz. Ele aparece na porta do quarto um instante depois, com um sorriso em seu rosto. Meu coração dá um salto ao olhá-lo.

— Você parece terrivelmente orgulhoso de si mesmo. — diz Kimber, usando seu tom azedo que uma vez pensei que era o único que ela tinha.

O sorriso dele se amplia. — Mas eu sou bastante brilhante, se me permite dizer.

— O qual diz regularmente.

Ele estava imperturbável com as brincadeiras. — Depois que vi Grace esta tarde, supus que alguém ficaria vigiando de perto vocês duas. — diz.

— Uau, brilhante dedução.

Ethan faz uma careta. — Está arruinando a história. — eu poderia dizer pelo olhar de seu rosto desconsolado que Kimber tentava arruinar a história, mas resistiu ao impulso de fazer outra brincadeira.

— Percebi que sermos constantemente vigiados arruinaria nosso estilo. Então, consegui esconder meu rastro e logo vim diretamente para cá. — ele olhava Kimber com expectativa, mas ela sacudiu sua cabeça.

— Não estou de humor para continuar seu jogo.

Ele volta o mesmo olhar expectante para mim e meu coração dá outro desses saltos. Não podia deixar de dar-lhe o que ele queria, não quando estava me olhando assim.

— Como escondeu seu rastro? — pergunto e espero não ter soado ofegante.

Seu peito se inchou com um evidente orgulho. — Finalmente eu consegui que meu feitiço de invisibilidade funcione.

— Este não era o feitiço que você tinha usado para ficar invisível, mas que não funcionou com sua roupa? — Kimber pergunta levantando uma de suas sobrancelhas.

Ela sorri. — Ele se achava muito inteligente, tentando se aproximar sigilosamente de mim, mas o movimento de sua camiseta, calças e sapatos o delataram.

Ethan não estava desanimado. — Ele mesmo! Só que eu consegui que funcione com a roupa também.

— Como sabe? Não pode ver-se, inclusive quando está invisível — ela me olha uma vez mais. — Foi por isso que ele pensou que podia se esconder ao meu lado, no entanto, sua roupa não estava invisível.

Ethan lhe dá um olhar altivo. — O fato é que eu o dupliquei novamente e caminhei na frente do homem que estava seguindo-me sem que percebesse e nem fizesse algo delator.

— De acordo. Você conseguiu enganar o homem e a primeira coisa que faz é aparecer aqui, onde você sabe que há alguém nos observando. Como isso nos ajuda?

Ele lhe dá uma olhada exasperada. — Ninguém sabe que estou aqui. Se você deixar o apartamento, nossos amigos vão te seguir. Assim que você estiver fora de vista, Dana e eu nos apressaremos. — havia um brilho em seus olhos que dizia que isso era muito divertido para ele. Pergunto-me se ele estava esquecendo todo o inconveniente com o pequeno ataque dos Spriggans na noite anterior.

Kimber não gostava do plano. Não acho que ela gostaria de agir como uma isca e estou certa que não me deixaria sozinha com Ethan. Mas parecia pouco provável que encontrássemos outra maneira para que eu pudesse fugir sem ser vista, assim, aceitou de má vontade.

Ela me deu uma significativa olhada antes de ir e eu assenti para fazer-lhe saber que entendi a mensagem de não deixar Ethan tomar vantagem de nossa situação.

Pensei que estaríamos muito ocupados tentando correr por nossas vidas para que ele tentasse fazer algum movimento.

O que não tinha levado em conta era que quando fizéssemos nossa grande escapada e a pressão se fosse, eu ainda estaria sozinha com ele.

Eu e Ethan esperaríamos no apartamento de Kimber até que ela tivesse saído há uns cinco minutos. Cada um de meus nervos estava consciente dele, mas ele não me concedia quase nenhuma atenção, seus olhos estavam fixos nos pequenos espaços entre as cortinas que cobriam a janela. Eu estava sentada na borda da cama de Kimber, com minhas mãos entrelaçadas em meu colo, meu coração batendo um pouco mais rápido. Nem sequer estava segura se meus nervos eram por causa de Ethan, ou devido à nossa tentativa de fuga.

— Vamos. — disse Ethan com vivacidade quando se sentiu seguro de que Kimber tinha afastado com sucesso os vigilantes. O segui através do apartamento até a porta, quase tendo que correr para seguir seu ritmo.

— Aonde vamos? — finalmente encontro coragem para perguntar.

Ele segura a porta para mim, assim eu poderia sair primeiro, logo fecha e faz um sutil movimento com a mão. Ouço a tranca fazendo clique ao fechar.

— Terá que confiar em mim nisto. — diz Ethan, pegando minha mão e me levando para as escadas até o pátio.

A sensação de sua mão sobre a minha foi suficiente para me deixar muda, eu mal escutava o que dizia. É claro, ele só estava segurando minha mão por que estava me guiando. Não era um gesto íntimo, e era uma ilusão sem fundamento para eu ler algo nele. Ao menos, isso é o que disse a mim mesma.

Suas palavras não se registraram até que paramos junto a uma seção de azulejos que cobriam a entrada dos túneis.

— Oh, diabos não! — digo, e tento soltar minha mão bruscamente da sua. É claro, ele não a soltou. — Não vamos voltar para a caverna. — assegura-me.

Ele murmura algo em voz baixa e os azulejos se movem para um lado.

Olho para as janelas ao nosso redor. Havia luzes acesas em muitas delas, já que a noite não estava morta como estive na última vez que fomos aos túneis. — Quantas pessoas você

acha que estão nos vendo neste momento? — pergunto, dando na minha mão outro puxão experimental, mas ele me agarrou bem.

— Não importa. Os túneis são algo assim como um segredo. Também são extensos, assim se alguém disser a Grace que entramos nos túneis, não será suficiente para guiar-se.

— E os Spriggans? — pergunto.

— Nos ocupamos desse problema ontem à noite. — assegura-me. — Pode ser que não tenham tantos problemas para entrar furtivamente em Avalon como os humanos, mas tenho sérias dúvidas de que alguém os enviará duas noites seguidas.

Agora vamos! A menos, que queira que ainda estejamos parados aqui quando Kimber e seu guarda voltarem.

Dizer que eu não gostava disso era um eufemismo, mas tive que admitir que me sentia terrivelmente vulnerável parada aqui no ar livre. Apertando os dentes, assinto, e Ethan finalmente solta minha mão para que possa descer as escadas.

Os azulejos selaram a entrada por cima de nós no momento em que meus pés tocaram o chão do túnel. Estava muito escuro, exceto pelo tênue feixe de luz proveniente da lanterna que Ethan segurava em uma mão. Movo-me para um lado, e Ethan salta da metade das escadas, aterrissando suavemente. Um ser humano teria pelo menos uma torção no calcanhar ao tentar uma manobra assim.

Tive um repentino flash da lição de magia de hoje com Kimber, e não enquadrava com o que eu acabei de ver.

— Ontem à noite você não disse qualquer tipo de feitiço para abrir a escotilha.

— digo. — Por que teve que fazer esta noite?

— Ainda estou trabalhando em fazer feitiços não verbais. — diz. — É muito mais difícil e toma muito de mim. — Parecia extraordinariamente sério. — É por isso que não pude fazer um melhor trabalho de cura ontem à noite. Se eu tivesse aberto a escotilha de uma maneira mais fácil... — Dá de ombros, não terminando sua frase.

Acho que eu deveria dizer algo que o tirasse do buraco, mas lembrei como tinha esfregado isto na cara de Kimber quando fez sua exibição ontem à noite, e pensei que merecia se preocupar um pouco. Sem importar quão quente fosse.

Quando não disse nada, houve um silêncio incômodo, mas Ethan acabou com o atordoamento rápido, conduzindo o caminho até o coração da montanha uma vez mais.

Ontem nós tínhamos ido por um largo caminho até nos desviarmos para a caverna. Hoje, pegamos um túnel lateral quase que imediatamente, e logo pegamos outro, e outro, até que estava exaustivamente dando voltas, que não tinha idéia onde estava. Não podia deixar de me perguntar se isso era intencional. Estava Ethan tentando se assegurar de que eu não poderia sair daqui sem ajuda?

Até agora, o único sinal que eu tinha visto de que os túneis não estavam completamente desertos tinha sido a caverna Subterrânea, mas o caminho de Ethan e o meu esta noite conduzia para uma parte muito diferente do sistema de túneis.

Dobramos uma esquina e de repente o túnel se alargou significativamente e estava iluminado por luz elétrica. Uma larga escadaria conduzia ao que eu acreditava que era a superfície, e um fluxo constante de pessoas subiam e baixavam na escada. Suas vozes ressoavam no espaço fechado, mas pude ouvir o ruído amortecido de música forte sobre essas vozes, e pude sentir o ritmo vibrante do chão sob meus pés.

— Há uma grande discoteca ali embaixo. — diz Ethan, apontando outra escadaria que levava para baixo. Um letreiro em néon na escadaria anunciava POR

AQUI até o fundo, com uma flecha intermitente. — Vou te levar algum dia lá quando as coisas se acalmarem.

Não estava certa sobre o que dizer. Isso soava quase como se estivesse me chamando para um encontro. Franzi o cenho. Na realidade, ali não havia nenhuma pergunta em processo.

Antes que eu terminasse a excessiva análise dessa simples frase, Ethan me guiou por outra ramificação do túnel e estávamos de novo no escuro, arrepiante e claustrofóbico território. Fiz o que pude seguindo o rastro de nossa rota depois disso para poder fazer meu caminho de volta até a escadaria para a superfície, se fosse necessário.

Caminhamos uns quinze minutos mais, só dando duas voltas, tão poucas que inclusive eu poderia ter uma oportunidade de guiar minha saída.

Finalmente, paramos em meio de um túnel que parecia como qualquer outro túnel abandonado dos que tinha visto até agora. Olhei em ambas as direções, mas não podia ver nada especial neste lugar.

Então Ethan murmura algo. Se não o conhecesse melhor, teria jurado que disse: — Abre-te Sésamo. — mais isso só devia ter sido o perturbador eco.

Uma entrada em forma de porta apareceu do nada na parede. Pisco.

— É um feitiço de ilusão. — diz Ethan com um toque de orgulho na sua voz.

—Ninguém que passe por este túnel terá idéia de que a porta está aqui.

Ele me faz um gesto com uma varrida dramática de seu braço, e com cautela cruzo o espaço onde faz uns momentos havia estado uma parede. Quase esperava que a parede reaparecesse quando estava em um ponto intermediário, mas isso não aconteceu.

O quarto por trás do muro ilusório não me fez exatamente saltar de alegria. Era do tamanho do quarto de Kimber, e os únicos móveis eram alguns catre, uma mesa de jogos, e algumas cadeiras dobráveis, a menos que você contasse o grande baú no canto como móvel. Apesar dos escassos móveis, havia uma lâmpada de querosene na mesa e algumas vasilhas de cerâmica, uma debaixo de cada cama.

— Diga-me que isso não são penicos! — digo, enquanto Ethan acende a lâmpada.

Ele me lança um sorriso tímido por cima do ombro. — Isto é só temporário. — promete. — Como você viu, há lugares subterrâneos que têm eletricidade e água corrente, mas esses não estão tão bem escondidos.

— Que lugar é esse? — pergunto.

Ethan termina de acender a lâmpada e apaga sua lanterna. — Uma das coisas que o Subterrâneo faz é ajudar as pessoas que tem certos, er, problemas políticos. Às vezes, precisam de um lugar para se esconder por um tempo. Não é luxuoso, mas ninguém nem nada vão encontrar você aqui.

Meus olhos começam a arder, e mordo o lábio fortemente para evitar que tremesse. Este pequeno esconderijo poderia ser o clone do calabouço de algum filme histórico. A desolação do lugar ressaltou a desolação da minha situação. Sempre enfrentei o estresse para aplacar minhas reações até depois que a crise terminasse, mas desde que coloquei meus pés em Avalon, havia tido uma crise atrás da outra, e meu controle estava seriamente decaindo.

Ethan cruza a distância entre nós com um passo longo, e antes que eu tivesse alguma idéia do que ia fazer, envolve seus braços ao redor de mim e me atrai em um abraço.

— Não chore. — murmura em meu cabelo. — É só até que seu pai saia da prisão. Não vai ser mais do que uma noite ou duas, no máximo. E não vou abandonar você aqui embaixo. Estamos juntos nisto.

Penso em como seria se Ethan me deixasse aqui sozinha e isso foi suficiente para romper minha resistência ao pranto. Por muito que não goste de admitir, me sentia bem o tendo me segurando. As lágrimas resvalavam por minhas bochechas e me segurei em Ethan quase que com desespero. Ele me tomou em seus braços e logo me

colocou em um dos catres, praticamente em seu colo. Ainda continuava segurando-91

me, com uma mão segurando um lado de minha cabeça para que meu rosto estivesse apertado contra seu peito, a outra acariciando de cima para baixo minhas costas.

Suas carícias eram distrações suficientes para que pouco a pouco eu esquecesse a angústia ao meu redor. O ar nos túneis era frio, mas o corpo de Ethan era quente e acolhedor. E ele cheirava deliciosamente. Usava algum tipo de colônia. Sutil, mas com um aroma picante e terroso. Aspirei profundamente, em parte para ajudar a dissipar as lágrimas, em parte por que queria outra inalação de seu aroma.

Ele me levou todo o caminho até seu colo, e eu não acreditava que este fosse mais um abraço “ *por favor, não chore*”. Engoli saliva, meu pulso acelerado enquanto me perguntava o que ia acontecer depois. Devia só estar aqui com minha cara afundada em seu peito? Deveria levantar minha cabeça para que ele pudesse me beijar?

Ou já deveria estar a meio quarto dizendo-lhe que mantivesse suas mãos para si mesmo?

Nunca antes fui uma pessoa indecisa em minha vida, mas Ethan tinha minhas células cerebrais tão revoltas que não podia fazer nada mais do que me sentar ali, as rodas de minha mente girando inutilmente. Seu queixo se esfregou em um lado e outro na parte superior de minha cabeça, suas mãos amassaram os músculos em minhas costas. Em outras circunstâncias, poderia ter pensado que estava tentando me tranquilizar, mas com minha cabeça contra seu peito assim, podia ouvir a aceleração de seu ritmo cardíaco. Praticamente contive minha respiração em antecipação, meu pulso se acelerando até coincidir com o seu. Apertei-me mais contra seu calor.

Acho que estava muito tensa, por que Ethan riu entredentes; o som fazendo com que minhas entranhas se abrandassem.

— Relaxe Dana. — disse. — Não mordo. E prometo não violentar você.

O calor em minhas bochechas era suficiente para queimar através de sua camisa. Já era bastante ruim estar nervosa, mas era ainda pior que ele soubesse. E ele ria de mim.

Bem, ele ria enquanto tinha seus braços ao redor de mim, mas ainda assim...

Obriguei-me a soltar o fôlego que estive segurando. — Eu, hm. Só tenho dezesseis anos. — digo. — Isto é um pouco novo para mim. — Eu não estava certa do que um garoto de dezoito anos esperaria de mim. Quer dizer, ele era quase um adulto, e eu... Não.

— Não se preocupe. — me assegura. — Dezesseis não está tão longe em meu passado. Lembro como é.

Sinceramente duvidava que ele tivesse sido como eu quando tinha dezesseis anos. Havia muita confiança para acreditar que ele era tímido com as garotas. Mas foi amável ao tentar me fazer sentir melhor.

— Suponho que você não tem namorado? — pergunta.

Tinha medo de falar por que poderia dizer algo estúpido, assim neguei com a cabeça. Ele então colocou um dedo debaixo do meu queixo e inclinou minha cabeça até a dele. Meu fôlego se prendeu em minha garganta e um agradável calafrio percorreu minha coluna. Seus olhos, normalmente claros, ficaram escuros graças às suas pupilas que se dilataram, e me olhava como se eu fosse um pedaço de caramelo que só queria comer.

Baixou sua cabeça e apertou seus lábios contra os meus.

Meu cérebro estava completamente sobrecarregado. Os lábios de Ethan eram quentes e úmidos, e acariciavam os meus como cerejas. Tentei refletir seus movimentos, mas me sentia completamente incômoda, certamente não estava fazendo certo.

Sua língua roçou entre meus lábios até que abri minha boca. Aprofundou nosso beijo, e eu quase me afoguei no gosto e no cheiro dele. No entanto, tão atraente quanto ele estava, eu estava atraída por ele, e não estava certa deste caminho. Estava só com ele em uma caverna, e o estava beijando, e senti o muito que o divertia, e não sabia se queria deixá-lo ir.

Ethan rompeu o beijo e acariciou suavemente um o cabelo em meu rosto.

Estava tão confusa e envergonhada que não queria ver seu olhar, mas percebi que não podia deixar de olhá-lo. Ele sorriu pra mim.

— Tem que deixar de pensar tanto. — disse em um hipnótico murmúrio enquanto se

apoiava para outro beijo.

Não sei de onde tirei a coragem para falar, mas o fiz. — Minha mãe decidiu não pensar muito quando estava com meu pai, e isso não foi muito bom.

Ethan riu e se inclinou para trás. — Não estou de acordo. — diz com uma mão traçando os contornos de minhas costas, esfregando ligeiramente debaixo de meu pescoço. — Acho que acabou bem.

Era um bom ponto, e me senti torpe de prazer. Uma parte de mim estava pulando para cima e para baixo enquanto gritava.

Não seja um bebê! Afinal, foi só um beijo.

Mas não podia deixar de recordar as advertências de Kimber. Ethan era um jogador, e não importa quão quente era, eu não queria ser seu brinquedo.

— Não acho que isto seja uma boa idéia. — digo, e tento deslizar-me para fora de seu colo. Não me surpreendo quando seu abraço fica mais forte.

— Não tem que ter medo de mim. — diz. Foi outro bom ponto. Golpear minha vaidade, provocando-me para demonstrar que estava assustada. Mas não foi muito. Esse ponto era óbvio, e não ia brigar.

— Deixe-me. — disse com calma, embora houvesse um pouco de pânico em meu interior. Se quisesse continuar, não estava em posição de detê-lo. Assim suponho que tecnicamente, sim, eu tinha um pouco de medo.

Estava tensa para a batalha, pelo que me surpreendi gratamente quando Ethan me deslizou de seu colo e colocou certa distância entre nós. Nem sequer se irritou comigo.

— Melhor? — perguntou, com um sorriso desequilibrado.

Eu duvidava que ele estivesse acostumado a ser rechaçado por alguém, mas parecia que estava levando numa boa. Isso me fez sentir mal por ter desconfiado tanto dele. Se ele estivesse jogando comigo, certamente não teria me deixado ir tão fácil.

Deixei escapar um resfôlego frustrado. Talvez tivesse razão e eu não devesse pensar tanto. Mas não sabia como apagar isso. Juntei minhas mãos em meu colo e olhei para elas. Quando um cara como Ethan me beijasse, deveria me converter em uma poça de baba, e não analisar até a morte. Talvez fosse frígida.

— Não pareça miserável. — diz Ethan. — Está permitido você dizer não.

Corro o risco de olhá-lo, mas não vi sinais de chateação ou frustração em seu rosto.

Depois — totalmente fora da minha vontade, juro — meus olhos baixam e percebi que ele não agia como se estivesse irritado nem nada, ainda continuava ansiosa, mas não mudaria para um sim. Naturalmente voltei a olhá-lo rapidamente, mas meu rosto quente ficou ruborizado novamente. Em um desses momentos de sobriedade, quando minha mãe insiste em ter “a conversa”, apesar de que sei praticamente tudo sobre os pássaros e as abelhas, ela me adverte que os garotos gostam de dizer que estão com dor quando estão excitados e você não percebe. Ethan tinha se dado conta da direção do meu olhar, e ele tinha que ser cego para não ver que eu estava ruborizada, pensei que fosse o momento perfeito para ele iniciar uma viagem pela culpa. Mas não fez isso.

— Sério? — pergunto, e estou certa que soava tão incrédula quanto me sentia.

Olhei para ele através de meus cílios.

— Por que é tão difícil de acreditar?

— Bem, é. Você... Uh, é mais velho do que eu. E, uh... — oh, Deus, por favor, mate-me agora. Não queria continuar com esta conversa, e claro que não queria

continuar fazendo a mim mesma parecer uma tonta. Mas meu cérebro ainda não tinha se recuperado de sua parada anterior, e eu não conseguia obter uma frase coerente da minha boca.

Ethan me tirou de minha miséria quando disse exatamente o que eu não conseguia dizer. — Só por que não sou virgem não significa que beijar você foi apenas um meio para um fim. Acredite ou não. Não me parece algo agradável.

Deu-me um de seus sexies sorrisos peculiares, deixando meu interior flácido.

— Tudo que queria era um beijo? — pergunto. Uma pequena parte de mim dizia que eu também tinha esse tipo de deslize. Disse à voz que se calasse.

— Bem, talvez mais de um. Mas basicamente sim. — Ainda assim duvidei.

— Olha, — diz. — Se eu te obrigar a fazer algo que você não queira, você resistirá e depois não confiará em mim de novo. Não vou correr esse risco. — Meus ombros afundam um pouco. Estava tremendo, na defensiva todo esse tempo, com meus olhos sempre abertos em

busca de ameaças em potencial. Tinha feito tanto como recordava, por que não tinha nenhuma forma em confiar que minha mãe ia nos proteger. Estava farta disso, e era parte do motivo pelo qual vim para Avalon, para tentar me afastar deste constante peso de responsabilidade. Assim ao diabo com as advertências de Kimber e ao diabo com meu receio!

Levanto meu queixo e me obrigo a observar os olhos de Ethan como se tivesse toda a coragem do mundo. — Está bem.

Não me sento em seu colo, só deslizo ao seu lado e ofereço minha boca.

Quando seus lábios tocam os meus, sinto uma sacudida, algo assim como uma descarga elétrica correndo por todo meu corpo, das pontas de meus dedos até as pontas de meus cabelos, e de repente é surpreendentemente fácil deixar de pensar e só sentir.

Tentava-me com seus suaves beijos e eu ofegava de prazer. Ele não me obrigou a abrir a boca desta vez, sua língua imediatamente se precipitou. Outra sacudida de eletricidade fluiu deliciosa através de mim, e envolvi meus braços ao redor de seu pescoço, era como uma névoa em volta da minha cabeça.

Aspirei seu aroma, desfrutando da calidez de seu corpo, devorando seus beijos sabor cereja, e meu sentido comum não tinha nada que dizer a respeito. De alguma maneira, terminei recostando minha cabeça enquanto Ethan se inclinava sobre mim, com seu peito contra o meu. Em um longínquo canto de minha mente, percebi que seu peso pressionava o camafeu em minha pele, e que estava novamente estranhamente quente. Depois começou a me acariciar de cima para baixo por cima de minha camisa, e eu deixei de pensar em absoluto. Ele mantinha distância de qualquer coisa...

Sensível, meu corpo era consciente das possibilidades. Se minha boca não estivesse ocupada em outra coisa, poderia perguntar se queria romper sua promessa.

Sua língua começou a deslizar para dentro e fora de minha boca em um ritmo que me fez soltar um gemido. Meus nervos terminavam em um formigamento e calor reunidos no centro e me sentia tão bem...

Como eu disse, não estava pensando realmente, e minha cabeça estava com uma névoa, mas suponho que em algum nível subconsciente, nunca baixei a guarda por completo. Lembrei de como Kimber se parecia com aquela bebida extra-forte.

A descoberta foi como um jarro de água fria, a névoa se dispersou como se nunca houvesse estado ali. Não havia nada mais do que algo definitivamente errado nesta imagem. Eu

não podia ter ido de um ataque de nervos à este momento de relaxamento, comodamente sendo a mulher sexual que era agora. Não sem alguma ajuda do exterior, isso eu queria dizer. Empurrei o peito de Ethan. Minha respiração estava curta, e meu pulso continuava disparado, mas estava certa de que Ethan tinha feito algo. Parou de me beijar.

— O que você fez comigo? — lutava para me recompor.

Ethan nem sequer tentou fingir que não sabia o que eu queria dizer. — Calma.

— diz. — Foi um feitiço para ajudar você a relaxar.

Eu estava em pé olhando para Ethan com horror. — Quer dizer que estou de alguma forma drogada? — choraminguei. A humilhação esquentava meu rosto, dando-me vontade de me agachar e morrer. Poderia ser mais ingênua? Por que não tinha escutado Kimber?

Ele franze o cenho, como se realmente se surpreendesse com minha reação. — Não. Nada disso. — Se levantou e deu um passo para mim.

Não penso depois. Só reajo com toda a dor e a fúria, e sim, o medo em meu corpo. Quando ele se aproximou de mim, levantei meus joelhos e o golpeei onde mais dói. Dobrou-se, agarrando suas partes privadas. Tremendo por minha reação retardada, peguei a lâmpada de querosene e corri pelo túnel, com toda esperança que meu sentido de orientação não me falhasse.

Lágrimas desciam por minhas bochechas enquanto eu corria tentando contar os túneis ao passar, assim desceria no correto, ao mesmo tempo em que tentava colocar a maior distância possível entre eu e esse quarto horrível antes que Ethan se recuperasse.

Nem sequer me chateou que as lágrimas caíssem, continuei correndo até que meus pulmões rogassem por oxigênio e os músculos em minhas pernas queimassem.

Realizei duas voltas que deveria dar para me colocar no caminho para a civilização, mas não vi nenhum sinal do Night Clube e da escadaria para a superfície, nem ouvi o eco longínquo de vozes. Continuei correndo, com a esperança de que tivesse julgado mal a distância, mas continuava sem ter nada. Tentei voltar para ver se tinha feito um giro equivocado, mas tinha perdido a pista do caminho pelo qual cheguei e só terminou sendo mais confuso.

O pânico pestanejou nas bordas da minha mente quando percebi que agora estava oficialmente perdida. Continuei correndo, tentando voltar meus passos, tentando manter-me em movimento, assim não teria que enfrentar o pânico que continuou construindo-se em meu cérebro.

No final, tive que parar, o esgotamento triunfando sobre o horror. Caí no chão do túnel e respirei grandes tragos de ar, por fim fiquei sem fôlego por um momento e pensei que iria vomitar.

Esse Night Club estava aqui em alguma parte, e não podia estar tão longe, digo para mim mesma. Além disso, Ethan tinha mencionado que havia outras zonas povoadas por aqui. Embora eu não conseguisse encontrar o clube, eventualmente eu deveria ser capaz de encontrar algum sinal de civilização. Só por que estava perdida, não significava que iria morrer, não importa quão... Alarmante fosse.

Com um gemido, forcei a mim mesma a levantar. Estava tão cansada e retorcida que não sabia como enfrentar a tarefa aparentemente impossível de conseguir tirar-me daqui. Mas não era como se tivesse opção. Dei uma olhada na lanterna e estremeci ao perceber que a querosene não duraria muito tempo.

Caminhei durante o que pareceu uma milha, tentando seguir adiante em linha reta supondo que se seguisse reto, com o tempo chegaria ao outro lado da montanha e haveria uma saída. Mas quando começava a sentir que estava fazendo um progresso, o túnel acabava, ou dava um giro repentino. Por tudo que eu sabia, estava andando em círculos.

Meus pés e pernas doíam, e a querosene estava em níveis perigosamente baixos, estava tão assustada que mal podia funcionar. Parei em meio a um corredor que se parecia com todos os demais e me sentei de costas contra a parede, dando-me um minuto ou dois de um precioso descanso antes de lançar-me para a escuridão novamente.

Levantei meus joelhos até meu peito e deixei minha cabeça descansar contra eles. Imaginei que chorar seria algo razoável, tinha direito de fazer isso agora, mas meus olhos permaneceram secos. Algum tipo de sobrecarga emocional me afetou e me senti torpe e apática.

— Pode me perdoar o suficiente para me deixar tirá-la daqui? — pergunta Ethan, e ao princípio pensei que tinha, sem perceber, dormido.

Levantei a cabeça e lá estava ele, a uns dez pés de distância, sentado de costas para a parede igual a mim. Tinha uma lanterna na mão e mal parecia o envaidecido e alegre Fae que eu tinha chegado a conhecer. Tinha os ombros caídos, a cabeça inclinada e a expressão de seu rosto era sombria.

Obviamente, tinha que estar sonhando, era uma dessas ilusões dos sonhos.

Apesar de tudo, eu tinha que admitir que parecia terrivelmente real. — Isso tem que ser um sonho. — murmurei em voz alta. — Não tem como você ter me encontrado.

— Não, se eu tivesse te perdido em primeiro lugar. — diz, brincando com a lanterna, dando voltas em suas mãos. — Corro rápido, e você estava levando uma luz, assim fui capaz de encontrar você antes que fosse muito longe. Imaginei que precisava de tempo para clarear sua mente, assim te segui à distância até aqui.

Quis dizer, manteve a distância até que estive seguro de que eu não sairia daqui sozinha? Pensei, mas não disse. Decidindo que não era um sonho, afinal, eu ainda tinha aproximadamente nenhuma vontade de falar com Ethan neste momento, assim que só o olhei com frieza.

A olhada fria poderia ter sido mais eficaz se ele estivesse me olhando, mas ainda estava fascinado com a lanterna.

— O feitiço não tirou seu livre arbítrio, Dana. — disse para a lanterna. — Se tivesse feito, então não teria sido capaz de escapar até aqui. Era só um simples feitiço de calma. Não é como se obrigasse você a fazer algo que já não tivesse aceitado.

— De acordo. — digo, esquecendo meu plano de não falar com ele. — Assim, em vez de ser como um boa noite Cinderela¹⁰, é algo como embebedar seu encontro com a esperança de que tenha sorte.

Sua cabeça desaba, e ele olha para mim pela primeira vez. — Não é assim! — diz, e havia um pouco de calor em suas palavras. Isso parecia envergonhá-lo, e ele afastou o olhar novamente. Sua voz se suavizando. — Simplesmente pensei que você se divertiria mais se não estivesse tão nervosa. Entendo que foi uma estupidez. Mas não havia nenhuma maldade nisso, e não tinha nenhuma intenção de me aproveitar de você. Sinto muito, fui um idiota.

Minha respiração resfolegou em um suspiro. Parecia tão abatido que era difícil duvidar de que ele falava a sério. Mas não estava nem sequer perto de estar preparada para perdoá-lo ainda. — Lembra quando você disse que se tentasse algo, eu nunca confiaria em você novamente? Bem, ao que me diz respeito, você tentou algo. E eu já não confio em você.

Ele realmente estremeceu e quase me senti mal por isso. Quase.

— Entendido. — disse. — Mas suponho que vai aceitar minha ajuda para sair daqui, ainda assim.

— Para onde?

— Onde quiser.

Mordo-me mais um pouco. Estava certa como um inferno que não queria voltar para aquela desagradável pequena habitação nos túneis, mas não queria me encontrar presa com tia Grace, tampouco. Não até que tivesse tempo para considerar minhas opções, pelo menos. Não tinha dinheiro ou identidade, assim ainda precisava de ajuda, apesar de que neste momento teria preferido não ter que depender de ninguém. Ethan, à força, acabava de me lembrar que a única pessoa de quem eu poderia realmente depender era de mim mesma.

— Poderia me hospedar em um hotel incógnito? — pergunto. Não era o que alguém chamaria de uma solução a longo prazo, realmente esperava que por fim pudesse chegar até meu pai amanhã, mas era melhor do que me esconder sob a terra ou dormir no sofá de Kimber enquanto me perguntava quando a tia Grace apareceria em uma inspeção surpresa.

Percebi que Ethan não gostou da sugestão nem um pouco, mas ele me respondeu o suficientemente suave. — Seria muito mais seguro em um lugar menos público.

— Se pensa que eu ficarei naquele pequeno buraco de rato, está louco. A menos que me mantenha ali contra a minha vontade, é um hotel ou nada.

Ele exala um dramático suspiro. — Muito bem, então. Conheço um lugar que fica um pouco fora do caminho. É menos seguro do que eu gostaria, mas... — Dá de ombros.

Com um gemido de dor, obrigo-me a levantar. — Vá na frente.

A pousada que Ethan me levou era pequena, era um B&B¹¹ em vez de um hotel real. Foi construído na ladeira da montanha, e havia uma bonita foto de hera pendurada em suas paredes, jardineiras cheias de flores, mais rosas de qualquer cor, o que me disse que a pousada era provavelmente humana. Estava farta dos Fae em geral, assim fiquei contente.

Ethan me fez esperar lá fora enquanto conseguia um quarto. Não achava que fosse uma boa idéia um encontro cara a cara com o dono da pousada e pensei que tinha razão. Eu era um pouco jovem para alugar um quarto em um B&B, e era Americana além do mais. Isso me faria só um pouco conspícua.

Era perto da meia-noite e as ruas de Avalon estavam tranqüilas. Não haviam pedestres e só ocasionalmente passava um carro. Obviamente, a vida noturna em Avalon era aborrecida.

Enquanto esperava que Ethan dissesse que estava bem entrar, cruzei a rua e uma vez mais estava na grade, olhando ao longe de Avalon. Era muito mais difícil ver as mudanças na escuridão, mas a forma em que as luzes ao longe piscavam ou em função de onde centrava meu olhar, demonstraram que não tinham ido milagrosamente longe, ou havia sido uma ilusão emitida por Ethan.

Dei a volta quando a vista começou a me deixar enjoada de novo. Ethan estava saindo pela porta principal da pousada e vi o alarme momentâneo em seu rosto quando eu não estava exatamente onde ele tinha me deixado. Logo seus olhos me encontram e deixou escapar um suspiro de alívio.

Começou a cruzar a rua para se unir a mim, tentando não se aproximar muito.

Era muito consciente de que tinha estabelecido sua residência permanente na minha casa de cachorro, e embora merecesse, não pude evitar sentir falta do humor fácil e da paquera. Acho que seus sorrisos e brincadeiras tinham me ajudado a manter o pior de meu medo à

margem e desejei que pudesse voltar.

Ethan se apoiou na grade olhando para Faerie, eu apoiei minhas costas contra ela, olhando para a pousada.

— Tive que acordar o dono da pousada para conseguir um quarto. — Ethan diz. — Devemos dar-lhe uns quinze minutos para voltar à cama antes de entrarmos.

Solto um bufo. — O que te faz pensar que vamos entrar juntos?

— Eu não vou te colocar nesse quarto até que eu mesmo tenha comprovado e esteja absolutamente certo de que é seguro. E eu tenho a chave.

Arqueio uma sobrancelha para ele. — Acha que talvez tia Grace tenha se escondido embaixo de uma das camas? — Estava muito escuro, assim não podia estar segura, mas pensei que ele se ruborizou.

— Suponho que estou sendo paranóico. — diz. Mas não pude deixar de me perguntar se tinha tido esperanças de que aconteceria algo se estivéssemos a sós em um acolhedor quarto, juntos.

Estendo a mão. — Dê-me as chaves.

Coloca algo em minha mão, mas não era a chave, se tratava de um celular. — Programei com o número de minha casa. E a casa de Kimber e o celular de ambos, também. Se tiver algum problema, o que seja, ou se algo te deixar nervosa, ligue para um de nós. Preferivelmente para mim, já que posso ficar invisível e chegar aqui sem levar ninguém mais até você. Mas vou entender se eu não for sua primeira escolha depois de... — dá de ombros.

— Obrigada. — digo, colocando o celular no bolso da minha calça. — Agora dê-me a chave.

Não havia esquecido quão hesitante estava, mas me entregou a chave de qualquer forma. — É o quarto 201, à direita no início da escadaria. Por favor, não saia do quarto até que escute Kimber ou eu. Se seu pai continuar na prisão, vamos tentar encontrar um lugar melhor para que permaneça. Esta pousada fica bastante fora do caminho, mas tive que pagar o quarto com meu cartão de crédito. Se alguém se apoderar dos registros dos cartões de crédito, o que não parece se estender muito à Grace, então o quarto de hotel será como uma grande placa publicitária piscando e gritando “Dana está aqui!”

Oh, surpresa. Uma coisa a mais com que me preocupar. Mas esta noite, estava muito

cansada para perder energia preocupando-me mais.

Dei um aceno breve para Ethan em lugar de um adeus, depois cruzei a rua e entrei na pousada sem olhar para trás.

Dormi como os mortos essa noite. O que era uma coisa boa, por que se não tivesse feito, teria estado obcecada, mas não sobre algo correto.

Pensei que tinha todo o direito de me obcecar sobre minha situação, meu temor pelo futuro, sobre em quem devia confiar. Mas quando acordei na manhã seguinte, qual foi a primeira coisa que me peguei pensando? O beijo de Ethan. Alguém viu meu sentido de proporção em algum lugar? Por que, obviamente, o perdi.

Tentei não pensar nele antes de tomar café da manhã, arrastando meus pés no caminho do banheiro. Então tentei não pensar nele enquanto tomava banho e escovava os dentes. Tentei uma vez mais, quando estava me vestindo, ainda usava a roupa emprestada de Kimber, por que, é claro, não tinha nada próprio.

Obviamente, tentando não pensar nisso, perguntei-me que parte do meu desfrute tinha vindo de mim e quanto veio do feitiço, perguntei-me se tinha reagido exageradamente, mas não ia fazer minha mente trabalhar nisso quando tinha mais em que me focar. Assim, decidi centrar meu pensamento em outra coisa.

Tirei o celular de Ethan do meu bolso, então o olhei durante um longo momento, indecisa antes de marcar o número de minha mãe. Sim, era muito cedo nos Estados Unidos, mas não achei que se importaria. Assim mesmo, não acreditava que fosse capaz de me ajudar, é difícil conseguir um “que diabos você fez”, quando seu cérebro está dando voltas em uma piscina de álcool. Mas seria agradável ouvir uma voz familiar, inclusive se passasse a ligação inteira gritando comigo, como eu esperava.

Era tontamente otimista de minha parte pensar que ia conseguir uma resposta.

Provavelmente estava muito chateada por eu ter fugido e eu sabia o que mamãe fazia quando estava chateada. Perguntei-me quanto tempo ia durar a farra.

Desliguei sem deixar uma mensagem. Qual seria o ponto?

Olhei o relógio. Era um pouco depois das nove, e não tinha ideia de quando escutaria Ethan ou Kimber. Kimber tinha me dito que papai ia vir depois de ir ao Conselho em algum momento, hoje. Era muito cedo para esperar que estivesse em casa agora, ainda mais quando

o Conselho o veria primeiro.

Alcancei sob a gola da minha camisa e corri os dedos pelo camafeu. Em toda a... Emoção da noite passada, eu tinha esquecido como tinha esquentado de novo.

Sentia-o fresco e normal agora. Talvez fosse como um anel de estado de ânimo. Tentei pensar em todas as vezes que tinha sentido o calor estranho, e um padrão começou a surgir: cada vez que havia esquentado, alguém perto estava usando magia em mim.

Não tinha percebido cada vez que tinham utilizado a magia, mas foi só em contato com a minha pele, quando o meti sob a gola da minha camisa.

Franzi o cenho. A primeira vez que me deu conta de quanto o camafeu estava quente foi quando cantei na cela debaixo da padaria de Lachlan. Talvez houvesse magia no trabalho então e eu não sabia. Ou talvez simplesmente eu estivesse inventando um padrão onde não existia. Afinal, não podia recordar especificamente se o camafeu

tinha estado por cima ou por baixo da camisa todas essas vezes que eu não tinha sentido o calor quando utilizaram magia.

Apesar de que eu tinha acabado de decidir que ainda era muito cedo para esperar que meu pai estivesse fora da prisão, peguei o telefone outra vez e disquei seu número. Afinal, não se perde nada por comprovar.

Ele respondeu na terceira chamada. — Alô?

Estava tão surpresa que por um momento não consigo responder. Teria realmente esta sorte? Ou a história de que ele estava na prisão tinha sido uma grande mentira? —Olá, papai. — digo quando encontrei minha voz.

— Dana! — Seu grito foi tão forte que tive que segurar o telefone longe de meu ouvido. — Onde está? Estive muito preocupado com você!

Engoli forte, desejando poder acalmar os alarmes que ressoaram em minha cabeça.

— A tia Grace me trancou em um calabouço. — digo. Foi um pouco exagerado. O quarto em que tinha me trancado era bastante cômodo, mas ainda assim...

Papai suspirou profundamente. — Dana, querida, sinto muito. Deveria ter sabido que ela faria algo nesse estilo, mas, às vezes, tenho um ponto cego ao que se refere a ela. Ela não te machucou, no entanto. Disso estou seguro. Eu teria te encontrado em pouco tempo e te tirado

dali.

— Bem, alguém me tirou dali primeiro, e tenho que admitir que estou me sentindo envergonhada.

— Não posso imaginar como você está depois de tudo que aconteceu. Diga-me onde você está e vou te buscar de imediato.

Ansiava dizer minha localização, para que papai viesse e cuidasse de mim, fazendo com que todo o mal desaparecesse. Mas, conexão biológica ou não, ele era um estranho para mim, e queria algumas respostas antes de correr de cabeça até seus braços. — Tia Grace me disse que você estava preso. — Tentei não soar como se estivesse fazendo uma espécie de acusação.

— Temo que isso seja verdade. — admitiu. — Suspeito que Grace tramou isso, para se assegurar de chegar até você antes de que eu pudesse.

Um nó se formou em minha garganta, por que o instinto, ou o cinismo, me disse que eu não ia gostar da resposta à minha seguinte pergunta. — Quando você saiu?

— Somente ontem. — disse e apesar de ter antecipado a resposta, meus joelhos falharam e me sentei pesadamente na borda da cama. — Estive procurando por você desde o momento que estive livre. — continuou papai. — Grace disse que Lachlan foi

atacado e que você foi seqüestrada. Sabia que trazer você para cá causaria um drama, mas nunca nada como isso. Sinto muito.

Ontem eu disse para Kimber um segredo que nunca tinha dito para ninguém antes. Tinha me permitido confiar nela. E todo o tempo, tinha estado mentindo, só pretendendo ser minha amiga para que pudesse me manter longe de meu pai. O

conhecimento me provocou uma dor da cabeça aos pés. Toda minha habitual cautela, e mesmo assim eu tinha engolido a sua representação, com anzol, fio, e lastro¹².

— Sim, isso é exatamente o que aconteceu. — digo, minha voz rouca com as lágrimas que me negava a soltar.

— Está bem? — ele perguntou, soando exatamente como um pai preocupado deveria soar. Era sua preocupação uma representação, também? Haveria alguém em toda Avalon que me diria a verdade sobre algo?

— Estou bem. — menti.

Papai hesitou. Qualquer idiota seria capaz de dizer que minha voz estava qualquer coisa menos bem, mas eu não estava disposta a falar disso agora. Talvez nunca estivesse. Graças a Deus, ele deixou passar.

— Deixe-me ir te pegar. — diz. — Podemos falar mais, pessoalmente.

— Estou na Stone's Throw Inn. — digo. — Quarto 201.

— Estarei aí em quinze minutos no máximo.

— Está bem. — Fechei o celular de Ethan sem dizer adeus, deixando-o na mesinha de cabeceira.

Os quinze minutos que passei esperando por meu pai me proporcionaram tempo suficiente para analisar esse encontro. Por agora todas as pessoas que eu tinha conhecido em Avalon tinham mentido para mim, e em certo modo, meu pai era um deles. Depois de tudo, ele me enviou o camafeu sem dizer-me que se o usasse seria como dizer que era da Equipe Seelie.

Eu me perguntei por que tinha me enviado para cá, já que fez isso sem perguntar para minha mãe se estava de acordo. Eu estava disposta a deixar para lá esse pequeno detalhe por que queria o que ele estava me oferecendo, mas agora vejo que deveria ter feito mais perguntas.

Pensei que ouviria os passos de meu pai na escadaria de madeira antes que ele chegasse até minha porta, mas não ouvi. Seu chamado repentino me faz saltar e ofegar, e no início não respondi, meus pés se congelaram no chão.

— Dana? — ele perguntou. — Você está bem, carinho?

Deixei escapar o fôlego que eu não tinha percebido que estava segurando e limpei as palmas suadas em minhas calças. Então abri a porta completamente, obtendo a primeira visão de meu pai.

Os Fae, uma vez que alcançam a idade adulta ao menos, são eternos.

Intelectualmente, eu sabia disso. No entanto, não diminuiu o impacto de abrir a porta para o homem que eu sabia que era meu pai e ver alguém que poderia se passar por uma pessoa de vinte e cinco anos.

Tinha uma típica constituição Fae, alto e magro, mas emanava uma sensação de força robusta. Tinha o cabelo muito loiro, muito curto ao redor de seu rosto aristocrático. Seus olhos eram o mesmo azul frio como os de Grace... E os meus, de qualquer forma... Mas havia uma espécie de... Peso que lhe fazia parecer mais velho.

Apesar da aparência juvenil de seu rosto, seus olhos não eram de um jovem.

— Dana. — disse, sua voz soava quase assustada enquanto ele me olhava de cima a baixo. Senti como se estivesse me inspecionando, mas como eu estava fazendo o mesmo com

ele, quase não podia queixar-me.

Por um momento, pensei que ia me abraçar, e fiquei tensa. Não sou uma pessoa realmente sentimental no melhor dos tempos. Estava mais aliviada do que podia dizer, quando em seu lugar, estendeu uma mão que tremia. Ah, a famosa reserva Fae! Eu tinha esquecido por completo, já que Ethan não encaixava nesse molde.

Evitei os pensamentos de Ethan.

— Olá, papai. — digo, sentindo-me inexplicavelmente estranha ao chamá-lo assim. Não tinha parecido tão estranho no telefone.

— Minha pobre criança. — diz em voz baixa, dando-me a mão em um apertão firme. — Mal posso imaginar o que você passou nesses últimos dias.

Estremeço. Não, provavelmente não podia.

— Vamos, eu vou te levar para casa. — continuou. — Peguei sua mala e o laptop com Grace. —ele sorri. — Suspeito que ficará mais cômoda com sua própria roupa.

— Antes de irmos. — eu digo. —Gostaria de perguntar algo para você.

Ele assente, sério.

— Por que estava tão ansioso que eu viesse para Avalon?

Ele piscou, surpreso.

— Descubro que tenho uma filha que nunca conheci, e é uma surpresa que eu queira conhecer você? — perguntou incrédulo.

— Mas você nem sequer perguntou por minha mãe. Nunca pensou que seria divertido que somente uma vez me falasse de seus planos. Há algo mais do que só querer me conhecer. — Tinha um nó na garganta, mas pensei que consegui manter a dor dessa declaração fora da minha voz.

Papai suspirou.

— Dana, eu sabia o que significava quando sua mãe desapareceu da minha vida sem antes me dizer que estava grávida. Sabia que significava que queria manter-se longe de mim. Desde a primeira vez que você e eu conversamos, eu sabia que estava fazendo isso escondido dela, e ela não teria deixado você me conhecer.

Soava plausível, tive que admitir. Mas se havia uma coisa que agora eu sabia com certeza, era que todas as advertências de minha mãe sobre meu lugar na política de Avalon eram verdadeiras. Talvez meu pai realmente estivesse ansioso por conhecer a filha perdida só por meu próprio bem, mas eu não acreditava nele.

— Então meu encontro não tem nada a ver com você querendo ser cônsul e que eu seja talvez uma Fariewalker.

Ethan e Kimber tinham mentido sobre um montão de coisas, mas percebi de imediato pela expressão de seu rosto que essa não era uma das mentiras. Este silêncio foi ainda mais longo do que o anterior. Quando finalmente se rompeu, percebi que estava escolhendo suas palavras com muito cuidado.

— Eu entendo que minha posição pode fazer difícil você confiar em meus motivos. Sim, eu gostaria de ser Cônsul. Mas eu queria conhecer você por que você é minha filha, não por que é parte de minhas ambições políticas.

Novamente senti um nó em minha garganta. Ele dizia exatamente o que eu queria ouvir. Eu queria que fosse verdade.

Papai aperta os lábios.

— Vou fazer a conjectura educada de que foi o chamado grupo de estudantes que seqüestrou você. Estou certo?

Dou-lhe uma olhada, cética.

— Já que você me ligou pelo celular de Ethan, eu diria que acho que é muito educado.

Ele assente com a cabeça.

— Desde já. O quanto disse Ethan de si mesmo e de seu grupo?

Oh, Deus! Por favor, diga-me que não estava a ponto de escutar outra coisa que prefiro não saber.

— Vou tomar seu silêncio como que um não sei muito. — diz papai. — Ethan é o filho de Alistair Leigh, que é o principal candidato para Cônsul Unseelie.

Naturalmente, Ethan apóia a candidatura de Alistair, assim que tudo o que pode ter dito sobre mim, poderia ser colorido por suas próprias orientações políticas.

Sim. Era outra coisa que não queria saber.

Por isso Ethan estava tão interessado em uma não (sobretudo) atraente jovem mestiça da escola secundária. Não por que não tinha se apaixonado por mim à primeira vista. Já era bastante ruim achar que ele só me queria como outro encaixe na cabeceira de sua cama, mas pensar que tinha tentado me seduzir com fins políticos a sangue frio era insuportável.

Como desejava ter resistido e não ter deixado me beijá-lo. Minha boca tinha um gosto azedo neste momento, eu quase o odiava. Havia arruinado meu primeiro beijo!

Lembrei-me de quão forte Kimber tentou me convencer de que Ethan não era bom para mim. Inclusive disse que se sentia atraído por meu poder. Havia feito todo o possível para insinuar para mim sem chegar a explicar sobre o que estava me advertindo. Pena que tinha estado ocupada apunhalando-me pelas costas enquanto estava me auxiliando.

Engoli o nó na garganta, decidida a enfrentar meu coração quebrado depois. Não podia colocar minha fé em Ethan ou em Kimber, inclusive nunca teria pensado em colocar minha fé em tia Grace, e inclusive se tivesse querido colocar minha fé em mamãe, ela não responderia ao telefone. Há um limite de quanta fé eu poderia colocar em qualquer pessoa, mas meu pai, o forasteiro, soava como a melhor oferta disponível.

— Podemos sair daqui agora? — perguntei, e meu pai, com um olhar de simpatia nos olhos, concordou.

The Stones Throw estava situado relativamente baixo nas ladeiras da montanha, e me alegrei. Papai tinha trazido seu carro, um pequeno carro vermelho que supus era um carro esportivo italiano de algum tipo. Você sabe: o tipo que não entraria no âmbito morto fazendo algo tão absurdo como colocar a marca e o modelo onde qualquer um pudesse ver. Os assentos eram tão baixos que senti como se meu traseiro golpeasse o pavimento se passássemos em grande velocidade por um buraco. Não é como se eu tivesse visto algum sinal de buracos em qualquer lugar de Avalon, mas dava ideias.

Papai começou a rir enquanto entrava.

— Eu sei, é um pouco excessivo para ser usado em Avalon. — disse, acariciando o painel como se fosse um cachorro. — Me encantaria ser capaz de dirigir no mundo mortal e ver a velocidade que realmente se pode chegar.

O motor ronronou quando ele acelerou o carro e o tirou do estacionamento nas empinadas curvas, para um caminho que nos levaria mais para cima nas montanhas.

— Acho que ia conseguir várias multas antes que percebesse. — murmuro, sentindo a potência tranqüila do carro, como se acelerava sem esforço apesar de quão inclinado era o caminho. Começou a rir.

— É o mais provável.

Não sabia qual era o limite de velocidade em Avalon, nunca parecia haver nenhuma placa, mas aposto que meu pai tinha que estar ultrapassando-o, já que voava pela estrada. Tentei não deixar meus nós dos dedos brancos enquanto segurava a tranca da porta quando fazia as curvas. Em um mau momento, olhei pelas janelas laterais. Neste brilhante, e claro dia, pude ver por quilômetros. Infelizmente, estava quilômetro por quilômetro de bosque verde e profundo. De Faerie.

Virei sem pestanejar. A viagem no carro era muito rápida e foi bastante difícil para o meu estômago sem acrescentar a vista nauseante através de Glimmerglass.

Quando me coloquei de frente de novo, observei que meu pai me olhava de soslaio, e esperei que me perguntasse o que vi. Mas não fez e isso me aliviou. Eu realmente não queria falar de todo o Fariewalker agora.

A casa de papai não era nem remotamente tão pitoresca como a de Grace. O andar de baixo inteiro era uma garagem para dois carros, mas no espaço em que deveria estar o segundo carro havia um estábulo em seu lugar. Estava vazio neste momento, o chão livre de palha, mas com um leve aroma de celeiro no ar que dizia que não estava aí só para ser mostrado. Significava que papai tinha feito constantes viagens ao reino das fadas?

Tivemos que subir escadas em caracol até o segundo andar onde começava o lugar onde ele vivia. Entrar e sair, devia ser uma tortura (diz uma garota que teve que passar por uma tortura para mover-se suficientemente bem). Inclusive carregando uma mala de cima para baixo, essas escadas eram um desafio.

Quando chegamos na parte de cima das escadas, encontrei uma ampla sala de estar, com uma pequena cozinha escondida no canto. Todo o muro que dava à rua era de janelas do piso ao teto. Tentei não olhar a vista, sabendo, que podia ver dois mundos, embora supusesse que deveria ser espetacular. Em seu lugar, olhei pela sala de estar tentando conseguir uma idéia de que era a casa do meu pai que eu estava olhando.

O estereótipo Fae estava passado de moda (sobretudo por que a maioria deles tinham ao redor de um zilhão de anos). A casa de tia Grace e o apartamento de Kimber tinham seguido o estereótipo conservando suas antigas formas de decoração. O lugar de papai não parecia o

tipo de casa que um Fae costuma viver. Não com essas grandes e modernas janelas, com a arte moderna na parede, com os contemporâneos móveis.

Eu odiava o que era muito contemporâneo, mas era o favorito de minha mãe e estava começando a adivinhar por quê.

— A suíte principal fica no segundo andar. — diz meu pai. — E há um quarto para convidados e uma pequena biblioteca no terceiro. — Ao que parece não levou em conta sua garagem no primeiro andar. — Você gostaria de trocar de roupa e se refrescar? Então, talvez, pudéssemos nos conhecer melhor.

— Isso seria ótimo. — digo, tentando soar alegre, embora ficar aqui me deixava nervosa e torpe.

— Sinta-se em casa. — papai disse, apontando uma porta que eu tinha pensado que era um armário para casacos, mas que tinha acabado sendo escadas. Acho que os Fae não eram grandes fanáticos por casacos, assim não precisavam de armários para eles.

Parei no primeiro passo que dei na escadaria, voltando sobre meu ombro para ver meu pai.

— Não vai me trancar, certo?

Pareceu surpreso com a pergunta.

— Claro que não! Você é minha filha, não minha prisioneira. E não sou sua tia Grace!

Estava certa que não. Assenti com a cabeça e continuei subindo, embora tenha que admitir que estava bastante tensa enquanto subia. Quando parei no terceiro andar (ou quarto andar, dependendo do seu ponto de vista), vi que o quarto era tão acolhedor quanto a sala de estar. Escassamente mobiliado, todo com esse olhar de atrito, reduzido em móveis contemporâneos, e uma cama cômoda, com um colchão duro.

Sentime melhor no quarto quando vi minha mala e minha mochila em um canto.

Nunca antes tinha ficado feliz em ver minha própria roupa. Peguei minha camisa favorita da mala, uma calça e um moletom que podiam ser suficientes para contrastar com o frio de uma manhã de verão em Avalon. E estava mais do que pronta para mudar de roupa íntima, por que as que eu usava ainda estavam úmidas por terem sido lavadas ontem à noite.

Sentime um pouco paranóica, não fechei a porta do quarto, temendo que se fizesse isso,

ficaria trancada apesar da promessa de papai. De qualquer forma, fechei a porta do banheiro em sua maior parte e apressei-me em me trocar. Fiquei esperando o terrível som de uma porta se fechando, uma fechadura impossível de abrir, mas nunca o ouvi.

Quando terminei de me trocar, penteei meu cabelo e preendi em um rabo de cavalo, depois apliquei um pouco de brilho labial. Um pouco de blush em minhas bochechas, e quase pareci eu de novo, exceto por uma enfeitiçada expressão em meus olhos.

“Oh. Bem, tenho direito a parecer enfeitiçada.”

Sentindo-me muito mais confortável com a minha própria roupa, desço as escadas para ver o rosto de meu pai uma vez mais.

Um cubo de gelo estava a um lado, e umas taças de champanhe na mesa de café. Devia parecer tão surpresa como me sentia já que meu pai respondeu minha pergunta sem necessitar que eu perguntasse.

— Não são todos os dias que um homem conhece sua filha perdida. — disse.

—Uma celebração à isso, o que você acha?

— Hm. Só tenho dezesseis anos. — a desculpa não serviu com Kimber e seu *posset*, e não funcionou com papai.

— Asseguro a você que não seremos arrastados pela polícia por causa da idade para beber. Agora vem e una-se à mim. Temos muito sobre o que falar.

Nesse ponto, eu não queria falar sobre nada. Queria fingir por um momento que esta viagem estava indo como eu planejava, que tinha vindo para cá direto do aeroporto e este era o começo de uma vida melhor.

Sentei-me do outro lado do sofá enquanto papai abria um champanhe. Estava tensa e pronta para o pop da rolha, mas isso não impediu que eu saltasse. Os cantos dos olhos de papai estavam enrugados, mas não por completo, quando riu de mim.

Serviu uma taça para si, depois me estendeu uma. Olhei em dúvida. O leite e o mel do *posset* tinham diminuído o sabor do uísque, isto era champanhe puro. Sabia que os garotos de minha idade ficariam emocionados por poderem tomar um pouco de álcool que havia em minha taça. Mas esses garotos não tinham vivido com a minha mãe.

— Bebe, filha. — disse papai.

Isso mostrava o estado mental que eu estava, não podia me forçar a tomar um gole sem vê-lo tomando primeiro. Por que suspeitava que meu pai fosse querer me envenenar era um mistério. E agora, estava começando a preocupar por ele estar observando meus movimentos. Coloquei meus olhos sobre mim mesma e tentei tomar a taça de champanhe. O *posset* tinha sido surpreendentemente saboroso. O

champanhe... Não muito. Não pude evitar enrugar meu nariz ante o sabor, embora pensasse que era algo grosseiro.

— É um gosto adquirido. — meu pai disse.

Deixei a taça na mesa de café.

— Não é um gosto que eu esteja muito ansiosa em adquirir.

— E por quê? — perguntou com uma inclinação de cabeça.

Afastei minha vista dele e dei um meio encolhimento de ombros.

— Bem, você sabe, minha mãe.

Um compasso de silêncio.

— O que passa com ela?

Ela tinha sido uma bêbada desde que me lembro. Nunca me ocorreu o que ela poderia ter sido antigamente, quando ela não era.

— Não bebia muito quando você saía com ela?

— Ah. — diz papai, colocando sua taça na mesa. — Entendo, ela bebia nada mais e nada menos como as mulheres de sua idade. — Suspirou. — Mas não estou de todo surpreso que tenha um problema com o álcool. Não há lugar no mundo como Avalon, e imagino que alguém como ela... Deve ser difícil para alguém que passou toda a sua vida aqui.

Suas palavras detonam como uma bomba em algum lugar dentro de mim.

Minha mãe não tinha sido alcoólatra enquanto vivia em Avalon. Ela não tinha deixado Avalon por que queria, mas por que decidiu me proteger do inferno da política de Avalon. E deixar sua casa tinha sido tão duro para ela que começou a beber demais. Oh, Deus! Todos estes anos desprezando-a sempre, culpando-a... E era minha culpa que sempre estivesse bêbada.

De qualquer modo eu consegui esconder a culpa, me fez sentir melhor conseguir esconder o que eu pensava, ou o meu pai não estava muito atento. Ele mudou tudo o que eu pensava sobre minha mãe, com apenas algumas palavras casuais e nem percebeu.

— Bem, se você não quer o champanhe, quer um chá, talvez? — perguntou ele.

Eu não queria chá. Eu não queria nada, exceto, talvez, não ter ouvido o que eu tinha acabado de ouvir. Mas acenei com a cabeça de qualquer maneira, e meu pai foi para a cozinha, dando-me alguns minutos para me recompor. Não foi tempo suficiente, mas eu tinha sido tratada à base de choques o suficiente nos últimos dias para que depois da dor a dormência voltasse muito rapidamente. Eu não achei que a dormência ia durar para sempre, e as conseqüências de quando acabarem serão, provavelmente, desagradáveis, mas por agora, eu estava grata por isso.

O telefone tocou, o som tão mundano que me ajudou a tirar meus pensamentos de minha cabeça e voltar ao mundo real. Ouvi a resposta de papai na cozinha.

— Sim, ela está aqui. — disse ele, e pareceu muito divertido. Houve um silêncio, durante o qual a chaleira do chá começou a assobiar. — Claro que eu fiz — disse meu pai, e o apito da chaleira foi cortado abruptamente. — Que tipo de tolo eu seria se eu não fizesse? — ele fez uma pausa para quem estava do outro lado dizer algo, e então ele riu.

O som rolou em meus nervos, por algum motivo eu não conseguia defini-lo.

Talvez por não haver um toque de maldade nele. Ou talvez fosse apenas minha imaginação.

— Eu vou lhe dar o seu recado. — meu pai disse: — mas eu sinceramente duvido que ela deseje falar com você agora. Foi bom você ligar e ver como ela estava.

Houve um clique do telefone desligando, e então algum barulho em torno da cozinha. Papai voltou para a sala com um serviço de chá em uma bandeja. Como regra geral, o povo de Avalon não era tão britânico como eu estava esperando, mas eles pareciam adorar o seu chá.

Ele serviu duas taças, com os seus indicadores na parte abaixo do chá. Eu estava me

sentindo bastante infeliz que o chá fosse mais atraente do que o habitual. Eu servi duas protuberantes colheradas de açúcar na minha xícara e mexi o conteúdo distraidamente.

— Isso foi Ethan? — eu perguntei, porque quando eu analisei a metade da conversa que eu ouvi, só fazia sentido se ele estivesse falando com Ethan.

— Sim — disse meu pai. — Ele ligou para se certificar de que você chegou em casa bem. — seu sorriso virou irônico. — E para saber se eu lhe dissesse quem ele era, é claro. Estaria eu correto em assumir que você não queria falar com ele?

Eu concordei e finalmente parei de mexer o meu chá. O açúcar havia dissolvido-se há muito tempo. — Você me deixaria falar com ele se eu quisesse?

Ele arqueou as sobrancelhas em surpresa. — Claro que sim. Eu não sou fã dele e gosto muito menos de seu pai, mas eu não vou ditar com quem você pode ou não falar.

Eu virei minha cabeça em sua direção. Até agora, ele não estava parecendo muito um bom pai. — Há uma abundância de pais que não deixariam suas filhas de dezesseis anos de idade falar com rapazes que não aprovem.

Ele colocou a xícara para baixo e se virou para mim, sua expressão era grave.

— Você não é uma criança, e eu vou procurar nunca tratá-la como uma. — ele me disse.

Eu quase discuti com ele. Na minha idade, eu passei a maior parte do tempo tentando convencer as pessoas que eu não era apenas uma garota, mas agora, eu queria ser. Eu queria ser cuidada, ter as responsabilidades tiradas dos meus ombros, ter alguém para tomar todas as decisões difíceis.

Se era isso o que você realmente queria, uma pequena voz sussurrou na minha cabeça, você poderia ter ficado com a tia Grace, em primeiro lugar. Então você não teria de tomar qualquer decisão sobre tudo.

— Você tem alguma pergunta para mim? — meu pai perguntou. — Avalon tende a sobrecarregar os turistas, mas não posso imaginar o que você deve estar pensando depois de tudo que aconteceu.

Eu passei “oprimida” a maior parte do tempo. Mas apesar de toda a agitação, eu fiz algumas perguntas. Em primeiro lugar: — O que impede a tia Grace ou Ethan de seqüestrar-me outra vez?

— Meus recursos são consideráveis. — disse ele. — Você vai sempre estar segura nesta casa. Nem Grace, nem Ethan são suficientemente fortes para superar as magias que coloquei sobre ela.

— E Lachlan?

Papai despediu com um aceno de sua mão. — Lachlan é uma não questão. Ele pode ser um modelo físico impressionante, e eu não gostaria de enfrentá-lo em um combate, mas seria necessário algo mais sofisticado do que força bruta para violar minhas defesas. — sua voz tinha um toque de desprezo que eu não entendi.

— Mas ele é Fae, certo? Mesmo assim ele não pode procurá-lo?

Papai realmente não enrugou o nariz, mas sua expressão facial não foi muito longe disso. — Ele é uma criatura das Fadas, mas ele é das classes mais baixas. Sua classe não é habitualmente autorizada em Avalon, mas com Grace elogiando-o...

Aparentemente, meu pai era um esnobe. Lachlan poderia ter sido o meu carcereiro, mas ele ainda era uma das pessoas mais legais que eu conheci em Avalon.

Sentime quase ofendido pela atitude do meu pai. Devo ter parecido, também, porque ele trocou a expressão por uma de diversões triste.

— Nós somos um grupo com muita consciência de classe, nós Fae — disse ele.

A diversão desbotando. — É preciso compreender que em Avalon, embora oficialmente separada de Faerie, os Fae ainda são Fae. Nós reconhecemos uns aos outros como Seelie ou Unseelie, embora tecnicamente não devêssemos mais obediência às Cortes. E no país das fadas, o conceito de que todos os homens são iguais é tão ridículo e é quase um sacrilégio. Sidhe é o título dado quando o Fae é da aristocracia das Fadas. Lachlan não é Sidhe. Eu sou.

Eu estreitei os olhos para ele, ainda me sentindo defensiva em nome de Lachlan... — Então o que você está dizendo é que, devido você ser Sidhe, é melhor que ele?

Eu esperava que ele dissesse algo apaziguador. Em vez disso, ele apenas me olhou nos olhos e disse: — Sim.

Pisquei em estado de choque. Havia um monte de gente neste mundo que achavam que eram melhores do que os outros, mas eu não poderia nunca me lembrar de ouvir ninguém ao menos admitir que se sentia assim.

— Lachlan é um troll — meu pai continuou. — Ele usa um glamour humano, senão, Grace não teria capacidade de trazê-lo legalmente, mas isso não muda o que está embaixo.

Eu me senti mal do estômago. Papai não era apenas um esnobe, ele era um fanático. Eu queria gostar dele, talvez até mesmo amá-lo eventualmente, mas eu não podia imaginar gostar de um fanático.

Papai se inclinou para mim, e fez tudo que eu podia fazer para não me inclinar longe em resposta.

— Os Fae de Avalon brincam de serem humanos. — ele me disse — mas nós não somos. Seremos sempre criaturas das Fadas em primeiro lugar, em segundo, cidadãos de Avalon. Alguns fanfarrões jovens como Alistair Leigh pensam que podem mudar isso, mas os Fae não mudam. Nós nunca seremos um povo igualitário, nem nunca vamos libertar os Tribunais. — Nós pertencemos ao Tribunal de nossos pais e nós pertenceremos a este Tribunal enquanto vivermos. Qualquer um que diga o contrário ou é iludido ou ingênuo.

Eu tive uma sensação de que havia uma mensagem sutil nas palavras do meu pai. “Nós pertencemos ao Tribunal de nossos pais”. Em outras palavras, mesmo eu sendo meio humana, “pertencço” à Corte Seelie. Claro, ele já tinha me dado essa mensagem quando me enviou o camafeu. Eu só não tinha sido capaz de lê-lo.

— Essa é a razão das tensões sempre correrem tão altas quando é o momento de um Fae assumir o cargo de cônsul. — meu pai continuou. — Se o cônsul é Seelie ou Unseelie pouco importa para os cidadãos humanos de Avalon, mas para os Fae...

— Estremeceu teatralmente, em seguida, mostrou outro sorriso triste. — Eu gostaria de odiar a sua mãe por ter me afastado de você sem nem mesmo deixar-me saber que você existia. — o sorriso desapareceu, e ele suspirou. — Mas por mais que tentasse, eu não posso culpá-la.

Eu não sabia o que dizer sobre isso, então eu não disse nada. Eu poderia culpar a minha mãe por um monte de coisas que ela fez, mas tentar me manter fora de Avalon não era um deles. Se eu soubesse a verdade desde o início, eu nunca teria vindo.

Inclinei-me sobre meu copo, ainda meio cheio, sobre a mesa. Como se tivesse uma vontade própria, o camafeu deslizou para fora debaixo de minha camisa. Eu tinha certeza que meu pai percebeu, mas ele não disse nada. Eu provavelmente teria um bom tempo para confrontá-lo sobre o fato de enviá-lo para mim sem explicar o significado, mas eu simplesmente não queria lidar com aquele pedaço de engano sutil agora.

— Eu nunca terminei de responder sua pergunta. — disse meu pai, e eu estava aliviada por ele não forçar a questão do camafeu — Está protegida dentro de casa por causa da força de minha magia. Fora da casa, você está vulnerável, de modo que você nunca deve deixar a casa sozinha.

Meu coração se afundou. Talvez meu pai estivesse indo me manter presa assim como a tia Grace.

— Vou contratar um companheiro... Para você. — continuou ele. — Quando você sair de casa, você deve ir comigo ou com seu companheiro.

— Por “companheiro”, quer dizer, assim, um guarda-costas? — foi muito estranho pôr essa ideia em palavras.

— Algo como isso, sim. É para sua própria segurança.

Sim, e era supostamente para o meu próprio bem que Grace tinha me trancado.

No entanto, eu sabia que discutir não iria adiantar, então eu não me incomodei em tentar. Pelo menos eu não estaria enfiada o dia todo aqui. Talvez eu até conseguisse ver alguns dos lugares legais em Avalon, em vez de explorar túneis assustadores no coração da montanha.

Essa ideia me animou um pouco, e consegui mostrar um sorriso hesitante para meu pai. Eu não estava muito feliz com toda a coisa do fanatismo, mas papai parecia relativamente bom. Eu tinha minhas próprias roupas e um quase confortável quarto para chamar de meu. E eu finalmente teria a chance de ser uma turista, mesmo que apenas por pouco tempo.

As coisas estavam melhorando.

Papai me levou para tomar café na calçada pitoresca no coração do distrito comercial de Avalon. Avalon era um dos últimos *hold-outs*¹³ na batalha contra redes de lojas e restaurantes de *fast-food*. A maioria das lojas era de estilo pop e os restaurantes eram únicos. Mas mesmo Avalon não está imune aos novos tempos.

Mesmo em frente do café onde almoçávamos, havia uma Starbucks e um pouco abaixo da rua, havia uma lacuna.

O "companheiro" que papai havia contratado se juntou a nós, assim que terminei o café. Eu estava recostada em minha cadeira, observando as pessoas, quando um homem chamou minha atenção. Ele estava caminhando em nossa direção com propósito, e parecia que tinha acabado de vir de *Casting Central* após uma audição para o papel de um capanga do serviço secreto. Alto, musculoso, sem sorriso, vestindo um terno escuro e óculos escuros. Tudo o que ele precisava era de um daqueles fones de borracha pendurado em sua orelha e ele seria perfeito.

Papai sorriu quando o homem do Serviço Secreto se aproximou, ficou de pé e estendeu a mão. O homem do Serviço Secreto não sorriu de volta, embora ele tenha acenado com as mãos e cumprimentado com que poderia ter sido uma saudação.

— Chegou na hora perfeita, Finn — disse papai. — Nós estávamos terminando.

— De fato, a garçonete escolheu aquele momento para retornar com o cartão de crédito do meu pai. Ele assinou o recibo sem sequer olhar. — Eu gostaria que você conhecesse minha filha, Dana.

Finn me deu o mesmo cumprimento que ele tinha dado a papai. Eu tive que lutar para não rir. Eu me perguntei se havia um estereótipo de guarda-costas, ele se encaixaria. Eu retornei com o aceno de cabeça e se Finn tinha uma pista que eu estava zombando dele, não demonstrou.

Papai sentou-se, embora Finn ficasse em pé em alerta máximo.

— Tenho alguns negócios para cuidar esta tarde. — papai me disse, e eu percebi que eu nem sabia o que ele fazia para viver. Ele se foi antes que eu tivesse a chance de perguntar.

— Finn vai cuidar bem de você enquanto eu estiver fora, e vai acompanhá-la para casa quando você estiver pronta. — ele abriu sua carteira e tirou um punhado generoso de euros.

— Achei que você poderia querer fazer algumas compras enquanto está na vizinhança. Eu acredito que vocês “americanos” chamam de “terapia de varejo”.

Aquilo me fez rir. Sim, alguma terapia de varejo poderia ser apenas o que o médico receitou. Embora eu nunca tivesse ido ao shopping com um homem grandalhão de óculos escuros atrás de mim. Podia ser... Interessante.

Peguei o dinheiro de papai, então engasguei quando vi que eram 500 € (euro)¹⁴. Eu acho que quando você está nas grandes categorias como o meu pai, você não se preocupa muito com seu dinheiro. Eu abri minha boca para protestar, era muito dinheiro, mas ele me interrompeu antes que eu pudesse.

— Eu perdi 16 anos de aniversários e presentes de Natal. — disse ele. — Eu acho que tenho o direito de mimá-la agora que eu finalmente tenho a chance.

Eu ainda não queria o seu dinheiro. Quero dizer, era mais dinheiro do que eu já vi na minha vida. Entre as mudanças constantes e as ausências com minha mãe freqüentemente bêbada, eu nunca tinha sido muito boa em manter um emprego. Nós sempre tivemos o suficiente para manter um teto sobre nossas cabeças e comida na nossa mesa, mas raramente tinha mais que isso.

Eu engoli meu protesto e recheei com um punhado de notas o bolso da minha calça, depois fechei. — Obrigada. — eu disse. — Isso é muito generoso da sua parte.

— Minha paranóia começou a saltar para cima e para baixo dizendo: *"Ele está tentando comprar o seu afeto!"* Ugh. Eu realmente odeio ser tão desconfiada.

Nós compartilhamos outro quente aperto de mão entre pai e filha antes de papai sair para trabalhar e me deixar com o Finn valentão, que até agora não tinha dado qualquer indicação de que ele pudesse falar. Isso passou a tornar mais fácil para mim apenas fingir que não estava lá, que eu estava fora em uma excursão de compras me divertido sozinha.

Descobri que compras com Golias sempre olhando por cima do meu ombro não era tão divertido como eu esperava. Não que eu realmente acreditasse que eu poderia fingir que não estava lá, mas eu não havia percebido como o constante exame minucioso me irritaria. Para não mencionar que ele fez o pessoal da loja ficar nervoso, pairando ali, olhando intimidante.

— De algum modo você poderia me dar espaço para respirar um pouco? — perguntei-lhe assim que saímos da loja. Eu teria gostaria de ter tido mais tempo olhando as jóias, mas Finn tinha deixado o lojista tão visivelmente nervoso, que eu decidi que a única coisa decente a fazer era sair.

Finn balançou a cabeça.

Eu fiz uma careta para ele. — Você fala? — talvez tenha sido meu lado intimidador, mas eu estava ficando cansada de seu forte silêncio.

Um canto de sua boca se contraiu, como se estivesse suprimindo um sorriso. — Só quando necessário. — ele respondeu. Ele tinha a voz profunda e retumbante que refletia em seu tamanho. Ele estava longe de ser tão grande como Lachlan, mas ele ainda era um dos maiores Fae que eu já havia visto. Pelo menos, eu estava assumindo que ele era Fae. Um guarda-costas humano não teria muito efeito contra seqüestradores Fae e sua magia.

— Acho que é necessário você explicar porque tem que estar tão perto o tempo todo.

Ele baixou os óculos para que eu pudesse ver os seus marcantes olhos verde-esmeralda, com sua inclinação Fae distintiva. Aqueles olhos eram como uma arma secreta, tão lindos, eu senti os meus próprios olhos arregalados de surpresa. Então, ele abriu um sorriso, e minha respiração ficou presa na minha garganta. Ele daria uma boa disputa com Ethan em uma corrida por dinheiro na categoria oh-meu-Deus-você-é-

lindo.

— Eu tenho que estar perto o suficiente para me colocar entre você e danos, se necessário. — disse ele. O sorriso desapareceu, e ele empurrou os óculos de volta no lugar, transformando-se mais uma vez no homem do Serviço Secreto. Aparentemente, esse foi o fim da nossa conversa.

Para dizer a verdade, eu senti uma espécie de prazer quando ele levantou os óculos, e eu poderia ter tropeçado nos meus próprios pés o olhando. Não é como se nunca tivesse visto um rapaz de boa aparência antes, mas vamos encarar, o Fae deu à boa aparência um novo significado.

Eu continuei andando, mas não tinha comprado nada ainda. Então vi uma das poucas lojas de cadeia popular que havia em Avalon: Victoria's Secret. Criatura cruel que eu sou, eu não pude resistir em ir, imaginando como Finn iria reagir.

Claro, ele não fez nada. Não reagiu de modo nenhum. Ele apenas me seguiu como de costume, os óculos de sol firmes no lugar. Mesmo com os olhos ocultos e sua aura de “Eu sou um cara assustador, não mexa comigo”, eu peguei uma das vendedoras verificando o espelho. Aquilo me fez sorrir.

Fui para a parte de calcinhas, eu poderia comprar um sutiã, mas seria pouco mais que uma fachada no meu peito pateticamente plano. Esperando fazer Finn se contorcer, eu levantei uma calcinha fio dental preta, verificando o preço, enquanto vigiava ele com o canto do olho. Ainda nada. Acho que ele não era tão fácil de embarçar. Eu, por outro lado, tinha, provavelmente, corado como um louco. Este plano tinha definitivamente saído pela culatra.

Não querendo que Finn soubesse que eu havia passado aqui apenas para irritá-lo, eu comprei o fio dental, bem como algumas roupas íntimas mais comportadas.

Você nunca tem roupas íntimas demais. Especialmente quando você odeia ter que lavar. Eu, então, entreguei a bolsa para Finn para ele carregar. Ele hesitou por um segundo, e eu juro que eu podia sentir os feixes de laser de seus olhos em mim mesmo através dos óculos escuros. Pisquei para ele inocentemente, apreciando que eu tivesse rachado sua compostura. Ele recuperou-se realmente rápido, embora, levando a sacola por mim sem comentários. Eu gostaria de ter uma câmera, porque ele parecia muito engraçado com uma sacola da Victoria’s Secret, enquanto tentava manter sua dignidade e sua aura de “Eu sou um cara mal.”

Meus pés estavam começando a doer, por isso, apesar de uma clara falta de energia para mostrar os meus esforços no shopping, eu voltei para a Starbucks que eu tinha visto. Claro, com meu senso de direção, eu peguei um par de desvios não intencionais ao longo do caminho. Quando Finn descobriu que eu estava perdida, ele encontrou sua voz tempo suficiente para me perguntar onde eu queria ir. Então ele me levou ao Starbucks.

Eu comprei um mocho (café) com bastante chantilly. Eu me ofereci para comprar algo para Finn, mas ele sacudiu a cabeça.

Eu tinha acabado de pegar minha bebida e estava examinando a pequena loja procurando um assento desocupado, quando, de repente, Finn entra em cena diante de mim. Eu quase derramei todo o conteúdo do meu copo em suas costas, já que eu tinha tirado a tampa para tomar um gole.

— Hey! — eu protestei, mas ele só ficou lá como uma parede. Eu nem estava certa se ele sentiu o café quente que respingou em seu paletó.

— Eu não tenho nenhuma má intenção. — disse uma voz. A voz de Ethan.

Senti algo frio na boca do estômago, enquanto eu espiava ao redor do corpo de Finn para me certificar que meus ouvidos não estavam me enganando. Mas não, era Ethan, de pé na porta. Meu coração apertou dolorosamente meu peito.

Ethan tinha ambas as mãos em um gesto de rendição. — Eu só quero falar com Dana por um momento. — disse. Ele deve ter me visto, mas ele só tinha olhos para Finn no momento. Não posso dizer que o culpo. Não por aquilo, pelo menos.

O camafeu de repente ficou quente contra o meu peito, e cheguei até a brincar com ele. Não foi tão quente a ponto de ser desconfortável, mas estava definitivamente mais quente do que deveria estar. Minha pele arrepiou como se houvesse uma corrente de eletricidade estática que corria através de mim.

— Senhor, eu aconselho que você mantenha distância. — disse Finn, e ele parecia sério. Alguns dos outros clientes tinham notado o impasse e agora estavam olhando para nós com curiosidade. Eu esperava que uma luta não estivesse prestes a acontecer.

Ethan olhou para o lado de Finn e pegou meu olhar. — Eu realmente preciso falar com você sobre algo. — disse ele.

Eu cruzei os braços sobre meu peito tomando cuidado para não derramar mais gotas preciosas de mocha, e o olhei. — Eu não tenho nada a dizer a você. — eu esperava parecer com raiva, embora olhar para ele novamente fez a dor no meu peito voltar. Eu não deveria me sentir tão traída não, quando eu sabia o tempo todo que ele era bom demais para ser verdade. Mas eu fiz.

Ethan passou a mão pelos cabelos. — Eu não posso consertar as coisas, mesmo se eu tentasse. — disse ele, — Mas você não sabe tudo ainda. Há outra coisa que eu tenho que lhe dizer.

A sensação de formigamento não tinha ido embora. Era um raio sobre a tempestade ou algo assim? Eu descruzei meus braços e rolei meus ombros, na esperança de dissipar a sensação.

— Vá em frente e fale. — eu disse na minha voz mais plana.

— Em privado. — Ethan falou.

— Não vai acontecer. — Finn anula.

Ethan olhou exasperado e até, talvez, um pouco assustado. — Eu não quero dizer privado como em uma sala fechada com uma porta. Quero dizer privado como nós dois a sós sentados em uma mesa e você fazendo sua vigilância a poucos metros de distância. Eu não sou nenhum equivalente para um Knight, e ambos sabemos disso.

Ela não estará em perigo.

Nota mental: perguntar ao papai mais tarde o que é Knight. Porque eu podia ouvir a letra maiúscula, e eu sabia que significava algo mais a esses dois do que significou para mim.

Finn ficou em silêncio por um longo tempo. Tempo suficiente para que alguns dos observadores ficassem entediados e desviassem o olhar. Eu estava começando a pensar que o camafeu ia me queimar depois de tudo e o sentimento espinhoso iria me fazer enlouquecer, quando de repente ele parou. O camafeu ficou frio de forma mais rápida do que deveria, e o formigamento se foi.

— Se for o desejo da minha senhora. — disse Finn, e eu estava feliz que não tivesse tomado um gole do meu mocha ou eu teria engasgado com ele.

“Minha senhora”? Será que tínhamos sido transportados de volta à Idade Média? Mas não, de alguma forma eu não acho que eles tivessem Starbucks na época.

Ethan virou um olhar suplicante em mim. — Dana, é muito importante.

Acredite, eu não arriscaria um Knight se não fosse.

Eu, com certeza, não queria falar com ele no momento. Na verdade, eu tinha certeza que eu nunca iria querer falar com ele novamente. Mas eu duvidava que eu fosse capaz de dormir à noite, se eu não ouvisse o que quer que Ethan tinha para me dizer.

— Tudo bem. — eu disse.

Finn guiou-me para um par de assentos confortáveis no canto. Havia uma mulher humana, provavelmente uma turista, com AVALON escrito na camiseta que ela estava usando, em uma daquelas cadeiras. Finn nem sequer falou uma palavra para intimidá-la em desocupar o assento. Eu olhei para ele.

— Você é uma espécie de idiota, você sabe. Ela estava lá primeiro.

Finn não deu nenhuma indicação de que ele tinha ouvido minha repreensão, muito menos levado a sério, mas Ethan tinha uma tosse forçada que eu suspeitava que não era tosse afinal.

Eu tentei ser fria e inexpressiva enquanto bebia meu mocha e focava meu olhar um ponto além de Ethan, encima do seu ombro em vez de seu rosto.

— Sinto muito. — disse ele, e foi tão inesperado que imediatamente perdi o olhar frio e inexpressivo que eu tinha colocado em meu rosto. Por um momento, eu seriamente considerei jogar meu mocha em seu rosto. Ele balançou a cabeça antes que eu pudesse dizer-lhe onde enfiar seu pedido de desculpas.

— Isso não é sobre o que eu queria falar com você. — disse ele. — Eu só queria dizer que, embora eu saiba que nada que eu disser vai melhorar as coisas, mesmo se tivesse provavelmente você não acreditaria em mim.

— Você está certo. Eu não acreditaria. — tomei um gole da minha mocha, e notei minha mão tremendo. Eu estava mantendo firmemente a dor contida, mas não iria demorar muito para ela estourar fora de minha pele, e eu me recusava a ser responsável quando acontecesse.

Ethan respirou fundo, como se ele não fosse o único que estivesse sofrendo. — Antes de eu dizer o que eu preciso te dizer, eu quero que você saiba que eu nunca, jamais teria deixado qualquer dano acontecer a você.

Oh, merda. Isso não soava bem. Eu decidi que talvez fosse melhor eu colocar minha mocha na mesa, porque minha mão tremia mais duramente do que o necessário.

Com minhas mãos em punhos cerrados, e eu olhei para Ethan com o que eu tenho certeza que foi uma expressão de medo puro. O fato de que ele parecia tão mal quanto eu me sentia não pressentia nada de bom.

— É sobre o ataque *Spriggan*. — disse ele. — Eu sei que Kimber disse que eles estavam atrás de mim, e ela realmente acreditava nisso. Ela não fazia parte do plano.

— É sobre o quê? — eu perguntei, minha voz estava tão fraca que eu estava surpresa que ele pudesse me ouvir.

Ethan soltou um suspiro pesado. — O ataque do *Spriggan*.

Engoli com a garganta seca. — Kimber não estava no ataque *Spriggan*. O que significa que você estava. — porque não havia outra maneira de interpretar suas palavras.

Ele fez uma careta. — Sim. Mais ou menos. Mas não era suposto ser assim.

Eu tinha que dar algo a Ethan: ele teve a coragem de me olhar nos olhos enquanto me dizia o quanto bastardo ele tinha sido.

— Era para eu convencê-la a vir para o nosso lado. — disse Ethan. — Lado de meu pai, de qualquer maneira. Eu queria que você fosse grata a mim, e não apenas por você ter ficado fora das garras de Grace.

— Então você arranjou para eu ser atacada? — eu perguntei, minha voz um guincho que não fazia jus. — Você deixou as criaturas ferir seus amigos? Eles poderiam ter morrido! — eu saltei para ficar em pé, mas Ethan estendeu a mão para agarrar meu braço.

— Deixe-me terminar. — disse ele.

O camafeu se aqueceu, e o formigamento desagradável iniciou novamente. Vi Finn vindo em nossa direção. Mas se eu o deixasse interferir agora, eu nunca ouviria toda a história. E não importa o quanto doesse, eu precisava saber a história toda.

Sentei-me com um baque. Ethan me soltou, e eu acenei para Finn ficar. Mais uma vez, o formigamento parou e o camafeu resfriou. Tinha que ter algo a ver com a magia, apesar de por que foi de repente fazia eu me sentir como uma enguia elétrica, eu não sabia.

Ethan pegou outra respiração profunda. — Sim, meu pai e eu arranjamos para você ser atacada. Foi assim que os *Spriggans* nos encontraram na caverna. Mas Dana, era planejado ser apenas um *Spriggan*, e era suposto que ignorassem todos os outros e fossem direto para você. É por isso que eu estava sentado ao seu lado o tempo todo, de modo que o *Spriggan* teria que passar por mim. Teria dado medo a você, mas eu teria sido muito mais do que um concorrente para um *Spriggan*. Eu teria conseguido ser o herói impetuoso, e ninguém teria se machucado.

— Juro para você, Dana. Nem meu pai nem eu jamais iríamos querer causar qualquer dano para chegar até você. Queríamos ganhar você ao nosso lado, não machucá-la. Mas, obviamente, algo deu errado, e os *Spriggans* atacaram em números.

E tudo deu errado, não foi um acidente.

— Huh?

— Meu pai e eu nunca teríamos os enviado para prejudicá-la. Mas alguém o fez. Alguém descobriu o que nós estávamos planejando e elevou as apostas, por assim dizer.

Eu decidi que precisava de mais mocha, apesar de minhas mãos trêmulas. Na verdade, o

que eu realmente precisava era de um dos posset”s da Kimber extra-forte.

Eu mal provei o mocha enquanto eu engolia.

— Então o que você está tentando me dizer, é que você acha que alguém está tentando me matar. — ele deu a entender de forma oculta antes que tia Grace poderia tentar me fazer desaparecer , mas tanto quanto me assustou, a ameaça nunca pareceu terrivelmente real para mim.

— Sim. E eu não tenho ideia de quem. Tenho certeza de que seu pai quer mantê-la bem guardada. — seus olhos se movimentaram para Finn, em seguida, de volta para mim. — Mas ele deve estar ciente de que está em perigo.

Eu balancei minha cabeça. — Por que você me disse? — eu perguntei. — Você poderia ter apenas dito ao meu pai. — e se havia alguma misericórdia no mundo, meu pai não teria me dito, e eu não teria que lidar com outro golpe.

Ethan olhou para suas mãos. — Eu não disse a seu pai, porque eu pensei que você merecia ouvir isso de mim. E se você quisesse ter o seu Knight batendo a merda fora de mim, eu não iria reclamar. — ele olhou para Finn novamente. — Acho que ele ia gostar.

Ele fez uma fantasia interessante. Pena que eu não era cruel o suficiente para realmente fazê-lo.

— Você tem alguma outra bomba para estourar, ou acabamos por aqui? — eu perguntei.

Ethan olhou miseravelmente. Eu estava contente com isso. — Eu disse o que eu precisava dizer. — disse ele.

Peguei minha mocha e me levantei. O copo ainda estava meio-cheio, mas eu não queria mais. Além disso, estava morno. O que significava que eu não precisei me preocupar se estava escaldante, quando joguei os restos no rosto de Ethan.

Eu pensei que poderia ter visto Finn abrir um sorriso enquanto segurava a porta aberta para mim, mas eu não tinha certeza.

Minha terapia de varejo não funcionou tão bem quanto eu esperava. Tudo o que eu tinha para mostrar da minha maratona de compras era a sacola da Victoria's Secret, mas embora o instinto me dissesse que meu pai não ficaria feliz que eu tivesse feito pouco uso de seu dinheiro, eu não poderia continuar depois da minha conversa com Ethan. Não que eu estivesse em um grande momento, para começar.

Pensei que Finn certamente ia me perguntar sobre minha conversa com Ethan, especialmente depois de todo café-jogado-no-rostro, mas ele não disse uma palavra.

Suas habilidades sociais poderiam dar algum trabalho. Então, novamente, eu não estava realmente ansiosa para falar sobre isso, então o silêncio não foi completamente indesejável.

Finn me levou de volta para a casa de meu pai. Eu pensei que ele fosse me deixar lá e ir embora, vendo como o papai disse que a casa é completamente segura, mas ele ficou comigo.

— No caso de você querer sair de novo mais tarde. — disse, e foi um verdadeiro discurso vindo dele.

Era uma explicação plausível, mas eu não poderia deixar de me perguntar se ele estava fazendo o dobro de seu trabalho como guarda prisional. Então eu deixei de lado o assunto.

— Estou exausta. — eu disse. — Eu não me vejo saindo de novo hoje. Pelo menos não até papai chegar em casa.

Ele encolheu de ombros, resistente. — Eu estarei aqui se você mudar de idéia.

— Não é justo, você não acabou de me dar um número de telefone? Posso te ligar se ficar com vontade de sair, e você não terá que matar o resto da tarde sentado ao redor da casa.

— Esse é meu trabalho. — disse ele.

Yup. Definitivamente um carcereiro aqui. — Existe alguma coisa que eu posso dizer que

fará você ir embora? — eu perguntei. — Porque eu realmente gosto de algum tempo para mim.

— Eu posso esperar na garagem, se minha presença incomoda você.

A garagem que, convenientemente, eu teria que passar se eu quisesse sair de casa. Não que eu quisesse sair de casa sozinha, e principalmente não quando poderia haver pessoas lá fora querendo me matar. Eu não sou uma cabeça de vento estúpida com três mil guarda-costas que pensa: — *Puxa, alguém está tentando me matar.*

Deixe-me ficar sozinha sem um guarda-costas, assim eu ia ser um alvo succulento. — Eu só queria saber que eu poderia sair se quisesse.

Eu queria muitas coisas desde que cheguei a Avalon. Eu não tinha realizado nenhum delas ainda.

Eu estava me sentindo quase cadela o suficiente para fazer Finn ficar na garagem, mas eu sabia que não estava sendo justa. Como ele disse, ele estava apenas fazendo seu trabalho. Não era culpa dele se eu não gostava.

— Ótimo! — eu disse parecendo ofendida. Peguei minha bolsa Victoria's Secret e fiz uma grande saída, pisoteando as escadas para meu quarto. Infantil, eu sei, mas eu pensava que tinha direito.

Havia um telefone no meu quarto, então eu fiz outra tentativa de ligar pra minha mãe. Eu não sabia o que ia dizer a ela, especialmente depois de descobrir por que ela tinha se tornado uma alcoólatra, mas depois de tudo o que tinha acontecido comigo em Avalon, de longe me sentia quase surreal. A idéia de tocar a realidade, até mesmo a realidade deprimente de minha mãe bêbada parecia uma grande coisa.

Caiu na sua secretária eletrônica novamente. Eu não conseguia pensar em nada para dizer em uma mensagem, então eu desliguei.

Se eu não me mantivesse ocupada, eu tinha certeza que eu ia passar o resto da tarde meditando, então eu conectei meu laptop e, finalmente, comecei a ler um dos livros obscenos que tinha baixado, mas eu não conseguia manter minha mente nele.

No momento que algo remotamente sexy começava a acontecer, eu me encontrava lembrando da sensação dos lábios de Ethan nos meus, o calor de seu corpo quando ele se inclinou sobre mim. E era conduzida imediatamente à memória de como ele mentiu para mim e

me traiu.

Minha espiral na miséria foi interrompida pelo som da campainha. Por meio segundo, eu esperava que fosse Ethan, chegando e postando-se aos meus pés e pedindo perdão. Mas eu nunca iria perdoá-lo, e mesmo que pudesse ser satisfatório vê-lo rastejar, eu não podia vê-lo novamente.

Passos fizeram rangidos na escada, e momentos depois, Finn apareceu na minha porta. Ele abandonou o paletó e a gravata, bem como os óculos de sol, e tudo que eu conseguia pensar era... Uau! Se ele andasse por aí sem seu disfarce HOMEM

DO SERVIÇO SECRETO ele seria uma ameaça para todas as mulheres ao volante de um carro, elas com certeza iriam esquecer-se de olharem para a estrada. Se não fosse a inclinação Fae aos seus olhos, eu juro que ele seria um dos principais candidatos para o próximo James Bond.

— Você tem visita. — disse ele, e eu tive que suprimir uma risada, seu sotaque era britânico o suficiente para me fazer pensar: “Bond. James Bond.”

— Se é Ethan, você pode dizer a ele para esquecer isso. — eu disse, a vontade de rir instantaneamente desaparecendo.

Finn balançou a cabeça. — É Kimber. Mas se você não quiser falar com ela, isso é perfeitamente compreensível e eu ficaria feliz em mandá-la embora.

Talvez mandá-la embora fosse a coisa certa a fazer. Ela me machucou pior do que Ethan, mesmo porque eu havia baixado a guarda e confiado nela, enquanto eu sempre me mantive cautelosa em torno de Ethan. Isso fez o meu coração doer, só de pensar em como ela mentiu para mim. E ainda... Ontem, quando nós tínhamos nos sentado em seu quarto juntas, eu tinha tido uma pequena amostra de como seria ter um amigo real, um amigo que eu não precisava esconder nada, e eu gostei. Muito.

Eu não sabia se poderia encontrar espaço em meu coração para perdoá-la, supondo que ela realmente gostava de mim e queria perdão, mas eu nunca saberia se eu não falasse com ela. Além disso, eu tinha dado a Ethan uma chance de explicar-se esta tarde. Era justo eu dar a Kimber uma também.

— Eu vou estar lá em um minuto. — disse a Finn, e ele concordou.

Eu dei algumas respirações profundas enquanto escutava os passos de Finn recuando.

Juntei o que pude de coragem e dignidade, em seguida, me dirigi para a sala.

Kimber estava sentada no sofá quando eu desci da escada. Olhei em volta procurando Finn, mas ele estava longe de ser encontrado.

— Ele está lá embaixo. — disse Kimber, levantando-se e virando-se para mim.

Fiquei feliz de não ter que lidar com ela com uma audiência, embora eu odiasse a idéia de Finn ter que sair para garagem. Eu andei mais para perto de Kimber, meus braços cruzados sobre meu peito, meu queixo saliente. Kimber olhou para seus pés por um momento, então, encontrou a coragem para olhar os meus olhos.

— Meu pai me fez jurar não lhe dizer nada. — ela disse, parecendo miserável. — Não parecia que estávamos fazendo algo tão terrivelmente errado em primeiro lugar. Estávamos apenas levando você para longe de Grace e sendo amigável. Eu disse a mim mesma que não havia mal nisso. Mas, então, Ethan começou a flertar e percebi que havia mais no plano do que apenas ser “amigável”.

Minha garganta doía. — Sim, porque como um cara como ele iria dar uma segunda olhada numa garota como eu? — eu perguntei, quase estremecendo com a amargura na minha voz. Lembrei-me pela milionésima vez que eu sabia desde o início que o interesse de Ethan era bom demais para ser verdade.

Kimber arregala os olhos. — Não foi isso que eu quis dizer!

— Não foi? Porque eu não consigo imaginar de que outra forma você poderia estar tão certa que era tudo alguma parte desta grande conspiração de vocês.

Kimber afundou no sofá, e ela parecia tão ferida que era difícil me lembrar da princesa de gelo que eu conheci. — Não é nada disso — disse ela, e eu podia jurar que ela estava lutando contra as lágrimas. — É que eu sou uma cínica, e era muito conveniente... Que “apenas acontecesse” dele se apaixonar por você de acordo com as circunstâncias.

Deixei escapar um suspiro pesado. — De um cínico para outro, diga-me por que eu deveria acreditar em qualquer coisa que você diz?

Ela olhou para mim e havia um brilho de lágrimas em seus lindos olhos. — Eu não consigo pensar em uma boa razão para você acreditar em mim. — disse com uma fungada. — Mas eu gostaria de tentar de qualquer maneira. Eu odiava ter que mentir para você, mas meu pai teria ficado tão furioso comigo se eu desobedecesse... Ethan nunca faz nada de errado a seus

olhos, mas sou uma história diferente.

— Você me disse que meu pai ainda estava na prisão quando você sabia que ele já estava fora.

Ela assentiu com a cabeça. — É o que meu pai me mandou dizer. Argumentei com ele sobre isso. Você poderia ver que era mentira e eu disse a ele que iria desfazer qualquer boa impressão que poderíamos ter feito. Mas ele não quis me ouvir. — uma única lágrima deslizou do canto de seu olho e ela secou-a fora.

— Desculpe. — disse ela com outra fungada. — Eu não tenho direito de chorar quando você foi a única que se machucou.

Mas ficou claro que ficar presa no meio havia prejudicado muito Kimber, também. — Você ganha pontos por tentar me avisar sobre Ethan, pelo menos. — eu disse a ela. E, mesmo que ela tenha traído minha confiança por mentir sobre o meu pai, eu não poderia deixar de lembrar a maneira como ela calmamente aceitou o que eu considerava ser meu segredo vergonhoso.

Eu não queria perdê-la, eu percebi. A mentira ia ser um ponto sensível entre nós sabe-se lá por quanto tempo, mas eu não sabia como eu poderia sobreviver em Avalon sem um amigo.

Decisão tomada, eu encontrei seus olhos. — Se você prometer nunca mais mentir para mim de novo, então talvez possamos começar de novo.

Ela me deu um olhar de olhos arregalados, esperançoso. — Sério — Nós podemos fazer uma tentativa.

Seu sorriso era positivamente brilhante e não houve falta de alívio em seus olhos. — Obrigado por me dar uma segunda chance. — disse ela, então me surpreendeu ao me dar um abraço exuberante. Ela ficou um pouco rígida quando me deixou ir. — É melhor eu sair daqui antes que seu pai chegue em casa. Ele pode não ficar muito feliz em me ver agora.

Eu não pensava que meu pai fosse um problema. Ele me disse que não iria me impedir de falar com Ethan, apesar de ele não aprovar, o que parecia ser um bom sinal.

— Você vai fazer alguma coisa amanhã? — eu perguntei. — Porque eu tentei fazer algumas compras hoje, e isso não foi muito divertido sozinha.

Os olhos dela brilharam. — Ooh! Shopping é uma das minhas coisas favoritas.

E eu posso levá-la para todas as melhores boutiques.

— Tenho certeza que teremos Finn olhando sobre nossos ombros o tempo todo.

— eu avisei.

Ela sorriu maliciosamente. — E isso seria uma coisa ruim? — ela brincou. — Eu dei uma boa olhada nele antes dele me deixar entrar, e tudo que eu posso dizer é, yum!

— Ele parece menos “yum” e mais “yikes” quando ele está em modo de HOMEM DO SERVIÇO SECRETO. — eu avisei.

O sorriso de Kimber foi irredutível. — Todos os melhores. Ele pode ser o nosso pequeno segredo.

Havia um peso tirado dos meus ombros quando eu sorri para ela.

Meu pai não voltou para casa até depois das sete, e nessa altura meu almoço já tinha sido queimado fora do meu sistema. Em outras palavras, eu estava morrendo de fome. Eu imaginava que ele ia me levar para jantar, mas eu não estava decepcionada quando desci e descobri que ele tinha trazido comida chinesa. Yay! Eu começaria a comer mais cedo.

Não havia realmente uma sala de jantar na casa de meu pai, mas ele tinha uma

pequena mesa redonda com duas cadeiras escondidas em um canto e foi ali que nós comemos. Finn tinha saído assim que meu pai chegou, por isso éramos apenas nós dois. Eu pensei que era algo acolhedor, quase familiar. Até meu pai começar a falar.

— Então Finn me disse você encontrou com Ethan esta tarde. — disse ele e a comida virou cinzas em minha boca.

Engoli, então mentalmente me dei um chute no traseiro. Eu deveria ter sabido que Finn daria a papai um relatório completo, especialmente quando Ethan fez um negócio tão grande sobre ter algo importante para me dizer. Eu deveria ter passado algum tempo nesta tarde decidindo o que eu ia dizer ao meu pai, eu tinha medo de que dizer sobre uma ameaça de morte me faria mais prisioneira do que eu já era, mas é claro que eu não queria pensar nisso.

— Sim. — eu disse, tentando soar casual dando outra mastigada no frango doce-e-azedo em minha boca. Ele ainda tinha gosto de cinzas, mas enquanto eu estivesse mastigando, eu não poderia falar.

Papai se inclinou para trás na cadeira e eu podia sentir os olhos em mim, mesmo ainda olhando para meu prato.

— Bem? — ele solicitou. — Gostaria de me contar o que aconteceu? Ouvi dizer que ele tinha algo urgente para dizer.

Eu não estava ansiosa para contar ao papai sobre o que aconteceu. Mas eu também não estava ansiosa para ser morta, por isso não contar ao meu pai sobre isso provavelmente era uma má idéia. Eu tomei um gole de água para ajudar a lavar o frango da boca, então me compus o melhor que pude.

— Na noite em que Ethan e Kimber me resgataram da tia Grace, fomos atacados por *Spriggans*. — Fae reservado ou não, papai ofegou em voz baixa. — Kimber pensou que eles estavam atrás de Ethan, porque ele é tão poderoso. Mas Ethan achou que eles estavam atrás de mim.

Eu tinha deixado muita coisa de fora, e você poderia dirigir um caminhão através de todos os buracos na minha história. Não me pergunte por que eu não falei sobre o papel de Ethan no ataque. Fiquei magoada o suficiente para querer machucá-lo de volta, mas algum instinto me fez me calar.

A partir do olhar no rosto de meu pai, eu poderia dizer que ele sabia que eu não estava dizendo a ele toda a história. Eu fiquei tensa me preparando para o interrogatório que se seguiria, mas ele me surpreendeu, deixando-o passar.

Ele deu um enorme suspiro e empurrou o prato de lado. — Eu suponho que eu deixei de fora muitas coisas, enquanto eu pude. — disse ele. — É hora de falar sobre seu status como um Faeriewalker.

— Você diz isso como se você soubesse que eu sou um. — eu não tinha dito uma palavra sobre isso com ele, imaginando que gostaria de evitar todo o tópico até que ele trouxesse de volta

Ele sorriu ironicamente. — Tornou-se bastante óbvio, uma vez que te trouxe para casa. Você nem sequer olhou pela janela da frente ainda. A maioria das pessoas imediatamente, comentam sobre a vista, e foi um dia ensolarado hoje.

— Talvez eu esteja com medo da altitude.

Seus olhos se estreitaram. — Não seja tímida. — ele não chegou a agarrar em mim, mas definitivamente havia irritação em sua voz. — Você pode ver Faerie.

Dei de ombros. Sendo tímida, eu acho. Era como se, se eu não admitisse em voz alta, não seria verdade.

—E Ethan e seu subterrâneo, eu tenho de explicar para você o que isso significa? — ele cutucou.

Outro encolher de ombros. — Para dizer a verdade, não parece que é um grande negócio para mim. Não grande o suficiente para todo este drama.

— Então talvez você não tenha pensado sobre isso o suficiente. — ele ainda estava chateado comigo, embora eu não tivesse certeza exatamente do por que. — Quão bem você conhece a história?

A pergunta me assustou. Eu não tinha idéia do que tinha a ver com a conversa.

— Vamos apenas dizer que não é meu assunto favorito na escola. — respondi, porque vamos enfrentá-lo, aulas de história são chatas, chatas, chatas.

— Típico americano. — papai murmurou sob sua respiração. — Você já ouviu falar de Richard III?

Eu dei-lhe um olhar exasperado. — Eu disse que não era o meu assunto preferido, não que eu era completamente ignorante.

— Richard III assumiu o trono quando seu irmão, Edward IV, morreu. Mas ele é mais famoso pelo assassinato dos Príncipes na Torre, filhos de seu irmão.

— Como eu disse, não sou completamente ignorante. — eu não poderia dizer que eu sabia muito mais sobre isso do que aquilo que o papai tinha dito até agora, mas eu estava achando seu tom um tanto condescendente.

Seus olhos eram como lanças azuis empalando-me, ele não estava acostumado a ter alguém retrucando. Ele ia ter que se acostumar com isso se eu ficasse ao redor.

Ainda assim, aquele olhar era intimidador o suficiente para que eu me sentisse afundar na cadeira.

— Se Richard matou os meninos ou não tem sido um assunto de grande debate entre os historiadores.

Fez uma pausa, esperando por mim para fazer um comentário inteligente, pronto para saltar na minha garganta se eu fizesse. Eu mantive minha boca fechada, ainda me perguntando o que isso tinha a ver com Faeriewalkers.

— Naquela época, estava sobcontrole de Avalon um mortal, governado por reis da

Inglaterra. Foi um momento de grande conflito para a Coroa, quando as casas de York e Lancaster lutaram pelo trono. Era conhecida como a Guerra das Rosas, e continuou por mais de 30 anos. Os Fae tomaram partido no conflito, o Seelie favorecendo York e o Unseelie favorecendo Lancaster. — ele piscou-me um sorriso que eu poderia ter chamado amargo. — Lembra-se que eu te disse sobre como os Fae não mudam. Os Seelie até hoje usam a rosa branca de York, e os Unseelie ainda usam a rosa vermelha de Lancaster.

— A única Unseelie no poder destruiu a casa de York pelo seqüestro dos Príncipes na Torre e deixou Richard segurando o saco, por assim dizer. Porque ele era suspeito de matar os filhos, ele nunca foi plenamente capaz de assegurar o trono, e quando ele foi morto em batalha, a coroa passou para a casa de Lancaster.

Ok, eu não precisava ser uma cientista para perceber onde o meu pai estava indo com isso. Obviamente, um Faeriewalker tinha tido envolvimento de alguma forma, mas eu não entendia como. Eu fiz uma careta de concentração.

— Portanto, há algum tipo de feitiço que pode fazer as pessoas simplesmente desaparecerem? E um faeriewalker foi até a Torre de Londres e fez as crianças desaparecerem?

— Não. O Fae Unseelie enviou uma Faeriewalker e um Cavaleiro Unseelie para o mundo mortal. O Cavaleiro lançou uma série de feitiços de confusão que lhes permitiram se infiltrar na Torre e ter acesso aos príncipes.

— Espere um minuto! — eu disse me sentando reta. — Eu pensei que apenas Faeriewalkers pudessem levar a magia ao mundo mortal. Eles podem realmente trazer pessoas?

Papai concordou. — Há uma aura de magia Fae que se apega a Faeriewalkers.

Se o Fae tem o cuidado de ficar dentro da aura Faeriewalker, então ele ou ela pode entrar no mundo mortal, com toda a magia dele intacta. Assim como o Faeriewalker pode trazer mortais em Faerie com tecnologia de trabalho.

— Então foi isso que aconteceu com os príncipes? O Cavaleiro e o Faeriewalker os seqüestraram e os levaram para Faerie?

— Sim.

— Então o que aconteceu com eles quando chegaram em Faerie?

Papai olhou triste e infeliz. — Os mortais não podem sobreviver em Faerie. Não sem uma magia Faeriewalker especial para protegê-los. O Faeriewalker os abandonou lá,

e eles morreram. Você está começando a ver o porquê você ser um Faeriewalker é um “grande negócio”?

Sim, isso estava ficando óbvio. Não me admira que ninguém sabia ao certo o que havia acontecido com os Príncipes. Eles não tinham levado em conta a possibilidade de um seqüestro mágico a Faerie.

— Ter um Faeriewalker a seu lado é um pouco como ter uma arma nuclear.

Mesmo que nunca se pretenda usá-la, a ameaça é muito potente. Grace quis conquistá-la para o seu lado pela força; Alistair queria ganhá-la para o seu lado por ter seus filhos engraçando-se com você.

Eu levantei meu queixo, odiando ser lembrada de Ethan. — E você? — eu perguntei. — O que você planeja para mim ao seu lado?

Ele sorriu para mim, inclinando-se e cobrindo uma das minhas mãos com as dele. — Por ser seu pai, vou proteger você, e tratá-la gentilmente. E ser honesto com você.

Eu gentilmente tirei minha mão debaixo dele, não completamente pronta para sinais físicos de carinho ainda. — Eu gosto mais do seu jeito. — eu murmurei sob a minha respiração.

Ele sorriu novamente, e seus olhos brilharam. — Eu estou contando com isso.

Fui para a cama naquela noite cautelosamente otimista sobre a minha situação.

Eu certamente me sentia mais segura, mais confortável, e mais livre agora que do eu tinha estado desde que tia Grace colocou os olhos em mim. Mas eu não podia deixar de me perguntar se a atitude do meu pai para mim mudaria se eu parasse de fazer o que ele queria que eu fizesse. Será que ele ainda me trataria “gentilmente”, então? Ou será que suas garras iriam sair? Porque eu sabia que ele tinha, mesmo que ele não tivesse mostrado elas ainda.

O dia seguinte amanheceu como estava começando a pensar que fosse, um dia típico do verão de Avalon. O que significa que era úmido e nublado com um frio não típico do verão. Eu dormi, apreciando a novidade de dormir em uma cama relativamente confortável. O futon¹⁵ não era tão ruim quanto eu esperava e o lençol era macio contra minha pele.

Eu tomei banho e me vesti, colocando um par de calças de moletom, dessa vez com uma camiseta e um casaco com capuz. Eu fiquei feliz por ir fazer compras de novo, porque eu estava precisando de umas roupas mais quentes. Eu sabia que aqui não seria tão quente como nos Estados Unidos, mas a umidade adicionou uma pitada extra para o frio, para o qual eu não estava preparada.

Enfiei o dinheiro que meu pai tinha deixado — a maior parte dele — dentro de um dos bolsos da calça e me dirigi para as escadas para esperar por Kimber. Eu poderia dizer pela noite passada que papai não estaria excitado com a idéia de eu sair com o inimigo, mas ele não tentou me proibir. Eu lhe dei crédito por isso.

Eu tinha esperado encontrar meu pai lá embaixo, mas encontrei Finn sentado no sofá da sala de estar. Ele estava vestido muito parecido como estava ontem, apesar de sua jaqueta estar dobrada sobre o braço do sofá e seus óculos escuros estarem guardado no bolso da camisa. Eu estava chateada por tê-lo pendurado em meus ombros ontem, mas agora eu não me importo tanto com a idéia.

— Onde está meu pai? — eu perguntei assim que entrei na cozinha para ver se conseguiria algum café.

— No trabalho. — Finn respondeu. — Eu receio que você esteja presa comigo novamente.

— Eu encontrarei um jeito de conviver com isso. — Eu disse por cima do ombro e acredito que ouvi a risada de Finn, apesar de ter sido tão curta e silenciosa que eu quase perdi.

Minhas esperanças de conseguir uma boa xícara de café foram frustradas quando vi que meu pai nem sequer tinha uma cafeteira. Havia muito chá, mas mesmo se eu soubesse como fazer chá a granel, eu teria dispensado. Eu eventualmente encontrei um pote de café

instantâneo, o qual eu finalmente decidi que era melhor do que nada. Eu não estava certa de que fosse de verdade depois de experimentá-lo, mas eu o forcei para baixo para fins medicinais.

Kimber apareceu pontualmente às dez em um estado de espírito repugnantemente alegre. Eu nunca tinha sido uma grande consumidora — era difícil ficar entusiasmada com compras quando você conta cada centavo esperando que fosse capaz de pagar a conta de energia elétrica. Mas eu tenho que admitir que com Kimber era divertido. Ela tinha um olho incrível e praticamente tudo que ela sugeriu que eu experimentasse ficou perfeito em mim, se é que posso dizê-lo.

Sendo um tipo prática, eu fiquei focada em comprar o básico — casacos, camisas de manga comprida e calças mais pesadas, em várias misturas de algodão e lã.

Mas Kimber estava constantemente me incitando a comprar coisas mais extravagantes — vestidos, saias, blusas com babados. Como eu disse, ela tinha um grande olho, mas mesmo experimentando tudo, eu simplesmente não conseguia ver-me gastando dinheiro com coisas que eu provavelmente não usaria. Minha seleção chata a aborreceu.

— Você tem que comprar alguma coisa divertida. — ela fez becinho pra mim quando deixamos a loja ainda sem nada de seda, veludo ou com laço na minha sacola.

Finn já estava carregando tantas sacolas pra mim que parecia como um porteiro muito quente, mas eu ainda tinha mais de duzentos euros pra gastar. E eu tenho que admitir, a idéia de ostentar em algo completamente impraticável teve algum apelo.

Kimber deve ter sentido minha fraqueza. — Eu sei. — disse ela, seus olhos brilhando com excitação. — Meu aniversário é semana que vem e eu terei uma grande festa. Nós deveríamos começar a caçar um vestido perfeito pra você.

Eu fiquei boquiaberta. — Você espera que eu use um *vestido* em uma festa de aniversário?

Kimber empinou o nariz no ar, lembrando-me brevemente de seu ato de princesa do gelo. — Minha festa, minhas regras. E acontece que eu gosto de vestidos.

Eu me lembrei da monstruosidade de penas em seu provador e tive esperança de que não fosse o tipo de vestido que ela tinha em mente. Eu protestei fracamente quando ela me arrastou para outra boutique.

Se eu estivesse sozinha, só teria dado uma olhada nas etiquetas de preço e teria ido embora. Mas Kimber em uma missão era uma força a ser reconhecida e logo eu me vi em um vestiário com uma braçada de bonitos, caros e impraticáveis vestidos.

Com a ajuda de Kimber eu reduzi a braçada a duas opções, mas eu ainda não estava certa se estava disposta a gastar tanto dinheiro em um vestido de festa.

— Eu gosto mais do azul. — Kimber disse. — Ele realmente trás cor aos seus olhos.

Eu fiz um som não muito definido. O azul era, é claro, o mais caro das duas opções. Obviamente, Kimber nunca teve que pechinchar um centavo em sua vida.

Ela fez um som exasperado. — Eu vou procurar alguma coisa para mim enquanto você pensa sobre isso. Mas não pense que você sairá daqui de mãos vazias.

— ela sacudiu os dedos para mim e eu rolei meus olhos.

Ela tinha ido a, talvez, um minuto quando eu ouvi um barulho dentro da loja.

Eu não fiquei muito alarmada. Não até o camafeu esquentar e eu sentir uma sensação estranha na espinha. Não tinha chance de ser boas notícias.

Eu rapidamente tirei as roupas do meu caminho — se eu estava indo enfrentar os bandidos, eu preferia não fazê-lo vestindo apenas calcinha — eu tinha acabado de enfiar meus braços na manga da minha blusa, quando a porta do camarim abriu.

Soltei um grito assustado e saltei para trás quando Finn veio voando pela porta, colidindo com o espelho de corpo inteiro contra a parede. O vidro quebrou com o impacto e Finn deixou escapar um grunhido de dor.

Dois homens seguiram Finn, passeando como se não houvesse nada de anormal acontecendo. Um deles parou para fechar a porta do camarim atrás dele, enquanto o outro avançou até o Finn.

Eles eram altos e musculosos, suas estruturas muito parecidas com a de Finn.

Eles também tinham a aparência de MIB¹⁶, até os óculos escuros que pareciam realmente desnecessários nesse dia sombrio. Eu supus que eles eram cavaleiros selvagens e que eu estava com problemas, grandes problemas.

Eu tentei gritar, porque, ei, parecia a coisa mais apropriada a se fazer no momento, mas isso não parecia incomodar os cavaleiros. As únicas pessoas que poderiam me ouvir eram

Kimber e os vendedores, mas os cavaleiros teriam que ter passado por eles antes de se dirigirem para o camarim. Eu esperava que eles estivessem bem.

Finn estava sangrando feio em um corte na testa e cacos de espelho quebrado pareciam ter o esfaqueado em toda parte. Os cavaleiros estavam entre mim e a saída, mas eu fiz um traço de qualquer jeito, esperando atrasá-los. Infelizmente não funcionou.

Um deles me agarrou e me puxou contra o seu peito, os meus pés ficaram balançando no ar. Ele segurou-me junto a ele com um braço em volta do meu peito, logo abaixo dos meus seios, e o outro braço fortemente pressionado contra minha garganta. Eu tentei o meu melhor para chutá-lo, mas é difícil conseguir força para chutar para trás, isso não pareceu incomodá-lo muito.

— Lute e a garota morre. — o outro cavaleiro disse para Finn, que tinha conseguido chegar a seus joelhos.

O olhar de Finn disparou para mim e o cavaleiro me apertou com mais força, a ponto de eu quase não conseguir respirar.

— Não a machuque. — ele disse silenciosamente. — Eu não lutarei.

A pressão na minha garganta diminuiu e eu respirava grandes golfadas de ar. O

segundo cavaleiro avançou até Finn, o puxou pelas pernas e lhe deu chute brutal no estômago.

— Não! — eu gritei. Finn tinha sido uma dor no traseiro, mas eu não tinha desejado vê-lo se machucar.

O cavaleiro que estava me segurando riu enquanto o seu parceiro batia em Finn novamente. Eu fiz outra tentativa de escapar, mas eu estava tão perto de movê-lo quanto estava perto de mover um caminhão. Eu não poderia nem ver o que estava acontecendo com Finn, não com o braço do cavaleiro apertando tão firme contra minha garganta. Eu poderia ter fechado meus olhos, mas isso não melhoraria as coisas.

Eu ainda ouvia o impacto dos punhos e pés sobre o corpo indefeso de Finn, ainda teria ouvido seus grunhidos de dor.

O cavaleiro bateu em Finn continuamente, às vezes batia tão forte que eu podia ouvir seus ossos quebrando. Eu soluçava e lutava e pedia a Finn para se proteger, mas ele não quis fazê-lo. Eventualmente, ele *não podia*.

Finn estava de bruços no chão e se não fosse pelo doloroso som dele procurando por ar, eu teria pensado que ele estava morto. O cavaleiro que o tinha vencido sorriu e puxou uma longa e fina faca de uma bainha escondida em sua bota.

— Não! — eu gemia, embora eu soubesse que não iria fazer nenhum bem. — Por que você está fazendo isso?

O cavaleiro esfaqueou um dos lados de Finn e, mesmo por trás dos óculos escuros, eu podia sentir seus olhos em mim. O sorriso dele era frio e cruel e eu não consegui ver nada nem remotamente humano em sua face.

— Deixe Avalon. — ele disse para mim. — Deixe e nunca mais volte, senão não haverá uma próxima vez.

Eu gritei quando ele levantou a mão, em seguida, mergulhou a faca nas costas de Finn. Finn gritou e tentou se mover. Eu percebi com horror que a faca tinha fixado-o ao chão.

O cavaleiro que estava me segurando finalmente me soltou, jogando-me no chão. Eles deixaram o vestiário pisando nos cacos de vidro espalhados pelo chão.

Horrorizada, eu caminhei até o lado de Finn, sem pensar nos cacos de vidro. O cabo da faca se projetava acima de seu ombro direito e do sangue derramado da ferida.

Ele ainda estava respirando, porém com muita dificuldade. Eu coloquei minha mão trêmula sobre ele, sem saber o que poderia fazer para ajudá-lo. Eu auxiliei minha mãe em vários acidentes antes, mas nenhum era remotamente parecido com este. Devia puxar a faca ou iria piorar as coisas?

Com um grunhido de dor, Finn virou a cabeça em minha direção.

— Oh Deus. — eu chorei. — Não se mexa.

Seu rosto estava... Arruinado. Era o único modo de descrevê-lo. Eu não sei quantos ossos estavam quebrados, só sei que eram muitos. Os cavaleiros eram feitos de algo realmente forte.

— Eu vou viver. — ele suspirou pra mim. — Consiga ajuda.

Eu não sabia se acreditava em sua reivindicação, mas suas palavras foram o suficiente para fazer eu me mover. Agora, coberta de sangue e cacos de espelho, eu tropecei para fora da loja.

O vendedor estava deitado no chão atrás da caixa registradora. Kimber, ostentando o que estava prestes a ser um hematoma enorme no lado de seu rosto, estava ajudando a outra mulher a sentar-se. Eu teria ficado aliviada ao ver que eles estavam bem, se meu medo por Finn me deixasse pensar em outra coisa.

— O telefone. — eu gritei para a vendedora, beirando à histeria. — Onde está o telefone? Eu preciso chamar uma ambulância.

Ela apontou o telefone que estava praticamente na minha cara. Apanhei-o com as mãos trêmulas, mas minhas mãos estavam cheias de vidro, então eu o deixei cair. A vendedora tinha se recuperado o suficiente para ficar em pé e ela estendeu a mão.

— Deixe-me... — disse ela. E desde que eu não sabia o número a ser discado, e não poderia dar um endereço, e provavelmente não poderia discar corretamente devido às minhas mãos feridas, eu deixei.

A ambulância e os paramédicos chegaram ao mesmo tempo em que a polícia, eu ainda estava tremendo, mas tinha bastante função cerebral para saber que era melhor ficar ao lado de Finn, mesmo ele não podendo fazer nada para me ajudar, do que deixar a polícia me levar para uma delegacia para declaração ou questionamentos ou o que quer que seja. A polícia tinha prendido meu pai com uma acusação inventada e eu não tinha idéia de qual lado eles estavam.

Eu não queria ter a chance de perder a liberdade que tinha, então eu pretendi parecer um pouco mais histérica e machucada do que realmente estava.

Tinha sangue suficiente em mim para ajudar na atuação, Kimber e o lojista receberam uma verificação apressados pelos paramédicos e foram rapidamente liberados. Finn, no entanto, era uma história diferente, ele estava inconsciente e tinha visivelmente perdido muito sangue.

Eu fui na ambulância com ele para o único hospital de Avalon, os paramédicos — um fae e um humano, não pareciam nenhum pouco preocupados com a condição do Finn como eu estava.

— Ele vai ficar bem. — o paramédico Fae disse — Se eles estivessem tentando matá-lo, eles usariam uma faca de ferro ao invés de prata.

— E eles teriam colocado isso em seu ombro. — o humano murmurou.

Os Fae são vulneráveis à ferro frio, que é o que eles chamam de ferro puro, isso não existe em Faerie onde prata é um metal muito mais comum.

Eu tinha conseguido um melhor olhar para a faca do que eu queria, quando eu me sentei ao lado do Finn esperando pela ambulância, o cabo era de alguma madeira, talvez ébano, por que era bem escura, mas não foi isso que prendeu minha atenção, não, meus olhos foram presos pela rosa marfim entalhada na madeira negra, eu não podia

ajudar a não ser olhar aquela faca, deixada para trás na cena do crime, como uma reivindicação de responsabilidade. Ou os Fae Seelie estavam por trás do ataque...

Ou alguém queria que pensássemos assim.

Não havia nada que pudesse fazer para prevenir de ser afastada do Finn uma vez que chegamos ao hospital, ele foi levado para a sala de trauma severo e eu fui deixada com uma excêntrica Fae curandeira que parecia achar que eu queria pedaços de vidro em meus joelhos e palmas.

Eu estava rangendo os dentes, tentando ser como um bravo soldado enquanto a curandeira procurava por vidros com seu malvado fórceps¹⁷, quando meu pai chegou.

Eu estava mais aliviada do que podia dizer quando coloquei meus olhos nele, eu acho que ele estava planejando me abraçar, ou ao menos, me dar um toque reconfortante no ombro, mas a curandeira deu a ele um olhar de fique-fora-do-meu-caminho que o fez dar um passo para trás.

— O que aconteceu? — meu pai perguntou.

Eu abri minha boca para soltar tudo, quando pensei melhor, eu olhei severamente para a curandeira que parecia ter terminado de retirar os cacos de mim e agora estava usando mágica para curar as feridas, papai acenou que ele entendia.

— Finn ficará bem? — eu perguntei, apesar de muitas pessoas terem me dito que ele ficaria. Aqueles cavaleiros tinham ferido tanto ele, e por minha causa ele não tinha nem tentando se defender.

— Ele ficará bem. — meu pai assegurou. — Nós Fae somos muito resistentes e nossos cavaleiros ainda mais.

— O que exatamente é um cavaleiro? — eu finalmente me lembrei de perguntar.

— Eles são uma casta guerreira, os protetores Faerie, eles às vezes são conhecidos como Daoine Sidhe, a maioria deles residem em Faerie e não colocam os pés em Avalon, mas aqueles que vivem aqui são os melhores guarda-costas do mundo.

— Tudo pronto. — o curandeiro disse com um satisfatório aceno. — Você pode ir para casa assim que estiver pronta.

Eu pisquei, assustada, sem formulários de seguro saúde para preencher? Sem contas para pagar? E mais duvidoso, sem polícia para falar?

Eu dei ao meu pai um olhar questionador, mas ele simplesmente sorriu para mim. —

Vamos para casa colocá-la em roupas novas, vamos?

Eu não estava de toda triste com a proposta, então fui com ele apesar de minhas dúvidas. No caminho para a saída da sala de exames, ele pegou um lençol do hospital de cima de uma pilha em um canto na entrada. — Eu irei devolver. — ele assegurou quando eu olhei surpresa.

Eu não sabia por que ele queria isso em primeiro lugar — Graças a Deus ele não me fez vestir — até chegarmos ao estacionamento do hospital, então eu me lembrei do pequeno maravilhoso carro esporte, e entendi que ele não queria seu banco sujo.

Isso não me deu nenhum caloroso, bagunçado sentimento, mas ele pareceu não perceber nada quando forrou o banco para mim e deixou a porta aberta.

Certo, eu sei, se tivesse um carro daqueles, com bancos pequenos, eu também não gostaria de sangue neles, mas eu tinha certeza que se a mágica Fae podia curar todos meus machucados e salvar a vida de Finn, ela poderia limpar um banco de carro também.

Papai não me questionou sobre o ataque até chegarmos em casa e eu ter tomado banho e me trocado, então eu me sentei ao lado dele no sofá, com a sempre presente xícara de chá esfriando na mesa de café e contei tudo o que podia lembrar, quando cheguei na parte da faca com a rosa branca no cabo, ele visualmente tremeu, seus lábios pressionados fortemente, então ele soltou uma exclamação de fúria.

— Droga! — ele disse.

Levantou-se e começou a andar, parecia que estava pensando furiosamente.

— O que está acontecendo? — eu perguntei um pouco melancolicamente, eu tenho que admitir. Ele sentou-se de novo, mas sua postura não relaxou.

— Ethan me disse que os *Spriggans* estavam tentando te matar, mas isso não fazia sentido, não quando na ocasião você estava nas mãos de um Fae Unseelie.

Eu lembrei que Ethan disse a mesma coisa a mim.

— E agora você foi atacada por um Fae Seelie enquanto você esta vivendo comigo.

— Foi Finn quem eles atacaram, não eu.

Ele desmentiu. — Foi Finn quem se machucou, mas foi você quem eles atacaram. — ele colocou sua mão em meu ombro e deu um pequeno apertão — Finn é um guerreiro, e mesmo que ele não goste de ser machucado em combate, é parte de seu trabalho, você não tem

porque se sentir culpada por isso.

Mas eu me sentia culpada de qualquer forma, eu não podia parar quando lembrava como ele tinha olhado para mim e então decidido não se defender para me proteger, como poderia não me culpar?

— Então o que tudo isso significa para você? — eu perguntei. — Se nenhum dos ataques faz sentido, então porque você acha que eles estão atrás de mim?

Ele me deu um longo e medido olhar, um olhar que dizia que eu não ia gostar do que estava para ouvir.

— Os Fae de Avalon ambos Seelie e Unseelie, querem você aqui, viva e sobre influência, mas eu estou começando a crer que as rainhas de Faerie tem outras idéias.

— O que? — eu gritei, já é ruim o bastante uma horda de políticos manipuladores esperando me capturar e me moldar a seus ideais, agora papai estava me dizendo que as rainhas Faerie estavam atrás de mim também?

— Por quê?

Ele encostou-se no sofá, ainda com uma expressão pensativa.

— O último Faeriewalker antes de você se aliou à corte Unseelie, um dia ele foi ao reino Faerie e nunca voltou, seu corpo eventualmente foi encontrado, sem cabeça.

Eu tremi fortemente com uma urgência de tocar meu pescoço.

— Há aqueles que especularam que o Cônsul tinha ambições em Faerie e provavelmente tenha usado o Faeriewalker em uma tentativa de assassinato à Mab, a rainha Unseelie, se isso for verdade a rainha com certeza vê os Faeriewalkers como um risco mais do que como um possível aliado.

Eu gemi e abaixei minha cabeça em minhas mãos, isso tudo era muito para receber, minha vida desde que eu coloquei os pés em Avalon foi um desastre atrás do outro.

Eu desejava ter um par de sapatos de rubi assim eu poderia bater os calcanhares e me tele transportar magicamente para casa, como Dorothy¹⁸, eu não tinha percebido o quanto minha vida era boa até perder.

— Eu tenho que sair de Avalon. — eu murmurei, por trás de minhas mãos, eu não gostei da idéia de ser forçada a sair, mas se ficasse eu ia acabar morta, e levaria todo mundo ao

meu redor comigo.

— Não Dana. — meu pai disse e começou a esfregar sua mão para cima e para baixo pelas minhas costas, isso era supostamente para ser um gesto de conforto, mas eu estava longe de ser confortada.

Eu sentei reta de novo e o encarei. — Você não pode estar falando sério em querer que eu fique aqui agora! Não se você sequer se importa comigo, ou você está pretendendo me usar contra os Faerie igual aquele outro cara que você estava falando?

A face do meu pai estava furiosa o bastante para parar as palavras na minha garganta e por um momento eu achei que iria me bater de tão bravo, suas bochechas ficaram vermelhas os lábios estavam pressionados um contra o outro tão forte que quase estavam brancos.

— Eu não tenho nenhuma ambição em Faerie. — ele disse por entre os dentes — Eu fiz de Avalon minha casa e tenho toda a intenção de permanecer aqui.

Eu acreditei, apesar de que ele estava obviamente muito ambicioso em relação à Avalon.

— Então porque você quer que eu fique aqui se minha vida corre perigo?

— Porque você está mais protegida aqui do que no mundo mortal, se você deixar Avalon pode ser muito satisfatório para a rainha Seelie — você é afinal de contas, tecnicamente, um membro de sua corte, mas eu duvido que Mab a deixaria ir mesmo assim, afinal é possível que você volte um dia, ela iria enviar agentes no plano mortal atrás de você e eles iriam te caçar pelo resto de sua vida, não pense que por esses agentes serem humanos significa que não podem te matar, ou matar sua mãe ou alguém que você venha a gostar.

Eu desejava argumentar a lógica dele, mas mesmo se só acreditasse em metade do que ele dizia isso me deixaria em uma enseada proverbial, infelizmente eu ainda não estava convencida de estar segura em Avalon.

— Eu acho que é hora de uma reunião com ambos Alistair e Grace. — papai disse.

Eu tive muitas surpresas desagradáveis hoje para reagir muito ao anuncio — Eu pensei que eles fossem inimigos.

Ele deu de ombros. — Nisso de quererem te manipular em suas próprias causas, sim, mas ambos são extremamente poderosos, eu não acredito que nenhum é frio o suficiente para te querer morta, mas mesmo se fossem, eles não gostariam que isso acontecesse enquanto eles ainda tenham uma chance de ganhar sua lealdade.

E não era um endosso empolgante.

— Você acredita que um deles poderia desafiar as rainhas? — eu perguntei.

Papai sacudiu a cabeça. — Alistair nasceu em Avalon e tem vivido aqui desde então, eu não consigo acreditar que ele tenha alguma ambição em Faerie, quando sua plataforma é toda sobre os Fae se libertando de suas cordas com as cortes e se tornando “verdadeiros cidadãos de Avalon” como ele chama isso, e Grace tem outras razões para não querer viver em Faerie.

— Como o que?

Papai não respondeu.

— Desde que é minha vida na corda bamba, eu acho que tenho o direito de saber. — Eu argumentei.

Sua expressão mudou para uma de desprezo. — Lachlan.

Eu esperei a dica, mas pareceu que isso era tudo o que ele tinha a dizer do assunto.

— O que sobre Lachlan?

Os lábios deles se curvaram em um escárnio sorriso. — Minha irmã tem certa... Relação com Lachlan, uma que é sancionada até mesmo em Avalon, uma que ocasionaria a ela ser completamente evitada em Faerie.

Em outras palavras, Grace e Lachlan, eram um casal, ou algo do tipo, eu não pude deixar de lembrar a maneira que Lachlan tinha falado dela, com um tipo de reverência, eu duvido que a relação entre eles fossem de iguais.

Papai deixou de lado seu desgosto por Lachlan. — Eu espero que os curandeiros tenham terminado com Finn nas próximas horas, eu irei organizar uma reunião com Alistair e Grace e eu irei garantir que você esteja bem defendida enquanto estiver fora.

Eu estreitei meus olhos para ele. — Eu não deveria ir junto? Eu tenho um grande pedaço nisso tudo.

Papai começou a dizer alguma coisa, então mudou de opinião, ele pensou um pouco mais, então me olhou com uma expressão suave. — Eu prometi que iria ser honesto com você e eu serei, você, claro, tem o maior pedaço em tudo o que decidirmos, mas minha querida criança, você realmente não tem nada a dizer.

Eu fiquei boquiaberta.

— Honestamente, não é sempre lindo. — ele disse — Você é nova e inexperiente, e você não conhece a extensão de seus poderes e também sou seu pai e tenho sua custódia legal.

— Minha mãe tem minha custódia.

E oh meu Deus, eu devo-lhe um pedido de desculpas incrivelmente grande quando ou — engoli — se eu voltar a vê-la de novo.

Agora, eu felizmente seria sua enfermeira através de rescaldo de um bender, enquanto puxava para cima suas raízes e se movia tentando manter meu problema secreto longe dos meus amigos. Tudo parecia tão fácil quando comparado a ter duas rainhas das Fadas tentando me matar.

— acredite em mim Dana. — meu pai continuou — Tanto quanto Avalon está preocupada, meu domínio sobre você é incontestável, sua mãe não está aqui, mas eu estou, isso é tudo o que deve importar.

Ele se aproximou de mim, mas eu desviei. — Você não deve me tocar e agir todo paternal, não depois desse discurso!

Ele levantou sua sombrancelha.

— Você prefere que eu minta para você? Porque mesmo que há um tempo eu tenha virado minhas costas para as cortes Faeries, eu fui um jogador chave algumas vezes, e ninguém sobrevive bastante sem aprender a mentir com extrema facilidade.

Eu não me enganaria em pensar que ele não iria usar essa capacidade em mim num piscar de olhos se ele achasse que seria mais lucrativo. Inferno, tudo que eu conhecia, tudo o que ele me disse hoje poderia ser uma completa invenção. Mas a verdade era feia, e se ele queria manter-me aqui, ele poderia. Isso era algo que eu estava certa de que ele não estava mentindo.

Sem outra palavra para o meu pai, eu levantei e saí, subi as escadas para o meu quarto enquanto meu pai planejava uma reunião entre todos os três dos meus candidatos a mestres de marionetes. E pode apostar que a primeira coisa que fiz quando entrei no meu quarto foi tirar o camafeu, e lançá-lo na lata de lixo mais próxima.

Havia sido uma tarde muito longa. Depois de falar com meu pai, sentei-me em meu quarto meditando durante mais tempo do que eu gostaria de admitir. O telefone tocou e embora tivesse uma espécie de tentação em ouvir, era provavelmente melhor não fazê-lo.

Finn o ligou do hospital, um pouco depois das 18h00min. Eu não tinha muita vontade de sair com meu pai neste momento, mas eu queria ver Finn para me assegurar que ele estava realmente “milagrosamente bem”.

Dizer que estava bem era ser muito otimista. Percebi pela maneira cuidadosa de andar e a tensão nos cantos de sua boca que ele tinha dor ainda. Mesmo meu pai percebia já que imediatamente o ajudou a se apoiar. Finn afundou-se no sofá com gratidão.

— Você está bem o suficiente para a guarda? — meu pai lhe perguntou.

Suponho que sua compaixão não ia muito longe.

Finn encolheu os ombros rígidos.

— Não, se eu for sua escolta pela cidade. Mas na casa, com a proteção unida aos seus feitiços, eu posso lidar.

— Você não pode encontrar alguém que não esteja ferido? — perguntei a papai, mordendo meus lábios enquanto olhava para Finn. Odiava a idéia dele, possivelmente, tendo que se defender quando ele já estava machucado. Não estava certa de que eu podia suportar uma repetição do pesadelo desta manhã.

— Posso lidar com isso. — Finn repetiu antes que meu pai pudesse responder.

— Eu não diria que sim, se não fosse certo.

Papai assentiu com a cabeça e se virou para mim.

— Mesmo com menos de 100%, você não encontrará um guardião melhor do que Finn. Além do mais, encontrarei com Alistair e Grace para o jantar e o planejamento estratégico em menos de meia hora. Não teria tempo para encontrar um substituto.

Não me incomodei em discutir. Prefiro guardar minhas energias para as batalhas que posso ganhar.

Papai se foi uns dez minutos mais tarde, e eu me perguntei o que devia fazer para o jantar. Pulei o almoço por completo e mesmo meu pai tendo me chamado para tomar o chá da tarde, eu não havia aceitado a oferta. Estava morta de fome.

Finn se esticou no sofá e eu lhe fiz uma careta de simpatia.

— Por favor, não se levante. — eu lhe disse, mesmo que ele já estivesse em pé.

— Você precisa de algo? — minha mente não deixava de palpar com a visão de seu rosto ensangüentado e golpeado, a faca afiada em seu ombro, enterrada até a beira do chão. E tão valente e forte como ele era, não havia sido capaz de segurar completamente um grito quando o paramédico havia tirado a lâmina.

— Não sou um inválido. — ele disse, e continuou a perambular pela cozinha.

Fiquei horrorizada quando começou a pegar alimentos da geladeira e percebi que ele queria cozinhar. Isso respondia a minha pergunta sobre o jantar.

— Você não vai cozinhar. — eu lhe disse com a voz que usava com minha mãe quando ela estava muito bêbada para permitir-lhe estar perto de uma chama acesa.

Sua resposta foi um arco diante de mim, enquanto ele continuava coletando ingredientes. Parecia que estava pensando em espaguete com almôndegas, baseada no que ele havia pegado até agora.

— Venho cozinhando desde que eu tinha seis anos. — eu disse. — Sou capaz de fazer espaguete. Por favor, sente-se.

Minha voz se quebrou um pouco, para minha vergonha. Mas depois do que havia estado até hoje em minha conta, algo dentro de mim me causou dor ao vê-lo fazer isto por mim, quando podia fazê-lo eu mesma. Eu tinha chegado a Avalon em parte, procurando alguém que cuidasse de mim, que me permitisse ser a filha que nunca tive a oportunidade de ser. É curioso como agora que tinha a oportunidade, eu queria nada mais do que tomar as rédeas novamente em minhas próprias mãos.

Finn deixou o pimentão verde que tinha examinado e se virou para mim, inclinando a cabeça contra o armário.

— Venho cozinhando desde que eu tinha seis anos também, e isso foi há muito mais tempo para mim do que para você.

— Mas...

— Se você tivesse conseguido que me enviassem para casa, eu estaria em minha própria cozinha cozinhando meu próprio jantar, neste momento.

Engoli saliva duas vezes, odiando o fato de que me deu vontade de chorar por algo tão estúpido como ele preparar o jantar. Eu havia passado através de ataques e suas conseqüências sem começar a chorar, claro que eu podia esperar agora.

Finn deu dois passos para mim, e sua voz suavizou. Na verdade havia uma boa voz profundamente sexy que escolhia em raras ocasiões para seu uso.

— Dana; eu agradeço sua preocupação comigo. — ele disse. — Mas a verdade é que você se feriu muito mais do que eu.

Isso abriu as comportas e o abastecimento de água começou, sem importar o muito que tentei contê-la. Cobri meu rosto com ambas as mãos, tentando ainda de tudo o que valia a pena para forçar as lágrimas a não saírem de meus olhos. Finn me deu uma cotovelada, e antes de perceber, eu me encontrei na sala de estar, sentada no sofá com um pano de linho Real, pressionando meus olhos enquanto gemia como uma menina estúpida.

Finn não disse nada durante muito tempo, deixando que as ondas mais violentas de emoção se assentassem. Ainda estava fungando e soluçando quando ele finalmente falou: — Sou um Cavaleiro Fae. — disse. — Eu tenho sido um Cavaleiro desde que completei dezoito anos, o que foi... Há um tempo. Tentaram me matar com espadas, flechadas e balas, torturando-me de uma maneira que eu não descreverei. É meu trabalho, e mesmo sabendo muito bem o que implica esse trabalho, eu escolhi fazê-lo.

— Mas poderia ter te matado! — protestei, tentando secar a última de minhas lágrimas com o pano ensopado.

Finn realmente sorriu.

— O mesmo aconteceria com os que me perseguem, atiram e *etc.* De fato, a maioria deles tem firme intenção de me matar, enquanto que os Cavaleiros de hoje não o fizeram. — voltou a ficar sério. — Não se aflija por minha dor. Mas, reconheça a sua e me deixe cuidar de você.

Neguei com a cabeça.

— Então, estar cozinhando o jantar é parte de sua descrição de trabalhar também?

— É esta noite. Deixe-me fazer uma coisa pequena para ajudar a reparar ter sido usado como uma arma contra você. Por favor.

De volta aos velhos tempos, quando eu vivia com minha mãe, havia me acostumado a ganhar noventa por cento de nossos argumentos. Vamos ser sinceros,

minha voluntariedade era maior do que de mamãe. Pelo que eu podia me lembrar, eu não havia ganhado uma discussão em Avalon, ainda. E Finn estava jogando sujo com toda essa coisa de expiação.

— Muito bem. — eu disse com a graça dos pobres.

Mas Finn sorriu e eu imaginei que eu devia ter feito o correto.

Finn não estava exatamente pronto para desafiar o Chefe Ramsay pela supremacia, mas foi surpreendentemente bom. Mesmo com os olhos Fae, que sempre me pareceram ligeiramente femininos, tinha o aspecto homem-varonil de um homem cujas especialidades saíam de latas e congeladores, mas tive que admitir, parecia pelo menos tão à vontade na cozinha quanto eu. Não posso dizer que eu me sentia desconfortável deixando-o trabalhar para mim, mas me esforcei para engolir todos os protestos que tentavam escapar de minha boca.

Ele voltou ao seu posto, sempre taciturno, mas como eu já sabia que era capaz de algo parecido a uma conversa, e dado o fato de que eu ainda tinha um montão de perguntas sobre o ataque, decidi fazê-las enquanto comíamos.

— Você sabia desses Cavaleiros? — eu perguntei.

Deliberadamente, enfiou um bolo de carne em sua boca para não poder responder, mas eu apenas bati os dedos sobre a mesa, esperando que ele mastigasse e engolisse. Sim, ele esperava que o atraso me fizesse esquecer a pergunta, isso era surpreendentemente triste.

— E então? — eu solicitei.

— Sim.

— Sim, os conhecia?

Ele assentiu com a cabeça e depois empurrou mais comida na boca. Eu, obviamente, iria

ter que trabalhar se eu quisesse conseguir informações dele.

— Portanto já os conhecia; você pôde identificá-los perante a polícia e por isso ninguém me perguntou nada? — ainda parecia um pouco... Fora. Não há maneira de que tivesse escapado de uma sessão de perguntas com a polícia se isto tivesse acontecido nos Estados Unidos.

— Não é um assunto policial. — disse Finn, quando terminou de mastigar.

— O que? Como é possível que não seja um assunto da polícia? — minha voz havia se elevado quase em um grito, mas ele me obrigou a me acalmar. —Que tipo de lugar para traseiros loucos é este?

Seus lábios tremeram, mas era uma desculpa penosa de evitar um sorriso, mesmo que o fizesse por achar minha explosão divertida.

— Não é um assunto policial porque os Cavaleiros são Fae. Estou certo de que estavam de volta na fronteira antes que a polícia até mesmo chegasse a loja.

— Bem, não há Fae na polícia? Não podem ir aos Faes deles? — Pode a polícia dos EUA perseguir os criminosos nos países estrangeiros? — obviamente sabia a resposta, porque não parou para uma resposta. — As possibilidades de conseguir alguém extraditado dos Faes são aproximadamente iguais a zero. Razão pela qual é permitido tão descarado ataque.

Deixei meu talher ruidosamente em meu prato.

— Portanto, permita-me entender isso. Qualquer pessoa dos Faes pode dançar em Avalon, cometer qualquer crime com a intenção de se comprometer, dançar e depois ir embora de novo com os Faes? E ninguém pode fazer nada a respeito?

— Isso é um exagero. Entrar em Avalon não é uma coisa simples. Temos que vigiar as fronteiras contra as diversas criaturas dos Faes que não são permitidas entrarem. Mas se a pessoa que deseja é Sidhe e não tem nenhuma ordem específica assinada para evitar que estes entrem... — encolheu os ombros. — Sua comida esta esfriando.

Genial. Agora tinha dois pais Faes em Avalon. Ainda estava com fome, então peguei meu talher e comi uns bocados antes de ir ao ataque novamente.

— O que há sobre sair de Avalon? — perguntei. — Eu teria que passar pela imigração para sair. E os Cavaleiros?

— Você vai através da imigração para entrar na Inglaterra não em Avalon. Não existe um processo de imigração nos Fae. Agora vou terminar de comer em paz.

Havia falado, provavelmente, mais durante o jantar do que na última semana.

Parei com as perguntas, mas eu continuava pensando furiosamente. Se os Sidhe podiam ir e vir de Faerie à vontade, então minha vida estaria constantemente em perigo. Teria a Finn para me proteger, é claro, mas hoje tinha demonstrado que um indivíduo, não importa quão forte e magicamente dotado seja, nem sempre vai ser capaz de me manter a salvo. Quando esse Cavaleiro tinha me agarrado hoje, eu tinha sido tão útil como alguma rainha do grito de horror de um filme.

— Você acha que poderia me ensinar algumas coisas básicas de defesa pessoal?

— perguntei para Finn quando tínhamos terminado de comer e estávamos lavando os pratos.

Ele levantou uma sobrancelha para mim.

— Nenhuma quantidade de autodefesa teria te ajudado contra os Cavaleiros. — ele me disse. — Se seu pai tivesse tido a menor idéia de que os Cavaleiros poderiam ser enviados contra você, ele não teria te deixado sair de casa sem uma comitiva consideravelmente enorme.

— Não estou te pedindo que me transforme em uma espécie de super ninja. Só não quero me sentir completamente indefesa.

— Contra os Cavaleiros, você é. — Este não é o ponto. — eu disse, me perguntando se estava sendo deliberadamente obtuso. — Se eu pelo menos tivesse alguma idéia de como me defender, eu saberia como tentar escapar. Além do mais, com a taxa de inimigos que estou fazendo, eu facilmente poderia ser atacada por alguém que não seja um Cavaleiro.

Pela primeira vez, Finn parecia estar considerando a idéia. Cruzou os braços sobre o impressionante peito e me deu um olhar avaliador.

— É contra o código de conduta do Cavaleiro, compartilhar informação com alguém que não seja um Cavaleiro. — abri a boca para protestar, mas ele me interrompeu com um gesto. — Mas... — ele disse — Com a aprovação de seu pai, posso fazer arranjos para que alguém mais te dê algumas instruções básicas.

Havia a ameaça de um sorriso em seus lábios, e isso me fez desconfiar.

— Você tem alguém em particular, em mente? — eu perguntei.

Finn parecia quase petulante.

— Sim, eu tenho. E quase posso garantir que apenas ele vai te oferecer a motivação que você precisa para aproveitar sua guerreira interior.

— E exatamente o que significa isso? — eu perguntei, começando a pensar que talvez não conseguisse o que pedi.

— Eu te deixarei descobrir por si mesma.

Eu podia jurar que no brilho travesso em seus olhos havia um toque de maldade.

Papai não voltou até quase 22h00min, deve ter tido alguma reunião no jantar.

Eu estava sentada no sofá com Finn neste momento, assistindo uma comédia de situação britânica, onde eu só entendia em torno de um terço das piadas. Finn também não ria exatamente, mas o leve sorriso em seu rosto dava uma pista e sugeria que estava gostando.

Inclusive, nas poucas horas que passamos juntos esta noite, o estado de Finn havia melhorado visivelmente. Moveu-se com muito mais facilidade quando se levantou do sofá para saudar meu pai. Os dois mantiveram uma breve conversa antes de papai agradecer a Finn e o enviar para seu caminho.

Papai abriu o que acabou sendo um bar móvel e se serviu de uma dose do que eu acho, era aguardente. Ele rodeou o copo com os dedos, mas não bebeu imediatamente.

— Presumo que pelo aspecto de seu rosto e o fato de que você foi imediatamente atrás de álcool, as coisas não foram tão bem. — eu perguntei.

Sua expressão se iluminou e respirou suavemente antes de beber um pequeno gole de seu copo. Ele fez um gesto para o sofá e nós nos sentamos em cantos opostos.

— Foi tal como eu esperava. — disse. — Todos nós concordamos de imediato que era imperativo que trabalhássemos juntos para nos manter a salvo. E então passei as três horas seguintes discutindo sobre a melhor maneira de fazer isso. — Começou a rir, sacudindo a cabeça e bebendo outro gole de conhaque.

Não soava particularmente engraçado para mim.

— Então, o que vocês decidiram?

— Decidimos que íamos conversar mais amanhã.

Eu gemi.

— Você tem que estar brincando.

Seu sorriso era irônico.

— Todos nós, políticos, estamos. Querida, chegar a um consenso levará algum tempo e energia, mas concordamos que temos que arrumar uma casa segura para você.

— Eu devo ter parecido alarmada, porque ele continuou apressadamente. — Não é que você não esteja a salvo aqui. É que é... Muito acessível.

— Para quem?

— Quando se tem inimigos tão graves como os seus, o melhor é que os inimigos não saibam onde você está.

Ok, eu estava tão feliz que papai ainda estivesse aberto e honesto comigo. Ele acreditava que eu não tinha percebido que não ele tinha respondido a minha pergunta?

— Não se preocupe. — ele disse, bebendo outro gole de conhaque. — Minha casa é tão bom lugar como qualquer outro neste momento. É só que não é uma solução permanente.

Eu não disse nada porque estava começando a sentir as grades da jaula dourada aumentando ao meu redor. Já estava em uma espécie de relógio de vinte e quatro horas do dia e vi as poucas liberdades que eu tinha, agora como eu iria fazer compras...?

Escapando. Se me colocam em algum lugar onde ninguém podia me encontrar, então eu estaria ainda mais em seu poder. Seria mais afastada do mundo.

Era um pensamento deprimente, mas se tivesse alguma esperança de discutir com os Três Grandes sobre ela, teria que ter um combustível melhor do que “eu não quero ficar escondida em algum lugar exilado como uma princesa em um conto de fadas”. Neste momento, isso era tudo o que eu tinha, portanto decidi manter minha boca fechada. Talvez depois de ter dormido bem durante a noite, algo me ocorreria.

Comecei a forçar um bocejo que se transformou em um de verdade muito rapidamente. Papai me deu um olhar de simpatia paternal.

— Foi um longo dia. — ele disse. — Talvez você deva dormir um pouco.

— Sim, acho que sim. — engoli outro bocejo. Houve um momento desconfortável, já que nenhum dos dois parecia saber o que fazer. Não era como se eu fosse lhe dar um beijo de boa noite nem nada, mas ainda ficava uma sensação incômoda, como se devesse haver alguma demonstração de afeto. Creio que papai sentia isso também, mas estava tão desconfortável pela situação quanto eu.

— Bem, boa noite. — eu disse finalmente.

— Boa noite. — ele respondeu acenando a cabeça em um gesto formal. — Que você durma bem.

Eu supunha que éramos tão carinhosos quanto íamos continuar a ser.

Eu não conseguia dormir. Eu me sentia exausta por todas as provas de hoje, mas minha mente se recusou a desligar e me deixar escapar por algumas horas. Hoje à noite, o futon estava tão duro quanto eu esperava que um futon fosse, e eu virava na cama sem parar. Eu tinha vindo a Avalon, em parte, para ficar longe de minha mãe e seu drama, mas eu acho que em parte eu também esperava que eu fosse encontrar em meu pai o cuidado paternal e a orientação que estava faltando na minha mãe. Eu queria alguém mais velho e mais sábio para me ajudar a dar sentido à minha vida e aos meus planos para o futuro.

Você conhece aquele velho provérbio chinês que fala que é pra você ter cuidado com o que deseja? Cara, eu entendo ele agora.

Eu empurrei a coberta para longe de mim, me sentei e acendi a luz. Se eu não iria dormir, então teria que achar outra coisa pra fazer ou então eu estaria uma pilha de nervos até amanhecer. Olhei para o relógio e vi que era quase uma hora da manhã.

Então seria um bom horário nos Estados Unidos. Talvez eu tivesse sorte desta vez e minha mãe atenderia ao telefone. Você sabe o que eles dizem sobre a terceira vez ser o encanto.

Prendi a respiração enquanto eu discava, quase não acreditando o quanto eu queria ouvir a voz de minha mãe, mesmo que fosse completamente bêbada e desleixada. Mesmo que ela gritasse e gritasse e explodisse em lágrimas, o que eu costumo tentar evitar a todo custo.

Eu quase engasguei quando ouvi o clique da conexão da chamada. Mas a voz que me cumprimentou não foi de minha mãe.

— Residência dos Hathaway, eu posso ajudá-lo? — disse uma mulher, como se eu estivesse ligando a negócios ou algo assim.

Meu coração deu um baque horrível no meu peito. Oh meu Deus! O que significa se alguém que não era a minha mãe estava respondendo? Ela estava machucada? Doente? Morta?

Meu corpo todo estava doendo devido à tensão, e eu mal conseguia sussurrar, minha garganta estava muito apertada.

— Onde está minha mãe? Ela está bem? — oh, por favor, por favor, por favor, me diga que ela está bem! Eu não poderia suportar se alguma coisa tivesse acontecido com ela porque eu fugi.

— Dana? — perguntou a mulher. Eu ainda não reconheci sua voz.

— Sim.

— É a Frances, sua vizinha.

Reconheci agora. Frances, que fazia questão de olhar por baixo do nariz para minha mãe e fazer tudo o que ela falava soar como uma pergunta.

— Por que você está atendendo nosso telefone? — exigi. — Onde está minha mãe?

— Não se preocupe, Dana querida. Ela está bem. Você nos deu um susto desagradável, sabe?

A última coisa que eu queria nesse momento era ter lição de moral da vizinha intrometida. Eu queria me rastejar pelo telefone e sacudi-la.

— Por favor, me diga onde ela está. — eu implorei, e eu acho que eu soei patética o suficiente para que Frances decidisse não continuar a palestra.

— Eu imagino que ela deve estar em algum lugar no Atlântico agora.

— O que?

— Ela está indo para Avalon atrás de você, eu estou regando as plantas enquanto ela está fora.

Minha mente girou, embora não tanto que eu não pudesse deixar de ter o pensamento cínico de que Frances estava em nossa casa para bisbilhotar. Se a mamãe estava em um avião agora, então ela só tinha partido há algumas horas e então, as plantas dificilmente precisavam ser regadas.

— Mamãe está vindo para Avalon. — eu repeti, embora eu soubesse que tinha ouvido corretamente.

— Sim, ela deve chegar aí amanhã. Ela realmente estava preocupada com você, docinho.

Ugh. Eu não sabia que Frances era próxima o suficiente para me chamar de “docinho”. Inferno, eu não conheço ninguém suficientemente bem para isso. Mas se eu tentasse corrigi-la,

eu teria que ficar no telefone com ela por mais tempo.

— Obrigada por cuidar das plantas. — eu disse. — E se minha mãe entrar em contato com você, por favor, diga a ela que eu liguei da casa do meu pai.

Eu desliguei antes que a Frances pudesse responder. Para o inferno com as sutilezas sociais. Minha mãe estava vindo para Avalon.

Eu mal podia acreditar. Primeiro, eu mal podia acreditar que ela estava sóbria o suficiente para planejar uma viagem como essa, de última hora. Segundo, eu mal podia acreditar que ela estava planejando apenas aparecer do nada. Ela não deveria ter ligado antes de tomar uma ação tão drástica? Eu não tinha tido qualquer dificuldade em encontrar o número do meu pai, então ela não teria também.

Claro, se ela tivesse ligado antes de ontem, ela não teria me encontrado aqui.

Isso me fez pensar se o meu pai tinha falado com ela e se esqueceu de me contar sobre isso.

Eu apaguei a luz e deitei de novo, embora eu estivesse tão perto de dormir quanto estava antes. Olhei para o teto e me perguntei o quanto eu tinha subestimado a minha mãe. Eu esperava que ela estivesse se sentindo deprimida e abatida porque eu a tinha deixado. Eu esperava que fosse sentir mais pena de si mesma do que ela sentia antes. Nunca em um milhão de anos eu teria esperado que ela viesse atrás de mim.

Talvez um milagre estivesse realmente para acontecer. Talvez a minha fuga tenha sido finalmente o respingo de água fria na cara que a fez perceber a bagunça que ela estava fazendo na sua vida. Talvez fosse o empurrão que ela precisava para obter ajuda e parar de beber.

Eu não sei quanto tempo eu fiquei ali, desejando, esperando, rezando, implorando ao universo para que fosse verdade, então eventualmente eu consegui adormecer e eu não acordei até depois das dez da manhã.

Finn parecia quase de volta ao normal na manhã seguinte, quando eu desci para o café da manhã só para ver que meu pai já havia saído. Mesmo as sombras dos hematomas desapareceram de seu rosto, e ele não se movia mais como um homem com dor. Eu estava feliz pelos Fae curarem-se tão rápido. Ajudou-me a sentir um pouco menos culpada pelo que havia acontecido com ele ontem.

Eu olhei duas vezes quando vi o estranho caído no banco ao lado de Finn. Eu soube à primeira vista que ele estava de alguma forma, relacionado a Finn, porque ambos tinham os mesmos incríveis olhos verdes, mas era onde a semelhança óbvia terminava. Onde o cabelo de Finn era louro-dourado, o do estranho era tingido de preto e enquanto Finn parecia ser forte como um caminhão, o estranho era magro e rijo. Ele também era muito mais jovem do que Finn, e ele não tinha o gosto conservador que Finn tinha para roupas. Ele vestia uma camiseta preta agarrada ao peito e a calça preta agarrava suas pernas, as botas pretas de combate estavam desamarradas e

pra fora de seu jeans e a manga curta da camiseta exibiu uma braçadeira celta tatuada em seu bíceps. Fora isso, ele parecia ter uns cinquenta brincos na orelha esquerda e seu cabelo varria sua testa, quase cobrindo seu olho.

Eu nunca fui um grande fã dos bad boys que eu conheci na escola. Eles estavam sempre tão cheios de si mesmos, e eles pensavam que agir como idiotas era legal. No entanto, à distância, eles com certeza eram agradáveis de olhar. E um bad boy Fae...

Totalmente digno de se babar.

Finn sorriu para mim quando me viu na porta escancarada. — Seu pai liberou suas aulas de autodefesa. — disse ele. — Este é Keane. — ele apontou para o homem alto, moreno e mal-humorado. — Ele vai ser seu professor.

Keane não se endireitou e o olhar que ele me deu foi... Hostil.

Finn sorriu ainda mais amplamente, obviamente se divertindo. — Se você puder ignorar a atitude. — disse ele, — Keane é um excelente professor.

Keane olhou para o teto como se estivesse pedindo por força. Pode me chamar de louca, mas eu tinha a sensação de que ele não estava muito entusiasmado com este show.

— Oh, pare com esse mau humor. — Finn disse-lhe, mas sua voz não soava muito afetada. — Ensinar-lhe algumas coisas básicas de autodefesa não vai transformá-lo em um clone de um cavaleiro conformista como eu.

Keane rosnou para ele, mas Finn não se impressionou.

— Vocês são parentes? — eu perguntei, embora eu já tivesse decidido que eles eram. Não foi apenas pelos olhos, embora eu ainda não pudesse apontar o que era.

Finn assentiu. — Keane é meu filho.

— Oh. — eu soltei. — Eu não sabia que você era casado. — eu queria me bater por ter feito uma suposição tão ingênua, antes mesmo de Finn ter balançado a cabeça.

— Cavaleiros não se casam. — Keane disse antes que Finn tivesse a chance.

— É tradicional para os cavaleiros permanecerem solteiros. — confirmou Finn.

— Nossa lealdade é para pertencer apenas àqueles a quem servimos. É claro, também é tradicional aos cavaleiros não criarem seus filhos. — ele deu um olhar significativo a Keane.

Keane revirou os olhos. — Sim, você é um verdadeiro canhão solto.

Finn não pareceu se importar com a resposta de seu filho, sorrindo no que eu poderia jurar era uma diversão genuína. — Keane nunca foi grande apreciador da instituição da cavalaria. Ele rompeu com a tradição familiar e se recusou a entrar para o treinamento de cavaleiro. Acho que ele está com medo que a doença seja contagiosa, e se ele trabalhar com alguém que eu fui contratado para proteger, ele vai se contagiar de alguma forma.

— Pare com isso. — resmungou Keane, e apesar da aparência de durão, ele olhou envergonhado. Obviamente, ele tinha algum problema com a ideia de ensinar-me, mas eu não tinha idéia do que. Talvez ele simplesmente não gostasse da idéia de lutar com uma garota?

Keane ficou de pé, empurrando as mãos nos bolsos e não encontrando completamente meus olhos. Lembrei-me de Finn me dizendo que a atitude do meu professor iria me inspirar à violência, e eu estava começando a perceber o por que. A atitude iria ficar muito velha, muito rápido.

— Vamos. — disse ele secamente, em seguida, se dirigiu para a porta da frente.

Eu não me movi. — Ir para onde? — eu perguntei.

Keane tirou as mãos dos bolsos, mas apenas para que ele pudesse cruzar seus braços sobre o peito e olhar para mim. — Eu sou o professor, você é o aluno. Você faz o que eu digo, nenhuma pergunta.

Jesus, que idiota. Tanto quanto eu sabia, bad boys eram para serem olhados, não escutados. Atrás de mim eu ouvi Finn engolir uma risada.

Eu sabia que Keane estava tentando me intimidar com o brilho dele, mas com *Spriggans* e a rainha das fadas tentando me matar, mesmo o brilho mais intenso, não era tão assustador. Eu dei alguns passos em direção a ele e ele voltou seu olhar para mim.

— Eu não sei qual é o seu problema. — eu disse cutucando-o no peito. — Mas...

Aconteceu tão rápido, eu mal o vi passar. Num momento eu estava cutucando-o no peito, no seguinte eu estava deitada de bruços no chão com um braço torcido para cima, nas minhas costas. O peso de Keane estava me mantendo presa ao tapete. De alguma forma, ele conseguiu fazê-lo sem me machucar, mas o choque me deixou atordoada e sem fôlego.

— Meu problema. — ele sussurrou no meu ouvido. — É que eu não gosto do tipo de clientela para a qual meu pai trabalha.

Certo, idiota era uma palavra muito agradável perto do que realmente ele era.

Eu lutei um bocado, mas ele simplesmente empurrou meu braço até doer. Eu engasguei e ele desistiu.

— Se você tivesse coragem. — continuou ele, ainda sussurrando em meu ouvido. — Você poderia me derrubar a qualquer momento que você quisesse. Mas você não vai fazê-lo, apenas aí ficar se contorcendo.

Ergui a cabeça, tanto quanto eu poderia a partir dessa posição, olhando para

Finn. Ele estava olhando pela janela, agindo como se ele não pudesse ver o que estava acontecendo bem na frente dele. Eu acho que isso significa que ele não viria em meu socorro.

— Vamos, Dana. — disse Keane, não mais sussurrando, mas ainda falando em meu ouvido. — Pense em quais partes do seu corpo você pode mover nesta posição.

Com o que você pode me alcançar?

— Então tudo isso é parte da lição? — eu perguntei. Aparentemente, ele estava falando sério sobre o “não faça perguntas”, porque ele deu outro empurrão meu braço.

— Ow! — eu protestei, mas desta vez ele não desistiu.

— Concentre-se. — ele disse. — O que você pode mover?

Eu realmente odiava ceder, mas meu braço estava começando a pulsar. Então eu cederia à sua mania de grandeza, até que eu estivesse livre. Então eu diria a Finn o que eu pensava sobre ele ter empurrado este louco para mim.

Eu me contorci um pouco, tentando descobrir como me mover, mas eu estava completamente presa. Keane pode não ser tão musculoso como Finn, mas ele não era leve,

também. A única coisa que eu poderia mover era a minha cabeça.

— Então eu devo dar uma cabeçada em você? — eu perguntei por entre os dentes.

— Se essa é a única coisa que você pode mover, então é a única arma que você tem.

Eu meio que esperava que ele me deixasse ir depois que eu lhe dei a resposta que ele estava esperando, mas ele não me soltou. — Bem. — eu solicitei. — Posso levantar agora?

— Eu acho que você vai ter problemas para fazer isso até que você me tire de cima de você. — ele disse, soando secamente divertido.

— Você quer dizer que realmente quer que eu dê uma cabeçada em você? — eu perguntei incrédula.

— A menos que você queira gastar o resto do seu dia tão perto do tapete.

Eu hesitei. Eu nunca tinha machucado alguém antes na minha vida, mesmo quando eu dei uma joelhada em Ethan na caverna eu obviamente não bati com força suficiente para desacelerá-lo mais que um segundo, e eu tinha certeza de que se eu cabeceasse Keane eu iria machucá-lo, já que a única parte que eu tinha disponível era seu rosto. Mas, aparentemente, Keane não era muito paciente, já que ele apertou meu braço ainda mais forte, e a dor estava indo de irritante para torturante a qualquer momento agora.

Rangendo os dentes e esperando que ele soubesse o que estava fazendo, eu empurrei minha cabeça para trás. A parte de trás do meu crânio deu um tapa em seu rosto, mas eu não tinha sido capaz de bater muito forte.

Keane riu de mim. — Isso é o melhor que você pode fazer?

Um rosnado de frustração saiu de meu peito. Ok, tudo bem. Se ele queria que eu lhe batesse com minha máxima força, eu bateria e eu não me sentiria culpada por isso depois.

Desta vez, eu empurrei minha cabeça para trás com toda a força que pude reunir, o que, considerando como eu estava chateada, foi muito. Houve um grande estrondo e um barulho quando minha cabeça bateu contra algo rígido. Keane uivou de dor e me soltou, ficando em pé, num salto.

Eu me virei para levantar, o meu coração de repente na minha garganta. Dor reverberou na minha cabeça, mas eu sabia que meu crânio não tinha tomado tanto dano quanto o rosto de Keane. Tudo bem dizer a mim mesmo que ele tinha pedido isso, mas agora ele estava

debruçado com as mãos segurando o nariz. E se eu o tivesse quebrado? Estremeci em simpatia e estendi a mão para ele.

— Me desculpe. — eu disse. — Você está bem?

Eu deveria ter me lembrado de que o pai de Keane estava na sala, e que se eu realmente tivesse o machucado, Finn teria vindo socorrê-lo. Keane deixou cair às mãos de volta para seu lado e se levantou, sorrindo para mim.

— Estou bem. — disse ele. — Você bateu no meu feitiço de escudo, não no meu rosto.

Meu queixo caiu naquele momento e, certamente, naquele momento, eu realmente teria gostado de bater nele de novo.

— Lição um. — continuou Keane. — Se você vai lutar com alguém, você tem que estar disposta a machucá-lo, ou você pode muito bem nem se incomodar. Agora desça para a garagem. Eu tenho algumas esteiras lá em baixo, já que você não tem um feitiço de escudo próprio.

Eu me virei para olhar por cima do meu ombro para Finn. Ele estava esfregando uma mão na boca, tentando esconder um sorriso.

— Muito obrigada. — eu rosnei para ele. Talvez mais tarde, eu visse o humor na situação, mas não agora. Eu considerei concentrar minha mente sobre a aprendizagem de autodefesa, mas isso seria demais, como deixar Keane vencer.

Finn encolheu os ombros. Ele não estava mais sorrindo, mas ainda havia um brilho em seus olhos. — Seus métodos são, digamos, pouco ortodoxos, mas ele é um bom professor. Ele teria sido um grande cavaleiro, se ele quisesse. — não houve falta de orgulho em sua voz.

— Então, vamos ter uma aula? — Keane perguntou, — Ou vamos atirar a merda?

Virando as costas para Finn, eu encontrei o olhar desafiador de Keane. — Da próxima vez, eu não vou hesitar. — eu prometi a ele.

Ele acenou com aprovação. — Fico feliz em ouvir isso. Agora mexa seu traseiro.

Cara, eu gostaria de não ter pedido por isso. Ficou difícil reclamar sobre isso, mesmo que eu quisesse. Imaginando que isto iria ser um inferno de uma manhã muito longa, eu segui Keane para dentro da garagem.

Eu estava certa sobre esta ser uma manhã muito longa. Keane fazia um sargento

estereotipado parecer uma alma gentil. Ele era arrogante. Ele era condescendente. Ele estava insultando. Mas dane-se, ele era bom. Ele me mostrou todos os lugares no corpo humano que eram mais vulneráveis ao ataque, e que partes de meu próprio corpo eram as melhores armas. Então ele me fez usar essas armas e se eu não batesse forte o suficiente, ele me faria pagar por isso.

Na hora do almoço, eu estava tão cansada que mal conseguia me mover, doía tudo. Um problema com bater duro é que dói. Mas não havia nenhuma maneira de eu admitir isso para Keane, então eu sufoquei todas as minhas reclamações. Eu ficaria feliz se eu pudesse sair da cama amanhã quando todos os hematomas e dores musculares realmente tivessem tido a chance de sumir.

Eu esperava que Keane partisse agora que a nossa lição tinha acabado, mas, aparentemente, Finn não poderia deixá-lo sair sem quebrar a segurança extra que meu pai tinha posto na casa após o ataque de ontem. Oh alegria, ficaríamos presos com ele todos os dias.

Pouco depois do almoço, a campainha tocou. Foi a primeira vez que alguém que não fosse Kimber tinha visitado esta casa desde que eu tinha me mudado para cá.

Meus nervos formigaram, e meu pulso disparou. Eu esperava que fosse minha mãe?

Eu comecei a ir em direção à escada, mas mesmo que Finn tivesse que atravessar toda a sala ele chegou lá antes de mim.

— Fique aí. — ele ordenou, e meus olhos se arregalaram quando vi que ele havia materializado uma arma. Keane estava sentado na sala, olhando entediado. Ele não mostrou o menor interesse nas medidas defensivas de Finn.

A sensação elétrica da magia Finn formigou em toda a minha pele, mesmo que eu não estivesse usando o camafeu. Ele estava no modo de guarda-costas completo, prontos para qualquer pessoa, homem ou Fae. Ele fez o seu caminho, descendo as escadas e para a garagem vazia com graça predatória. Desci o primeiro par de degraus, pronta para fugir caso as preparações defensivas de Finn acabassem por ser necessárias.

Finn olhou através de um olho mágico, e sua postura não relaxou nem um pouco. — Posso ajudá-la? — perguntou ele, sem abrir a porta.

Eu não tinha ouvido mais do que "eu sou Cathy" antes de soltar um grito sufocado e começar a correr escada abaixo.

— Mãe! — eu praticamente caí sobre mim mesma de tão ansiosa, e minha descida rápida da escada em espiral me deixou tonta.

— Dana. — eu ouvi minha mãe gritar.

Eu estava voando em direção à porta, pronto para escancará-la e me jogar nos braços da minha mãe. Mas havia um muro entre mim e a porta, e seu nome era Finn.

Se ele fosse humano e eu tivesse me chocado nele assim, nós provavelmente teríamos caído. Mas ele não era humano, e o impacto nem sequer pareceu mexê-lo, embora eu tenha saltado para trás e tivesse de agarrar-me para não cair.

— Deixe-me! — tentei me libertar sem qualquer expectativa real de que ele me deixasse ir. — Essa é a minha mãe!

— Dana? Dana, você está bem? — minha mãe estava batendo freneticamente na porta agora.

— Ela está bem. — disse Finn. — Todo mundo se acalme um minuto.

— Eu não sei quem você é. — minha mãe gritou, — Mas se você colocar as mãos sobre minha filha você vai desejar nunca ter nascido!

Sim, minha mãe foi muito clichê. Normalmente, eu iria rolar meus olhos quando ela fizesse isso, mas agora eu estava muito desesperada para vê-la com meus próprios olhos.

— Eu sou guarda-costas de sua filha. — disse Finn. Eu tentei um dos chutes que Keane tinha me ensinado, e meu pé fez contato sólido com a canela de Finn. Ele estremeceu, mas eu não tinha tido sangue-frio suficiente para chutar com o tipo de força que eu precisaria para prejudicá-lo realmente. Ele não era o inimigo, depois de tudo. — E se eu abrir a porta para você quebrará alguns dos feitiços de proteção que Seamus colocou na casa. O que seria desaconselhável no momento.

— Você não tem o direito de manter minha filha longe de mim.

— É para sua própria proteção. Houve tentativas contra a vida dela. Tenho certeza que você prefere que ela esteja tão bem protegida quanto possível.

Oh, sim. Dizer para minha mãe que havia pessoas tentando me matar faria o correto para melhorar seu estado de espírito. Não!

— Eu estou bem, mãe. — eu disse antes que ela pudesse ter um ataque. — Entre as

magias do papai e Finn, eu estou tão segura como se eu estivesse embalada com algodão. Por favor, não se preocupe.

Estremeci com o soluço doloroso da minha mãe. Normalmente, as lágrimas delas não tinham muito efeito sobre mim, mas não havia como negar que ela tinha uma razão legítima para ficar chateada. Pior, eu não conseguia pensar em nada para dizer que a faria se sentir melhor. Eu pensei que se ela soubesse que as rainhas das fadas estavam na minha lista de inimigos, isso a levaria completamente à loucura.

— Seamus vai estar em casa em torno das cinco. — disse Finn. — Volte depois e ele vai ser capaz de colocar as magias defensivas de volta, uma vez que ele permita a sua entrada. Enquanto isso, por que você não vai descansar um pouco?

Mamãe não respondeu, apenas continuou a soluçar.

— Mãe, eu estou bem. — eu disse na minha voz mais tranquilizadora. — Por que você não volta para o hotel e me liga para que possamos conversar antes do pai chegar em casa?

Se tivéssemos tido esta cena em casa, com minha mãe sentada em uma porta berrando e fazendo qualquer outra forma de espetáculo público, eu teria estado tão envergonhada que eu desejaria afundar no chão. Mas a minha curta estadia em Avalon já tinha me mudado. De todos os problemas em minha vida, ser constrangida pela minha mãe se classificaria em algo em torno de um em cinco milhões.

— Por favor, mãe. — eu continuei na mesma voz, embora eu soasse mais como se eu estivesse conversando com uma criança assustada do que com a minha mãe. — Você está aqui, e estou segura, e eu quero falar com você. Por favor, fique calma e me ligue. Tanta coisa aconteceu desde que cheguei aqui...

Eu senti um pouco de prazer por Finn estar ali, grande, sólido e insensível à histeria de minha mãe. Se eu estivesse sozinha, eu não tenho certeza de que eu poderia ter parado e não aberto a porta, quebrando os feitiços de proteção de meu pai. Talvez tudo tivesse sido o mesmo, perfeitamente seguro. Mas eu não queria arriscar, testando a ideia.

Eventualmente, ela choraria do lado de fora, pelo menos por agora.

— Vou esperar aqui até Seamus chegar em casa. — disse ela entre soluços, e eu não pude deixar de rolar dos meus olhos. Felizmente, ela não podia me ver.

— Qual seria o ponto para isso? — eu perguntei, esperando que ela não estivesse vendo

nenhuma lógica.

— Podemos falar daqui.

Obviamente, mais lógica era necessária. — Se nós conversarmos daqui, nós duas vamos ficar roucas de tanto gritar através da porta. E nós vamos ter uma audiência. Basta voltar para o hotel e me ligar. Eu vou te deixar a par de tudo o que vem acontecendo. — eu cruzei meus dedos quando disse isso, porque eu sabia que eu ia ter que editar alguns dos detalhes para não enlouquecer minha mãe. — Então você pode

voltar e me ver em pessoa quando o papai chegar em casa. — e isso não seria uma alegre reunião de reencontro familiar?

— Tudo bem? — eu perguntei quando ela não disse nada por um tempo.

Ela soluçou de novo. — Eu simplesmente odeio deixar você fora da minha vista por até um minuto, agora que eu te encontrei.

— Eu não vou a lugar algum. Eu prometo.

Houve outra agonizante longa pausa. Então ela soltou um longo suspiro.

— Tudo bem. Eu vou voltar para o hotel e eu te ligarei assim que chegar lá.

— Eu estarei aqui. — eu confirmei a ela de novo.

Eu não tenho uma superaudição, então eu não podia dizer quando ela finalmente tinha partido, a não ser quando a postura de Finn relaxou.

— Eu sinto muito por ter chutado você. — eu disse a ele, percebendo que esse ato foi totalmente mesquinho da minha parte.

Finn me deu um olhar engraçado. — Percorrer com espadas, tiro, etc., etc.

Lembra-se?

Eu ouvi um ronco alto e virei-me para encontrar Keane, inclinando-se no andar superior da porta, olhando para baixo com desdém.

— Esse pontapé não teria desalojado nem uma criança de cinco anos, muito menos um cavaleiro. Uma maravilha saber que você aprendeu “alguma coisa” hoje.

Eu olhei para ele com os olhos apertados. Eu sabia que ele estava incitando-me, sabia

que eu deveria respirar e ignorá-lo. Mas eu já poderia dizer que ele estava sendo uma má influência para mim.

— Seria uma maravilha também, saber por que você gostaria que eu quebrasse a perna de seu pai. — eu disse entre dentes.

Keane abriu a boca para dar o que com certeza seria uma resposta desagradável, mas Finn o cortou.

— Basta, crianças. — disse ele, mas ele não soava como se estivesse realmente louco ou qualquer coisa. — Tentem limitar as hostilidades para o tatame.

Keane não me parecia o tipo de cara que dava a mínima para as instruções dos pais, mas para minha surpresa, ele calou a boca. Eu não tinha interesse em descobrir por que isso me deixou estranhamente desapontada.

Voltei para meu quarto, deixando Finn e Keane à sua própria sorte. Eu não queria uma platéia para a ligação com a minha mãe. Eu sentei no meu quarto ao lado do telefone, vendo as minhas mãos circular meu relógio.

Mamãe não tinha mencionado em qual hotel ela estava hospedada, e mesmo se tivesse, provavelmente eu não teria sabido onde se localizava, então eu não tinha idéia de quanto tempo levaria para chegar lá. Era difícil acreditar que iria demorar mais do que vinte minutos para chegar a qualquer lugar em Avalon, a menos que você fosse a pé, mas minha mãe quase certamente teria tomado um táxi, se ela não estivesse hospedada ao virar da esquina. No entanto, o tempo continuava passando e ela ainda não tinha ligado.

Talvez ela não tivesse um quarto ainda. Talvez houvesse uma fila no momento do check-in, e fosse por isso que estivesse demorando tanto para me ligar. Mas eu não podia deixar de ficar preocupada. Finn tinha sido barbaramente espancado em uma tentativa de me afetar. Será que eles também tentaram usar minha mãe contra mim?

Andei por todo o pequeno quarto, esperando o telefone tocar, o pânico se espalhando como fogo em minhas veias. Ela pode não ser a mãe perfeita, e eu não poderia ter querido viver com ela, embora os velhos tempos com ela me parecessem bons agora, mas eu a amava. Assim como eu sabia que ela me amava. Ela havia sacrificado tudo para manter-me afastada dos jogos políticos de Avalon, e o que eu tinha feito? Fugido de casa e me jogado nas águas infestadas de tubarões. Como eu pude ter sido tão egoísta?

O telefone tocou antes que eu pudesse continuar a me bater até a morte devido à culpa. Eu praticamente derrubei o telefone no chão na minha ânsia de atendê-lo, embora eu temesse ouvir uma voz ameaçadora do outro lado me dizendo que tinham a

minha mãe. O ID do remetente disse que o telefonema era do Hilton, mas isso não acalmou meus medos.

— Mãe? — eu meio que gritei ao telefone, cruzando os dedos como se eu realmente pensasse que faria algum efeito.

— Oi, querida. — disse ela, como se não tivesse nem um pouco assustada.

Eu me afundei na cama, uma mão segurando meu peito enquanto eu esperava acalmar o seu bater frenético do meu coração.

— Por que você demorou tanto? — eu perguntei. — Você me assustou até a morte!

— O check-in não é feito até as três, então meu quarto não estava pronto ainda.

Sinto muito. Eu deveria ter te ligado enquanto ainda estava na portaria pra lhe contar.

Eu apertei meus olhos fechados e mordi a língua para me impedir de dizer algo que eu iria me arrepender. Porque se há uma coisa que eu aprendi em anos de vida com a minha mãe, era que os bêbados mentem. E ela estava mentindo agora.

Como eu sabia? Porque eu podia ouvir o álcool em sua voz. Ela gaguejava ou tinha dificuldades para formar palavras como os bêbados na TV, porque ela tinha muita prática de falar enquanto estava bêbada, por isso era necessário tomar um monte de bebida para torná-lo óbvio para um observador casual. Mas eu não era um observador casual, e eu era muito familiarizada com os sinais.

Quando minha mãe está bêbada, ela fala muito mais lento do que quando ela não está. Além disso, há esse tipo de tom sonolento em sua voz, como se ela tivesse acabado de acordar no meio da noite. Isso é exatamente como ela parecia agora. Eu senti todos aqueles sentimentos que tenho desde que descobri que ela vem até mim quando está chapada.

— Você simplesmente não podia esperar para começar a beber, não é? — eu perguntei, a minha própria voz apertada com raiva. — Assim que você soube que eu não estava morta, você correu para a garrafa sem pensar duas vezes, mesmo sabendo que eu estava esperando você me ligar.

— Sinto-me mal por sua implicância! — ela retrucou. — Eu não tenho bebido.

Ah, outro comportamento clássico da minha mãe que me faz querer arrancar meus cabelos. Se ela estivesse sentada ao redor da casa assistindo TV, ela admitiria estar “um pouco bêbada.” Mas se ela tivesse bebido, em vez de fazer algo que ela deveria, ela nunca, jamais admitiria isso. Mesmo quando sua respiração cheirava a álcool, ela poderia jurar que ela não tinha tido uma queda, e havia uma ótima desculpa para o porquê de ela ter se esquecido de comprar mantimentos, ou não ter ido a uma reunião de pais e professores, ou não ter chamado a companhia de gás para esclarecer esse mal-entendido sobre o projeto de

lei. Ou o que quer que seja.

Tudo voltou para mim em uma corrida, a razão de eu ter fugido de casa em primeiro lugar. Todos os meus medos sobre o meu futuro foram esquecidos na onda de raiva e mágoa que me oprimia. Como eu poderia ficar para ouvir mais mentiras e desculpas? Como eu poderia manter a minha frustração de transformar-me em uma maníaca gritante? Como eu poderia vê-la continuar a destruir-se e destruir as células do cérebro ao mesmo tempo?

— Eu não tenho bebido! — minha mãe repetiu mais alto quando eu não respondi.

Como eu poderia ter me permitido ater esperança, mesmo por um momento, de que a minha fuga poderia, finalmente, convencê-la de que era hora de limpar seu ato?

E ainda, a dor se formando agora no meu peito e na minha garganta provou que eu havia deixado a esperança crescer apesar de saber melhor.

— Por que você não pode simplesmente admitir isso? Você sabe que eu sei, então por que você não pode simplesmente dizer que você está bêbada? — Não me pergunte por que, mas de alguma forma, eu não pude deixar de pensar que eu me sentiria melhor se ela tivesse acabado de confessar a verdade, se tivesse parado de agir como se eu fosse tão estúpida que eu não pudesse saber.

— Nós não estamos tendo essa conversa, Dana. Tenho estado quase doente de preocupação por você e voei do outro lado do mundo até aqui para vir encontrá-la, e este é o agradecimento que eu ganho?

Então, naturalmente, a distribuição de água começou.

Quando eu era mais nova, eu começaria a me sentir culpada na hora que ela começasse a chorar. Agora, isso só me deixou mais louca. Eu não disse nada, apenas fiquei lá com os meus dentes cerrados e olhos fechados, esperando até ela perceber que suas lágrimas não estavam me comovendo.

Eventualmente, ela parou de choramingar, e eu a ouvi assuar o nariz ruidosamente. Eu tenho certeza que também ouvi o chapinhar de uma garrafa sendo derrubada.

— Você está bem, querida? — perguntou ela, como se nada da conversa anterior tivesse acontecido.

Tentei jogar o mesmo jogo, mas era difícil forçar as palavras através da minha garganta. — Yeah. Eu estou bem. Papai está cuidando realmente bem de mim.

— Claro que ele está. Seu pai não é um homem mau. Não era dele que eu estava tentando te proteger. Era desse lugar.

— Eu gosto de Avalon. — eu me peguei dizendo só pra contrariá-la.

Mamãe não soube imediatamente o que dizer sobre isso. Álcool e diálogo espirituoso não andam juntos.

— Seu guarda-costas disse que houve atentados contra sua vida. — ela finalmente se lembrou, e, oh não, lá foi ela novamente. — Meu pobre bebê. — choro, e mais choro. — Eu tentei avisá-la. Eu tentei fazer você ver. — fungada, e mais fungada. — Temos que tirá-la daí e levá-la para casa.

Incrível como eu tive que gastar tão pouco tempo no telefone com minha mãe antes de “casa” se tornar uma palavra de quatro letras. Eu não quero ir para casa com a mamãe, e eu não queria ficar em Avalon com o papai. Se eu pudesse pensar em uma terceira escolha. (Além de ser morta por uma das Rainhas das Fadas, claro).

Tentei esperar acabar a atual histeria da minha mãe. Mas se eu tivesse que ouvi-la chorar por mais um minuto, eu enlouqueceria. — Eu não posso lidar com isso agora— eu disse a ela em minha voz mais plana e mais fria. — Ligue-me de volta quando você estiver sóbria, e vamos conversar.

Mamãe estava em um meado de lamento, quando eu desliguei.

Ela tentou ligar de volta algumas vezes, mas eu não atendi. Finn surgiu depois da primeira vez e me perguntou se ele deveria atender ao telefone se ela ligasse de novo. A piedade em seus olhos quando ele olhou para mim fez-me estremecer. Tinha o papai lhe dito que a minha mãe era uma bêbada? Ou muito pior, teria ele ouvido minha conversa? Ele era um cara legal e tudo, mas não me chocaria se papai lhe tivesse dado ordens para cuidar de outras coisas que nada tinham a ver com me proteger.

— Só a ignore, ok? — eu pedi.

Ele abriu a boca como se quisesse dizer algo, então mudou de ideia. — Muito bem — disse ele, em seguida, saiu e deixou-me à minha miséria.

Fiquei no meu quarto pelo resto do dia, tentando não reviver meu reencontro comovente com a minha mãe. Eu não fiz um trabalho muito bom, no entanto.

Lá pelas cinco horas, ouvi o som fraco da abertura da porta da garagem, e eu percebi que

meu pai estava em casa. Eu não estava tão ansiosa para o drama que estava prestes a se desenrolar.

Eu assumi que a minha mãe gastaria o resto do dia embebedando-se, o que deveria significar que eu não teria que lidar com ela novamente, pelo menos até amanhã. Mas quando eu enfiei a cabeça para fora da porta do meu quarto, eu imediatamente ouvi o som de vozes discutindo e uma delas era da minha mãe. Gemi.

A idéia de permanecer escondida em meu quarto era embaraçosamente atraente, mas achei que era uma má idéia deixá-los discutir o meu futuro, porque, o que mais eles estariam provavelmente discutindo? Sem qualquer opinião minha.

Eu rastejei lentamente pelas escadas, tentando espionar e ter uma idéia de onde as coisas estavam antes que eu fizesse a minha entrada. Infelizmente, suas vozes foram

abafadas o suficiente pelas paredes para que eu não conseguisse entender o que eles estavam dizendo. Parei na base das escadas, ouvindo atentamente, mas meus pais ficaram em silêncio. Não havia nada que eu pudesse fazer.

Empurrei a porta aberta e vi algo que eu pensei que nunca veria: minha mãe e meu pai na mesma sala.

Minha mãe estava sentada no sofá, um copo de líquido âmbar seguro em suas mãos, e meu pai ficou de costas para a sala, olhando pela janela da frente com as mãos atrás das costas. Ele não se virou para olhar para mim quando minha mãe gritou meu nome e ficou em pé, espirrando um pouco de sua bebida sobre a borda do copo. Eu estou supondo que ela pensou em vir correndo para mim para me dar um sufocante abraço maternal, mas o olhar na minha cara deve ter parado ela.

— Você deu a bebida a ela? — eu chorei atrás do meu pai, e eu estava tão indignada que eu senti como se eu pudesse explodir com isso.

Papai se virou para olhar para mim, e então, e o seu olhar penetrante parou minha voz na minha garganta. Não havia magia envolvida, apenas o peso esmagador da sua desaprovação. Objetivamente, ele ainda parecia jovem o suficiente para ser filho da minha mãe, já que ela não tinha envelhecido graciosamente, mas a autoridade paternal em seu olhar destruiu essa ilusão e me fez recuar.

— Você é minha filha, Dana. — disse ele, sua voz fria. — Sua mãe não é, e é, portanto, livre para tomar suas próprias decisões.

— Dana querida. — minha mãe disse antes que eu pudesse pensar em uma réplica adequada, — Não vamos brigar. Temos muito a conversar.

O vestígio de álcool ainda se mostrava em sua voz, mas pelo menos ela não estava desmaiada no quarto do hotel, e ela estava perto o suficiente para manter sóbrios seus poderes de maior raciocínio. Com ela, esse tipo de estado de limbo poderia ser o pior de dois mundos: bêbada o suficiente para ser piegas e sóbria o suficiente para que eu não pudesse trabalhar em torno dela.

Engoli minha amargura o melhor que pude, cruzando os braços sobre o peito o que eu sabia que era uma postura defensiva. — Tudo bem. — eu disse, então mantive minha boca fechada.

Papai ainda estava me dando seu olhar de raio laser. — Se você pretende participar nesta conversa, espero que trate a mim e a sua mãe com o devido respeito.

Compreendido?

Eu pisquei, surpresa. Eu não estava certa do porque de meu pai estava com raiva de mim, mas parecia ser o caso. Eu não conseguia encontrar minha voz, então eu apenas balancei a cabeça em acordo.

— Bom. — disse ele com um breve aceno de cabeça. — Agora se sente, e vamos todos nos comportarmos como adultos civilizados.

Minha mãe fez uma careta, e foi então que eu percebi que não era comigo que papai estava bravo. Ela afundou-se no sofá, tomando um saudável gole de sua bebida.

Sentei-me na outra extremidade do sofá e me recusei a olhar para ela. Papai, é claro, permaneceu de pé. Eu acho que o fez se sentir mais responsável.

— Seu pai me contou o que aconteceu. — disse minha mãe.

Olhei para meu pai, tentando avaliar o quanto ele disse a ela, mas sua expressão era neutra.

— Estávamos discutindo o que é melhor para você agora. — mamãe continuou, e a cara de papai caiu.

— Não há nada para discutir. — disse ele com uma voz que sugeria que esta não era a primeira vez que ele dizia isso. — Você não pode mudar o que já aconteceu, e agora que Dana

é um segredo aberto, é mais seguro para ela permanecer em Avalon sob meus cuidados.

Mamãe não estava tão embriagada para não conseguir dar um brilho de primeira classe. — Só porque você ficar repetindo isso não significa que é verdade.

O brilho de papai era muito mais intimidante. — E só porque você não quer que isso seja verdade, não significa que não é. Você pode honestamente dizer-me que você está equipada para proteger Dana de assassinos?

Ela depositou seu copo sobre a mesa de café e se levantou, balançando um pouco. — Você pode honestamente dizer-me que não tem nada de seus melhores interesses em mente? — ela rebateu.

Geez, eu estava contente de que íamos discutir isso como adultos civilizados.

Papai parecia chocado. — Eu não posso acreditar que você pensa que eu iria colocar minhas ambições à frente da nossa filha! Você sabe como as crianças são raras e preciosas para o Fae. — sua voz estava apertada e sufocada, e eu mal conseguia reconhecer o estóico, político Fae que vi pela primeira vez. — Você me privou de minha única filha por 16 anos, e agora deseja levá-la para longe de mim quando eu acabei de conhecê-la. Eu não vou permitir que você, faça isso, e eu não teria permitido mesmo se ela tivesse provado não ser uma Faeriewalker.

Eu estava realmente começando a desejar ter ficado lá em cima. Qualquer idiota poderia dizer que eles não estavam realmente discutindo minhas opções. Papai parecia não gostar da decisão de minha mãe de me manter em segredo dele, mas obviamente o que o incomodava muito mais era o que ele iria perder de agora em diante. Eu queria me afastar e deixar os dois resolverem as coisas, mas eu não acho que podia fugir disso.

— Você não tem necessidade de “permitir” que eu faça nada. — minha mãe disse. — Eu sou a tutora legal da Dana, e você não pode me parar. — ela virou para mim. — Arrume suas malas, Dana. Estamos partindo assim que você estiver pronta.

Ela parecia muito segura de si mesma, mas, mesmo bêbada, ela não poderia acreditar que seria tão fácil. Ainda assim, eu fiquei em pé, esperando que esta fosse a minha chance de escapar.

— Não seja ridícula, Cathy. — disse papai, então me deu um olhar severo que transmitia a mensagem de “sente-se”, sem necessidade de palavras. Relutantemente, eu obedeci.

Mamãe deu-lhe um olhar absolutamente fulminante. — Se você acha que pode manter Dana aqui...

— Então eu tenho razão! — retrucou. — Como é que você pretende removê-la sem o meu consentimento?

Mamãe vacilou.

— Eu queria que pudéssemos trabalhar em parceria para proteger nossa filha — continuou papai, com sua voz de aço. — Mas se você sentir que devemos trabalhar de forma contraditória, então tenha certeza de que vou abrir um processo de custódia antes de você chegar a meio caminho para fora da porta. Mesmo não sendo Dana um caso especial, eu teria motivos suficientes para acreditar que eu iria ganhar, considerando-se... — ele olhou para o copo que ainda estava na mesa do café.

Mamãe empalideceu, e algo desconfortável se torceu no meu intestino. Eu tinha, é claro, visto evidências de que meu pai era capaz de certa quantidade de crueldade. Mas tanto quanto eu desaprovava a bebedeira da minha mãe, era um golpe baixo ele usar isso contra ela.

O olhar no rosto de meu pai suavizou e ele suspirou. — Eu não tinha a intenção de que essa discussão tivesse ameaças. — disse ele calmamente.

Mamãe fungou, e eu olhei para cima para ver as lágrimas escorrendo pelo seu rosto. Pela primeira vez, eu senti que as lágrimas eram um sinal de dor genuína, não uma tentativa de provocar piedade. Eu não conseguia pensar em uma só coisa para dizer que a faria se sentir melhor, mas eu impulsivamente peguei a mão dela e dei-lhe um apertão.

— Vai ficar tudo bem, mãe. — eu disse, embora eu duvidasse, mas nenhuma de nós acreditou.

— Sinto muito, Cathy. — disse papai. — Mas eu tenho que fazer o que eu sinto que é o melhor para Dana.

Ela ergueu o queixo e piscou as lágrimas. — Eu também, Seamus.

Ela desvencilhou sua mão da minha, colocando as duas mãos nos meus ombros e me virando para encará-la. — Eu vou te tirar daqui, querida, eu prometo. — então, ela beijou o topo da minha cabeça como quando eu tinha seis anos, deu um olhar sujo ao papai e marchou para a porta.

Eu me perguntei se ela percebeu que ela nunca me perguntou o que eu queria.

Eu não tinha certeza de que eu poderia ter respondido a ela, mas teria sido bom pensar que minha opinião contaria para alguma coisa.

— Dana. — papai começou quando a porta se fechou atrás da minha mãe, mas eu levantei a minha mão pedindo silêncio, e para minha surpresa, ele calou-se.

— Eu preciso de algum tempo para pensar no momento. — disse, sem olhar para ele. — Podemos, por favor... Falar sobre isso depois? — eu furtivamente dei um olhar para ele, mas o que ele estava sentindo estava escondido atrás de uma expressão cuidadosamente neutra.

— Eu entendo. — disse ele, e eu tive a sensação de que ele realmente entendia.

— Leve o tempo que você precisar.

Eu balancei a cabeça, mas minha garganta estava muito apertada para permitir qualquer saída de som. Eu não poderia ter dito exatamente que eu estava à beira de lágrimas, mas eu estava, então bati em retirada antes que pudesse desmoronar diante de uma platéia.

Passei pelo menos uma hora sozinha no meu quarto, abraçando meus joelhos no meu peito enquanto eu tentava descobrir o que eu queria fazer. A probabilidade elevada foi que o que eu queria teria pouca relação com o que eu realmente tinha, mas eu não estava acostumada a não conhecer a minha própria mente.

Um monte de exame de consciência me levou à inevitável conclusão de que o que eu queria era o impossível: eu queria viver com a minha mãe, mas não com o seu álcool. E eu não queria que meu pai fosse completamente cortado da minha vida novamente.

Ah, e eu queria não ter que me esconder de assassinos pelo resto da minha vida.

Era uma lista de desejos deprimentes e eu estava à beira de ter um partido de piedade, quando uma explosão de inspiração me atingiu. Não havia nenhuma maneira que eu pudesse ter tudo o que eu queria, mas talvez eu pudesse gerenciar uma parte disso.

Mamãe tinha deixado muito claro que ela queria me tirar de Avalon. O papai já havia jogado uma carga de obstáculos em seu caminho, mas eu duvidava que ela

estivesse pronta para desistir. Uma coisa que eu tinha certeza que ela não tinha tido em conta em seus planos, no entanto, era a possibilidade de que eu poderia querer estar perto de meu pai e querer ficar em Avalon.

O que ela poderia me prometer, o que ela poderia realmente fazer se ela me usasse como moeda de troca? Havia apenas uma maneira de descobrir.

Eu não me dei muito tempo para pensar sobre isso, peguei o telefone e procurei o número do Hilton revisando a lista de identificação de chamadas.

Mamãe soou claramente bêbada quando ela atendeu ao telefone. — Alô?

— Oi mãe.

— Dana querida, está tudo bem?

— Sim, está tudo bem. — eu quase ri. Quem eu estava enganando? — Tenho uma proposta para você, e eu quero que você me ouça até que eu te diga a coisa toda.

Ela hesitou. — Ok. — ela finalmente concordou, parecendo desconfiada.

Eu dei uma respiração profunda antes de continuar. — Não há nenhuma maneira de você me levar embora de Avalon sem a minha colaboração.

— Dana. — ela protestou em um sussurro chocado.

— Lembre-se, você prometeu me ouvir. — bem, talvez prometer fosse uma palavra forte, mas minha mãe estava convencida o suficiente para recuar.

— Tudo bem. — disse ela, sua voz trêmula.

— Eu vou voltar para casa com você, mas você tem que jurar-me com sua vida que você vai procurar uma clínica de reabilitação, assim que chegar lá. E se você negar que você tem um problema com a bebida agora, eu vou me desligar de você e eu nunca vou voltar para casa. Nunca!

Eu quase podia sentir isso, o desejo desesperado da minha mãe de me alimentar com mentiras, mais uma vez, dizendo-me que ela não tinha um problema. Mas eu acho que mesmo em sua mente bêbada, ela ouviu como eu soava absolutamente séria.

Minha vida em Avalon, até agora só tinha me esgotado. Mas agora que minha mãe estava aqui para me lembrar de como era viver com ela, eu não tinha tanta certeza se a vida em casa me esgotava menos. Era apenas uma marca diferente de esgotamento.

— Juro para você por minha vida que vou frequentar a reabilitação quando chegarmos em casa. Mas por favor, venha para casa comigo. Eu preciso de você. E

não importa o quê, querida, eu te amo. Você sabe que eu te amo, mais do que qualquer outra coisa no mundo.

Eu levei um tempo, a respiração lenta e profunda, tentando pôr meus pensamentos em ordem. Eu poderia ter certeza de que minha mãe iria manter sua promessa quando eu não estivesse segurando a arma em sua cabeça? Claro que não. Mas talvez, apenas talvez, desta vez eu estivesse chegando perto. Desta vez, ela realmente iria

para a reabilitação, curar-se, juntar-se à raça humana. E se havia até mesmo a mais fina chance de que o meu truque fosse funcionar, eu tinha que tentar.

Claro que sair de Avalon iria levar algum tempo, mesmo se eu colaborasse. Na verdade, no momento eu não tinha idéia de como eu iria conseguir partir. Mas eu estava determinada a encontrar um jeito.

— Ok, mãe. — eu disse. — Eu vou voltar para casa com você. Mas eu preciso cuidar de algumas coisas primeiro. — Eu não estava prestes a dizer-lhe a longa lista de obstáculos que se interpunham entre mim e a liberdade. Ela iria, provavelmente, continuar a beber loucamente logo que eu desligasse o telefone, mas não havia nenhuma razão para acrescentar mais combustível para o fogo dela.

— Você quer dizer seu pai. — ela disse com um soluço.

— Sim, isso é um grande problema. — eu disse.

— Se Seamus Stuart pensa que ele pode manter a minha filha longe de mim, ele não me conhece!

Sim, certo. Como se a mamãe estivesse em qualquer tipo de forma para enfrentar o papai.

— Por favor, mãe. Deixe-me lidar com o papai. Eu acho que sei uma maneira de fazê-lo ver as coisas do meu jeito. — eu fiz uma figa com meus dedos. — Mas eu preciso que você fique quieta. Eu tenho um pressentimento de que se ele começasse a lutar pela custódia, nós precisaríamos de um exército para me tirar daqui.

Mamãe pensou um pouco, e eu podia ouvir o tilintar de garrafa. Eu cerrei os dentes para não agarrá-la pelo telefone. Se por algum milagre, minha tática funcionasse, ela teria o resto de sua vida à sua frente sem o efeito do cérebro em conserva; eu poderia deixá-la beber um pouco mais.

— Tudo bem, querida. — ela finalmente disse, e eu deixei escapar um suspiro silencioso de alívio. — Eu estou no Hilton, quarto 526. Eu vou esperar notícias suas.

— Obrigado, mãe. Vou deixar você a par de como estão indo as coisas.

— Não demore muito, querida. — alertou. — Quanto mais tempo você permanecer aqui, mais difícil será para fugir.

— Eu sei. Não vou demorar, eu prometo.

Despedimo-nos. E então eu deitei na cama e tentei descobrir como na terra eu iria escapar.

Eu não fiz nenhum progresso no meu plano de fuga antes de adormecer, o stress e esgotamento do meu treino com Keane tinham roubado mais de minha energia e capacidade intelectual. Acordei de manhã não tendo avançado uma única etapa.

Ainda meio sonolenta, em um torpor pré-café, sentei-me e balancei as pernas para fora da cama. Foi quando meu corpo me lembrou que não era usado para o tipo de exercício que tinha sofrido ontem, nem foi acostumado a bater várias vezes contra um feitiço de escudo e jogado para as esteiras. Eu gemi de dor e quase voltei para a cama.

Passei mais tempo do que o necessário embaixo do chuveiro, mas a água quente batendo contra os meus músculos doloridos parecia o paraíso. Eu ainda estava dura e dolorida quando eu saí, mas pelo menos eu era capaz de me mover.

Muito tola, eu esperava que depois da sessão de treino intenso de ontem, eu iria ter um dia de folga. Mas quando eu descii as escadas em busca de café, encontrei Finn e Keane sentados na mesa da sala de jantar.

Eles não me viram no início e eu hesitei na escada, surpresa ao ver o que meus olhos encontraram. Keane estava sorrindo. Não um sorriso desagradável, ou um sorriso condescendente, mas um sorriso real. Ele e Finn seguravam xícaras de chá e, apesar de suas vozes serem demasiadas baixas para eu escutar as palavras, eles pareciam que estavam tendo uma conversa bastante fácil. Era o mesmo Keane que eu havia conhecido ontem?

Keane então me viu e o sorriso desapareceu. Qual o problema de me fazer sentir bem-vinda? Obviamente, ele tinha algum tipo de problema comigo, mas o inferno se eu sabia o que era.

— Não me deixe interromper. — eu disse enquanto passava por eles para ir à cozinha para uma xícara do horrível café instantâneo do papai. Eu ia ter que lembrar de comprar uma cafeteira e um café de verdade se eu fosse ficar aqui por muito mais tempo, se eu não conseguisse descobrir como sair de Avalon. A chaleira estava vazia, então eu levei para a pia para enchê-la, mas quando me virei, Keane estava muito perto atrás de mim.

Eu não tinha o ouvido chegar, assim que foi sorte eu não ter largado a chaleira cheia em seu pé, no meu susto. — Você pode querer esperar até depois de trabalhar para colocar alguma coisa em seu estômago. — disse ele, sorrindo com prazer por ter me assustado.

— Ficar entre eu e meu café é perigoso. — eu avisei. — E não há nenhuma maneira de eu estar em forma para outra lição hoje.

Tentei o empurrar para passar por ele, mas, surpresa, surpresa, ele não me deixou. Gostaria de saber se ele ainda usava o seu escudo feitiço ou se um joelho ou cotovelo estrategicamente colocado iria realmente feri-lo.

— Nem pense nisso. — disse ele e eu senti o calor fluir por meu rosto.

Aparentemente, eu tinha sido muito transparente.

— Pensar sobre o quê? — eu perguntei, mas ele apenas olhou por baixo de seu nariz para mim. — Você sabe, eu não estou no exército e você não é meu comandante.

Eu não tenho que ter uma lição, se eu não quiser.

Ele inclinou a cabeça para um lado, seu rosto uma máscara de curiosidade exagerada quando ele coçou o queixo. Eu vi que ele tinha pintado as unhas pretas hoje, apenas no caso de eu não haver notado que ele era um ímpio Fae menino gótico, eu suponho. — Será que você acha que já aprendeu tudo o que você precisa saber, ou você acha que está fora de perigo hoje?

— Eu posso ver porque você optou por não entrar para a formação de cavaleiro — repliquei. — eles teriam “acidentalmente” te matado antes que você tivesse chegado à idade adulta.

Sua expressão e sua linguagem corporal não mudaram tanto assim, mas foi o suficiente para me dizer que eu tinha desenhado sangue. Seus olhos endureceram e um músculo saltou em sua mandíbula. Eu deveria ter ficado emocionada com a minha vitória, mas isso seria muito mesquinho.

— Desculpa. — eu murmurei. — Só porque você é um idiota não significa que eu tenha que ser uma cadela. — talvez não fosse a melhor das desculpas, mas sua expressão descongelou.

— Eu espero que você lute com qualquer arma disponível, — disseme, e vi algo estranho, como a aprovação em seus olhos. — Se eu atacá-la com palavras, então é justo que você

retruque com palavras.

Ele sorriu torto para mim e algo dentro de mim aqueceu. Eu tinha certeza que estava corando quando me virei para longe dele e coloquei a chaleira no fogão.

Eu deveria ter pensado melhor antes de dar as costas a ele. Quando eu estava chegando para ligar o fogão — eu não me importava com o que ele havia dito, ele não iria me impedir de ter meu café — de repente ele me agarrou por trás. Tentei contra-atacar com meus cotovelos, assim como ele me ensinou, mas ele me pegou de surpresa, e eu estava muito lenta.

Keane girou em torno de mim e se abaixou, agarrando-me ao redor das coxas e içou-me facilmente por cima do ombro. Ele fechou seu braço sobre minhas panturrilhas, prendendo minhas pernas em seu corpo, assim eu não poderia retroceder.

A partir desta posição, não havia muito que eu pudesse fazer, eu estava muito vulnerável. Eu poderia ter sido capaz de chegar à suas partes íntimas se eu realmente me esticasse, mas de nenhuma maneira eu iria agarrá-lo lá, não importa o quão efetivo pudesse ser.

Eu subi e tentei cravar meus dedos em sua garganta, mas a posição era muito estranha, e ele agarrou a minha mão com a mão livre, prendendo-me ainda mais segura, então ele me carregou para fora da cozinha. Ergui a cabeça e lancei um olhar atraente para Finn quando nós passamos.

— Por favor, chame o seu cão. — eu disse, mas Finn ergueu as mãos num gesto de desamparo.

— Eu tive que concordar em não interferir ou ele teria se recusado a vir.

— E isso teria sido uma coisa ruim? — eu perguntei, mas já tínhamos atingido a escada em espiral e eu não tinha certeza se Finn tinha escutado.

Keane levou-me à barraca de cavalo, o chão tinha sido coberto com esteiras.

Ele então me jogou fora de seu ombro.

Eu esperava que ele me colocasse e não me jogasse no chão. Mesmo com as esteiras, o impacto com o chão me deixou sem ar. Fiquei ali, atordoada por um momento, enquanto Keane me cercava.

— Da próxima vez, coloque seus braços para fora, assim. — ele demonstrou,

segurando seus braços para o lado com suas palmas das mãos voltadas para trás. —

Então, coloque as mãos para baixo para quando você bater possa dissipar alguma força. Se eu tivesse sido um cara ruim, você estaria na merda agora.

Eu engolia lufadas de ar. — Estou realmente começando a odiá-lo. — eu disse.

— Fico feliz em ouvir isso. — ele respondeu com um sorriso arrogante. — Agora por que você não chutou minhas bolas, quando eu ergui você sobre meu ombro? Eu deixei você baixo o suficiente para ter uma chance.

Sentei-me, abaixando minha cabeça para esconder o vermelho que eu tinha certeza que estava em meu rosto. — Só em seus sonhos mais selvagens eu te tocara lá. — eu resmunguei.

Ele riu e me ofereceu uma mão para me levantar. Eu decidi ignorá-lo, imaginando que era um truque de algum tipo. Meus músculos gemeram em protesto quando eu fiquei de pé. Eles já não se sentiam muito bem antes de Keane me jogar nas esteiras.

— Se um cara mal agarrá-la, você vai ser muito pudica para tocá-lo lá, mesmo se essa for a sua melhor chance de escapar? — perguntou.

Minhas bochechas ficaram acesas, eu me esquivei de seus deslumbrantes olhos verdes. — Tocar um estranho é uma coisa. Tocar alguém que eu vou ter que olhar nos olhos depois é outra. — eu projetei meu queixo para fora e dei-lhe o meu olhar mais teimoso. Ele me empurrou para fazer coisas que eu não estava confortável para fazer, mas ele não ia me empurrar para isso.

Keane pensou nisso por um minuto, olhando-me descontente. Em seguida, ele assentiu. — Tudo bem. Acho que posso ver seu ponto. Agora, vamos trabalhar sobre a forma de escapar de diversos ataques, utilizando as ferramentas que eu ensinei ontem.

Era uma manhã estranha. Desde que Keane estava me ensinando como escapar quando estivesse agarrada, isso significava que ele estava constantemente me agarrando, me segurando contra seu corpo. Ele era um idiota, mas ele era um inferno de um babaca sexy, e eu não podia deixar de estar ciente disso quando suas mãos estavam em mim. Ele se mudou com uma graça letal e a intensidade em seus olhos dizia-me que ele amava o que fazia — se era porque ele gostava de ensinar, ou porque ele amava lutar, ou porque ele só gostava de me bater — eu não tinha certeza.

Fiquei agradavelmente surpresa ao encontrar-me uma rápida aprendiz. Keane ainda podia dominar-me com uma facilidade assustadora, mas eu estava fazendo-o trabalhar mais que

tinha trabalhado ontem. Forte o suficiente para um bom brilho de suor revestir sua testa. Ele deveria ter o cheiro desagradável e fedido dos caras, mas os cheiros que eu senti se misturavam entre couro e algo estranho, mas fracamente herbal.

Uma vez, quando estávamos rolando no tapete, eu acabei de costas com as mãos presa ao lado da minha cabeça. Eu estava olho no olho com ele, toda a frente do seu corpo pressionado contra o meu. Senti sua respiração na minha bochecha, e eu cheirava o cheiro de couro e erva, que começava a ser familiar e deliciosa. Seu cabelo pendurava sobre um de seus olhos, escondendo-o atrás de uma franja de tinta preta, mas eu ainda me sentia presa por seu olhar mais do que por seu peso. Suas pupilas dilataram e eu vi seu pomo de Adão sacudir quando ele engoliu em seco.

Ele não parecia divertido. Ele não parecia irritado. Nenhuma de suas expressões usuais. Em vez disso, eu diria que ele me olhou... Surpreso. Ele estava lá em cima de mim, olhando nos meus olhos, deixando de brigar comigo por não tentar lutar usando o meu caminho livre.

— Podemos apenas fingir que eu cabeceei você? — eu perguntei sem fôlego.

— Minha cabeça dói bastante. — Não foi uma mentira, também. Eu não sei quantas vezes eu caí de cabeça no chão esta manhã, mas foram muitas.

Ele soltou seu domínio sobre meus pulsos, e um leve sorriso levantou seus lábios. — Justo. — disse ele, em seguida, rolou de cima de mim, deitando de costas ao meu lado apenas à distância de um toque.

Eu imediatamente perdi o calor de seu corpo. Claro, tinha que ser apenas uma coisa momentânea. Não havia nenhuma maneira de eu estar interessada nesse idiota, arrogante detestável. Não importa o quão quente ele fosse.

Ainda assim, ele não tinha o olhar arrogante e desagradável agora. — Posso perguntar uma coisa? — eu disse, olhando para o teto, então eu não seria atraída por seu calor.

— Claro. — respondeu ele, e ele parecia muito mais amigável do que ele tinha sido desde que eu o conheci.

— Toda esta atitude é apenas uma parte da aula, ou você realmente tem alguma coisa contra mim?

Ele não disse nada por um longo tempo. Sentou-se e passou os braços em volta dos joelhos, sem olhar para mim, a expressão em seu rosto era pensativa. Eu fiquei onde estava,

de alguma forma temendo que qualquer movimento que eu fizesse fosse levá-lo de volta para seu jeito usual.

— Não é você, exatamente. — ele disse finalmente. — Eu só não gosto que me digam o que fazer. — ele sorriu ironicamente. — Uma das razões do porque a formação para cavaleiro não deu certo para mim.

Eu fiz uma careta para ele. — Eu pensei que você tinha optado por não entrar no treinamento para cavaleiro.

— Não, eu não quis ficar no treinamento... — ele sorriu ironicamente. — Foi algo como uma decisão mútua. Eu não queria seguir cegamente as ordens, e eles não queriam lidar com um criador de problemas.

— E o que isso tem a ver comigo?

Ele soltou um suspiro. — Nada, exatamente. — ele se virou para mim, cruzando as pernas.

Eu estava cansada de olhar para ele, assim eu me sentei. — Eu não entendo.

Ele encontrou meu olhar. — Por que você acha que eles escolheram um cavaleiro de dezoito anos de idade, rejeitado para ser seu professor? — perguntou.

— Huh? — eu perguntei inteligentemente.

— Há Faes lá fora que têm séculos de experiência com luta e com o ensino. Eu sou bom, mas eu não sou tão bom. Então, por que seu pai, que poderia pagar qualquer um que ele quizesse contratar, me escolheu?

— Porque você é filho de Finn? — eu sugeri.

— Isso se tornou uma desculpa conveniente. Eu aposto que meu pai foi mesmo o primeiro a sugerir isso. Mas há mais do que isso.

— Vá em frente. Conte-me. — havia um nó duro em meu intestino, e meus dentes cerraram com firmeza.

Ele desviou o olhar. — Seu pai teve uma conversa em particular comigo antes de ele sair para o trabalho ontem. Ele não disse diretamente isso, ele foi muito sutil, mas sugeri que eu poderia querer ser seu “amigo”. — ele fez aspas com os dedos no ar. — Ele disse que você tinha feito um casal de amigos Unseelie, e ele queria oferecer-lhe alternativas Seelie.

Baixei a cabeça em minhas mãos, lutando contra uma vontade súbita de caçar meu pai e, pessoalmente, mostrar-lhe todos os truques que Keane tinha me ensinado.

— Eu não apreciei a sugestão. — Keane continuou em um grande eufemismo.

Ele suspirou. — Mas não era justo eu cobrar isso de você. Sinto muito. — ele conseguiu outro sorriso. — Não me leve a mal, meus métodos de ensino nunca são mornos e difusos, e se você não se sentir com vontade de quebrar minha cara quando estamos discutindo, então me sinto como se eu estivesse fazendo algo errado.

Eu dei uma tentativa de sorriso. — Obrigado por me dizer. E me desculpe pelo meu pai.

— Você não tem que pedir desculpas por seu pai. — ele ficou em pé e eu podia ver a máscara de sargento de volta no lugar. — Agora, chega de descanso. Vamos voltar ao trabalho.

Eu estava dolorida, cansada e puta com meu pai, ou seja, com o que ele pensou que estava fazendo. Mas apesar de tudo, eu não poderia dizer que eu estava

completamente infeliz por passar mais tempo nos braços de Keane, mesmo que fosse apenas para lutar.

-
-
-

Passei grande parte da tarde debatendo se eu deveria enfrentar o meu pai sobre empurrar Keane em mim. Com base na honestidade brutal que ele já tinha me mostrado, eu sabia que ele me diria a verdade sobre o que tinha feito, e talvez até mesmo sobre o porquê. A questão era..., eu queria a verdade?

Quando meu pai chegou em casa naquela noite, porém, decidi que seus pequenos truques de manipulação eram as menores das minhas preocupações. Porque, veja, ele teve outra reunião com Grace e Alistair, e os Três Grandes haviam chegado a um acordo quanto ao local onde eu viveria, a “casa segura” que supostamente manteria os bandidos longe de mim.

Eu tinha uma suspeita que as ameaças da mamãe para me levar para fora de Avalon sem aprovação do papai havia inspirado os Três Grandes a chegar a um acordo mais rápido do que eles poderiam ter chego de outra forma. Eu também suspeitava que eu teria muito mais

dificuldade em escapar da casa do lugar seguro do que do meu pai.

Papai me disse que planejava ter o local pronto, logo amanhã, então o que quer que eu fosse fazer, eu teria que fazer rápido.

Eu tinha dois grandes problemas para resolver se eu esperava ir para casa com mamãe. Primeiro, eu tinha que sair da casa. Segundo, eu tinha que sair de Avalon. O

primeiro deveria ser controlável, desde que eu esperaria até que meu pai estivesse dormindo durante a noite. Eu não esperava encontrar Finn, porque papai não esperava que eu fosse tentar fugir sozinha no meio da noite. Naturalmente, ele assumiria que eu não era tão estúpida. Eu tentei não pensar sobre as coisas terríveis que poderiam acontecer comigo se os bandidos me encontrassem vagando sozinha pelas ruas de Avalon durante a noite.

O segundo problema seria mais difícil de resolver. Como eu poderia sair de Avalon sem passaporte? Inferno, mesmo se eu milagrosamente conseguisse passar a fronteira e ir para a Inglaterra sem o meu passaporte, eu não seria capaz de voltar para os Estados Unidos sem um. Eu tinha certeza que eu poderia conseguir obter um novo em Londres, mas isso levaria tempo, e minha mãe e eu não tínhamos tempo para isso.

A conclusão inevitável é que eu precisava do meu passaporte. Mas se eu perguntasse ao meu pai sobre isso, ele ficaria em guarda, especialmente quando ele sabia que mamãe planejava me “resgatar” dele.

Eu estava completamente bloqueada. Sim, eu poderia tentar procurar pela casa, mas eu não podia garantir que estivesse aqui, e minhas chances de ser pega e colocar o papai em estado de alerta eram grandes demais. Eu achava que era uma coisa boa que os passaportes fossem difíceis de falsificar, mas eu estava achando um pouco inconveniente no momento.

E então me lembrei de onde eu estava: Avalon. A Cidade Selvagem, a Cidade Mágica. Se eu não pudesse forjar um passaporte com a tecnologia, poderia fazer um truque de magia? Lembrei-me da sala sombria nos túneis que Ethan tinha me levado, uma que ninguém jamais saberia que estava lá por causa do feitiço de ilusão que Ethan tinha projetado. Se ele podia criar uma parede que não estava lá, ele não poderia criar um passaporte?

Era uma ideia maluca. Mesmo que Ethan realmente pudesse fazê-lo, eu tinha que estar fora da minha mente para sequer pensar em perguntar-lhe. Ele era o inimigo, depois de tudo. Bem, talvez não exatamente o inimigo, mas ele era definitivamente um idiota mentiroso que tinha seus próprios — e do seu pai — interesses.

Então, novamente, ele havia tomado um grande risco se aproximando de mim no Starbucks no outro dia para me contar a verdade sobre o ataque *Spriggan*. Finn tinha estado muito próximo, e ele poderia facilmente ter achatado Ethan. E o pai de Ethan poderia ter avisado o meu. O fato de que ele falou comigo pessoalmente me disse que, provavelmente, ele realmente se sentia mal pelo que tinha feito.

Mal o suficiente para me ajudar a escapar de Avalon?

Eu mordi meu lábio. Mesmo que ele quisesse me ajudar, ele poderia pensar da mesma forma que meu pai, que eu estava mais segura em Avalon do que no mundo mortal. Eu deixei a idéia martelar em torno do meu cérebro o resto da noite.

Papai não poderia ajudar, ele notou meu não tão amável humor e embora ele tentasse puxar assunto comigo, logo desistiu.

Eu assisti um pouco de TV com ele, meus braços cruzados sobre meu peito, meus ombros curvados. Eu esperava que não estivesse sendo muito grossa.

Provavelmente não, porque meu pai pareceu aliviado quando eu finalmente anunciei que eu não estava com humor para TV e queria passar algum tempo navegando na internet.

Quando cheguei lá em cima, fechei a porta do quarto, em seguida, corri para meu computador. Eu marquei o diretório de telefones de Avalon quando eu estava procurando meu pai, então eu não teria problemas em encontrá-lo novamente. Segurei

minha respiração quando digitei o nome de Ethan no campo de pesquisa. Eu suspirei de alívio quando o seu número apareceu. Então eu meio que ri de mim mesma, porque era muito cedo para sentir qualquer coisa parecida com alívio. Eu não sabia quais eram as chances de que Ethan pudesse me ajudar, ou se ele iria me ajudar. Mas eu estava prestes a descobrir.

Entrei numa estação de rádio da internet e aumentei o volume do meu computador. Se papai estivesse me espionando e quizesse ouvir minha ligação, tudo que ele teria que fazer era pegar outro telefone, mas pelo menos com a música alta ele não seria capaz de me ouvir acidentalmente se por algum motivo viesse verificar.

Eu, então, peguei o telefone várias vezes; comecei a discar, então desligava, antes de eu finalmente digitar o número de Ethan. Não sei se eu teria coragem de tentar novamente se Ethan não estivesse em casa, mas felizmente ele atendeu antes que eu amarelasse, mais uma vez.

— Olá? — ele disse.

Minha língua estava colada no céu da boca, e eu fiquei ali sentada como uma idiota sem dizer nada. Como eu poderia estar pedindo a ajuda de um cara que 1º

poderia ter conseguido me matar organizando para que eu fosse atacada, e 2º tinha usado a magia para tentar me seduzir por razões políticas?

— Olá? — ele repetiu. — Tem alguém aí?

Então, novamente, não era como se eu estivesse cheia de opções. Limpei a garganta o suficiente para falar. — Yeah. Sou eu. Dana. — revirei os olhos para mim mesma. Tenho certeza que ele reconheceu minha voz, sem eu ter de dizer-lhe o meu nome.

Houve uma hesitação de meio segundo antes de responder. — Bem, isso é uma surpresa. — ele disse em um murmúrio baixo que eu não tenho certeza se era para eu ouvir. — Está tudo bem?

— Hm, sim. Mais ou menos. Umm... — oh, por favor! Eu não poderia fazer qualquer som menos patético? — Bem, não exatamente.

— Desculpe. Essa foi uma pergunta estúpida. Você não estaria me ligando se tudo estivesse bem. Você está em algum lugar seguro? Você precisa de mim para ir buscar você?

— Estou bem. — eu disse, sentindo-me mais confiante. — Estou na casa do meu pai.

— Oh!

— Olha, você sabe o que eu estou dentro de uma bagunça. Seu pai te contou, não foi? — porque eu não podia acreditar que Alistair não teria dito a Ethan sobre as rainhas vindo atrás de mim, não quando os dois já haviam sido co-conspiradores.

— Sim, ele me disse. Mas eu estava chegando a essa conclusão sozinho. Quanto mais eu pensava sobre aqueles *Spriggans*... — sua voz sumiu, provavelmente porque percebeu que falar comigo sobre os *Spriggans* não era o mais sábio.

— Meu pai disse que eu tenho que ficar em Avalon para minha própria segurança. Eu aposto que seu pai e tia Grace concordam.

— Mas você não.

— Eu suponho que Kimber lhe contou sobre o que aconteceu com Finn no outro dia?

— Yeah. — eu quase podia ouvir o estremecimento em sua voz.

— Se eu ficasse aqui, eu teria duas rainhas atrás de mim e elas terão muito mais armas que poderão usar contra mim. Se eu partisse, a rainha Seelie ficaria satisfeita, e as únicas pessoas que a rainha Unseelie poderia enviar atrás de mim seriam seres humanos.

— Mas você não vai ter qualquer tipo de proteção mágica. — ele me lembrou.

— Eu não vou precisar dela se eu não tiver nenhum Fae me atacando. — eu acho que eu estava tentando convencer tanto a mim quanto a ele. Lembrei-me que se conseguisse escapar de Avalon, mamãe havia prometido ir para reabilitação, o que valeria a pena todos os riscos loucos que eu estava prestes a correr.

Ele mudou de marcha. — Tudo bem, digamos que eu compre o seu raciocínio.

Eu sei que não sou sua pessoa favorita no momento, então eu estou supondo que tenho um papel a desempenhar nesta grande fuga?

Mordi o lábio. Eu provavelmente já lhe disse o suficiente para me pôr em apuros se ele contasse ao seu pai, mas mesmo assim, era difícil dar o salto final e dizer-lhe o que eu tinha em mente.

— Alguma vez você realmente gostou de mim, ou a coisa toda foi apenas um ato? — eu encontrei-me perguntando, sem ter tido qualquer intenção de trazer o assunto à tona.

— Claro que eu gostava de você. Como eu poderia não gostar? Eu gostaria de ter metade da sua coragem.

Isso me assustou. — O que você está falando? Eu tenho sido uma bagunça desde o primeiro dia!

Ele bufou. — Você salvou a vida de Jason, quando os Spriggans atacaram. Se você não tivesse abrandado o *Spriggan*, eu teria chegado tarde demais para salvá-lo.

Para não mencionar que você teve a coragem de vir sozinha para Avalon.

— Isso não foi coragem. Isso foi estupidez.

Ele riu, mas parecia amargo. — Eu sei que você teve que desafiar a sua mãe para vir aqui, e você está planejando desafiar seu pai para partir. Nunca, nenhuma vez eu desafiei o meu pai com sucesso. Então isso é coragem para mim.

— Se você diz.

— Eu digo. Agora me diga por que você está ligando. O que você quer que eu faça?

Eu considereei as ramificações do que ele acabara de falar, e meu coração se afundou um pouco. — Eu estava basicamente indo te pedir para desafiar seu pai e me ajudar a sair de Avalon.

— Diga-me o que você precisa e eu vou ajudar da melhor forma possível.

Desafiá-lo atrás das costas pode ser um pouco mais fácil do que fazê-lo em seu rosto.

— mais uma vez, ouvi um toque de amargura na voz dele. Eu esperava que isso significasse que a sua consciência o incomodava mais pelo o que ele tinha feito para mim.

— Então você não acha que eu sou completamente louca por querer ir embora?

— É um risco. Mas então, ficar em Avalon também é. Como você já viu.

Eu acreditei nele. É claro, eu acreditei nele antes e estava errada, então meu julgamento era questionável. Mas ele era a única esperança que eu tinha, então fui em frente.

— Agora, eu não posso sair de Avalon porque ou tia Grace ou o meu pai tem o meu passaporte. Eu não me vejo recebendo-o de volta, não importa quem o tenha.

Então, de alguma forma, eu preciso de um falso que irá fazer o truque. É algo que sua magia pode fazer?

Por um momento, muito tenso, ele não disse nada. Eu praticamente podia ouvi-lo pensar. Agora, se eu apenas soubesse o que ele estava pensando...

— Eu suponho que você saiba disso. — disse ele, — Mas isso é um inferno muito mais complicado do que criar uma parede de ilusão.

— Sim, eu percebi. Mas é possível?

Outra longa pausa para reflexão. — É certamente possível. Eu apenas não estou certo de que posso fazê-lo. Eu sou bom, mas isso é uma ordem de altura. Há um monte de páginas em um passaporte, e elas estão detalhadas. Além disso, eu precisaria de um passaporte americano para modelá-lo, porque eu não saberia com o que se parece na minha cabeça.

— Eu posso te levar um passaporte americano. — eu disse a ele. — Minha mãe veio para Avalon procurando por mim, podemos pegar emprestado com ela. A questão é, você pode

fazer uma falsificação?

— Eu não sei.

— Mas... — A única maneira de eu saber é se eu tentar. Eu posso garantir que vou tentar o meu melhor, mas não posso garantir que irá funcionar. Quando você me consegue o modelo de passaporte?

Isso iria ser um pouco complicado. (Sim, como se tudo fosse ser tão simples).

A maneira mais fácil de pegar o passaporte da minha mãe e dar para Ethan seria mandá-lo para seu hotel. Mas será que minha mãe realmente daria seu passaporte para algum Fae que ela não conhecia? Eu sinceramente duvidava disso.

Talvez se eu ligasse pra ela e lhe dissesse que ele estava indo?

Senti um calafrio na espinha. Eu estava atualmente presa aqui em Avalon, porque Grace tinha fugido com o meu passaporte. Eu estava disposta a correr o risco de que Ethan pudesse me trair, mas eu poderia também colocar minha mãe em risco?

Eu poderia dar o passaporte dela para um cara que eu não tinha certeza se podia confiar?

A resposta era não. Eu ia ter que levá-lo eu mesma e eu não iria deixá-lo fora da minha vista enquanto Ethan tentasse replicá-lo.

— Eu vou ter que fugir da casa de alguma forma para obtê-lo. — eu disse.

— Não é uma boa ideia, Dana.

Eu dei de volta uma resposta mordaz e fui para o sarcasmo. — Você espera que eu saia de Avalon sem sair da casa do meu pai?

Ele suspirou. — Certo. Bom ponto. Mas eu não vou deixar você vagar pelas ruas de Avalon, indefesa. Diga-me quando você pretende realizar a sua grande fuga.

Eu vou encontrá-la. Eu não sou tão poderoso como Finn, mas eu sou melhor do que nada.

Mordi o lábio novamente. Se eu estivesse errada sobre isso, se Ethan me traísse, então eu estava entregando-me direto para os braços de Alistair. Eu me perguntei se ele iria mudar de idéia sobre o acordo com Grace e meu pai se eu estivesse em sua custódia.

Mas, apesar de minhas dúvidas, eu já tinha tomado a minha decisão antes mesmo de eu ter pegado o telefone.

— Eu vou esperar até tarde, quando eu tiver certeza de que meu pai está dormindo. Talvez à uma?

— Isso é bom. Haverá menos pessoas nas ruas então. Menos chance de ser vista. Eu estarei esperando por você. Ligue-me, se houver alguma mudança de planos, ok?

— Yeah. Com certeza. — oh meu Deus, eu estava realmente fazendo isso. Eu estava louca? — Vejo você depois.

— Okay. Se as coisas correrem bem, nós vamos ter que sair de Avalon antes do sol nascer amanhã.

Eu me agarrei a essa esperança quando desliguei o telefone e tentei não pensar em quantas coisas poderiam dar errado.

Aquela noite foi uma das mais longas da minha vida. O anoitecer rastejou por anos, logo, uma vez que papai e eu dissemos nosso boa noite, ele desacelerou ainda mais. Eu tentei ligar para minha mãe cerca de oito vezes para deixá-la saber que eu estava chegando, mas ela nunca atendeu. Eu esperava que não significasse que alguma coisa tinha acontecido com ela. Eu também esperava que isso não significasse que ela estava bêbada demais para atender ao telefone. Sair de Avalon ia ser difícil o suficiente sem o álcool entrar na imagem.

Eu ouvi meu pai subir as escadas até seu quarto por volta das onze. Depois disso, nada.

Decidi que não queria esperar até o último minuto para descer. Eu queria dar ao papai tempo de sobra para cair no sono de novo se eu inadvertidamente o acordasse quando descia as escadas. Se ele viesse me verificar, eu diria a ele que eu estava tendo problemas para dormir e estava indo fazer um chá.

Antes de sair, eu pesquei o camafeu do lixo, para minha sorte, meu pai não tinha um serviço de limpeza para esvaziar o lixo todos os dias. Olhei para o camafeu por um longo momento, depois coloquei-o no meu pescoço. Eu não queria ter nada a ver com o Tribunal Seelie, mas o camafeu foi um presente de meu pai. Se o meu plano funcionasse, eu provavelmente nunca iria vê-lo novamente, mas pelo menos eu teria algo para me lembrar dele.

Não havia luz sob a porta do quarto de papai quando eu passei e nenhum dos degraus fez ruídos reveladores para acordá-lo. Quando eu estava na sala, forcei um pouco mais o ouvido esforçando-me para ver se eu podia ouvi-lo se movimentar, mas a casa estava em silêncio.

Eu estava na janela da frente com as luzes da sala que vinham de fora, olhando para longe. Ou pelo menos, tentando. Uma densa camada de nevoeiro cobriu a terra na base da montanha, tufos que derivavam pela rua tranquila. Eu não podia ver a lua ou as estrelas, e até mesmo enquanto eu observava, as nuvens invisíveis cuspiram chuviscos para se juntar ao nevoeiro. Eu tremia em antecipação.

Eu sabia melhor do que fazer a minha tentativa de fuga carregando minha bagagem ou minha mochila. Eu odiava deixar tudo para trás, principalmente meu computador, mas todos os

meus instintos me disseram que eu poderia estar correndo pela minha vida esta noite e eu não poderia arcar com o bônus extra.

Eu coloquei-me em um dos suéteres de lã grossa ou jumpers, como os chamavam aqui, o que parecia ser um nome bobo, que eu tinha comprado na minha viagem de compras. Eu tinha deixado meus pacotes nos destroços da loja, mas Kimber tinha coletado-os e mandado entregar para mim. Minha garganta apertou quando eu adicionei ela na lista de pessoas que eu nunca mais veria se eu escapasse de Avalon.

Eu me lembrei que foi por isso que eu tentei não ficar muito perto de meus amigos: doeria muito mais para sair, se você deixar-se se apegar muito.

Eu fiz o meu melhor para afastar meus pensamentos sombrios enquanto esperava Ethan chegar. As ruas estavam estranhamente desertas. Um carro passou ocasionalmente e vi um cavalo e cavaleiro uma vez, mas não havia pedestres.

Foi por isso que vi Ethan tão facilmente, mesmo que ele estivesse furando as sombras, evitando as luzes da rua. Meu coração acelerou no meu peito quando eu o avistei, mas eu disse a mim mesmo que era apenas nervos, não qualquer apego estúpido persistente.

Meu relógio me disse que eu tinha 15 minutos até o nosso encontro agendado, mas eu não vi nenhuma razão imperiosa de esperar agora que Ethan estava aqui.

Tomei uma profunda respiração de coragem, esperando que eu não estivesse tomando a pior decisão da história da humanidade, eu caminhei na ponta dos pés para baixo da escada em espiral seguindo para a garagem. Tenho certeza de que teria sido bom para mim ligar as luzes, mas eu estava muito profundamente no modo esgueirar e esconder para sentir-me confortável fazendo isso.

Naturalmente, a garagem estava escura como breu, mas papai não a mantinha cheia de coisas. Encontrei seu carro tateando, e depois usei seu contorno como um guia para chegar ao redor da porta da frente sem cair de cara no chão. Os tapetes de prática ainda estavam no chão, prontos para minha próxima aula com Keane, uma lição que nunca viria. Eu disse a mim mesma que não me importava. Keane havia sido

apenas um colírio para os olhos com uma atitude ruim. Talvez ele fosse um cara mais agradável sob o seu exterior rude, mas me envolver com ele teria sido tão mau como me envolver com Ethan tinha sido.

Cuidadosamente, calmamente, eu desbloqueei cada uma das fechaduras.

Lembrei-me de Finn dizendo que abrir a porta iria quebrar os feitiços de papai. Eu esperava que ao quebrar os feitiços não disparasse qualquer alarme.

Estremeci em antecipação quando puxei a porta aberta, mas nenhum alarme quebrou o silêncio noturno. Eu tomei uma respiração profunda e respirei lentamente, tentando acalmar meus nervos instáveis. Então eu saí da casa de meu pai e fechei a porta atrás de mim.

— Você está adiantada. — disse Ethan, e eu fiz tudo que eu podia para não pular e gritar.

Virei-me para ele, cobrindo minha boca para abafar o meu suspiro de surpresa.

A última vez que eu o tinha visto, ele estava passeando em um beco nas pequenas ruas. Eu supus que era o lugar onde ele planejava esperar por mim.

Ethan sorriu para mim, um sorriso que fez meu estômago fazer flip-flops. Ele estava vestido todo de preto, apropriado para rondar por ruas escuras, supus, ele puxou o cabelo comprido para trás prendendo-o na base do pescoço. Não parecia exatamente o Rambo, mas estava sinistro o suficiente para me dar um arrepio supersticioso.

— Desculpe por assustá-la. — disse Ethan, embora eu suspeitasse que ele tivesse feito isso de propósito. Idiota.

Apertei os olhos para ele. — Sim, o que eu estou fazendo hoje não é assustador o suficiente, então fazer brincadeiras juvenis é uma idéia fabulosa.

Ele olhou mais genuinamente arrependido agora, mas não se desculpou novamente. — Vamos, vamos começar. Para onde estamos indo, afinal?

— Para o Hilton. Onde quer que seja.

Ethan franziu o cenho. — Um carro seria bom. — disse ele. — Isso vai ser uma caminhada.

Ótimo. Pelo menos eu estava com sapatos confortáveis. — Para cima ou para baixo?"

Eu perguntei, rezando para que ele me desse a resposta certa.

— Para baixo.

— Ufa. — tentei dizer a mim mesma que era um bom sinal, significava que o destino estava ao meu favor. — Mostre-me o caminho.

A garoa que eu tinha notado a partir da janela do papai virou uma chuva leve à medida que

começamos a andar. Claro que eu não havia trazido um guarda-chuva, e nem

Ethan. O suéter de lã estava mantendo a minha pele seca, por agora, mas mesmo assim eu já estava com frio. Enrolei minhas mãos em punhos, em seguida, puxei-as para as mangas da blusa para aquecê-las.

— Se isso é o verão. — eu grunhi. — Eu odiaria ver o inverno.

Para meu choque, Ethan envolveu seu braço em meus ombros e me puxou contra ele, compartilhando seu calor. Eu sabia que não deveria deixá-lo me tocar, não depois de tudo o que eu havia aprendido sobre ele. Veio na ponta da língua dizer-lhe para manter suas mãos para si mesmo. Mas ele estava tão quente. E ele não estava tratando o gesto como uma espécie de algo mais. Ele nem sequer olhou para mim, continuou andando como se colocar o braço em volta de mim fosse tão natural que não lhe ocorreu que eu poderia negar.

Se tudo corresse bem, eu estaria fora de Avalon até amanhã e nunca veria Ethan novamente. Então, o que importava se eu lhe enviasse sinais contraditórios? Que importava se eu agisse como se eu o tivesse perdoado, mesmo quando realmente não o fiz? Seu calor lutava contra o frio e eu deveria aproveitá-lo, enquanto tivesse a chance.

Então coloquei meu braço em volta de sua cintura, tornando mais fácil para nós caminharmos e nenhum de nós disse nada sobre isso.

Para registro, andar em Avalon é uma merda. Pelo menos, é um saco quando você está tentando subir e descer a montanha, porque as estradas são espirais, o que significa que mesmo que seu destino seja apenas uma centena de metros para baixo de onde você está, você tem circular toda a montanha para chegar lá. De vez em quando, havia uma escada que nos permitia cortar rapidamente de um nível da estrada para o próximo nível abaixo, mas elas eram muito raras para meu gosto.

Meus joelhos e tornozelos me disseram que a caminhada em declive por longos períodos de tempo não era realmente muito mais fácil do que andar para cima. Ela apenas causou um tipo diferente de dor. E a chuva havia molhado meus sapatos e meias, congelando os meus pés.

O Hilton era localizado na parte inferior da montanha, à vista do portão sul.

Parecia extremamente moderno perto dos edifícios de tijolos imponentes e de pedra que o rodeavam. Havia até uma plataforma de estacionamento de vários níveis em um lado. Ethan e eu fomos, sem dúvida, parecendo muito enlameados até lá, e sei que eu, pelo menos, estava

exausta.

Eu não tinha coragem de fazer Ethan esperar por mim na chuva, mas eu não queria levá-lo até o quarto de minha mãe, também.

— Ela é bastante sensível sobre os Fae. — eu disse a ele. — É provável que seja um drama. Eu não quero que ela fique toda histérica porque você está aqui.

Ethan não gostou, eu acho que ele estava receoso de que eu fosse tentar me livrar dele, mas desde que eu me recusei a entrar no elevador com ele, ele finalmente desistiu e concordou em esperar por mim no átrio.

— Se você não voltar em quinze minutos eu vou atrás de você. — ele disse.

— Ok. — eu concordei, apenas para tirá-lo das minhas costas. Seria meio difícil para ele vir me pegar quando ele realmente não sabia o quarto em que minha mãe estava hospedada, mas que seja.

Não fiquei surpresa quando minha mãe não atendeu imediatamente sua porta.

Era, afinal, o meio da noite. Além disso, ela não havia atendido nenhuma das minhas ligações, então por que eu deveria assumir que ela atenderia a porta?

Bati na porta, um pouco mais alto esperando que eu não estivesse acordando todo mundo no corredor. — Mãe? — eu disse, não exatamente gritando, mas falando alto o suficiente para ter uma esperança de ser ouvida. Se ela estivesse desmaiada bêbada, fazê-la acordar poderia ser um sério desafio.

Ainda nada, embora eu pensasse ter ouvido algum movimento. Bati mais uma vez, e desta vez eu tive certeza de que eu ouvi alguém se mover.

— Mãe? Sou eu. — como se ela não soubesse. Quem mais poderia chamá-la de “mamãe”?

Ela resmungou algo incoerente. Eu respirei de alívio, porque ela estava acordada, e os bandidos não haviam chegado a ela. Bati mais uma vez, só para ter certeza que ela não decidisse que estava sonhando e voltasse a dormir. Eu ouvi mais alguma coisa, algo como “chegando!” E ouvi passos se aproximando da porta.

No mesmo momento, minha pele começou a formigar e o camafeu, dobrado sob o pescoço da minha camisa, começou a aquecer. Assim que a porta de minha mãe se abriu,

percebi o que aquilo significava. Mas já era tarde demais.

Alguém me empurrou por trás, me enviando voando pela porta para dentro do quarto de minha mãe. Bati em minha mãe, e ambas caímos no chão. Até o momento que eu consegui sair de cima dela e ficar em pé, alguém tinha fechado a porta e acendido a luz.

Devido ao meu intestino, eu me virei para ver quem tinha acabado de me emboscar.

Tia Grace moveu-se relaxadamente pela porta, olhando muito orgulhosa de si mesma. Ao seu lado, um braço sem corpo flutuava no ar, segurando uma arma apontada para minha mãe. Abaixo do braço, onde você esperaria pés de uma pessoa, havia um par de sapatos. Eu estava boquiaberta. Grace riu e enfiou a mão no ar,

aparentemente vazio. Um momento depois, o braço e os sapatos foram anexadas a um pequeno cara de aparência humana usando uma capa com capuz preto. Um manto assim como ao que tia Grace estava usando.

— Os mantos só funcionam quando as capas estão em alta. — tia Grace explicou, como se estivéssemos tendo uma conversa amigável. — E eles só escondem o que está por trás do tecido, por isso é necessário manter os membros debaixo dela para ficar completamente invisível. Eles me custaram uma pequena fortuna, mas valeram a pena.

Eu não consegui pensar em nada inteligente e espirituoso para dizer, então fiquei lá olhando para a arma, esperando que o amigo de Grace não tivesse um dedo tremendo no gatilho. Engoli em seco, desejando que tivesse deixado Ethan vir até o quarto comigo depois de tudo. Então, novamente, eu duvidava que Ethan era páreo para Grace, e ele certamente não era páreo para aquela arma.

— O que você quer? — eu perguntei, e fiquei surpresa que soasse quase calmo.

Meu pulso estava galopando, e eu tinha começado a suar, algo que não tinha nada a ver com a temperatura.

Ela arqueou uma sobrancelha graciosa. — Você não sabe; querida?

— Você quer ter seu próprio animal de estimação Faeriewalker. Bem, deixe-me te dizer que seus métodos de me ganhar não me atraem. — Geez, soou meio bravo.

Agora, se minhas mãos só parassem de tremer, tia Grace poderia realmente acreditar que eu era tão corajosa quanto eu soava.

Ela me deu um olhar de congelar a medula. — Obviamente sua mãe não te ensinou boas maneiras.

Cruzei os braços sobre meu peito, mais para esconder o tremor das minhas mãos do que para ser desafiadora. — Aparentemente a sua também não. Ou você considera sequestrar sua própria sobrinha, educado?

Grace se moveu tão rápido, que eu não poderia ter parado ela mesmo se tivesse tentado. Sua mão voou na minha cara e deu um tapa na minha bochecha. Eu engasguei, e as lágrimas embaçaram meus olhos. Meu rosto parecia que tinha acabado de ter um encontro com um caminhão.

Engoli as lágrimas o melhor que pude, rangendo os dentes e ordenando-me a não chorar. Eu pensei sobre que tipo de dor Finn deveria ter passado durante seu encontro com os cavaleiros. Se ele podia suportar sem reclamar, então eu poderia me esforçar para não dar a Grace a satisfação de ver-me chorar.

— Eu tive vontade de fazer isso quase desde o primeiro momento que abriu sua boca. — ela rosnou para mim. — E eu ficaria feliz em fazê-lo novamente se você tiver mais alguma observação que gostaria de fazer.

Consegui adiar as lágrimas, e não coloquei minha mão contra a dor, a queimação na minha bochecha. Mas não estava ansiosa para repetir o desempenho, por isso fiquei quieta.

— Kirk. — tia Graça disse ao capanga, apontando-o para minha mãe, que estava apenas tentando ficar consiente.

— Fique longe dela! — eu chorei quando ele se inclinou em direção a ela, mas ele me ignorou, e com essa arma na mão, não ousei fazer qualquer movimento para detê-lo. Todos os movimentos de Keane eram inúteis quando o inimigo tinha uma arma e um refém.

Kirk agarrou minha mãe e a empurrou para a cama. Ela fez um som um pouco perplexo. — Huh? — mas ela ainda estava realmente fora de si. Kirk enfiou a arma na cintura e virou minha mãe de bruço, em seguida, amarrou suas mãos atrás das costas.

Quando ele terminou, pegou a arma de novo e colocou-a contra sua cabeça.

— Você e eu vamos dar um passeio, querida. — Tia Grace disseme, tomando meu braço. — Comporte-se, e sua mãe não sofrerá nenhum mal. — com a outra mão, ela puxou um celular fora da bolsa que estava pendurada na diagonal de seu corpo.

Com uma mão, ela discou um número.

— Sala da Cathy Hathaway, por favor. — disse ela agradavelmente quando alguém atendeu.

O telefone do quarto soou, e Kirk pegou o receptor e colocou-a sobre o criado-mudo.

— Você pode me ouvir bem? — Grace perguntou, e todos nós poderíamos ouvir a sua voz vibrante a partir do telefone do quarto. — Perfeito!

Ela me empurrou em direção à porta, brandindo seu celular. — Se eu der a ordem, ou se esta conexão for cortada, Kirk vai atirar em sua mãe na cabeça. Não tenha nenhuma ilusão de que ele não vai fazer, como ele disse, ele é um profissional.

Então você vai fazer exatamente o que eu disser para você fazer em todos os momentos. Entendeu?

Olhei para minha mãe, deitada de bruços e amarrada na cama com uma arma em sua cabeça. Ela estava absolutamente indefesa, e desta vez, eu não poderia culpar o álcool. Mesmo se ela tivesse estado sóbria, ela ainda estaria numa bagunça. E ainda seria culpa minha.

— Eu entendi. — disse a tia Grace com os dentes cerrados, porque não achava que um silencioso aceno de cabeça iria satisfazê-la. Havia uma luz quase louca em seus olhos. Eu me perguntei se ela estava ficando louca, ou se o poder estava subindo por sua cabeça. De qualquer maneira, ela me assustou pra caramba.

Depois de um último olhar para mamãe, eu abri a porta e saí para o corredor. O que quer que fosse que Grace queria, eu estava indo fazê-lo. E esperava e rezava para que ela deixasse minha mãe ir.

Mas por que ela deveria? Uma voz sussurrou na minha cabeça. Uma vez ela me tivesse onde quer que ela quisesse, por que ela simplesmente não eliminaria a testemunha? Eu acreditava que tia Grace estivesse louca o suficiente ou má o suficiente para fazê-lo. Mas como eu poderia pará-la?

Eu pensei sobre isso freneticamente enquanto esperávamos o elevador, nenhum de nós disse uma palavra. Eu não conseguia nem olhar para ela mais, muito menos falar com ela.

A pior parte era que Ethan estava me esperando no saguão. Eu poderia ter esperado que ele pudesse ser o meu cavaleiro de armadura brilhante, mas ele não poderia saber que minha

mãe estava em perigo. Se ele fizesse algo heróico para tentar salvar-me de Grace, ele poderia muito bem matar a minha mãe.

Eu estava tremendo e, tenho certeza, parecia um cadáver quando saí do elevador para o saguão. Mas, ainda que discretamente eu tenha procurando por Ethan, esperando para dar-lhe algum tipo de aviso para se afastar, eu não o vi.

Eu não sabia como me sentir sobre isso. Por um lado, significava que não haveria nenhuma ação heróica que poderia matar a minha mãe. Por outro lado... Isso significava que não haveria nenhum herói que me levaria para longe de tia Grace.

O porteiro me deu um olhar perplexo quando saí do hotel com tia Grace. Tenho certeza que ele se lembrou de abrir a porta para Ethan e eu, e ele provavelmente pensou que havia algo estranho sobre eu sair com alguém diferente e com um olhar absolutamente aterrorizada, mas Grace deu-lhe um olhar, e ele de repente perdeu o interesse em nós. O camafeu não tinha aquecido, então talvez tivesse sido só intimidação direta.

— Para a direita. — tia Grace ordenou, e eu obedeci.

— Então, onde estamos indo? — eu finalmente encontrei a coragem para perguntar.

Grace piscou pra mim com um sorriso um pouco malicioso. — Para Faerie.

Eu estava tão assustada e horrorizada que eu parei. — Você tem que estar brincando comigo!

Ela olhou para mim, com seus gélidos olhos azul. — Eu pareço que estou brincando? Agora comece a andar, ou eu vou dar a Kirk o sinal verde para se divertir com sua mãe, enquanto você escuta.

Minha cabeça rodou, e por um momento, eu tive medo de que fosse desmaiar. Eu me forcei a não pensar sobre o que Grace tinha ameaçado, em vez disso coloquei um pé na frente do outro.

— Por que estamos indo para Faerie? — eu perguntei num sussurro estrangulado, embora eu já tivesse uma idéia. Uma terrível, aterrorizante e inacreditável idéia.

— Seamus nos disse, para Alistair e para mim, sobre o que aconteceu com o seu cavaleiro. E Alistair me contou o que aconteceu com os *Spriggans*. Ambos são tolos, achando que podem mantê-la segura e, eventualmente, explorar seus poderes para nossos próprios fins. — ela balançou a cabeça e estalou a língua. — Como se, mesmo nós três juntos

pudéssemos despistar ambas as Rainhas das Fadas.

Eu diminuí o ritmo um pouco, tentando adiar o inevitável, mas Grace me deu um pequeno empurrão para apressar-me.

— Se as rainhas desejam que você morra, então você vai morrer. — disse ela.

— Faeriewalkers não nascem todos os dias, e seria uma pena não ter qualquer uso de seus poderes únicos enquanto você ainda está entre os vivos.

Até agora eu tinha certeza que sabia onde ela estava indo com isso, por incrível que soasse. Mas eu tinha que ouvi-la dizer para acreditar, e assim eu continuei pressionando.

— Então por que estamos entrando em Faerie?

Segurando o telefone de forma precária com uma mão, Grace enfiou a mão na bolsa e abriu-a apenas larga o suficiente para me mostrar a arma escondida dentro. Eu não sei absolutamente nada sobre armas, mas mesmo eu, poderia dizer este era um pedaço desagradável de trabalho, tão grande que mal cabia nesse grande saco.

— Os Fae são difíceis de matar. — disse ela. — Especialmente em Faerie, onde o ferro frio não existe.

Sim, ela estava tão louca quanto eu pensava.

— Este bebezinho. — disse ela, acariciando sua bolsa, — Não iria funcionar em Faerie, mesmo que ele fosse de ferro frio. Mas, se ele está nas mãos de um Faeriewalker ou nas mãos de alguém que está dentro da aura de um Faeriewalker, ele dispara. E até mesmo uma rainha Fae pode ser morta por uma bala mortal na cabeça.

— Você quer assassinar uma das rainhas. — eu disse, e era apenas a metade pergunta.

— Eu poderia tentar ambas. — ponderou. — Eu tenho o poder para manter o trono de Titânia se eu derrotá-la. Talvez o meu primeiro ato oficial como rainha Seelie seja eliminar Mab. Eu não sou arrogante o suficiente para pensar que eu possa manter ambos os tronos, mas com Mab morta, quem herdará o trono Unseelie será menos

potente e mais fácil de trabalhar. — Grace me deu um sorriso maligno. — E com você ao meu lado, ninguém jamais ousaria ameaçar-me. Eu serei a Rainha para sempre!

Não, ela não era nem um pouco arrogante. Eu sinceramente não tinha idéia se o mundo seria um lugar melhor se ela conseguisse ou se ela falhasse. Tudo que eu sabia era que eu

estava correndo contra o tempo para chegar a um plano de fuga brilhante.

Porque só tinha uma outra centena de metros até que estivéssemos na ponte para atravessar o fosso para o portão sul.

A chuva caía constantemente à medida que caminhava miseravelmente até a ponte que me levaria para Faerie. Grace estava tão alegre que estava até cantarolando em voz baixa. Continuei tentando pensar em alguma forma de escapar dela sem conseguir que minha mãe morresse, mas eu não conseguia nem sequer chegar a uma idéia louca, então muito menos a uma sã.

Assim a única tática dilatória que me ocorreu foi falar, decidi fazer mais perguntas.

— Papai disse que não acreditava que você queria voltar para Faerie. — disse com os dentes rangendo.

— Ele disse isso?

— Sim. Algo sobre Lachlan. — eu a observava por debaixo dos meus cílios, mas ela não mostrou reação alguma ao nome de Lachlan.

— Apesar de suas ambições e delírios de grandeza, meu irmão é, temo, uma pessoa carente de imaginação. — disse tia Grace. — Se eu fosse entrar em Faerie e ficar com Lachlan como estão as coisas agora, então eu seria... — ela franziu o cenho.

— Temo que rechaçada é uma palavra muito suave para descrever a reação, mas é o melhor que posso fazer. Mas Seamus esqueceu que se eu fosse de novo a Faerie, seria junto com você. Vou ser rainha, e você, minha filha, será uma suficientemente assustadora ameaça para fazer com que o resto dos Sidhe me tratem com nada menos do que máximo respeito.

— Então, você vai me ter ao seu lado todo tempo, como um cachorro em uma coleira, e que sente quando for preciso disparar em alguém?

Ela deu um sorriso louco, seus olhos brilham com um humor horrível. — Não havia pensado antes nisso, mas acho que uma coleira seria uma idéia maravilhosa.

Esse seu longo pescoço branco ficará encantador com um colar de pedras preciosas ao seu redor.

Calei-me, por que eu não queria ouvir nada mais do que tinha planejado para mim.

Chegamos à ponte, e minhas últimas esperanças começaram a morrer uma a uma ao cruzar até a casa de guarda.

Grace apontou para uma porta no extremo direito da portaria. Uma pequena luz na parte superior da porta repartia um fraco resplendor com um cartaz escrito em um idioma que eu não conhecia.

— Vê essa porta? — ela perguntou, mas ao que parecia era uma pergunta retórica, por que não esperou nenhuma resposta. — Essa porta nos levará diretamente para Faerie, sem ter que nos preocupar com nenhuma chateação costumeira humana.

— É bonito, simples e engenhoso. Em Avalon, há um longo corredor, que conduz diretamente para a fronteira. Na parte mortal da fronteira, não há mais que um muro de concreto armado, que para os mortais, é um beco sem saída. Mas para as fadas, não existe nenhum obstáculo, pois somos capazes de caminhar através dele. Há agentes da Patrulha Fronteiriça estacionados no corredor, é claro, mas você sabe que passará mesmo se montar qualquer tipo de cena.

Sim, eu sabia bem. Inclusive se tia Grace não tivesse minha mãe como refém, eu não podia confiar na patrulha da fronteira como ajuda. Afinal, tia Grace era sua capitã. Não, parecia que não tinha nada que a impedisse de me levar para Faerie. Eu não esperava nada mais de que fosse mais quente ali, por que minha roupa estava agora completamente empapada e embora abraçasse a mim mesma tentando manter o calor, meus dentes rangiam cada vez mais com cada minuto que passava.

O estacionamento que eu lembrava ter visto quando me encontrei pela primeira vez na casa de guarda estava quase vazio esta noite. Havia três carros estacionados perto da entrada oficial ultrasegura. E havia outro carro, um sedan insignificante, estacionado debaixo de uma luz queimada perto da porta de Faerie. Quando Grace entrou no estacionamento, ela pareceu perceber o carro pela primeira vez, e fez seus passos mais lentos. Ela agarrou meu braço com a mão livre, me puxando para ela, senti uma picada de magia em minha pele.

A princípio, eu não sabia o que ela tinha visto que a alarmou, mas um momento depois um homem saiu das sombras.

Era alto e muito magro, quase de aspecto frágil. Parecia que tinha sido tirado da cama, seu longo cabelo loiro estava preso em uma trança, com a roupa amassada e sem combinar. Ainda na penumbra do estacionamento, percebi que usava uma camisa azul marinho e calças negras, como se tivesse agarrado na escuridão e colocado.

Eu pensava que era um completo desconhecido para mim, até que entrou em um círculo de luz e dei uma olhada em seus olhos. Fae, é claro, mas de um tom incomum de azul turquesa. Igual aos de Kimber e Ethan. Grace me confirmou, imaginei ao falar, inclusive quando ela se afastou, puxando-me para ela.

— Por que Alistair, essa agradável surpresa? — disse.

Esfregou o rosto, parecendo esgotado. Surpreendeu-me que Grace não tivesse se tombado direto para ele.

Certamente, não parecia uma grande ameaça. Mas, é claro, sabia que as aparências poderiam enganar, sobre tudo aqui.

— Agradável não é uma palavra que eu usaria para descrever essa situação. — disse, e parecia realmente cansado. Ele deu um passo mais para perto de nós e Grace continuou retrocedendo. Talvez Alistair fosse capaz de nos perseguir todo o caminho pela ponte e voltar para a segurança de Avalon.

— Não seja difícil com respeito a isso. — disse tia Grace.

Alistair sacudiu a cabeça. — Temo que não possa permitir que leve a garota para Faerie.

— Por que não? — perguntou, e ela soava realmente perplexa.

Alistair soltou uma risada. — É muito tarde para os jogos. Se tentar passar por mim, eu deterei você.

Tia Grace parecia... Chateada. Sua mão se fechou sobre o meu braço até que a dor me alcançou. Ela não afrouxou seu agarre.

— Talvez você gostasse de convencer Alistair a ficar do nosso lado, querida. — me sugeri, mostrando seu telefone. Um nó de terror se formou em minha garganta, e voltei meus olhos suplicantes para Alistair.

— Por favor. — supliquei em minha voz mais respeitosa. — Ela tem minha mãe. Ela vai ter seu amigo matando minha mãe se tentar detê-la.

Mal podia acreditar que estivesse em condições de pedir para alguém que deixasse que Grace me sequestrasse para Faerie, mas não tinha nenhuma dúvida de que era o suficientemente rancorosa para mandar matar minha mãe se este seu grande plano não funcionasse.

Alistair lançou uma olhada por cima de meu ombro e logo voltou, tão rápido que quase poderia ter perdido se não estivesse olhando-o com atenção. Acho que foi um momento de distração involuntária de sua parte, não um sinal para que eu olhasse por cima do ombro. Mas não pude deixar de olhar de qualquer forma.

E ali estava Ethan, de pé a uns três metros atrás de nós, capturando-nos entre ele e seu pai.

Agora entendia por Alistair havia “simplesmente” estado esperando por nós. Ethan deve ter visto tia Grace entrar no hotel, ou pelo menos, tinha a visto sair comigo e pediu reforços.

Mas nem ele nem Alistair poderiam fazer nada para ajudar minha mãe.

— Sinto muito. — disse Alistair para mim. — Eu não queria colocar sua mãe em uma situação de risco. Mas não posso permitir que Grace leve você para Faerie.

— Por que não? — perguntou Grace. — Por que você se importa? Você nunca teve Faerie como um lar. Você não deve sentir nenhuma lealdade por lá, nem sequer à sua rainha. Por que sacrificar a mãe desta garota me detendo quando o que ocorre em Faerie não é assunto seu?

O camafeu se esquentou da maneira que estava se tornando asquerosamente familiar. Por razões que eu não entendia. Estava certa de que a eletricidade mágica, ou o que fosse, vinha de Grace, não Ethan ou Alistair. Talvez só por que ela estivesse muito mais perto de mim. Vi seus lábios começarem a enrolar em um sorriso, e eu sabia que isso não queria dizer nada bom.

— Ela vai conjurar algo! — gritei, certa de que qualquer feitiço que estivesse conjurando não seria agradável.

Senti, mais do que vi, a magia inchar-se ao redor de nós, então para frente, correndo em direção a Alistair.

Acho que meu grito advertiu Alistair a tempo, por que se lançou para um lado.

Meus ouvidos estalaram, e o carro de Alistair, atrás da linha de fogo... Explodiu. Essa era a única maneira de descrever o que aconteceu. Parecia que a caminhonete tinha semiquebrado por todos os lados. Nem sequer queria pensar em como Alistair teria ficado se o feitiço tivesse batido nele.

Grace me olhou furiosa. Pensei que a força de sua ira me mataria. Eu estava certa de que

estava ponto de me bater outra vez. No entanto, ela fez algo muito, muito pior.

— Mate-a! — gritou em seu celular.

— Não! — gritei, mas Grace fechou o telefone com um grunhido e lançou sobre um lado da grade nas águas do fosso.

Com o canto do olho, vi Alistair se levantar, mas tudo que eu podia pensar era em Grace dando a ordem fatal. Eu nem sequer tentei deter as lágrimas desta vez.

— Esse não foi o mais sábio movimento. — ouvi Alistair dizer, sua voz tranquila e serena. Eu queria matá-lo por sua calma quando minha mãe acabara de ser assassinada, por não nos deixar ir. — Inclusive não posso suportar uma acusação de assassinato. — continuou. — Não com três testemunhas.

— Você sempre me subestimou, Alistair. Assim como fez meu irmão.

Nesse momento estava tão cheia de dor e horror que honestamente não me importava o que mais Grace tinha na manga. Até que descobri o que era, é claro, uma Fae, embora magra, mulheres esbeltas como tia Grace, são em uma forma mais fortes que os mortais. O qual foi o porquê Grace não teve problemas em me agarrar, levantando-me de meus pés, e jogando-me de lado pela grade para seguir o caminho de seu telefone.

Estava muito surpresa para gritar, por que ambos Alistair e Ethan gritaram.

Aagitava-me no ar, tentando controlar minha entrada na água, mas quando bateu em mim, eu estava plana em minhas costas. Tentei dissipar parte da força trazendo meus braços para baixo, assim como Keane tinha me mostrado, mas não serviu de nada, muito mais. Foi uma queda horivelmente longa da ponte ao fosso — não o tipo de queda que se espera que morra, ao menos, mas não foi apenas um saltinho, tampouco.

A água se estatelou contra minhas costas como um ladrilho de concreto, o que me obrigou a tirar todo o ar de meus pulmões e a impressão do momento.

Esse momento foi o suficiente para que a água turva e lamacenta se fechasse por cima da minha cabeça e começasse a me chupar para baixo.

Não sou a melhor nadadora do mundo, mas geralmente posso nadar cachorrinho como os melhores deles. Quando me recuperei desse momento inicial, atônita e sem fôlego, comecei a dar chutes e me agitar, tentando chegar à superfície.

Tinha medo, mas não exatamente pânico. Ainda não. Era só água, afinal.

No entanto, apesar de toda minha agitação, não parecia encontrar a superfície.

Meu suéter de lã parecia pesar aproximadamente dez toneladas, e meus pés não conseguiam mover a água tanto em meus sapatos para chutar. Os pulmões queimavam, tirei os sapatos com meus pés e fui capaz de chutar com maior eficácia.

Com alguns chutes, provavelmente teria estado na superfície e estaria bem.

Exceto que um desses chutes bateu em algo. Algo suave e flexível, como carne. Algo se envolveu ao redor de meu pé e me segurou.

Rompi o agarre com bastante facilidade, mas o terror de ser agarrada por algo debaixo da água, combinado com minha falta de oxigênio cada vez mais crítica, me levou a tentar tomar fôlego. Engoli um pouco de água em meus pulmões. E foi então quando comecei a sentir pânico.

Tinha que tossir a água para fora de meus pulmões, mas não podia tossir se não tinha ar. Levei uma mão sobre minha boca e tapei meu nariz para manter-me de tomar outro fôlego por reflexo, mas a necessidade de tossir era assustadora. Não podia lutar contra isso, apesar de que em um pequeno canto de minha mente sabia que se eu tentasse respirar, morreria.

O reflexo se tornou pior, e eu parei de tapar meu nariz e boca para ofegar em outro sopro de água.

Era vagamente consciente da sensação de umas mãos agarrando meus braços, mas tinha muito pânico para sentir alívio por qualquer ajuda ou tentar cooperar com

meu aspirante a salvador. Estava meio convencida de que estava à margem da morte, alucinando de qualquer forma.

Mas essas mãos tinham um bom agarre, e um momento depois, me puxou através da superfície da água no bonito, maravilhoso, mundo da vida do ar. Por desgraça, absorvi tanta água em meus pulmões que inclusive com o ar tão tentadoramente perto, não podia respirar.

As mãos que seguravam meus braços se moveram até que estivessem em volta da minha cintura, um braço apertando brutalmente forte e para cima. Doeu, mas também causou que a água voltasse pela minha boca e nariz. Argh, asqueroso!

Consegui sorver ar, mas depois a tosse se apoderou de mim. Mais água que ficava em meus pulmões, queimou minha garganta com ferocidade na subida.

Consegui um pouco mais de ar, assim fui quase capaz de gritar quando algo mais se envolveu ao redor do meu tornozelo.

— Maldição! — gritou meu salvador, e percebi que era Ethan. Senti ele dar um chute no que quer que seja que me agarrou, e o agarre se afrouxou.

— Temos que sair da água, Dana! — gritou Ethan. — Está com ele!

Eu continuava tossindo e afogando-me muito para nadar por minha conta, assim Ethan me arrastou. Pisquei água e as lágrimas saíram de meus olhos e vi que Ethan me levava para baixo da ponte.

A coisa que estava no fosso tentou outro agarre, e senti meus pêlos se arrepiarem quando Ethan lançou algum tipo de magia contra isso.

— Chuta comigo! — mandou, e fiz o melhor que podia apesar de minha luta contínua por respirar.

Foi um nado extremamente lento e assustador. Senti o monstro à espreita no fosso debaixo de nós, nas profundidades das águas turvas. Esperando que mostrássemos um sinal de fraqueza. Ou talvez à espera que o ataque mágico de Ethan desaparecesse.

Tinha recuperado o suficiente de minhas faculdades mentais para ver que nos dirigíamos para a beira da ponte, mas o que vi não me deu tranquilidade alguma.

Havia uma borda de concreto estreita que sobressaía da água, teríamos que passar um alcance bastante grande para agarrá-la, e sabia que embora conseguisse agarrar, ia ter que ter força para fazer o caminho fora da água.

— Quase. — disse Ethan, e apesar de que estivesse tentando me consolar, ele mesmo

parecia assustado, o que não foi consolador de tudo.

Uns poucos chutes frenéticos mais, e investimos contra o objeto.

— Eu vou te dar um impulso. — disse Ethan, ofegando pelo esforço de nadar pelos dois, e lutar contra monstros invisíveis que me agarravam. — Agarra a borda.

Ainda não pensava que me agarrar à borda me faria muito bem, mas não estava disposta a discutir.

Ethan mudou seu controle uma vez mais, e em qualquer outra situação, teria me oposto a onde suas mãos terminaram. Mas de alguma maneira, não acreditava que ele estivesse tentando me agarrar naquele momento.

Ethan me empurrou para sair da água, e levei minhas mãos sobre a cabeça.

Agarrei a beira, mas ainda estava com água na cintura para baixo. Isso significava que não tinha que manter meu peso completo enquanto me pendurava ali, mas não foi o suficiente para me dar força para me puxar para cima. Se sobrevivesse a isto, ia ter que passar algum tempo na academia ganhando um pouco de força na parte superior do corpo.

Ao meu lado, Ethan se lançou para cima e para fora da água, com as mãos agarrando a beirada sem nenhum tipo de ajuda ou impulso. A menos que o monstro estivesse ajudando-lhe, o que parecia pouco provável.

— Aguenta. — ordenou, então facilmente me levantou da beira. Suas mãos tinham se fechado em volta de meus pulsos quando o monstro me agarrou de novo.

— Ethan! — grito, chutando freneticamente.

— Segurei você! — me assegurou e começou a puxar.

O monstro tinha soltado com poucos estímulos nas últimas vezes, mas talvez viu que sua presa estava longe e decidiu fazer uma última resistência. Qualquer que seja a razão, não soltou quando Ethan começou a puxar.

Não pude evitar olhar para a água, tentando a ver a criatura que estava tentando tão fortemente conseguir me puxar de volta. A água estava tão turva, e a área sob a ponte tão escura, que não pude ver nada debaixo da superfície.

Algo se enroscou em minha outra perna, e gritei de novo. Ethan xingou, mas segurou meus pulsos e era como se os dois jogassem cabo de guerra comigo.

Um horrível rosto de peixes mortos cor rosa esbranquiçado estava na água perto das minhas pernas. De pêlo cinza, com teias de aranha pegajosas que fluíam ao redor de sua cabeça sem cor, esta, ao menos no que pude ver, não era afetado por nenhum tipo de corrente ou vento. Fez-me um nó na garganta quando percebi que era seu pelo que se envolvia ao redor de minhas pernas.

Os olhos da criatura eram tão brancos como sua pele, dando a impressão de que era cego. Mas não acho que fosse, por que certamente parecia olhar tristemente para Ethan.

— É minha. — disse a criatura com um gorgolejo de uma voz horrível. Quando falou, puder ver a fila de dentes afiados em sua boca.

— Ethan. — lamentei. Preferia ter me afogado a ter esta criatura me querendo.

— Não, ela é minha. — disse Ethan para a criatura em um feroz e gutural grunhido que soava quase humano. É claro, Ethan não era humano.

A criatura sibilou, seu pêlo estranhamente se envolvia mais e mais ao meu redor. Os olhos de Ethan praticamente brilhavam na escuridão, e seu agarre em meus pulsos não tinha vacilado, embora estivesse começando a sentir como se estivesse sendo esticada em uma rede. Meus ombros estavam gritando de agonia, e tinha medo de que em um momento ou outro, os músculos começariam a ceder.

Ethan disse algo em um idioma que eu não conhecia. Achei que fosse Gaélico, ou algum tipo de estranha linguagem das fadas. Com suas palavras veio um pulso suave de poder que viajou por meu corpo até a criatura.

A criatura sibilou outra vez, mostrando seus dentes para Ethan.

— Não quer ser um inimigo, meu ou de minha casa. — disse Ethan com os dentes apertados, e a expressão de seu rosto teria assustado qualquer um, ou qualquer coisa que tivesse duas células em seu cérebro que roçassem entre si.

Com um silvo sombrio final, a criatura me soltou e se afundou de novo na água.

No momento em que estive livre de seu controle, Ethan me arrastou para fora do fosso.

Eu estava de joelhos na borda estreita, corcunda com a tensão enquanto tentava recuperar um pulmão para o que parecia ser uma boa parte do para sempre. Ethan afagou minhas costas e murmurou palavras de conforto, mas eu estava muito infeliz para ser consolada.

Minha garganta e vias nasais queimavam ao expulsar toda a água que tinha de meus pulmões. Meu peito doía de tomar toda essa água. E todas as minhas articulações latejavam por serem um brinquedo de cabo-de-guerra entre Ethan e o monstro do fosso. Eu também estava encharcada e gelada até os ossos, meu corpo todo tremia violentamente.

Quando a tosse acalmou um pouco, Ethan me puxou contra ele, envolvendo os braços em volta de mim e me segurando perto do calor de seu corpo. Foi só então que eu notei que ele estava vestindo apenas um par de calças. Mesmo assim, seu corpo parecia uma fornalha em relação ao meu, e eu me enrolei em mim mesma e me amontoei contra ele.

— O que foi isso? — eu perguntei, estremecendo com a lembrança daquele rosto terrível na água.

— Era uma Bruxa da Água. — Ethan explicou. — Eles são nativos das Fadas e pelo menos nominalmente pertencem ao Tribunal Unseelie, que é provavelmente a única razão que eu fosse capaz de fazê-lo deixar você ir. Há dezenas deles no fosso, e eles irão atacar qualquer coisa, Fae ou humano, que caia dentro. Se o fosso fosse apenas de água, então as pessoas — e Fae, — poderiam entrar e sair à vontade de Avalon e o Portal não significaria nada .

Estremeci de novo com o pensamento de *dezenas* dessas coisas horríveis patrulhando o fosso, na esperança de uma refeição gratuita.

Não que eu tivesse certeza que a Bruxa da Água havia planejado me comer, mas com aqueles dentes que ela mostrou, não pareceu fora de questão.

Eu comecei a chorar, então, por uma vez não me envergonhei das minhas fraquezas. Lembrei-me de Grace gritando a ordem fatídica em seu celular momentos antes dela jogá-lo

— e a mim— no fosso.

— Ela matou a minha mãe. — eu soluçava no peito de Ethan.

Ele me segurou firme e me embalou. — Talvez não. — ele murmurou. — Eu liguei para o seu pai depois que liguei para o meu. Ele disse que enviou Finn para resgatar sua mãe. Podemos apenas esperar que ele tenha feito a tempo. Eu gostaria de poder oferecer-lhe algo mais certo, mas acho que meu celular está no fundo do fosso agora.

Eu funguei e tentei ter esperança. Finn fazia esse tipo de coisa para viver. Se alguém pode ter salvado a minha mãe de Kirk, era ele. Mas tudo tinha acontecido tão rápido, apesar de minhas tentativas de atraso. Será que realmente Finn tivera tempo para chegar ao hotel antes de Grace ordenar a morte de minha mãe?

— Eu quero ir para casa. — eu disse, embora não poderia mais dizer onde era para casa.

— Eu sei. — disse Ethan. — Mas o propósito do fosso é manter as pessoas fora de Avalon, de modo que não é exatamente uma saída fácil. Há um alçapão na ponte acima de nós, mas meu pai vai ter que arranjar alguém para desfazer o bloqueio de feitiços nele, e então eles vão ter que transportar-nos de alguma forma. Nós vamos estar presos aqui por um tempo.

Eu estava com tanto frio que sentia como se nunca fosse estar quente de novo em um milhão de anos, e o contraste do calor de Ethan apenas me fez sentir mais frio.

Ele se afastou para trás até que suas costas estavam contra o concreto. Ele teve que me soltar para fazê-lo, mas então depois bateu seu colo.

— Vem sentar no meu colo. — ele disse. — Vou mantê-la tão quente quanto puder.

Pensei um pouco sobre o que tinha acontecido a última vez em que eu me encontrei em seu colo, mas então empurrei esse pensamento para o lado. Mesmo Ethan não era o suficiente jogador para fazer um movimento para mim agora.

Então eu rastejei para o seu colo e ele envolveu-se em torno de mim. Seus braços me cercaram, e meu rosto estava pressionado contra seu peito nu enquanto o calor de seu corpo atravessava minhas roupas encharcadas.

— Não está com frio, afinal? — eu perguntei a ele.

O senti encolher os ombros. — Na verdade não. Nós só sentimos frio quando é extremo.

E como você provavelmente pode dizer, o nosso corpo funciona com temperaturas superiores a dos seres humanos de qualquer maneira.

Sim, eu podia dizer. Cada centímetro de mim que estava em contato com seu corpo estava quente, tostando. Infelizmente, havia uma grande quantidade de polegadas sobrando, e eu tremia sem parar.

— Você salvou minha vida. — eu sussurrei em seu peito.

Ele esfregou o queixo no topo da minha cabeça. — Era o mínimo que eu poderia fazer.

Eu pensei sobre a Bruxa da água, com os olhos leitosos, dentes afiados, cabelos como teia de aranha pegajosa. Ethan tinha pulado no fosso depois de mim, sabendo que havia dezenas dessas criaturas lá. E enquanto eles supostamente eram ambos membros do Tribunal Unseelie, eles obviamente não eram primos amorosos.

Ele mentiu para mim. Tentou usar sua magia contra mim. E armou-me um ataque que poderia ter me matado. Mas no final, ele arriscou a própria vida para salvar a minha, então como eu poderia não perdôá-lo pelas más coisas que ele fez?

— Vamos considerar isso e deixar por isso mesmo. — eu disse. Ethan beijou o topo da minha cabeça, mas não respondeu.

— Como você sabia que Grace estava prestes a lançar um feitiço no meu pai?

— ele me perguntou. — Você salvou a sua vida com o seu aviso.

Esse pensamento me fez sentir um pouco menos miserável. Pelo menos eu fiz algo certo. E eu estava contente por ter salvo uma vida, mesmo precisando de um resgate.

— Eu podia sentir a magia se construindo. — expliquei, e eu senti Ethan ficar queito. Tentei levantar minha cabeça do seu peito para ver seu rosto, mas ele não me deixou.

— O quê? — eu perguntei. — O que eu disse?

— Você sentiu a magia. — ele repetiu, e parecia que não conseguia acreditar.

— Yeah. Pelo menos, é isso que eu acho que é. O camafeu que meu pai me deu esquenta, e então a minha pele começou a sentir pinicadas. Tenho certeza de que só acontece quando há magia ao redor.

Agora Ethan me empurrou, permitindo-me ver seu rosto. Não que eu pudesse ver muito na

escuridão sob a ponte. Mas eu podia ver a intensidade de sua expressão.

O fosso tinha matado meu relógio e Ethan não estava usando o dele, então eu não tinha noção real de quanto tempo nós ficamos ali sob a ponte, exceto que era muito, muito mais tarde do que eu teria gostado. Durante esse tempo, eu descobri uma nova dor. Minha pele aparentemente não reagiu bem ao cabelo da Bruxa de Água, por isso havia vergões vermelhos ao longo de toda a parte inferior das minhas pernas onde ela me agarrou.

Eles queimavam e pinicavam, e pelo tempo que Alistair arranjou alguém para abrir o alçapão abaixo da ponte, eu estava começando a sentir o rubor quente de febre em meu rosto. Eles tiveram que me puxar para cima com algum tipo de arnês. Eu teria ficado com medo, exceto que me sentia horrível demais para me preocupar com medo. Talvez todos — incluindo a *mim* — estivessem melhores se eu caísse e me esparramasse no concreto abaixo. Mas eu não caí.

Alistair e meu pai estavam esperando por mim na ponte, e eles ajudaram o pessoal de emergência a me tirar do arnês. Tranquei os olhos com meu pai quando eles foram trabalhar nas fivelas que me mantinham segura. Ele parecia pálido e preocupado, impaciente para me tirar do arnês.

— Mamãe? — eu perguntei num sussurro apavorado, tentando me impedir de irromper em lágrimas mais uma vez.

Papai me deu um aceno tranquilizador. — Ela está segura.

Eu não tentei mais segurar as lágrimas. Eu não estava bem para ficar de pé, por isso, quando todas as fivelas e tiras foram soltas, meu pai me pegou e começou a me

levar para o carro, que era difícil de perder, estacionado no estacionamento em toda sua glória vermelho brilhante.

— Espere! — Eu chorei, olhando por cima do ombro para Alistair.

Ele estava assistindo o resgate descer o arnês novamente, mas ele pareceu sentir o meu olhar sobre ele, pois ele se virou para mim.

— Tia Grace. — eu disse. — O que aconteceu com ela?

Os já finos lábios finos de Alistair praticamente desapareceram quando ele os pressionou juntos fortemente e balançou a cabeça. — Ela passou por mim. — ele forçou sua expressão em um de humor negro, mas não alcançou seus olhos. — Eu fiquei um pouco distraído quando ela jogou você no fosso.

Meus olhos se fixaram na porta de Faerie, e o leve aceno de Alistair disse-me que era para lá onde Grace tinha ido. Por que eu esperava que ela não fosse ficar lá para sempre?

Perdi a consciência antes de meu pai me levar para seu carro. Quando acordei, foi para me encontrar numa cama de hospital. As dores das quais me lembrava de antes foram todas embora, mas minha cabeça latejava ferozmente, e eu estava suando como se estivesse cem graus no quarto. Eu gemi e me virei de lado.

Finn estava sentado na cadeira de visitante ao lado da minha cama — entre mim e a porta, naturalmente. Eu supunha que ele estava de volta ao trabalho de guarda-costas, mas foi bom não estar sozinha quando eu acordei. Ele estava lendo uma revista, mas a fechou e a colocou para longe quando viu que eu estava acordada.

Meu estômago não estava muito mais feliz do que a minha cabeça, e por um momento, eu estava com medo de vomitar sobre o lado da cama. Mas a vontade passou.

— Por que estou no hospital? — eu perguntei a Finn enquanto tirava os fios de cabelos suados para longe do meu rosto. — O que está errado comigo?

— Parece que você teve um encontro com uma Bruxa de Água. — ele disse.

— Sério? — O que fosse que estivesse errado comigo, não era amnésia. Eu gostaria de poder queimar a imagem daquele rosto maligno do meu cérebro.

Finn me deu um olhar de censura, e depois continuou como se eu não tivesse falado: — Contato prolongado com Bruxas de Água aparentemente faz humanos ficarem muito doentes. — ele franziu o cenho. — Na verdade, contato prolongado com Bruxas de Água normalmente deixa qualquer um morto. Você teve muita sorte.

Eu não podia me impedir. Eu ri. — Sim, sortuda, essa sou eu. — o riso se transformou em um ataque de tosse. Eu estava preparada para a tosse ferir meu peito,

mas só a dor de cabeça me perturbou. — Quanto tempo eu estou aqui? — eu não tinha absolutamente nenhuma noção do tempo neste momento. Poderia ter passado horas ou dias.

— Cerca de quatro horas. — ele disse, e estava aliviada de não ter perdido mais tempo do que isso. — Os curandeiros tomaram conta de seus ferimentos físicos.

Oh. Isso explicava por que o peito, a garganta e as dores nas articulações não estavam me incomodando.

— Mas eles não podem cuidar da doença? — eu adivinhei.

Finn balançou a cabeça. — Os Fae não ficam doentes, então nossa magia não é adequada para curar doenças.

De certa forma, eu supunha que era uma coisa boa. Caso contrário, cada pessoa doente no mundo iria residir em Avalon. Na verdade, eu aposto que mesmo se os curandeiros de Fae *pudessem* curar doenças, eles não iriam admitir isso. Eu só podia imaginar o caos que isso causaria se um punhado de pessoas em uma pequena cidade pudesse, por exemplo, curar o câncer.

Eu já estava começando a me sentir esgotada só com o esforço de uma concentração simples, mas consegui fazer mais uma questão antes de voltar para o sono.

— Quanto tempo eu tenho que ficar aqui? — eu perguntei, não só porque eu odiava estar no hospital — como qualquer pessoa sensata odiaria — mas porque mesmo com Finn guardando-me, eu não tinha certeza de quão segura estaria aqui.

— Provavelmente um par de dias. Os médicos humanos querem manter um olho em você para ter certeza que sua febre não fique muito alta.

Confessei minha frase com um suspiro do coração, então me virei e quis voltar a dormir.

A próxima vez que acordei, era porque alguém estava balançando suavemente meu ombro.

— Vamos, Dana — eu ouvi Finn dizer. — Acorde por um momento.

A dor de cabeça ainda batia atrás dos meus olhos, e eu estava suada e fria ao mesmo tempo. Eu não queria muito estar acordada para a experiência, mas eu consegui erguer os olhos abertos.

Finn estava sentado na beira da minha cama, mas minha atenção foi imediatamente atraída para o monte que estava na porta. A montanha chamada Lachlan.

Eu deveria estar alarmada por vê-lo. Ele era o namorado da tia Grace? Nah. Eu

não podia ver esse termo aplicando-se a Lachlan. Mas “amante” soava muito grosseiro. Eu odiava o termo “outro significado”, mas eu decidi que era um compromisso justo.

De qualquer forma, eu deveria ter estado assustada, mas eu não estava. Ou o hospital tinha me dado algumas drogas realmente boas, ou eu assumi que Finn não teria o deixado entrar se ele fosse uma ameaça, ou eu simplesmente não podia ver Lachlan no papel de vilão. Ele *tinha* sido muito legal comigo, apesar de me manter prisioneira.

Finn sorriu para mim, mas aparentemente ele não estava acostumado a sorrir.

Quase parecia que o machucava.

— Lachlan está aqui para me aliviar por algum tempo. — disse Finn. — Eu quis te acordar e assegurar que você está segura com ele. Ele não é Cavaleiro, mas há poucos que seriam tolos o suficiente para mexer com um troll. E seu pai está confiante que Lachlan não vai levar você para Grace.

Vi Lachlan piscar. — Obrigada. — eu murmurei. Eu só queria voltar a dormir. Estar doente é uma merda.

Finn me deu um de seus acenos de negócio, então saiu sem dizer mais nada.

Lachlan chegou à cabeceira para olhar para mim. Ele parecia... Muito triste. Havia uma sombra em seus olhos que não tinha estado lá antes, e seus ombros estavam apertados com tensão e miséria.

Cansada como eu estava, consegui sorrir para ele. — Está tudo bem, Lachlan.

— eu disse. — Eu sei que você não tem nada haver com o que a tia Grace fez. — E eu sentia essa verdade através dos meus ossos. Não importa como era seu relacionamento com tia Grace, ele não iria sentar-se e deixá-la matar alguém. Ou jogar alguém no fosso.

A tensão em seus ombros relaxou, e ele abaixou a cabeça. — Obrigado. — Ele suspirou pesadamente. — Eu não sei o que deu nela. — Ele encontrou com meus olhos com um articulado olhar sério. — Ela realmente não é assim. Ela apenas...

Eu poderia perdoar Lachlan por ser apaixonado por Grace, mas eu realmente não estava aberta a ouvir qualquer desculpa que ele tivesse pelo mau comportamento dela. Eu acho que ele viu isso, porque ele não disse mais nada, apenas sentou-se no que eu já estava começando a pensar como a cadeira de Finn.

Essa foi a minha sugestão para retornar a terra dos sonhos, e eu estava mais do que feliz em obedecer.

Eu entrei e saí do sono durante a maior parte do dia, acordando apenas quando as enfermeiras chegavam para tomar a minha temperatura, me dar remédios, ou incitar-me a comer e beber. Eu não estava com vontade de comer e beber e comida de hospital

acabava por ser comida de hospital, mesmo em Avalon. Mas eles me ameaçaram a me pendurar em um IV¹⁹ se eu não me mantivesse alimentada e hidratada, então eu fiz o melhor que pude.

Em um ponto, eu acordei para encontrar um enorme buquê de rosas amarelas na minha mesa de cabeceira. Acabou que Ethan tinha parado para visitar enquanto eu estava dormindo e tinha escolhido não me acordar. Apenas olhar para elas — e suas alegres, ensolaradas cores — me fez sorrir. Interessante ele ter escolhido me enviar rosas, mesmo que eles não fossem vermelhas ou brancas. Eu suspeitava que presentear com rosas tinha um significado completamente diferente quando você era Fae.

No final da tarde, eu estava achando difícil ficar dormindo, mesmo me sentindo péssima quando eu estava acordada. Pior, eu sabia que o calvário do jantar não estava longe, porque os hospitais sempre parecem alimentar as pessoas mais cedo. Pelo menos, este tinha sido o caso nos hospitais americanos onde minha mãe tinha estado várias vezes depois de seu “passatempo”, ficar bêbada.

Lachlan ainda estava de guarda, mas nenhum de nós estava se sentindo particularmente tagarela, então estávamos sentados em um silêncio sociável quando eu tive meu segundo visitante do dia.

Eu não tinha visto ou falado com Kimber desde o ataque na boutique. Eu acho que eu deveria ter ligado para verificá-la — afinal, ela também tinha se machucado — mas a chegada de minha mãe em Avalon havia levado todos os outros pensamentos da minha cabeça. Kimber hesitou na porta, mastigando seus lábios em um show de nervos Fae. A expressão em seu rosto era vulnerável, mas eu não tinha certeza do que estava errado.

— Entre. — eu a chamei enquanto levantava a metade de cima da minha cama para que eu pudesse sentar.

Kimber sorriu timidamente e entrou pela porta.

— Vou esperar lá fora para dar a vocês alguma privacidade. — Lachlan disse, e eu atirei-

lhe um sorriso de gratidão.

Quando a porta se fechou atrás de Lachlan, Kimber veio se sentar na beira da minha cama. Ela olhou para o buquê de rosas e levantou suas sobrancelhas.

— Eu vejo que o meu irmão esteve aqui. — ela disse.

Descobri que poderia corar até mesmo com bochechas queimadas de febre. — Yeah. Eu estava dormindo no momento.

Os olhos dela brilharam de malícia, e pegou a sacola que pendia em seu ombro. — Eu trouxe para você algo melhor. — Ela tirou uma garrafa térmica e deu-lhe uma agitada vigorosa.

Não era difícil de adivinhar o que havia naquela garrafa térmica, e assim que Kimber abriu a tampa, meu nariz confirmou a suposição. Tão mal como eu temia ter que engolir o jantar, o cheiro do *posset* quente fez a minha boca instantaneamente encher de água. Ela serviu uma tampinha com cuidado e entregou-a para mim.

Cheirava tão convidativo — especialmente desde que o cheiro de uísque não era avassalador — que eu queria enviá-lo para baixo instantaneamente, mas hesitei. — Isso é permitido? — eu perguntei. — Eu não sei quais medicamentos estou tomando, e...

Kimber deu uma arrogante fungada. — *Posset* quente é o melhor remédio de todos.

— Sim, mas alguns medicamentos não reagem bem ao álcool. — e eu imaginava que ela e eu iríamos ficar em apuros se as enfermeiras entrassem e cheirassem a bebida em meu hálito.

Kimber riu. — Eu fiz de acordo com a receita original em vez de batizar como costume fazer. Há um colher de sopa de whisky em todo o lote. Agora beba antes de começar a ficar aquele desagradável filme de leite quente por cima.

Eu tomei um gole e soltei um apreciativo “mmm”. Estava tão rico e cremoso como eu me lembrava, e Kimber tinha obviamente usado mel extra desta vez porque estava deliciosamente doce também. Tenho certeza de que foi apenas o poder de sugestão, mas eu juro que minha dor de cabeça diminuiu enquanto bebia o *posset*.

Bebi a tampinha toda, e Kimber imediatamente a recarregou. Ela ainda tinha aquele olhar tímido e vulnerável em seu rosto.

— Há algo de errado? — eu perguntei, então tomei outro gole.

Ela bufou um suspiro profundo, depois sorriu para mim. — Eu acredito que Ethan estava certo e eu estava sendo paranóica. — o sorriso desapareceu, e ela olhou para suas mãos. — Eu tinha medo que depois de tudo o que aconteceu, você pensaria que eu levei você em uma emboscada naquela boutique.

Fiquei verdadeiramente chocada com a sugestão. Obviamente, eu não sou a pessoa mais confiante, mas eu nunca suspeitei que Kimber tivesse qualquer envolvimento no ataque, e eu disse isso a ela.

Eu não tinha percebido o quão tensa ela estava, até todo o seu corpo relaxar.

— Por que você esperava que eu pensasse que você tinha alguma coisa a ver com isso? — eu perguntei.

Ela encolheu os ombros. — Eu acho que eu ainda estou tentando lidar com a minha consciência culpada por... Antes.

— Aquilo é água debaixo da ponte. — eu disse a ela, e percebi toda a raiva que eu tinha sentido ido quando descobri que o engano dela e de Ethan havia desaparecido. Sorri. — Eu deixei Ethan fora do gancho porque ele salvou a minha vida. E você me trouxe posset quente, então você não pode ser de todo ruim.

Kimber respondeu meu sorriso com um dos seus próprios. — Eu disse que *posset* quente é a cura para tudo.

Talvez fosse o efeito do placebo, mas me senti muito melhor depois de dois copos de *posset* quente. Tanto para que eu fosse capaz de enfrentar o meu jantar delicioso de frango de borracha, purê de batatas e ervilhas.

No momento em que eu decidi chamá-lo de noite e voltar a dormir, Finn tinha substituído Lachlan novamente, e eu estava começando a me perguntar por que nem meu pai nem minha mãe tinham me visitado. Eu supunha que era possível minha mãe estar muito bêbada. Ela tinha, afinal, estado através de uma experiência bastante traumática. Mas isso não explicava a ausência de meu pai, e quando eu questionei Finn sobre isso, ele só me disse que meu pai era um homem ocupado. Ele não se preocupou em fazer que soasse como verdade. Mas nenhuma quantidade de questionamento poderia fazê-lo mudar sua história.

Meus pais não visitaram no dia seguinte, embora ambos Ethan e Kimber tivessem vindo. (E sim, Kimber trouxe mais posset quente.) Eu meio esperava que Keane visse — embora, provavelmente, sua atitude não fosse boa para a minha saúde — mas ele não veio. Bobo da

minha parte esperar por ele, claro. E ainda mais tolo me sentir ferida por ele não ter vindo. Ele era apenas o meu instrutor de autodefesa, afinal, não meu amigo.

Tentei questionar Lachlan sobre por que mamãe e papai não vieram visitar, mas ele era tão informativo quanto Finn. Eu tinha um sentimento muito ruim sobre tudo isso, embora quando eu perguntei, todos me garantiram que minha mãe estava bem.

Meu pai finalmente fez a sua aparição na manhã do meu terceiro dia no hospital. Eu ainda estava com uma média baixa de febre, mas eu estava me sentindo muito melhor, e a enfermeira que tinha passado para a primeira coisa na manhã me disse que eu estaria livre para ir para casa depois que o médico me examinasse mais uma vez.

Finn estava de guarda quando papai chegou, mas ele rapidamente desocupou o quarto e fechou a porta atrás dele. Eu não gostava do olhar no rosto de meu pai, tão guardado e quase... Cauteloso. Eu levantei minha cama para que eu pudesse sentar confortavelmente, já que eu suspeitava que estávamos prestes a ter uma conversa que eu não gostaria de estar deitada.

Eu estava tão preocupada com a minha mãe — para não mencionar traumatizada pelo meu pequeno mergulho no fosso — que eu não tinha tido tempo para considerar os sentimentos do meu pai. Mas quando eu olhei para ele e ele não falou, eu finalmente reconheci a emoção que havia ali, aquela que ele estava tentando tão bem guardar: ferido.

O meu olhar deslizou para longe dele, e eu pendurei minha cabeça. Eu não o conhecia a muito tempo, e ele não tinha sequer sabido que eu existia até menos de um mês atrás, mas ele merecia coisa melhor de mim do que tentar fugir no meio da noite, sem nem mesmo deixar-lhe um recado. Mesmo se a minha fuga tivesse sido bem sucedida, papai teria provavelmente pensado que eu de alguma forma fui seqüestrado ou assassinado debaixo de seu nariz.

— Me desculpe por eu tentar partir assim. — eu disse, olhando para minhas mãos que estavam dobradas no meu colo, em vez de olhar para ele.

Papai não respondeu. Eu finalmente não agüentei o silêncio, então me virei para olhar para ele novamente. Ele balançou sua cabeça, e levou tudo que eu tinha para não virar as costas em vergonha.

— Você poderia ter morrido. — ele disse em voz baixa. — Você quase *morreu*. E se Grace tivesse conseguido levar você até Faerie, teria sido ainda pior.

Eu deixei cair o meu olhar novamente. — Eu sei. Mas vocês três iam me trancar em algum

lugar, e você deixou bem claro que eu não tinha nada a dizer. Eu não poderia viver assim.

— Melhor viver assim do que como o animal de estimação de Grace em Faerie!

— ele retrucou. — Melhor viver assim do que morrer!

Eu nunca tinha visto meu pai com raiva antes. Era uma visão assustadora. Seu rosto estava corado, seus olhos penetrantes, seus punhos cerrados. Eu até mesmo senti o distinto formigar de magia no ar, embora o camafeu estivesse escondido em segurança em uma gaveta da cabeceira. Acho que eu não precisava mais da ajuda dele para sentir a magia.

Esperei em um silêncio tenso, mal ousando respirar. Eu realmente não achava que meu pai iria me machucar, mas parecia que ele queria fazer isso da pior maneira.

Finalmente, ele soltou um suspiro áspero e abriu os punhos. O formigar de mágica desapareceu, e algumas das cores de raiva desbotaram de seu rosto. Ele ainda não parecia exatamente feliz comigo, mas pelo menos já não parecia que estava pensando em me matar.

— Eu tentei o melhor que pude para tratá-la como uma adulta responsável. — ele disse, cada palavra precisa e cortada. — Eu estive sendo honesto com você quando mentiras bonitas poderiam ter sido mais oportunas. Mas parece que eu julguei mal você.

Estremeci. Papai era obviamente um pró na viagem de culpa dos pais. Tanto que eu senti que tinha de me defender mais.

— Tudo isso não foi porque eu queria ficar longe de Avalon. — eu disse. — Mamãe prometeu que iria se checar em uma reabilitação se eu fosse para casa com ela.

— olhei para as minhas mãos enquanto eu segurava nervosamente o lençol. — Você não sabe como tem sido, observá-la se destruir. E ela nunca sequer foi capaz de admitir que tenha um problema, muito menos tentar pedir ajuda. Eu tive uma chance de tentar salvá-la de si mesma, e eu não podia deixar de pegá-la.

Papai veio se sentar na beira da minha cama. Eu não queria olhar na cara dele, não queria ver a raiva e mágoa e — ainda pior — decepção em seus olhos. Ele estendeu a mão e cobriu ambas as minhas mãos em uma das suas, mas eu ainda não olhei para ele.

— Dana, minha filha, eu não sou um homem jovem. Tenho vivido em Avalon e entre os humanos há séculos. E se houver uma coisa que eu sei, é que não há maneira de salvá-los de seus próprios comportamentos autodestrutivos a menos que eles queiram ser salvos. Eu posso entender porque chantagear sua mãe para entrar em uma reabilitação soava como uma

boa idéia para você, mas mesmo se você tivesse escapado sem complicações, e ela seguisse completamente sua promessa, isso não teria funcionado. Você não pode *forçá-la* a desintoxicar-se, não por qualquer período de tempo significativo. Talvez ela tivesse ficado sóbria por algumas semanas ou mesmo meses, mas ela estaria bebendo novamente sem pensar.

Eu puxei as minhas mãos debaixo da dele. — Você não pode saber disso! Se ela tivesse parado de beber, ela teria visto tudo que tem perdido porque ela estava bêbada o tempo todo e isso lhe daria uma razão para ficar sóbria. Ela apenas está fora a maior parte do tempo para perceber as conseqüências do que está fazendo.

Papai suspirou. — Acho que em seu coração você sabe que eu estou certo. Havia uma razão para você vir me procurar, e não foi porque seu coração estava cheio de esperança pela recuperação de sua mãe.

Agora era a minha vez de estar brava, e eu olhei para ele. — Não tente me dizer o que eu penso e sinto.

Seu olhar de condescendência gentil me fez ainda mais brava, mas não me deu a chance de lhe dizer o que eu pensava dele. — Suspeito que teremos que concordar em discordar nesse ponto. — ele disse.

Ele sentou-se reto e enxugou o olhar condescendente de seu rosto, mudando de assunto tanto com suas palavras quanto com sua linguagem corporal.

— De acordo com a enfermeira, o médico virá vê-la dentro de uma hora, e então você estará livre para ir para casa. Tenho uma reunião no almoço, mas Finn vai levá-la

para casa e guardá-la até que eu estiver livre. Quando eu chegar em casa, nós vamos mover você para um local mais seguro.

Ah, sim. O temido “local seguro.” Também conhecido como uma cela de prisão. Eu sabia que não adiantava argumentar — esta não era uma discussão que eu poderia ganhar — mas eu cruzei os braços sobre o meu peito e coloquei a minha expressão mais obstinada.

Um canto da boca de papai se levantou como uma dica de um sorriso. — Pela sua loucura da outra noite, você será instruída pela próxima semana. Você vai permanecer na casa segura em todos os momentos, e se você se sentir presa, então não é inapropriado.

Eu fiquei boquiaberta com ele. Eu nunca tinha sido instruída em toda a minha vida. Inferno,

soava quase como uma coisa *normal*. Naturalmente, a idéia dele de me instruir soava mais rigorosa do que a de um ser humano.

— Quando a semana acabar. — papai continuou, — Você vai ser permitida a tanta liberdade quanto nós julgarmos seguro.

— E quem, exatamente, seria “nós”?

— Alistair, eu mesmo... E sua mãe.

Meus olhos se arregalaram. — Mamãe?

Ele acenou. — Ela permanecerá em Avalon. E me concedeu sua custódia legal.

— a expressão dele ficou sombria. — Se você pensar em fugir de novo, você vai descobrir que não tem para onde ir.

Eu balancei minha cabeça. — De jeito nenhum mamãe iria concordar com nada disso! — Depois de tudo o que ela tinha feito para tentar manter-me longe do meu pai e de Avalon, eu não poderia acreditar nela estando em uma festa fazendo uma conspiração para me manter aqui.

— É claro que ela iria. Ela *concordou*. — sua expressão suavizou. — Tudo o que ela quer é que você esteja segura, e ela entende que você vai estar mais segura aqui do que no mundo mortal.

Tanto quanto eu poderia dizer, papai nunca havia mentido para mim. Mas isso não significava que ele não poderia escolher fazê-lo agora. Aposto que ele poderia ter sido persuasivo na tentativa de convencer minha mãe que eu estaria mais segura aqui, mas eu ainda não acreditava que mamãe cairia.

— Se ela concordou com isso, eu gostaria de ouvir isso dela pessoalmente.

— Isso não é possível no momento.

Meu coração deu um baque horrível no meu peito, e adrenalina inundou minhas veias. — Por que não? O que há de errado com ela? Todo mundo continua me dizendo que ela está bem, mas...

— Ela está bem, Dana. Mas ela não teve uma bebida em quase três dias, e ela... Não está como ela mesma agora.

Minha boca estava aberta, e eu conseguia pensar em nada para dizer.

— Não é uma cura. — disse papai. — Eu a declarei legalmente incompetente, e agora ela está sob meus cuidados, assim como você. Eu não vou fornecê-la álcool, nem vou fornecer-lhe os meios para obter álcool. Mas se eu conceder a ela a liberdade, ela vai começar a beber de novo imediatamente. Não se pode curar o alcoolismo pela força.

Eu pensei sobre isso um minuto. — Você a declarou incompetente e a colocou sob seus cuidados. — eu disse, e ele assentiu. Eu estava receosa de saber o que aquilo significava. — Em outras palavras, ela é tanto sua prisioneira como eu.

—Sim.

Eu fiz uma careta. Eu tinha esquecido quão brutalmente honesto ele poderia ser.

Ênfase em *brutal*.

— Tenha em mente que enquanto eu tenho você sob meus cuidados, ela vai estar sóbria. Tenho certeza que não é de muito consolo para você — e também tenho certeza de que sua mãe me odeia por isso — mas é alguma coisa.

Então, basicamente, eu estava negociando não só minha liberdade e de minha mãe como também sua sobriedade. Eu não estava absolutamente certa de que não era um jogo justo. Não que eu tivesse uma palavra a dizer sobre isso. Mastiguei meus lábios enquanto pensava sobre isso.

— Dana. — papai disse suavemente. — Mesmo que *eu* não possa prendê-la contra a sua vontade uma vez que você tenha dezoito anos, a menos que você se sinta vontade em desenvolver um problema com drogas ou álcool para me dar uma desculpa como sua mãe fez. Tanto quanto você pode não gostar dos meus métodos, você terá que suportá-los apenas um ano e um quarto. E durante esse tempo, eu vou ter que convencê-la a permanecer sob minha proteção quando fizer dezoito anos. Eu não sou um tolo. Eu não vou conquistá-la maltratando você ou sua mãe. Não vai ser tão ruim quanto você pensa.

Hmm. Um ano e um quarto em uma prisão dourada, e então eu estaria em liberdade condicional. Parecia um bom tempo quando eu considerava tudo o que tinha acontecido comigo em Avalon desde que eu tinha chegado. Mas também seria um ano e um quarto de sobriedade forçada para a minha mãe.

Havia uma parte de mim que acreditava que papai estava certo, que forçar minha mãe a

ficar limpa não iria realmente curá-la. Mas pelo menos daria ao seu corpo algum tempo para se recuperar dos danos que ela tinha feito a ele. E pelo menos por esse curto espaço de tempo, eu teria uma mãe a quem eu poderia me relacionar, a

quem eu não desprezaria e não me envergonharia. Eu teria a mãe que brevemente vislumbrei quando não estava bêbada, a mãe que era espirituosa, inteligente e...

Divertida.

Não, eu não tinha uma escolha. Papai tinha deixado isto bem claro. Mas eu tinha uma escolha a respeito de quanto de uma dor na bunda eu iria ter sobre isso.

Engoli todos os meus protestos e respirei fundo. Eu poderia fazer isso. Eu poderia aceitar o meu destino com dignidade e recuperar a confiança do meu pai. E

quando fizesse dezoito anos — assumindo que eu vivesse tanto tempo, é claro — eu poderia decidir por mim mesma se eu estava melhor em Avalon ou no mundo mortal.

Eu balancei a cabeça rapidamente. — Tudo bem. — eu disse. — Prometo ser uma boa pequena interna. — se minhas mãos não estivessem fora da coberta, eu poderia ter cruzado meus dedos. Afinal, é a prerrogativa de uma garota para mudar de idéia, então eu poderia não estar dizendo a verdade, toda a verdade, e nada além da verdade.

O sorriso irônico de papai disse: “Eu só vou acreditar quando ver.” Mas ele não colocou esse pensamento em palavras, apenas bateu em minhas mãos em mais um daqueles gestos reservados de afeto Fae.

Ele estava quase fora da porta, quando eu o parei.

— Pai? — eu disse, e ele se virou para mim com as sobrancelhas levantadas.

— Obrigada por enviar Finn para salvar minha mãe. — minha garganta apertou enquanto eu me lembrava mais uma vez a terrível dor que me bateu quando Grace tinha ordenado a morte de minha mãe.

Ele me olhou gravemente. — Nenhum agradecimento é necessário. Me provei notavelmente inútil dadas as circunstâncias. Foi Alistair quem atrasou Grace, e foi Finn que salvou sua mãe. Eu não cheguei a cena até tudo estar acabado.

— Sim, mas você vive na metade da montanha. — eu disse, percebendo que ele realmente se sentia mal por não ser meu próprio cavaleiro branco pessoal. — Ethan tinha

chamado seu próprio pai antes de você, e eu estou supondo que você chamou Finn porque ele vive mais perto do hotel. Certo? — Ele balançou a cabeça. — Então, se você tivesse vindo correndo para o resgate, minha mãe teria morrido antes de você chegar lá. Você fez a coisa certa.

Ele sorriu para mim, mas seus olhos pareciam tristes. — Eu sei que fiz. Mas não significa que eu tenho que gostar disso.

Eu não sabia o que dizer quanto a isso, mas fui salva de ter que descobrir pelo médico fazendo sua ronda.

Epílogo

Não estava tão escandalizada ao descobrir que meu “lugar seguro” resultava ser no subterrâneo, no sólido sistema de túneis de Avalon. A boa notícia era que eu tinha eletricidade, água corrente, serviço telefônico, e conexão com a internet. A má notícia era que eu odiava o sistema do túnel, com paixão. Odiava não ter luz natural. Odiava o sentimento claustrofóbico de que o céu poderia desabar sobre mim a qualquer momento. (Não importava que eu soubesse perfeitamente bem que isso não ia acontecer.) E odiava as lembranças das coisas que haviam acontecido comigo sob a terra.

Uma vez passada a minha semana de castigo, finalmente era permitido deixar minha pequena minisuíte, embora fosse apenas durante o dia, e só com um guarda costas. Ainda assim, era maravilhosa a liberdade que eu sentia depois de ter estado confinada por uma semana. Tudo questão de perspectiva. Inclusive, renovei minhas lições com Keane, o qual não mencionou nem uma só vez minha tentativa de fuga ou minha estadia no hospital. Perguntava-me a que se devia isso.

Minha mãe estava ocupando o quarto que havia sido meu na casa de papai. Ela ainda não era uma camponesa feliz, mesmo depois de que os ataques de delírio haviam passado. Mas pelo menos estava sóbria e semiracional.

Mesmo que ela me lembrasse o que meu pai era capaz de fazer. Relutei em abordar o assunto com, mas eventualmente tive que lhe perguntar por que tinha assinado para conceder a custódia legal ao meu pai. Parecia ser a última coisa que ela faria no mundo, e eu meio que acreditava que ele estava mentindo a respeito.

— Estou cansada, querida. — disse mamãe quando lhe perguntei. — Gostaria de tirar um cochilo.

Eu bufei. Se essa não era a tentativa mais patética de fugir do assunto, então eu não sabia o que era. — Eu mereço saber, você não acha? — pressionei, apesar de que, pela longa experiência, eu sabia como era difícil conseguir que mamãe respondesse perguntas quando ela não queria fazê-lo.

— Eu só... Pensei que seria o melhor para você. — ela disse, mas não pode me olhar nos olhos quando falou, e também não pode ficar quieta. Suas mãos se moviam nervosamente, ela

se contorcia em sua cadeira e dava batidinhas com seu pé no chão.

Algo disso era devido a seu desesperado desejo de beber. Mas não todo.

— Sempre posso perguntar a papai. — fui direta. Sabia que papai me diria a verdade. Já havia estabelecido que ele não tinha problemas com a brutal honestidade, mas realmente queria ouvir de minha mãe. Se eu tivesse que continuar insistindo por semanas, então eu o faria.

Mas talvez a falta de bebida tivesse debilitado sua vontade, ou só fez com que manter a mentira fosse mais problemático do que valia. Ainda movendo-se e retorcendo-se, falou enquanto olhava além de meus ombros.

— Ele fez com que Finn me trouxesse aqui depois que me tirou do hotel. — disse ela. — Ele... Não me dava nada.

Nenhuma bebida, ela quis dizer.

— Fiquei... Desesperada. — continuou. — Mas ainda assim ele não me ajudava. Então me trouxe todos estes documentos e me pediu para assiná-los. Não me dizia o que eram e não me deixava lê-los.

Eu não podia acreditar no que estava ouvindo. — Você quer dizer que se sentou aqui e cedeu seus direitos a mim sem sequer se incomodar em saber o que estava assinando?

Seus ombros se curvaram, e seu olhar baixou para o chão. — Não imediatamente. — murmurou. — No início eu me neguei. Mas eu continuava me sentindo pior e pior, e Seamus continuava sem me ajudar.

E suponho que eu estava começando a entender a forma como funcionava a mente de papai, porque consegui adivinhar por mim mesma o restante da história.

— Ele disse que te daria um gole se assinasse os papéis. — sussurrei, porque se falasse em um tom mais alto, minha voz se quebraria.

O rosto de mamãe era uma imagem de culpa. — Suspeito que não se poderia sustentar ante a corte legal dos Estados Unidos. — disse. — Não estava com a mente saudável quando os assinei. — fez uma careta. — Para te falar honestamente a verdade, nem sequer me lembro muito disso, mas minha assinatura está nos papéis, e não tenho razões para acreditar que não o assinei como Seamus disse que eu fiz.

Minha mandíbula se apertou e lutei contra minha raiva. Lembrava-me que papai a havia feito se declarar legalmente incapaz. Mas antes, obviamente, tinha levado vantagem dessa incapacidade. Sim, estava irritada com mamãe pelo que havia feito, e não podia evitar me sentir ferida porque ela não havia lutado por mim. Mas uma grande dose desta culpa caía diretamente sobre os ombros de meu pai.

Quando voltei a minha suíte subterrânea, decidi que era o momento de enterrar a bonita ilusão de que tanto minha mãe quanto meu pai cuidariam de mim, apenas tendo em conta meus melhores interesses em seus corações. Tinha estado cuidando de mim mesma por anos e essa era a forma em que a vida ia ser, tanto quanto quisesse ou não.

Encarregar-me de mim mesma em Avalon seria mais... Desafiador que me cuidar em casa. Em casa, a bebida de minha mãe havia me dado liberdade para fazer qualquer coisa que quisesse sem ter que procurar aprovação paternal. Agora tinha dois pais para aplacar, e trabalhar, se fosse necessário.

Mas agora tinha algo que definitivamente não tinha antes de ter vindo para Avalon, algo que poderia colocar como minha vantagem: Magia.

Não, eu não sabia como usá-la. E sim, Ethan tinha deixado claro como o vidro que deixar que alguém soubesse que eu podia senti-la era uma má, muito má idéia.

Mas se eu podia aprender a tirar vantagem, teria uma poderosa arma secreta. Talvez até mesmo uma que pudesse me permitir escapar de Avalon e desaparecer do radar das Rainhas de Faerie.

Enquanto continuavam os planos, não foi uma grande mudança. Percebi que durante minha semana de confinamento extremamente aborrecido, a magia parecia “gostar” do meu canto. Agora não podia passar por toda uma canção sem sentir a distinta picada, mas até agora não havia sido capaz de convencê-la a fazer nada.

Mas o faria. Sou inteligente e decidida, e tenho confiança em que serei capaz de resolver isso (pelo menos, isso é o que digo a mim mesma). E quando o fizer, usarei esta arma secreta para arrancar o controle de meu destino das mãos de todos os demais e colocá-lo nas minhas. Onde deve estar.

Fim

Esta série continua em Shadowspell

Notas

[← 1]

Foi a polícia secreta oficial da Alemanha Nazista.

Da expressão: É melhor um diabo velho que um novo por conhecer.

[← 3]

Bed And Breakfast. Refere-se à uma casa em que o morador aluga o quarto e serve o café da manhã já incluso na diária.

Formações rochosas que crescem do teto das grutas em direção ao chão tomando uma forma pontiaguda.

[← 5]

Formações rochosas que crescem a partir do chão das grutas ou cavernas em direção ao teto em um formato de cone, na maioria das vezes.

A hipotensão ortostática é uma redução excessiva da pressão arterial ao adaptar-se a posição vertical, o que provoca uma diminuição do fluxo sanguíneo ao cérebro e o conseqüente desmaio.

Aplica-se a filmes e programas de TV classificados para adultos.

Em termos de QI.

[← 9]

É uma das línguas oficiais do [Quênia](#), da [Tanzânia](#) e de [Uganda](#), embora os seus falantes [nativos](#), sejam originários apenas das regiões costeiras do [Oceano Índico](#). É uma das línguas de trabalho da [União Africana](#).

Um sedante profundo, utilizado muitas vezes para estupros. N/R: No original era Rohypnol, também um sedante profundo, utilizado muitas vezes para estupros, mais eu achei que assim daria para entender melhor.

Significa Bed and Breakfast. São estabelecimentos pequenos que só oferecem quarto e café da manhã.

No original, Hook, line, and sinker: Anzol, fio, e lastro, baseado na idéia de pesca, de que um peixe faminto, engoliria tudo. Seu significado figurado seria totalmente.

O ato de esconder cartas de jogar em um jogo de apostas de modo que estejam disponíveis para uso pessoal depois

Algo em torno de 700 dólares.

Sofá cama.

Faz referência aos personagens do filme MIB – Homens de preto.

[← 17]

É utilizado na [medicina obstetrícia](#) para auxiliar a retirada de um [feto](#) por alguma razão em que a contração natural não é suficiente para [o parto](#) ou possa colocar em risco a vida da gestante e/ou do feto.

Aqui ela faz referência ao Mágico de Oz.

Algo como soro na veia...